

**||| G I L ◀**  
**V I C E N T E**

---

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE  
MANUEL ALVES DE OLIVEIRA  
RUA DE FRANCISCO AGRA, 161 — Guimarães

---

COMPOSTO E IMPRESSO NOS  
GRANDES ATELIERES GRÁFICOS «MINERVA»  
DE GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO  
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1937

---

# **IGIL VICENTE**

— REVISTA  
— LITERÁRIA  
**DE CULTURA  
NACIONALISTA**

SOCIEDADE  
MARTINS SARMENTO  
~~~~~  
BIBLIOTECA

**XIII VOLUME**  
**N.ºs 1 a 12**

**GUIMARÃIS**  
**1937**

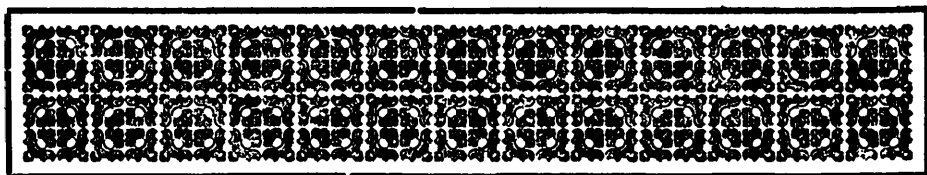
**JANEIRO**

**a**

**DEZEMBRO**

**Directores:** \_\_\_\_\_

**D. José Ferrão**  
**Manuel Alves de Oliveira**



# No limiar dum novo ano

É de incertezas a hora que passa. Uma onda de loucura invadiu a Europa de tal modo que até alguns países que ainda há pouco mantinham a fama do seu valor, do seu prestígio, da sua fôrça, marombam em habilidades diplomáticas que nada remedeiam nem aclaram. Os nevoeiros do Tamisa venceram a inteligência de famosos diplomatas.

Nós não acreditamos num retôrno a 1914. Então defendia-se o prestígio das Nações em luta *pelos direitos e liberdades dos povos*. Agora existe uma luta de ideas antagónicas, que dividem êsses povos e de que a Espanha, retalhada e ensangüentada, é, por enquanto, a maior vítima.

Ora não havendo unidade de ideas, ora não havendo um pensamento comum a orientar as Nações, como é que elas se poderão envolver numa luta internacional cujas conseqüências seriam funestas?

Dentro de cada Nação, e principalmente naquelas que se orientam pelo sistema chamado democrático, há o fermento da desordem, latente e ameaçador.

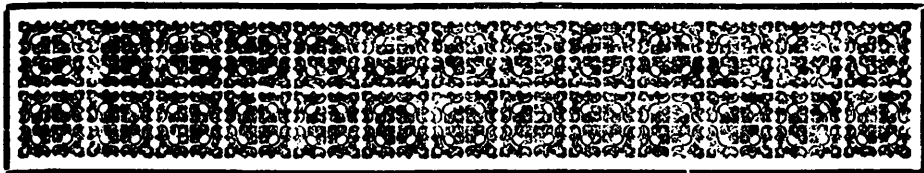
Ai daqueles que fechem os olhos à realidade e persistam em não compreender que a hora é ainda de sacrifício

e de justiça! Êsses serão arrastados no turbilhão e, dêles, ficará, apenas, uma apagada memória.

Mantendo íntegro aquêlê pensamento político que nos orientou de início, não nos acusa a consciência de termos faltado ao cumprimento do nosso dever, nesta cruzada de sacrifício resgatador.

Por Portugal entregue às suas gloriosas tradições, por um Portugal livre e engrandecido, aqui estamos de novo. Fiéis aos princípios, e não ao prestígio passageiro e efêmero dos homens, hoje como ontem e sempre, estamos com a Nação.





# A GREY

---

São homens bons e honrados cavaleiros,  
São homens da lavoura e dos mesteres.  
Eles serão na morte dos primeiros,  
Sempre que tu, ó Pátria, assim quiseses!

Irão bater no mar dos cerraceiros,  
— Irão servir-te aonde tu disseres!  
E passam confrarias, Marinheiros,  
Passam levando os filhos e as mulheres.

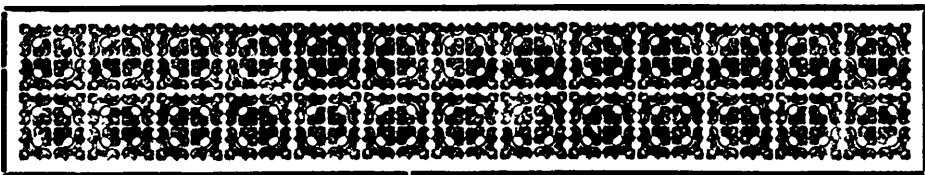
Casaram-se os arados com as rêdes.  
O Rey, por entre o povo, é como vêdes  
Um português com outros a tratar.

Pintor da Grey, eis tudo o que tu pintas!  
Nuno Gonçalves, vá, prepara as tintas,  
— Prepara as tintas, vem daí pintar!

( I N É D I T O )

ANTÓNIO SARDINHA.

(Da *Pequena Casa Lusitana*, a publicar).



# ANTÓNIO SARDINHA

Os doze anos decorridos sôbre a morte de António Sardinha seriam insuficientes, noutras circunstâncias, para que dêle se pudesse falar com perfeita serenidade e compreensão.

Mas o ritmo dos acontecimentos de tal maneira se precipitou que já hoje se apaga, diluído na distância, quanto seria capaz de nos ocultar o verdadeiro contôrno da figura admirável do Mestre.

Pertencem ao passado os motivos ou pretextos de divisão entre nacionalistas em que tomou posição com o seu entusiasmo ardente. E o rumo dos destinos portugueses que se desviou das rotas previstas escurece-nos a significação e o interêsse das divergências acidentais para só se destacar, no seu equilíbrio incomparável, o pensamento da geração que empreendeu restaurar a grandeza nacional.

Ao contrário da crítica puramente negativa dos *Vencidos da vida*, a obra do grupo da *Nação Portuguesa* foi realmente uma obra, pelo seu valor afirmativo e pela sua virtude construtiva. E o que interessava era gizar a architectura das ideas gerais, restituindo aos portugueses uma disciplina mental e claras directrizes de acção. Não deve atormentar-nos a comparação do que está feito com o que está por fazer, nem perturbar-nos o espírito a obsessão da linha recta. O programa ficou traçado por forma que as realizações fundamentais não deixarão, com o correr do tempo, de se lhe ajustar. Porque se pode hesitar nos processos e na gradação dos objectivos, mas ninguém contesta a verdade intrínseca das soluções essenciais.

Manda um princípio de justiça elementar que se não desconheça a parte dos companheiros e amigos de António Sardinha no esforço comum de definição da doutrina de salvação nacional, que foi o fruto de uma activa e íntima colaboração em que se descobrem até virtudes contraditórias de personalidades inconfundíveis que imprimiram àquele enunciado sábio de *O que nós queremos* um potencial inestimável de realização.

Para exaltar os mortos que têm as proporções de António Sardinha

---

basta a verdade. E o sentimento da verdade exige que o seu nome se não separe daqueles que foram os companheiros das primeiras horas e que com êle viveram, nos tempos heróicos do nacionalismo português, a campanha ardente que tornou possível o nosso ressurgimento.

Mas António Sardinha — e isso é incontestável porque responde a uma verificação de ordem emocional — constitue como ninguém o símbolo da geração que teve, numa época miserável de vil tristeza, a coragem de se emancipar dum condicionalismo acanhado e desprezar as ambições imediatas para meter ombros a uma empresa para a qual só o futuro contava e que exigia qualidades assombrosas de renúncia às pequenas satisfações pessoais do maior número.

Para todo o grupo da *Nação Portuguesa*, à roda de 1914, o tempo era um factor que quasi não contava. Postos em frente da mediocridade ideológica duma democracia em franca decomposição e perfeitamente convencidos da ineficácia duma terapêutica moderada, feito o balanço do presente, reconheceram a necessidade de começar pelo princípio. Onde o seu nulo espírito de concessão e a formidável intransigência de um movimento que queria a vitória ampla e definitiva e que, por isso mesmo, nunca teve como preocupação assinar, a prazo, a hora H da decisão. Era a atitude necessária e a única possível no momento em que a luta se encetava e em que os objectivos pareciam alongar-se na distância.

É-se, às vezes, forçado a pensar que certas oportunidades poderiam ter sido melhor aproveitadas e que, em mais de uma ocasião, se poderia ter triunfado com um mínimo sacrifício às exigências da arte política e sem quebra dos princípios fundamentais. Mas foi, inegavelmente, o espírito de intransigência ideológica do movimento nacionalista que constituiu a sua força propulsora. A fidelidade inalterável a essa virtude, que era insubstituível se se pretendia criar uma grande mística revolucionária, explica muito do que parece inexplicável na sucessão dos acontecimentos.

E a mística nacionalista foi, essencialmente, uma criação de António Sardinha.

Ninguém levou tam longe como êle a ânsia de apostolado. Ninguém como êle se debruçou tam de perto sobre os espíritos hesitantes dos novos. Ninguém sentiu uma tam íntima satisfação por converter à verdade os que se interrogavam sobre o caminho a seguir.

António Sardinha foi o perceptor de uma geração inteira. É preciso recordar e reviver a sua comunicativa emoção das cousas portuguesas, o seu amor da terra e do lar, o seu culto ardente do passado nacional, para se compreender um domínio que se não pode explicar unicamente pelo

poder irradiante da sua inteligência. É que António Sardinha falava ao que havia de mais profundo nas almas, considerando como cousa mínima a adesão fria e inoperante da razão, para só lhe interessar a concordância do pensamento, capaz de gerar os úteis sacrifícios supremos.

É essa mesma imensa Humanidade que caracteriza a sua obra em que se balancam o *intelectual* e o *emocional*, em que não há um argumento que seja apenas um argumento, em que se mantém sempre alta a vibração de uma fé que nunca conheceu desfalecimentos e em que há qualquer cousa de uma iluminação sobrenatural. O nacionalismo cristão de António Sardinha teve a força de uma verdade e foi isso que lhe imprimiu a consciência, que teve como ninguém, de uma missão a cumprir.

Não é possível separar, nessa personalidade genial, a vida e a obra — tôda ela elaborada febrilmente na acção, tôda ela vivida e sentida calorosamente. Os artigos e os ensaios que a constituem são, sem excepção, actos de apostolado cuja execução domina sempre uma preocupação instantânea de convencer ou actos de guerra que orientam a ideia de vencer.

Se tam bruscamente e tam cedo não houvesse terminado a sua missão, António Sardinha por certo nos teria deixado os seus livros definitivos. Nos últimos anos, o seu espírito acabara de conquistar aquela serenidade plena e aquela posição de equilíbrio perfeito que exigia o complemento da sua obra. Aqui e além, se impunham revisões oportunas de pontos de vista, correcções inevitáveis numa produção fragmentária a que presidira a febre de criar no turbilhão da luta.

Na obra de António Sardinha avulta singularmente a série das suas tentativas de revisão da história de Portugal. Seguindo as pisadas de Fustel de Coulanges, a quem tanto ficou devendo a formação do seu espírito, empreendeu a tarefa de restituir às figuras e aos factos a sua verdadeira fisionomia, demolindo as calúnias acumuladas pelos escritores liberais, inferiores, por espírito de partido, à compreensão do passado português.

Lúcida e reactivamente, Sardinha reagiu contra a tendência absurda que consiste em julgar com as ideias de hoje os homens de outros séculos, atribuindo-lhes uma mentalidade de empréstimo e povoando o passado de concepções que se lhe não ajustam. Foi contra essa brutal incompreensão da ambiência e da psicologia que se insurgiu a sua inteligência clara, ávida sempre de descobrir as determinantes dentro do quadro contemporâneo dos acontecimentos. Assim levou a cabo uma obra magnífica de reintegração que constitui, no seu conjunto, uma lição de espírito compreensivo. Restituindo às suas exactas proporções de grandeza algumas

das figuras mais discutidas da nossa história, trouxe-nos motivos novos de fé nas energias e nas possibilidades nacionais e acrescentou o prestígio da disciplina hereditária que encorpora o exemplo das gerações que edificaram Portugal.

É bem possível que em certos aspectos da crítica das ideias e dos homens que entre nós fundaram o liberalismo, por vezes se apartasse dessa atitude de indulgente compreensão o espírito de António Sardinha que o ardor da polémica impediria de se situar no meio dos acontecimentos. Hoje que o liberalismo pertence à história do passado, nós começamos a compreender a necessidade de certas revisões que façam justiça às intenções de uma geração que, apesar da sua ideologia, amou e quis a grandeza de Portugal.

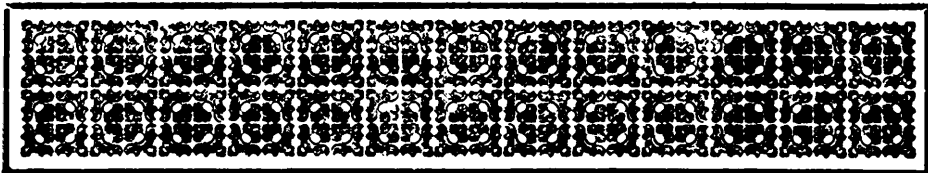
A doutrina política de António Sardinha é a doutrina do nacionalismo português, um todo uno a que preside a estreita solidariedade de três ideias fundamentais: municipalismo, corporativismo e soberania hereditária limitada pela representação nacional. Se bem que o tradicionalismo bem entendido não aconselhe, no presente, a cópia servil das instituições doutro tempo, exige ao menos que se respeite o espírito do passado. E esse espírito bem pode resumir-se nas três ideias políticas, logicamente inseparáveis, que a geração de António Sardinha proclamou.

Se foi possível, em dada altura, reagir-se em Portugal contra os desmandos e os vícios da democracia foi porque tínhamos uma doutrina que fazia do nosso nacionalismo uma força consciente, foi porque sabíamos o que queríamos e porque conhecíamos com precisão os objectivos a atingir.

E essa doutrina constitui um justo título de legítimo orgulho. Ela e só ela condiciona o esforço iniciado para a restauração de Portugal. Ela e só ela tornou possível a reconciliação do país com as grandes disciplinas tradicionais da Família, do Município e da Corporação.

É preciso que nos não cegue o orgulho: estamos apenas em começo de um esforço que só com o tempo poderá vir a assumir a sua plena significação. Pedra a pedra se irá erguendo o edifício da Cidade Nova, com seus alicerces sólidamente implantados no substrato da tradição nacional, com suas instituições afeiçoadas à imagem daquelas a cuja sombra Portugal se desenvolveu, com o seu espírito irmanado ao espírito da Civilização que nós fundamos.

À medida que o tempo passa mais avulta a influência dominante de António Sardinha, que foi o Mestre escutado e seguido pela geração que hoje está, modesta e anónimamente, reconstruindo Portugal.



# Ressurreição espiritual de Leonardo Coimbra

por CLÁUDIO E ANTÔNIO CORRÊA  
D'OLIVEIRA GUIMARÃES

UM episódio banal de viação: — automóvel que trepida na noite escura, envolvido em nevoeiro denso, tam denso que pode ser todo o negrume do mundo, em simbólico amontoamento de sombras. A luminosidade intensa dos projectores é débil olhar ante essa mancha opaca, qual frouxa visão humana a que se subtraem as grandes e misteriosas perspectivas do eterno. A estrada que o *auto* percorre, velozmente, desnove-la-se sôbre o corpo forte da montanha, afastada da planície, ansiosa de céu, como se Deus quisesse unir ao sentido da morte o sentido da altura. Em roda, a natureza aquieta-se: — águas, árvores, recortes de serra, planos confusos de horizonte, órbitas de vales, fundem-se na amplidão brumosa, espectralizam panteísticamente as almas sensíveis de que a tragédia vai cercar-se. De brusco surge, frente ao *auto*, uma curva imprevista: — ¿dessa em que se emaranha o comprido novelo de algodão branco que é a estrada de Baltar? ¿dessa em que ziguezagueira a estrada da vida? Depois, vertiginosamente, sem transição sensível, o macadame falta sob os pneumáticos desvairados e um sacudido estremecimento de molas projecta tudo no desastre horroroso da queda. Na cova funda — já alguém meditou na singularidade com que o homem, rasgando a terra, no sentido de profundidade, encontra o céu, no sentido de altura? — tombou gravemente certo corpo a que uma alma se prendia...

Dias depois, espalhou-se pelo país a desalentadora nova. Leonardo Coimbra, filósofo e pensador de verdadeiro mérito, não resistiu à violência da queda em que o seu robusto organismo se amachucou rudemente. Morreu aos poucos, mordido de dores, penetrado de excepcional resignação cristã...

Estranha coincidência: — o vitorioso comentador da *Rússia de hoje e do homem de sempre* começara a viver, uma semana antes, para a plenitude da fé católica, num alado rufo de transfiguração interior. A morte arrebatou-o em pleno noivado com a crença; partiram ambos em perfeita viagem nupcial, para sempre unidos.

A torturada obra do inquieto Ahasvero do pensamento, então desaparecido, rasga cenários de comovente e singular beleza a quantos seguiram nela o contínuo esforço de libertação de uma inteligência torturada mas sincera.

A mobilidade estrutural do espírito do Pensador só muito tardiamente, ao têrmo de inquieta indagação, conseguiu atingir a fixidez ambicionada. Leonardo Coimbra andou aos tombos, na sua juventude e em larga parte da sua vida de homem feito, pelos estreitos caminhos daquele positivismo naturalista que friamente pretendeu substituir os dogmas católicos pelos dogmas da razão abstrata e soberana. Afastado das grandes verdades religiosas; incerto nas conclusões a que se acolhia porque hesitante nos postulados essenciais que o agitavam, o pensamento do filósofo errou longamente na nebulosa. Existe muito de voluptuosamente auditivo nas suas ideas e palavras iniciais, que António Sardinha amargamente etiquetou de puro «*alexandrinismo*». O torvelinho de itinerários em que se hiper-excitou a sensibilidade mental de Leonardo Coimbra, nasceu da confusão dominante no mundo e de um idealismo subjectivo, muito dêle, inteiramente criado pelo jôgo persistente das mais sobressaltadas comoções interiores. O autor discutido do «*Creacionismo*», não foi limitadamente um homem de razão fria que tudo reduzisse a fórmulas algébricas, mas um Poeta de intuição estranha e profunda, singularmente apreensiva das palpações da alma humana e dos indecifráveis mistérios da plenitude cósmica. Teria sido, certamente, mais perceptível e brilhante na explicação da sua tendência filosófica, se, preso à preocupação finita das causas exteriores, não buscasse, como confessou, aquêlê «*pão para as fomes de eternidade que devoram o íntimo de todos os seres*».

Mais vítima de que representante da babilónia mental em que os homens ergueram sua tôrre de pecado contra o Divino, Leonardo Coimbra não pode considerar-se pessoalmente responsável pela desorientação involuntária das doutrinas que definiu. A maior culpa cabe à triste e conturbada época em que viveu, pleno período romântico na história do filosofismo, possesso de todos os desesperos e apreensões intellectuais.

A luta travada, por Leonardo Coimbra, contra o espírito negativista que o cercou (mais intensa na sua consciência de luz de que na própria letra

redonda dos seus livros) foi por tal forma constante e dura que um Poeta simbolista considerá-la-ia mais renhida de que todos os combates, mais pesada de que tôdas as mortalhas, mais perigosa de que a travessia de todos os mares.

A Ciência com maiúscula, revestida de dignidade blasfemamente divina, tornou-se, durante um século, a finalidade exclusiva do *homem*. Tendeu, não para a investigação do ser, mas para a interrogação pura e simples de causas independentes à própria natureza da alma. Dispersou-se. Sem um centro de unidade, a própria inteligência crepusculizou. Ante o progresso do cientifismo materialista, o mistério essencial da vida humana permaneceu absolutamente por desvendar. Colocâdo em comunicação directa com muitas energias da Natureza, há uma centúria desconhecidas e já hoje intensamente captadas (o rádio e a electricidade, por exemplo), que lhe permitem abranger o mundo num sentido, quasi inultrapassável, de deslocação e conhecimento, o homem moderno, por estranho paradoxo, não se sente feliz. Outro é, realmente, o fulcro gerador do seu animismo espiritual.

Tanto se especializaram vários ramos da erudição humana, tam afoitamente se percorreram os ásperos caminhos da curiosidade mais exigente, que de todo se perdeu o contacto com a Filosofia, centro unificador da cultura antiga. Filosofia passou a ser cousa diferente de Teologia. Com Descartes remeteu o *sobrenatural* ao domínio democrático da discussão. Com Wolf adquiriu foros de ciência particular, atreita mais à indução das cousas corpóreas de que à própria ansiedade do incognoscível. Com Nietzsche exaltou o individualismo, supondo-o realmente espelho da personalidade; matou, no *super-homem* abstracto, a essência contraditória do homem real.

Por influxo do ambiente que respirou, Leonardo Coimbra sentiu todo o pêso da *inquiétude* magistralmente assinalada por Daniel Rops. A sua inteligência — honra lhe seja feita! — não se deixou penetrar pelo *renascimento* dissolvente que foi, com o estigma de uma cínica incredulidade, o veneno mais subtil e perturbador do século transacto. Objectivou as contradições visíveis de Kant; reconheceu os excessos idealistas de Hegel; descobriu o objectivismo falível de Conte; entendeu a noção estritamente mecânica de Spencer; mediu o acanhado naturalismo de Büchner. Com Bergson, duvidou de que a esfera intelectual da criatura abrangesse o sentido universal da realidade plasmada pelo Criador. Com Pascal, repetiu o anelo torturante da verdade, a falta de confiança, não em Deus mas nas possibilidades indagadoras do homem. Encontrou-se com Bayle

e Huet nas escarpadas de um filosofismo ansioso. Interpretou Secretan; procurou vencer, à sua imagem, a dura lei individualista que entre êle e a Igreja diligenciava interpor-se. Uma infinita sêde cósmica, uma incontida ânsia de totalidade conduziu-o à renúncia de tôda a filosofia eclética, desprovida de rumo e alma; levou-o a procurar a essência de uma labareda imortal que fôsse dom e certeza de eternidade.

Entre a barafunda das ideas contemporâneas, Leonardo Coimbra vislumbrou o problema do homem e do seu destino. Uma profunda intuição espiritualista induziu-o a secundarizar sistematicamente o *normal* ao *transcendental*, o *humano* ao *divino*. Tal preocupação se objectiva principalmente no último dos seus livros, coroa da sua obra e epitome luminoso do seu pensamento final.

Os espíritos que intimamente conheceram a obra de Leonardo Coimbra não estranharam sua rápida ascensão ao Catolicismo. Aguardavam que o conduzisse ali o alto drama de pensamento que foi a sua *sexta-feira* de martírio e o Pentecoste da sua vida conturbada. Pressentiam seus passos, de longe, sôbre o duro empedrado do espiritual claustro, sombrio e pacífico, a que o Pensador se acolheu, ávido de repouso. Advinhavam o cansaço que adviria, para êle, da louca peregrinação empreendida no descampado de ideas sem horizonte que contentasse o seu olhar. Viram-no chegar, como um romeiro, às portas de Jerusalém sagrada, de sandálias rôtas pelo pó dos caminhos, o bordão gasto, os pés em ferida. E intimamente se congratularam pela humildade da sua conversão, acto perfeito de arrependimento e de fé.

Evocaram-se, a propósito, Guerra Junqueiro e Antero de Quental, identificando erradamente atitudes espirituais divergentes. O ironista satânico do *Velhice do Padre Eterno* e o poeta-filósofo do *Sonetos*, suspenderam, a meio caminho, o rufo da sua penitência total. Deixou-se penetrar um, simplesmente, pela seiva, mais panteísta e menos religiosa, do neo-franciscanismo. Perdeu-se, o outro, no cerraceiro pessimista de uma metafísica fria, germânica. Mais feliz de que ambos, Leonardo Coimbra viveu, na derradeira quadra da sua existência, uma época em que o espiritual se aproximou mais intimamente da criatura. O culto do *céptico*, do *relativo*, do *sibarítico*, do *agnóstico*, já não contenta as inteligências contemporâneas. Um espiritualismo incerto, mas real, serviu de ponto de partida para a oposição ao *secundário* que entusiasma actualmente os valores mais representativos do pensamento universal. Maritain, Gilson, Pierre Morhange, Max Scheler, Grabemann, Tristão de Athayde, alguns outros, estabelecem inteligentemente as balizas rectificadoras do desequilí-

brio mental hodierno, fonte matriz de tantas calamidades públicas e individuais. A ciência endeusada morre de congestionamento precoce; já não é um *fim* que diviniza o homem, mas um meio que serve ao auto-conhecimento da sua humildade e insuficiência.

Fácil foi a Leonardo Coimbra ressurgir do eclipse espiritual que o envolveu. Bastou pôr de acôrdo com o sentido filosófico moderno, o apêlo veemente da sua sensibilidade religiosa, dando ressonância exterior às vozes ocultas que dentro dêle falaram imperativamente, primeiro em cicio, para o fim da vida em clamor inspirado...

Corajosamente, sem respeitos humanos que restringissem, na aparência sequer, o significado da sua derradeira atitude em face da vida e do mundo, Leonardo Coimbra ratificou, com a aceitação voluntária dos sacramentos da Igreja, a que anteriormente se eximira, a plenitude da sua fé católica. A' flama transfiguradora da sua última Natividade Cristã, Jesus, Poeta de Almas, Escultor de Beleza, nasceu para êle duplamente, no calendário da História e na paz íntima do lar. Uniu-se, então, Leonardo Coimbra, pela indissolubilidade da estola, à doce companhia escolhida. Purificou sua alma na humildade exaltadora da Comunhão. A Cristo entregou, pelo baptismo, seu filho já homem, como resgate do êrro e fiança da penitência transfiguradora.

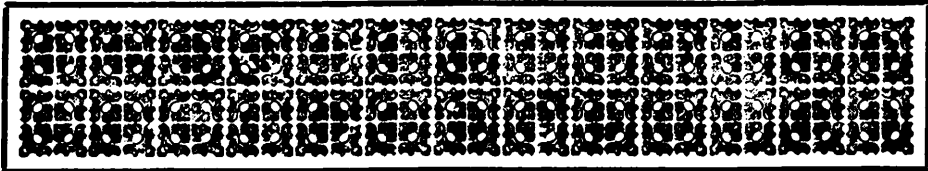
No mistério do Charisma que envolve a ressurreição espiritual de Leonardo Coimbra, passa, num intencional esbater de sombra, a figura beatífica do Reverendo Francisco Cruz. A inteligência agitada do Pensador evocou repetidas vezes, no ardor dos mais fatigantes combates intelectuais, a alma branca do exemplar sacerdote, para quem o Evangelho resume tôda a sabedoria e a bondade representa a virtude mais amada do Senhor. O doce velhinho, que vai subindo, sem reparar, os degraus da Bemaventurança, surgia a Leonardo Coimbra tal qual êste sempre o vira, acarinhando crianças, confortando enfermos, apaziguando o incêndio dos sentidos e o tumulto das invejas alheias, trazendo a tôda a dor um rufo de esperança, a tôda a descrença a transfiguração da reza, naturalmente, insensivelmente, tal qual as flores espargem aromas e os tristes se reconfortam com lágrimas. Sua alma privilegiada ouviu e entendeu a confissão humilima de Leonardo Coimbra. Suas mãos traçaram, sôbre a fronte do Pensador, a bênção nupcial; ungiram-lhe o filho, catecumento adulto, de religiosidade cristã. Até aí, a intervenção pública do sacerdote, o que para a nossa inteligência é natural e explicável. Depois, o que não compreendemos, mas aceitamos, em sua aparência de milagre, em seu alôr sobrenatural ..

Exactamente no momento em que Leonardo Coimbra decidiu ingressar na unidade salvadora da Igreja, o bondoso Padre Cruz veio de longe ao seu encontro, sem um chamamento, sem uma notícia, sem uma sugestão de terceiro. De todo desconhecia Leonardo Coimbra o caso singular, quando aflorou no seu espírito o desejo de repetir ao venerável ancião a íntima inquietude que o torturava. Inquiriu-lhe a morada. Seu interlocutor, um sacerdote amigo, admirou-se. Desejou saber, por seu turno, se Leonardo Coimbra manifestara já a alguém essa intenção piedosa. Não a manifestara nunca. *Pois saiba que acompanhei ontem, de Lisboa ao Pôrto, o nosso Padre Cruz* — redarguiu o sacerdote, comovido e surpreso. *Disse-me vir exclusivamente por sua causa, para o confessar...*

... Leonardo Coimbra compreendeu então que Deus estava a chamá-lo.

Sobre o túmulo do Pensador, tam trágicamente desaparecido, deve inscrever-se, à guisa de epitáfio eloqüente, a frase em que êle nos deu o resumo biográfico da sua tragédia espiritual até sentir a comoção exaltadora da Graça: *todo o homem, no cristianismo, é criado duas vezes: como homem de morte e como homem de vida*. De Leonardo Coimbra pode dizer-se: — morrendo é que começou a viver.





# UM VERBETE DE BIBLIOGRAFIA ARTISTICA

(Continuado da pág. 169 do vol. XII)

por ARMANDO DE MATTOS

Destas tintas supra numeradas discontão algumas muytos curiozos, admittindo não poucas das seguintes em seus lugares, das quaes ainda que algumas são pouco uteis pela sua aspereza, outras são muyto boas pela sua subtilidade.

|                |                  |
|----------------|------------------|
| Verde terra,   | Verde montanha,  |
| Anil,          | Azul da cabeça,  |
| Urchilha,      | Sangue de Drago, |
| Negro de osso, | Bistre,          |
| Ocres,         | Agoa de tabaco,  |
| Ouro pimente,  | Laca de pingo,   |
| Ferrugem,      | Brazilete,       |
| Verde ruda,    | e Genuli.        |

De todas as quaes, e de outras trataremos no Magisterio de manufactura das tintas, (onde o curiozo poderá recorrer) porque ainda que muytas dellas são conhecidas, não poucas tambem são ignoradas de muytos curiozos neste Reyno, que facilmente se accomodão com as primeyras, que contêm a oytava, fazendo com ellas o mesmo, que em seu lugar poderião, fazer cõ as accrescentadas. Tendo tratado do Colorido, e Dibujo, se seguia procedermos na instrucção de alguns principios Geometricos, e Scenographicos, para melhor intelligencia da degradação, posituras, e colorido dos corpos, conforme as suas proximidades, ou distancias: porém como tudo servirá para mais confundir, do que para aproveytar ao principiante curiozo, (a quem os principios sempre são arduos) deixando-lhe o direyto reservado de recorrer aos muytos Authores, que nas sobreditas materias escreverão, (em quanto nós não escrevemos) trataremos sómente do que nos parece ser precizamente necessario para a practica, e exercicio desta Arte, assumpto proprio de nosso cuidado.

## SECÇAM II.

### *Dos Termos, ou Objectos.*

#### INSTRUCÇAM I.

##### *Do objecto desta Arte.*

A Transcripta diffinição desta Arte nos mostra, que o seu objecto são todas aquellas cousas, que podem ser vistas, ou *exercitè* o são, com a sua existencia real, e actualidade da potencia visiva; todas estas cousas, ou entidades visiveis tem huma não *repugnancia*, ou capacidade intrinseca para serem vistas, e o são, mediante as proprias especies que diffundem, por humas linhas, a que os Philosophos chamão *Pyramides*, nascentes na superficie, ou contorno dos mesmos objectos, e terminantes angularmente no centro da nossa vista, onde feyta a vizão, e depuradas pelo entendimento agente as especies objectivas, por meyo das quaes se informa o entendimento paciente da natureza dos objectos, produz a intellecção, ou especie expressa de cada hum.

#### INSTRUCÇAM II.

##### *Do objecto na razão de Termo, e da sua degradação.*

Estes mesmos *objectos* se chamão *Termos* na Pintura, com varias denominaçoens, segundo as diversas distancias em que se fingem, ou propõem á nossa vista; desorte que áquelle, que está, ou fingimos mais proximo della em acto visual, chamamos *primeyro termo*, e ao mais remoto que o primeyro, *segundo termo*, ao mais distante que o segundo, *terceiro termo*; e assim nos mais por sua ordem, mediando sempre entre elles algum fingido espaço meyo diaphano, ou distancia, por virtude da qual vão pela sua serie diminuindo, ou declinando da sua physica, e natural grandeza, cuja diminuição se chama *degradação objectiva, ou do objecto*.

#### INSTRUCÇAM III.

##### *Da degradação do Colorido.*

A degradação das cores acompanha a diminuição dos objectos, ou a hum objecto diminuto segue hum colorido declinado, e isto porque como

a cor he qualidade inherente a sujeyto quantitativo, necessariamente declinando este nas distancias, devem declinar-se, ou diminuir-se tambem as suas cores; e por esta razão o *primeyro termo* deve superar ao *segundo*, na força dos claros, e escuros, o *segundo ao terceyro*, e este ao *quarto*; porque esta superação, ou mayor incremento dos claros, e escuros, he a que representa os objectos mais proximos, e ao contrario, os mais languidos, e debilitados são os que os representam, ou fingem mais distantes, e remotos.

*Instrucçam Exemplar.*

Hum objecto *no terceyro termo*, declinado por causa da distancia ametade da sua natural grandeza, que representava no *primeyro termo*, deve declinar tambem a metade do seu colorido, e força do relevo: Suppomos que o dito objecto *no primeyro termo* se colorio com quatro tintas; na declinação da ametade que diminuiu, bastarão sómente duas. Por este modo se guardará a proporção do claro, e escuro, conforme as distancias, principiando sempre a descontar pelos escuros; porque, como já dissemos, delles procede a representação mais proxima, ou remota dos objectos, os quaes na ultima distancia, em que se offerecerem á nossa vista, ou esta os perceber, mostrarão sómente as praças geraes escuras, convenientemente debilitadas: mas porque esta doutrina melhor se entenda, digamos na seguinte

INSTRUCÇAM IV.

*Que cousa he luz.*

*Luz* he huma qualidade, que dimanando de hum ponto, ou centro luminoso natural, ou artificial, se diffunde, ou estende por humas linhas até os objectos que illumina. Estas linhas se chamão *rayos luminosos*; porque por elles se encaminha a dita luz ao objecto, em cuja superficie, quando fazem angulos rectos, se chamão *rayos directos*, quando não, *rayos obliquos*, e quando sómente passam tocando a sua extremidade, sem o ferir, nem recta, nem obliquamente, se chamão *rayos tangentes*. Desta luz resultão, ou procedem nos objectos, ou corpos que illumina, os claros, chamados tambem luz na Pintura, na qual não he outra cousa mais, que huma *privação de sombras*; porque aonde estas estão não pode estar a luz, por lhes ser contraria: assim como, pela mesma razão, aonde está a luz não podem estar as sombras, por lhe serem oppostas, como privativas que são da mesma luz.

INSTRUCCAM V.

*Dos claros, e escuros.*

Como temos dado a entender que cousa seja luz, e sombra, claros, ou escuros na Pintura, segue-se darmos a conhecer os lugares nella adequados a cada cousa: mas para o fazer com mais exacção se há de notar a seguinte

*Advertencia.*

Que na Pintura se não deve admitir mais que huma luz, porque duas não só farão perdernos corpos, ou objectos, a força dos escuros, mas tambem a valentia dos seus relevos; pode sim admittir-se outra luz inequivalente á principal, mas esta he a que sempre se deve seguir, e não a inferior, como v. g. a luz do dia a respeito da luz de huma tocha, ainda que cada huma segundo a sua intenção prestem os seus effeitos nos corpos, ou objectos, que illuminão.

Isto supposto, para se conhecerem os lugares que na Pintura hão de ser *claros*, ou *escuros*, se há de considerar de que parte vem a luz ao objecto, e considerada ella, notadas as partes em que o fere, estas hão de ser os *claros*, e as em que o não fere hão de ser os *escuros*.

*Exemplo.*

Supponhamos que a luz he fronteira ao corpo, ou objecto, que illumina: na parte anterior delle devem ser os *claros*, (tão extensos, ou tão comprimidos quanto a intensão, ou extensão da mesma luz o permittir) e nas extremidades posteriores do perfil hão de ser os *escuros*: mas se a considerarmos como que vem de cima, os *claros* hão de ser naquellas partes superiores, que banhar a mesma luz, v. g. na cabeça, hombros, & c. Se fingirmos a luz directamente o objecto no lado direito, neste se hão de dar os *claros* e no esquerdo os *escuros*, e ao contrario. Com esta doutrina coincide a que nos dá Philippe Nunes, tratando com Daniel Barbaro este ponto; para intelligencia e percepção do qual ensina a fazer experiencia de noyte com huma candeya acceza, estando presente qualquer objecto.

Mas com a candeya nas mãos poderão os curiosos conseguir o perfeito conhecimento dos *claros* e *escuros*, uzando de uma figura movivel, a que os Italianos chamarão *Manequi* accômodada para se for a qualquer luz, com todas as acçoens em que se quizer, nua, ou vestida, conforme o trage

que se eleger, observando nella os *claros* e os *escuros*. Desta figura usão muytos Pintores, modelando nella as roupas á sua vontade, para com ellas se conformarem em algumas pinturas mais primorosas, como notámos muitas vezes na Cidade de Coimbra ao Valenciano Carlos Fuertes, a quem curiozamente hiamos ver pintar, em algumas horas em que dos estudos nos queriamos divertir.

Depois de nos dar a conhecer os claros e escuros o sobredito Author, entra a limitar a sua doutrina nesta materia dizendo, *que nos corpos esphericos e redondos, não ha em todos elles luz de todo clara, porque toca hum só ponto, e logo se vay diminuindo, assim como se vay fazendo o redondo, até que bate em hum forte muyto escuro*; e diz ultimamente que as extremidades das sombras são em todos os corpos menos escuras que o meyo dellas, por estarem mais immediatas á luz, cujos rayos terminam nas mesmas sombras. A limitação da sobredita doutrina nos excita a escrever a seguinte

#### INSTRUCAM VI.

##### *Da degradação da luz.*

Luz degradada, ou degradação da luz, não he outra cousa mais, que *humta tal moderação nos claros dos objectos, ou corpos iluminados*, qual a distancia em que estão na mesma luz, que os illumina; desorte que devemos considerar no primeyro termo a luz mais activa, e por esta razão o objecto deve ser mais illuminado nas partes em que o fere: no segundo termo menos poderosa, e por este motivo o objecto menos illuminado: no terceyro termo muyto menos, e por isto muyto mais debilitada a sua illuminação no objecto, a que se diffunde. Daqui se collige que a degradação da cor he humta certa moderação correspondente aos termos, mais ou menos proximos á luz, ou centro luminoso, desorte que assim como nelles a illuminação se vay diminuindo, assim a cor se vay tambem debilitando.

(Continuo).

# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1837

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

## Janeiro

**Dia 2** — Houve *Te Deum Laudamus* na igreja do Campo da Feira, por se ter concluído a eleição de deputados às câmaras que se haviam de reunir no dia 12 deste mês, sendo eleitos por esta vila para Deputados Proprietários: o Barão de Almargem, general desta provincia; José Fortunato Ferreira de Castro, desembargador; António Manuel Vieira de Castro, actual ministro de estado dos negócios eclesiásticos e das justicas; e para substitutos: Manuel Pereira Marinho, tenente-coronel que foi das extintas milicias, homem ignorantissimo; Rodrigo de Freitas Sampaio, bacharel; e um tal Leite de Basto. (P. L.)

\*

Diz a *Vedeta*, d'este dia: Noticias de Braga: — Da cadeia de Braga fugiram 37 presos, às 11 horas da noite de 27 de Dezembro de 1836, todos ladrões, dirigindo-se à Póvoa de Lanhoso, onde soltaram uns 5 ou 7; aí se levantou o povo e prendeu 4, que já estão outra vez dentro daquela cadeia: em Guimarães também parece que prenderam 3 e mataram 1.

**Dia 3** — Decreto em que, representando o presidente da Relação do Porto não haver ali executor de alta justiça e querê-lo ser o réu José António Simões, de Pombeiro, por termo que assinou em 28 de Novembro de 1836, quando lhe foi intimada a sentença de morte contra elle proferida, é comutada no exercicio do referido emprêgo a pena capital que lhe tinha sido imposta.

**Dia 4** — «A's 7 horas da manhã foi cercada a casa de Francisco Jerónimo Requião, na freguesia de Arosa, por um bando de gente armada; perguntando-lhe o Requião, o que queriam? a resposta foi

um tiro dado por Manuel Gonçalves commissário de Agrela, que lhe passou perto de uma perna e lhe furou o capote. Aos gritos de — atira — atira — mata — puseram-o fora de casa, com as armas aperradas, e a mulher e os filhos, deram busca rigorosa à casa, como das gavetas, mesas, armários, tudo com a exação miguelista. Conduzem depois o homem para uma casa na freguesia de Sarafão: alguns amigos o vão visitar; eis chegam 20 facinoras armados, gritando os comandantes — morram esses ladrões — morra o preso. — Saem, uns levam corunhada de arma, à cara de outros apontam as clavinhas, o preso é conduzido de casa em casa, e na manhã seguinte para Guimarães, com ordem de o matarem, se encontrassem alguns homens na estrada. Chega à cadeia, pede audiência ao administrador, nega-lha; daí a três dias o juiz de direito chama testemunhas por uma parte que a guerrilha do administrador formou, mas, apesar dos esforços d'este, elas nada juraram e o infeliz foi pôsto em liberdade no dia 18 às 3 da tarde, sofrendo uma prisão de 14 dias sem culpa formada. O motivo d'este escândalo foi uma vingança; eis o caso: na eleição da câmara de Guimarães, em 1835, houve grande suborno, principalmente no círculo de Sarafão. O governador civil mandou tomar conhecimento disto por António de Nápoles. O Requião foi chamado a depor o que sabia, por ser testemunha de vista: a rainha julgou nula a eleição e procedeu-se a outra. O presidente daquela assemblea, pô-lo fora de commissário; não admitiu mais lista alguma com o nome d'ele, e de mãos dadas com os commissários de policia de Sarafão, António Manuel Alves, e Agrela, e com o administrador do concelho, a título de procurar ladrões, praticaram o tal despotismo. Não acharam ladrões, mas sim carne de porco, salpicões

e marmelada que roubaram». — De o *Artilheiro* n.º 34, de 31 de Janeiro de 1837.

\*

Foi publicado o plano provisório de uma nova reorganização do exército.

O batalhão (denominação dos regimentos) de infantaria n.º 14 pertencente à 4.ª divisão militar foi organizado, devendo ter o seu quartel permanente em Guimarães.

Era seu comandante o tenente-coronel António Pimentel Maldonado, que por decreto de 9 de Setembro viera substituir o coronel António Cabral da França, e que, pelo de 26 de Novembro d'este mesmo ano, foi promovido a coronel do batalhão.

**Dia 9** — O Cabido delibera que a capela do Santíssimo Sacramento da igreja Colegiada, seja acabada com brevidade (de modernizar), para o que ordena ao cônego fabriqueiro entregue já a quantia de um conto de réis ao cônego João Baptista Gonçalves Sampaio, director das desastradas obras de reforma da igreja.

\*

A Câmara reúne em sessão extraordinária em consequência do officio da administração geral n.º 141, incluindo o mapa n.º 2 e o exemplar do decreto de 6 de Novembro de 1836 a que se anexava o mapa da organização dos distritos administrativos.

Resolveu: se procedesse já às eleições de Junta de Paróquia, Câmara Municipal e Administrador do Concelho, do novo concelho de Guimarães, pelo recenseamento feito em Junho de 1836; officiar à Câmara de Barcelos, pedindo o recenseamento das eleições primárias do decreto de 18 de Julho de 1835, da freguesia de Guardizela que daquele passou para este concelho, em virtude do citado decreto de 6 de Novembro de 1836, e que por editais se fizesse público às freguesias que d'este se desanexaram para outros concelhos, para dirigirem a esta Câmara as suas reclamações no caso de se julgarem mal colocadas pela nova divisão.

**Dia 14** — Principiou a trabalhar no teatro a companhia de Mr. Avrillon, a qual dançava na corda e fazia outras muitas cousas de muito merecimento. Este Mr. Avrillon esteve na cidade do

Pôrto, tendo ali muita aceitação e uma grande companhia de cavalinhos, que levou para Braga. (P. L.)

## Fevereiro

**Dia 3** — A freguesia de S. Cristóvão da Abação, que após 1834 fôra anexada ao civil e eclesiástico a Santa Maria dos Gêmeos, foi desanexada neste dia por carta provisão do vigário capitular de Braga e nomeado pároco encomendado o padre Francisco Joaquim Alves, reque-rendo então os moradores à Câmara a desanexação civil e por despacho, em 25 d'este mês e ano, foi desanexada mandando-se proceder à eleição da Junta e Comissário de Paróquia.

**Dia 4** — Em vereação: presentes 3 indivíduos da freguesia do Salvador de Dornim, que haviam sido mandados comparecer neste dia. Foi-lhes deferido o juramento da Lei, a fim de, com o pároco da mesma, recensearem todos os indivíduos da sua freguesia que podem votar e ser votados membros da Junta e Comissário de Paróquia.

**Dia 6** — Na noite d'este dia para o seguinte chegou a noticia de se ouvir muito fogo para a freguesia de Oliveira. O administrador do nosso concelho, José Joaquim de Abreu Cardoso, do Reboto, tomou tôdas as providências que estavam ao seu alcance. Reünio a policia, tomou as entradas, e com tam bom resultado que conseguiu prender em diferentes sitios 10 ladrões, carregados com um roubo, fugindo outros. Disse-se que a malta era de 60. O roubo foi na referida freguesia, ficando morto um irmão do dono da casa. Também foi dito que dois mascarados fugiram.

**Dia 10** — Entrou para capelão do côro da Colegiada, um Padre que tinha sido vigário de S. Jorge, expulso por ser miguellista. Também nos principios do mês passado entrou para capelão da mesma o Padre Manuel Palhão, egresso da Ordem de S. Domingos. (P. L.) — Aquêle era o Padre Manuel José Teixeira Alves que depois foi abade de Santa Margarida.

\*

Manuel Baptista Sampaio, negociante no Toural, arrematou uma quinta contigua

ao convento da Costa e pertença que foi do mesmo. Já há tempos tinha arrematado outra que fica junta. (P. L.)

**Dia 11** — Em vereação: em virtude do art. 55.º da Lei de 18 de Julho de 1835 se votou de gratificação ao administrador do concelho, por ano, em atenção a não estar estabelecido o registo geral das Hipotecas das 3 épocas cíveis, 144\$000 réis.

— Visto o officio da administração do distrito geral de Braga, de 4 de Fevereiro de 1837, em que faz saber a esta Câmara que a freguesia de S. Tiago de Lordelo, ficava pertencendo ao concelho de Guimarães, determinaram que se passassem as ordens competentes. — Resolveram que se enviasse ao administrador geral do distrito o requerimento dos moradores de Garfe, que reclamam a sua desanexação do concelho de Lanhoso a que acabam de ser anexados pela nova divisão do distrito.

**Dia 13** — Recomeçaram as obras da Colegiada, que estavam paradas há perto de 2 anos, por terem sido suspensas por ordem do Governador Civil de Braga. O cônego João Baptista foi o que promoveu a continuação das obras (sem licença) arvorando-se em director, sem que mais algum cônego tomasse parte nesta deliberação. (P. L.) — As obras mais uma vez haviam sido suspensas depois que o cônego tesoureiro-mor Tomé Luiz Felgueiras as fizera continuar em 17 de Fevereiro de 1834, em virtude do subsídio de 3 mil cruzados que para êsse fim ofereceu.

**Dia 22** — Portaria referente ao roubo em Oliveira (vide 6 dêste mês). — Sendo presente a S. M. a Rainha o officio n.º 44 em que o administrador geral de Braga participa haverem sido capturados e entregues ao poder judiciário 9 famosos salteadores, os quais, reunidos a maior quadrilha, tinham saqueado em a noite de 6 para 7 do corrente, uma casa no con-

celho de Vila Nova de Famalicão, e, sendo vivamente perseguidos pelos moradores das freguesias circunvizinhas, foram cair em poder do administrador do concelho de Guimarães com diferentes armas e alguns objectos roubados, por efeito das acertadas medidas daquele magistrado e esforços reunidos dos povos que o coadjuvaram: Manda a mesma Augusta Senhora, pela secretaria de estado dos negócios do reino, que o dito administrador geral louvando no real nome a eficaz cooperação de tôdas as pessoas que tomaram parte nesta importante diligência, signifique ao mencionado administrador do concelho de Guimarães, José Joaquim de Abreu Cardoso, a particular consideração que lhe merece o zelo e actividade com que êle se houve em semelhante ocasião, e sempre se tem havido no exercicio de seus deveres administrativos; reservando-se Sua Magestade, dar-lhe um testemunho publico dos seus bons serviços. Palácio das Necessidades, em 22 de Fevereiro de 1837. — *Manuel da Silva Passos.*

\*

Em vereação foi determinado: proceder-se à eleição da Câmara, de 7 membros e de Administrador, conforme os Decretos, respectivamente, de 9 de Janeiro de 1834 e 18 de Julho de 1835; pedindo o Administrador do Concelho um 2.º homem de diligências, foi arbitrado a êste o vencimento de 37\$000 réis mensais e ao 1.º homem 5\$000 réis. — Visto o citado Decreto de 18 de Julho de 1835 incumbir as deliberações da Câmara ao Presidente da mesma, houvesse 1 homem de diligências com ordenado mensal de 24 mil réis.

**Dia 25** — Em vereação foi determinado que se suspendesse a eleição de Câmara e Administrador ordenada na sessão passada, pela forma da Lei de 9 de Janeiro de 1834, e que se procedesse às mesmas eleições pela forma do novo código.

JOÃO LOPES DE FARIA.

# PENSAMENTOS, PALAVRAS & OBRAS

DA VIDA ■ DOS FACTOS ■ DAS LETRAS

*« Todo o ideal provém de alguém que dêle tem necessidade. O ideal da luta das classes bolchevique ou liberal é a criação dos homens que, ou tentavam sem sucesso penetrar nas classes sociais superiores, ou faziam parte duma classe cujo nível moral lhes era superior. Marx é um burguês arruinado — daí o seu ódio contra a burguesia. »*

SPENGLER.

## O MARTÍRIO DA ESPANHA

Apesar dos sucessos obtidos pelas tropas nacionalistas, a Espanha continua a viver horas angustiosas de luto e de pavor.

José Primo de Rivera, pagou com a vida a sua dedicação à Espanha que êle desejava liberta, próspera e feliz.

Outros mais têm baqueado às mãos dos novos bárbaros que ainda ocupam uma parte do território espanhol.

A pátria do Cid que, como nós, levou a terras longínquas a civilização cristã, encontra-se, actualmente, retalhada e ensanguentada em holocausto à Liberdade.

No entanto, a Comissão de não-intervenção continua nas suas fantasiosas intervenções diplomáticas, que nenhum resultado palpável tem dado. E' tudo artifício, é tudo fantasia, é tudo poeira, é tudo Democracia.

Ai dos povos que acreditem nas panaceias diplomáticas. Já vai longe o tempo em que a diplomacia afirmava o seu poderio numa demonstração naval. Mas, depois que essa antiga táctica falhou no Canal de Suez, quem há que hoje a tome a sério ou se iluda?

Pobre da Espanha que se deixou cegar pelas panaceias liberalistas! Bem tem expiado as suas culpas, senão as da própria Europa que se deixa levar, por entre as ondas bravas que agitam o mundo, pelo Touro Asiático, símbolo da anarquia espiritual, do panteísmo, do aniquilamento total.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.

## Sinal de alarme

O atentado bombista que sobresaltou Lisboa, foi bem um sinal de alarme.

E' a guerra feita a Portugal, guerra movida na sombra. Há luta subterrânea, mais extensa e mais perigosa do que supõem muitos senhores, *boas pessoas*, que cruzam os braços e vivem a mesma vida regada e provocadora de sempre.

Este sinal de alarme conseguirá despertar os que dormem e convencer os acomodaticios?

## «Roteiro de Gente Moça»

Em pequeno formato — para mais facilmente poder manusear-se — e com uma quadra apenas por página — para que melhor e mais profundamente o alto sentido de cada uma delas se grave na mente de quem as ler, surgiu aí o novo livro de Corrêa de Oliveira. Obra de grande alcance educativo, breviário da mais segura doutrina, está destinado a tornar-se o livro de cabeceira dos novos de Portugal.

O Poeta, que em feliz hora decidiu transformar a sua casa de campo num Colégio modelar, onde rapazes doutros meios viessem receber a educação física, intelectual e moral que êle quer para os seus próprios filhos, dá-nos agora o livro mais adequado para guiar espíritos em formação.

## Os «tiranos» e os «libertadores»

*Candide* — de Paris, — publicou o seguinte e curioso comentário:

«Todos os eleitores da Frente Popular sabem que existem, mesmo à nossa porta, dois tiranos horrendos: um certo Hitler e um certo Mussolini, cujos súbditos, esfarrapados e famélicos, só da morte dos seus odiosos senhores esperam alívio aos males que os afligem.

«Contudo, ninguém pode ignorar que dêstes dois monstros, que deveriam estar cercados de ferozes inimigos — um vai tôdas as manhãs, sozinho, de motocicleta, da sua venda ao Palácio de Veneza; — o outro, de cada vez que há um congresso em Nuremberg, atravessa a passo, levando a escolta distante dez metros, multidões de um milhão de pessoas, cujas primeiras filas poderiam tocar-lhe a camisa castanha.

«Na nossa livre democracia, pelo contrário, os representantes do povo, dêle nascidos — nunca perdem a ocasião de recordá-lo — e que só trabalham para a felicidade e independência dêsse mesmo povo, não se atrevem a sair senão cercados de tanto mistério e tantos janízaros como os antigos déspotas orientais...»

## «O teatro de Gil Vicente»

O nosso director sr. Manuel Alves de Oliveira, publicou em *separata*,

o seu estudo sôbre «O teatro de Gil Vicente», trabalho de divulgação que tem sido bem acolhido.

### Portugal e Inglaterra

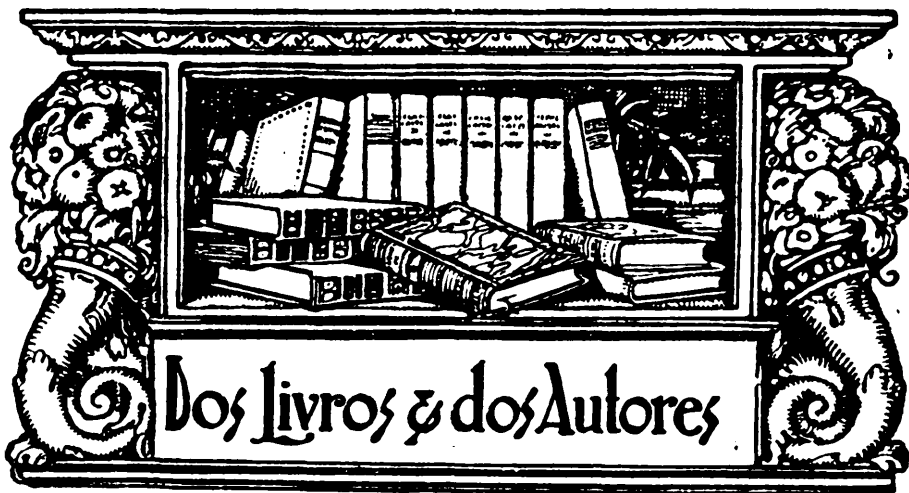
No *Daily Mail*, o visconde de Rothermere mostra os grandes perigos que representa a atitude do govêrno britânico em relação à guerra civil de Espanha. O autor verifica que a política prosseguida, neste momento, é de natureza a comprometer sèriamente as boas e tradicionais relações que a Gran-Bretanha sempre manteve com o seu primeiro aliado: Portugal.

O visconde de Rothermere diz que Portugal, senhor dos Açôres, poderá dispor, numa futura guerra,

duma posição estratégica de grande importância para as comunicações marítimas britânicas. E acrescenta: «E' impossível deixar de nos admirarmos com semelhante política, tam prejudicial. Por ela, a Gran-Bretanha ligando-se às manobras de Litvinov e aos preconceitos da ala Esquerda da França, corre o risco de ver fiscalizado todo o seu abastecimento de víveres».

«E' ridículo — conclue — repelir o que nos é apresentado como um ideal internacional. Para a Gran-Bretanha, não são as relações amigáveis com os Sovietes ou com o grupo de assassinos «vermelhos» de Valencia que entram em linha de conta; exclusivamente o apoio absoluto de Portugal é que para ela será de valor decisivo.»





TRÊS ENSAIOS SÔBRE ANTERO DE QUENTAL, por *Ruy Galvão de Carvalho*. Imprensa da Universidade. Coimbra, 1934.

Antero, o ignorado Antero que para aí anda a servir de tabuleta a certos intellectuais que o não compreendem nem o sentem, é revelado e rehabilitado nestas páginas que Ruy Galvão de Carvalho lhe consagra e que são, por assim dizer, a primeira parte de outras que se vão seguir no mesmo intuito de conduzir Antero ao seu significado próprio. Estes *Três ensaios* constituem, por isso, obra meritória, se nos alhearmos mesmo da clareza e profundidade com que R. G. os escreveu. São o fruto de um estudo feito à obra de Antero, à sua personalidade e aos seus preconceitos filosóficos. E dêsse estudo feito com consciência e com verdade organizou R. G. os *Três ensaios* em que se patenteiam o perfil moral, a bondade e a simpatia de carácter do admirável burilador dos *Sonetos*.



O CARRO DE BOIS, pelo *Conde d'Aurora*.

O carro de bois minhoto, de linhas singelas é, na sua simplicidade, um elemento de valor etnográfico.

Assim o entendeu o C. d'A. ao publicar êste curioso ensaio em que nos descreve, com os nomes próprios que lhe são dados na região da Ribeira-Lima, os diversos mecanismos que compõem o tradicional carro minhoto, benemérito da lavoura, elemento indispensável ao trabalho e ao viver do lavrador do Minho.



O TREVO DE 4 FOLHAS, por *Tomaz Ribeiro Colaço*. Lelo & Irmão — Editores. 144, Rua das Carmelitas. Pôrto, 1936.

Serviu êste romance de argumento ao *film* do mesmo nome que se tem exibido no nosso país. Tomaz Ribeiro Colaço é já um nome nas letras portuguesas e tem,

no seu activo, obras poéticas de boa inspiração e suavidade. Lamentamos, por isso, que se não tivesse servido dessas qualidades para nos dar um romance melhor urdido, em vez dêste enredo humorístico, por vezes disparatado naquelas personagens *que se parecem com tôda a gente*. Nós possuímos, para a cinematografia, temas admiráveis que, até agora, se não tem sabido aproveitar, salvo pequenas excepções. De esperar é da inteligência de Tomaz Ribeiro Colaço um outro romance que se adapte ao cinema e em que as suas vigorosas qualidades de escritor se vinquem e se reafirmem.



O TURISMO NO DISTRITO DE VIANA DO CASTELO, pelo *Conde d'Aurora*. Lisboa, 1936.

E' um cântico de amor àquela «paradisiaca região» de paisagem encantadora, banhada pelo Lima, que tanto maravilha os olhos que a contemplam.

Não é de estranhar, por isso, que o C. d'A. a levasse nos olhos e no coração ao I Congresso Nacional de Turismo, revelando assim, aos congressistas, tanta beleza esquecida, tanta paisagem ignorada neste jardim do Minho e na zona que constitue o distrito de Viana do Castelo.



DOIS SÁBIOS CATÓLICOS, por *Mário Cardia*. Livraria Civilização Editora. Rua do Almada, 107. Pôrto, 1936.

Médico distinto, escolheu o dr. Mário Cardia para tema do seu benemérito trabalho dois nomes que são dois valores na história da medicina: — Teófilo Laënnec e Pasteur.

Se um, — Pasteur —, é nome conhecido, o outro, — Laënnec —, tem sido propositadamente esquecido, porque à sua volta sempre se fez uma ingrata campanha de silêncio.

Ambos católicos fervorosos, ligados às vicissitudes porque, no século XIX a Igreja passou em França, Laënnec teve, no entanto, uma maior preponderância nos acontecimentos dessa agitada época de que lhe adveio a má vontade dos palavrosos e falsos apóstolos da *Humanidade*. E' que o grosseiro materialismo não atinge como é possível conciliar a ciência com a religião, como se pode ser, ao mesmo tempo, crente e sábio.

Exactamente porque foi crente e porque foi sábio é que Laënnec, o admirável autor das «Preposições sobre a doutrina de Hippocrates relativamente à medicina prática» não conquistou as simpatias dos materialistas de tôdas as épocas que lhe são posteriores.

Protesto e afirmação de desassombro político e religioso é, ao mesmo tempo, um trabalho a todos os títulos notável, precioso e de verdadeira justiça à obra e à memória dos dois grandes sábios católicos. Com a sua publicação, o dr. Mário Cardia, genicologista de mérito, prestou um alto e apreciável serviço que muito nos apraz louvar e enaltecer.

PELA GREI, pelo *Conde d'Aurora*. Canedo & C.<sup>ª</sup>, Editores. Pôrto, 1936.

Reünio o Conde de Aurora alguns dos seus discursos *Pela Grei*. E, assim, êste volume fica a constituir um testemunho flagrante da acção dispendida na propaganda dos bons princípios, pedras mestras em que assentarão os alicerces da Cidade Nova. O Conde de Aurora tem um estilo próprio, inconfundível, bizarro (como muito própria-mente lhe chama o meu vêlho camarada e amigo de sempre Dr. Pedro Teotónio Pereira, actual, e muito justamente, Ministro do Comércio).

Estas páginas onde se focam, se analisam e se estudam alguns dos mais instantes problemas da actualidade, revelam as qualidades de trabalho, de inteligência e de acção do C. de A. na hora negra que se atravessa e à qual se seguirá, creio-o firmemente, a tam desejada aurora do resgate.



VI CONGRESSO BEIRÃO, por *Jaime Lopes Dias*. Tipografia Minerva, Famalicão, 1936.

Não descuro o dr. Jaime Lopes Dias os problemas mais vitais para o engrandecimento, progresso e prosperidades da Beira Baixa. Assim o demonstram as três teses agora reünidas e que, adicionadas aos outros trabalhos já publicados, vincam bem a dedicação que o A. tem pela sua província. São três estudos valiosos, bem ordenados e afirmativos, onde a boa doutrina se espelha num magnífico exemplo bem digno de ser seguido.



DICIONÁRIO PORTUGUÊS-FRANCÊS, por *Eduardo Pinheiro e António Dória*. Livraria Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto, 1936.

Este *Dicionário* de grafia completamente de acôrdo com as mais recentes reformas, abundante em frases, provérbios e sinónimos e enriquecido com os termos mais em uso nas operações do comércio e da indústria, é um valioso e indispensável auxiliar dos estudantes, tanto do ensino secundário como do ensino técnico.

Organizado com escrupulo e tendo boa apresentação, está destinado a obter um bem merecido acolhimento. Este *Dicionário* necessita, porém, do seu complemento, o *Dicionário Francês-Português* que, certamente e organizado com idêntico critério, se não fará esperar.



DICIONÁRIO COMPLEMENTAR, por *Augusto Moreno*, Livraria Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto, 1936.

Augusto Moreno que se tem evidenciado em estudos valiosos de filologia, vem, com o seu *Dicionário Complementar* prestar um benemérito serviço.

Baseado em novos métodos de organização, é um dos melhores auxiliares de to-

dos os que pretendam escrever correctamente o português. Ortoépico, ortográfico e etimológico, encerra um valioso glossário de arcaísmos, de tanta utilidade, e uma colectânea de locuções estrangeiras mais em uso na nossa língua. Indica, ainda, algumas regras ortográficas, muito apropriadas aos que se iniciam no estudo da língua portuguesa.

Dêste modo o *Dicionário Complementar*, pelo escrupulo, clareza e exactidão das definições, pela preocupação constante de facilitar a sua consulta e pela acurada apresentação gráfica, torna-se não só indispensável como honra, sobremodo, o nosso professorado.



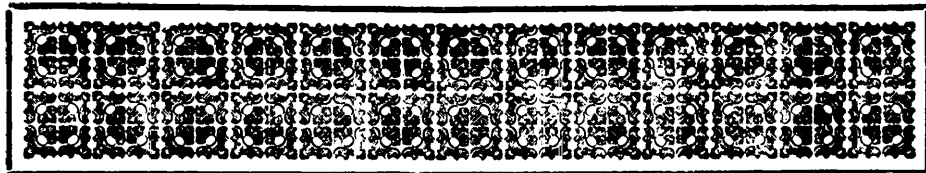
A RAINHA MARGOT, por *Alexandre Dumas*. Vol. I e II. Livraria Lelo & Irmão. Porto.

Alexandre Dumas, autor de diversos romances de capa e espada, a que servem de fundo algumas das páginas mais brilhantes e mais trágicas da História da França, tem n' *A Rainha Margot* um dos seus mais notáveis trabalhos. As intrigas, as lutas, as caçadas reais, cheias de esplendor, são-nos descritas com arte sugestiva que prende e deleita.

Estes dois volumes são bem apresentados e a tradução é correcta.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.





# Através da obra de Florbela Espanca <sup>(1)</sup>

## I

### Estudo sôbre o seu temperamento

Ao Prof. Guido Battelli.

por J. SILVA JÚNIOR

CERTO dia fui ouvir uma conferência dum poeta da minha terra <sup>(2)</sup>, sôbre uma poetisa nova — Florbela Espanca. O seu drama interessou-me e, desde então, a música do nome e dos versos da genial alentejana andava presa ao meu espírito, na ânsia de os ouvir de novo.

A amargura do seu estro, o dorido queixume de que a sua alma não se fizera compreender às outras almas irmãs para quem escrevera, atraíam-me para ela, na insofrida expectativa de sentir as emoções do seu drama. Era uma irmã que escrevia de longe, queixando-se do seu abandono, da solidão inquieta da sua alma, perdida no ígneo deserto da vida. Os versos de Florbela tinham para mim aquêles «prazer de sofrer» da saúde, que deleita mesmo quando punge.

Adquiri a sua obra. Florbela Espanca ia, enfim, a sós comigo, contar-me suas desditas, deixar correr o pranto da sua mágoa infinita pela vida que lhe pesava, todo o drama que os seus versos admiravelmente traduzem. Era uma alma que se queria dar a quantos a entendessem, juntando num «livro de sombras... névoas... e saúde», a gama imensa das suas emoções profundas. E há tanta sinceridade nos seus

---

(1) Estudo produzido ao microfone da estação CT2AV, de Ponta Delgada (Açores) em 4 de Abril de 1936.

(2) Oliveira San-Bento — in *Diário dos Açores*.

versos que mesmo quando loucamente confessa aquilo que o seu coração enamorado sente e que ruborizaria qualquer outra mulher, não desperta em nós qualquer sentimento de perdão pela sua indomável inquietude espiritual e extraordinária sinceridade na auto-análise subjectiva, mas, pelo contrário, reivindica no nosso espírito a admiração expontânea pelo seu invulgar talento. Parafraseando o conhecido trecho evangélico da *Magdalena*, diremos de Florbela Espanca «de que muito lhe foi perdoado porque muito amou».

Vagueando o meu espírito encantado pela sua obra, não são os seus versos que eu leio, é a «sua sombra, debruçada sôbre o meu ombro, no silêncio das tardes e das noites», que eu oiço a contar-me a sua história. E' que, como ela escreveu, «ser poeta é ser mais alto, é ser maior do que os homens», e a transcendente espiritualidade da sua poesia é a mais concludente demonstração de que

ninguém tem asas como eu tenho ;  
.....  
... o meu Reino fica para além...  
.....  
... trago no olhar os vastos céus  
e os oiros e clarões são todos meus !

\*  
\*      \*

Os críticos falaram, falam e falarão por muito, enquanto debaixo desta cúpula estrelada sob que se abriga a alma portuguesa, não aparecer um temperamento que iguale o da entusiasmada alentejana. Sim, Florbela Espanca é um caso único da poesia feminina portuguesa, é a nossa maior poetisa de todos os tempos. Ela soube traduzir, com admirável verdade, os mais recônditos estados de alma, apesar dêstes tercetos em que a ânsia de voar mais longe a obsidia tenazmente, deixando perceber que a sua alma sentia mais o que a palavra se negava a traduzir :

Quem me dera encontrar o verso puro,  
O verso altivo e forte, estranho e duro,  
Que dissesse, a chorar, isto que sinto !  
.....  
O' chuva ! O' vento ! O' neve ! Que tortura !  
Gritem ao mundo inteiro esta amargura,  
Digam isto que sinto que eu não posso !!!...

\*

\*       \*

Florbela Espanca é, psicologicamente, um caso singular da nossa literatura. No começo da sua obra queixava-se do *destino triste e forte* que a fizera nascer. O seu estro andava à volta da dor imensa da sua alma inquieta, da dor da Humanidade inteira que chorava com ela os mesmos desenganos, as mesmas decepções. Escrevia, pois, versos para os *desgraçados que no mundo passam*, a quem chamava *irmãos na dor*. A sua sensibilidade andava à revelia, ao sabor nómada da sua alma inquieta e doente. Aspirava a um bem que nunca possuía e que na nublouse do desejo infinito nem sabia precisar:

Sou velha e triste. Nunca o alvorecer  
Dum sorriso bom andou na minha boca!  
Gritando que me acudam, em voz rouca,  
Eu, Naufraga da Vida, ando a morrer!  
.....  
Tenho a pior velhice, a que é mais triste,  
Aquele onde nem sequer existe  
Lembrança de ter sido nova... outrora...

Um dia, porém, acordou no seu espírito, a razão da existência e o coração, pulsando-lhe entusiasmadamente, indicou-lhe o Norte: o amor passou, então, a ser o *leit-motiv* do seu sublime canto.

A paixão nascente toma-a com entusiasmo febril, atingindo a nota culminante, o expoente erótico, profundamente emocional, a mais bela expressão da sua alma *explosivamente* amorosa, extremamente sensível, como ela confessa:

«Quis Deus dar-me o condão de ser sensível,  
Como o diamante à luz que o alumia.»

Nesta fase do apogeu amoroso há beijos, frenesi, nevrose; há tudo quanto de mais belo e de mais expressivo, uma alma enamorada pode sentir, descrito policromamente em quadros duma beleza inigualável.

Mas Florbela queria o inatingível — «o amor dum homem quando eu sonhei o amor dum Deus!» —, pedia a um ente humano o amor impossível que a sua fantástica imaginação concebia. Talvez, por isso, o bem

Amado tenta abandoná-la, mas ela desesperadamente implora que fique, suplicando-lhe :

Deixa-me ser tua amiga, Amor ;  
A tua amiga só, já que não queres  
Que pelo teu amor seja a melhor,  
A mais triste de tôdas as mulheres.

O Destino havia, porém, de ser-lhe sempre adverso. O bem-amado esquece-a por fim, e, então, tôda se transforma numa carpideira sublime a quem as Musas deram o mais singular poder emocional da Arte, para traçar o retrato do confrangedor pungimento da sua alma desiludida, deplorando saúdosa :

As minhas ilusões, doce tesoiro,  
Também as vi levar em urna de oiro,  
No mar da Vida, assim... uma por uma...

Caravelas doiradas a bailar  
Ai, quem me dera as que deitei ao Mar !  
As que deitei à Vida e não voltaram !...

E este verso da grande poetisa nacional é verdadeiramente superior e sublime. E' a resignação que ela tenta encontrar na sua própria dor, no seu querer dum *quid* irrealizável, mas que de espaço a espaço deixa perceber o bater saúdoso do coração que lembra, amargamente o vislumbre de alegrias passadas, aqui no cair silencioso duma lágrima, acolá na revolta dum ódio que cedo mostra não ser mais do que pesar, quási despeito. Por fim à resignação segue-se o desalento absoluto e a entusiasmada autora da *Charneca em Flor* é agora um dobre plangente de finados, a anunciar o seu próprio desaparecimento — «deixai entrar a Morte», escreve ela,

Dona Morte dos dedos de veludo  
Fecha-me os olhos que já viram tudo !  
Prende-me as asas que voaram tanto !

Vim da Moirama, sou filha de rei,  
Má fada me encantou e aqui fiquei  
A' tua espera... quebra-me o encanto !

E a última página dêste romance, o seu deplorável suicídio, foi a nota fecho da sinfonia estranha da sua existência.

\*  
\*        \*

Algumas linhas para vos dizer quem era Florbela Espanca e a origem da sua inquietude espiritual, aliás conseqüência da sua alma insatisfeita que «pedia à vida mais do que ela dava», como ela própria confessava. A sua compleição anímica, isolando-a entre os espíritos com quem convivia, fazia-a sonhar com um país distante a que a sua alma pertencia, «país de sonho e de ansiedade»

Mostrem-me êsse país onde eu nasci !  
Mostrem-me o Reino de que eu sou infanta.

Era o «país da lenda» a que ela ansiosamente aspirava, para onde queria voltar e a febre desta alucinação desenhava-lhe na mente, outras almas que para lá se dirigiam, em naus de ilusões,

Sem mastros e sem velas,  
navios-fantasmas, doidas caravelas

que a deixavam abandonada nesse país estrangeiro em que os espíritos não tinham as características dos daquele de que andava expatriada.

Essa crença de que pertencia a um mundo estranho a êste, fazia-a demorar-se a olhar para dentro do seu eu, profundando uma auto-análise subjectiva que a levava a interrogar-se quem era

Sou talvez a visão que alguém sonhou  
Alguém que veio ao mundo p'ra me ver  
E que nunca na vida me encontrou.  
.....

Eu sei lá bem  
Quem sou ? Um fogo fátuo, uma miragem...

E neste vago conhecimento de si própria, do divino desequilíbrio dos seus nervos — «guisos de oiro a telintar» — contritamente chega à conclusão de que afinal todo o seu mal era «a flor do Sonho»

A flor do Sonho, alvíssima, divina  
Miraculosamente abriu em mim,  
Como se uma magnólia de setim  
Fôsse abrir num muro todo em ruína.

lastimando por fim:

Desde que em mim nasceste, em noite calma,  
Voou longe a asa da minh'alma  
E nunca, nunca mais eu me entendi...

E foi dessa contemplação de si mesma que lhe nasceu o auto-cognome de «Princesa Desalento», «Castelã da Tristeza» e «Princesa da Quimera», sentindo dentro em si qualquer cousa de estranho que a fazia julgar

«... de Boabdil fui lágrima na Espanha!  
«E foi de lá que eu trouxe esta ânsia estranha,  
«Mágoa não sei de quê: saúde louca!»

Narcisista, encontra-se na sua obra frequentes reflexos da sua beleza física quando canta a magia dos seus olhos garços em que fala o mar e o céu na inconstância da côr, o macio da sua pele alabastrina onde correm os perfumes raros do Oriente misterioso ou as linhas encantadas do seu corpo, maravilha da carne, que lembra a elegância sonhadora das colunas dum pátio de Granada.

Eu tenho, Amor, a cinta esbelta e fina...  
Pele doirada de alabastro antigo...  
Frágeis mãos de madona florentina...

Numa carta ao Prof. Guido Bateli, documento que constitue um dos mais valiosos subsídios para o estudo da sua biografia, dizia: «sou uma ceptica que crê em tudo, uma desiludida cheia de ilusões, uma revoltada que aceita, sorridente, todo o mal da vida, uma indiferente a trasbordar de ternura... — uma espécie de D. Quixote fêmea a combater moínhos de vento, quimérica e fantástica, sempre enganada e sempre a pedir novas mentiras à vida, num dom de mim própria que não acaba, que não desfalece, não cansa!»

Ainda na mesma carta, como que a querer explicar todo o desequilíbrio da sua sensibilidade, Florbela escreve: «Minha mãe morreu com 29 anos, duma doença que ninguém entendeu. O meu único irmão, o melhor da minha ternura e do meu orgulho, era 1.º tenente de marinha, aviador. Morreu há 3 anos, num voo de treino. Tinha 30 anos, era belo, forte, altivo, homem de acção e um delicado artista. O cadáver nunca

apareceu; guarda-o o Tejo ciosamente, no seu túmulo azul. Esse horror arrasou-me, esfacelou-me...»

Além do seu temperamento ser estruturalmente propenso para uma certa tristeza, as mortes da mãe e do irmão arrasaram-lhe os nervos. Sobretudo a última fez-lhe perder o sono e as poucas horas que conseguia adormecer, manhã alta, era à força de estupaficientes. Êste conjunto de circunstâncias actuavam fortemente no seu íntimo e a funesta idea da morte começou a rondar-lhe o espírito. Nesta carta, escrita quatro meses antes do seu deplorável falecimento, a 3 de Agosto de 1930, persente-se já a intenção que a perseguia: «A minha sede de infinito é maior do que eu, do que o mundo, do que tudo, e o meu espiritalismo ultrapassa o céu. Nada me chega, nada me enche. Sou uma pobre que nenhum tesouro acha digno das suas mãos vazias. A morte, talvez... êsse infinito, êsse total e profundo repouso.»

«Não me queira tirar a certeza de que ela é tudo isto: seria uma maldade, quási um crime! Pense bem: que não sei o que é dormir uma noite inteira, dormir muitas, dormir tôdas e todos os dias e todos os anos, pelos séculos dos séculos! Só esta idea me faz sorrir. Deve ser tam bom!...»

Era o desenvolver-se da semente lançada ao terreno fértil da sua exaltação sentimental. Com a rapidez com que o seu temperamento, extremamente sensível, se deixava apossar por qualquer paixão, cedo se tornou êste pensamento uma obsessão para o seu espírito, por isso diz: «... esta inquietação ruína-me, roe-me; esta interrogação, esta contínua busca, cada vez mais ansiosa, dentro de mim mesma, desvaira-me.»

O tempo corre, e nela mais e mais se avoluma a tortura ingente da existência, num tédio de viver que expressa bem a sua posição de espírito que aspira a mais alto. Uma outra carta vem confirmar êsse estado de alma: «o destrambelhamento dos meus nervos não me deixa viver em paz».

Tinha-se produzido nela um desnorteamento sentimental que lhe produzira essa personalidade desalentada. Os factores de ordem moral e física aliavam-se para a desnortear completamente, fazendo-lhe perder o *contrôle* sobre si mesma, deixando-se possuir pela idea da morte como única solução de saciar a sua irrequietude espiritual.

A auto-análise de Florbela Espanca é o seu conto *A Paixão de Manuel Garcia*, do livro póstumo *Máscaras do Destino*. Nessa obra a escritora, com o entusiasmo da convicção, traça a apologia do suicídio com estes termos entusiasmados: «oh! o sorriso de desdém dos que querem

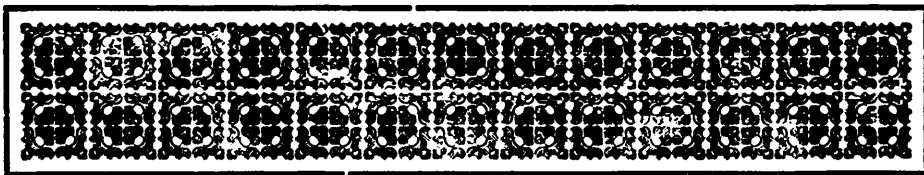
morror!» e como se essa expressão fôsse despertar a repulsa de alguém, acode violenta: «!¿Quem foi que se atreveu a dizer alguma vez, quem foi que ousou traçar num papel as letras cobardia, falando dum suicida!?»

O seu grande e complexo drama estuda-a bem nas *Máscaras do Destino*, desdobramento da sua alma, máscaras que o destino impôs à sua existência atribulada. Foi com as mãos na ferida que ela o escreveu, analisando friamente, um por um, os liames que a prendiam ainda à vida e que o seu desalento ia incessantemente desligando da saúde e da esperança, numa preparação preconcebida para a Morte —: «oh! a medonha coragem dos que vão arrancando de si, dia a dia, a doçura da saúde do que passou, o encanto novo da esperança do que há-de vir, e que serenamente, desdenhosamente, sem saúdades nem esperanças, partem um dia sem saber para onde, aventureiros da morte, emigrantes sem eira nem beira, audaciosos esquadrinhadores de abismos mais negros e mais misteriosos que todos os abismos escancarados dêste mundo»!

«O que lhes foi preciso de coragem desdenhosa, de altiva serenidade, de profundíssimo desprezo, às almas que partiram *por querer!*»

Transcrevendo estes períodos acorre-me a memória de Antero, o altíssimo poeta, alma gémea da de Florbela, espíritos que se aproximaram na inquietude do Além e que, na ânsia duma Beleza perfeita, na mesma insofrida aspiração do absolutamente belo e, ao mesmo tempo, desiludidos do Amor da Terra se elevaram no vôo translúcido duma emoção em que se pressente um pouco do segrêdo da suprema e eterna beleza.





# A demolida tôrre de S. Bento, em Guimarães

por PEDRO VITORINO

**R**AREIAM entre nós as representações de aspectos antigos das nossas cidades e vilas, quer figurados em quadros, quer em desenhos ou estampas.

Bastas vezes o perscrutador do passado não alcança obter elementos gráficos que documentem pela visão as notícias escassas de alguns monumentos desaparecidos. Estes perderam-se, em geral, pela ignorância, incapaz de reconhecer o merecimento daquilo que a sua cegueira mental condenava.

Isto ainda hoje se dá, apesar dos espíritos estarem mais esclarecidos quanto ao valor da arte e ao respeito que ela nos merece.

Por isso qualquer trecho architectónico antigo revelado por um simples desenho, representa para o arqueófilo um autêntico «achado».

Felicidade foi já, que um artista o visse, e que a sua emotividade ficasse traduzida num esbôço.

Registam-se casos dêstes entre nós, mas, em geral, não passados com portugueses. Achamos tam banal o que possuímos que não lhe ligamos importância. Todavia os estrangeiros concedem-lhe algum valor. Efeitos menos de temperamento, do que de educação...

Quis a boa fortuna que ao tempo em que Guimarães ostentava a sua famosa cinta de muros e tôrres, por lá passasse, cêrca de 1835, um viajero curioso, que registou no seu caderno de viagem o apontamento de uma das portas da vila. Boa fortuna foi, ainda, o desenho chegar até nós, e podermos conhecê-lo.

O documento fazia parte de um álbum onde se reuniram numerosos e apreciáveis desenhos de trajes populares, alguns aguarelados, que pertenceram a um jornal de viagem do antigo combatente do Cêrco do Pôrto,

Carlos Van Zeller (Vid. *Portvcafe*, vol. VII, pág. 207), e foi ao percorrê-lo, por deferência do meu velho amigo Dr. Vasco Valente, que se me deparou o desenho à pena, colorido, de uma das tórres da cêrca de Guimarães.

Empenhado no estudo das muralhas do Pôrto, êsse documento iconográfico era para mim valioso. Por isso solicitei a sua reprodução fotográfica, que gentilmente me foi concedida.

Dado o interêsse arqueológico do desenho, pois que documentos desta ordem não abundam, entendi ocupar-me dele isoladamente.

Ao referir-se aos «muros e torres da villa» no livro *Gulmarães* (Pôrto, 1881, II, pág. 275), o Padre António Caldas traslada esta citação de D. Luiz de Lima na sua *Geographia Historica*: «o recinto da villa, depois que El-Rei D. Diniz a cercou de muros, é quasi de mil oitocentos e cincoenta passos geometricos, em que ha nove portas, e varias torres, as quaes se levantarão no reynado del-Rei D. João o I.»

Vilhena Barbosa (*Cidades e Villas*, Lisboa, 1860, I, pág. 201) menciona como monumentos apreciáveis de Guimarães «varias torres e alguns lanços da sua cêrca de muralhas, estes fabricados por el-rei D. Diniz e por D. Affonso IV, e aquellas por D. João I», comentando: «infelizmente o vandalismo, que tantos monumentos historicos tem destruido em o nosso paiz, arrasou até aos alicerces as mais bellas torres que o mestre d'Aviz edificou para defeza das portas de Guimarães.»

Segundo Pinho Leal (*Port. Ant. e Mod.*, III, pág. 352), «parte dellas (muralhas e tórres) foram arrasadas em 1848, por ordem da camara, para, com os seus materiaes, se concertarem as calçadas das ruas!»

As diferentes distâncias entre as tórres, referidas pelo Padre Caldas, dão a soma de 2.609 passos para os muros de D. Diniz e D. João I, que, para o sul, desciam do Castelo, ao qual estavam ligados, formando, em projecção, uma oval muito alongada. Na reconstituição da cintura de muralhas e suas tórres, feita pelo sr. Cap. Luiz A. de Pina, e inserta no excelente estudo do meu ilustre amigo Prof. Luiz de Pina *O Castelo de Guimarães* (Gaia, 1933, pág. 13) localizam-se as seguintes tórres: a nascente, torre da Guia, torre dos Cães, torre da Freiria; a poente, torre da Garrida, torre de S. Bento, torre da Piedade; a sul, a torre da Alfândega (S. Paio) e a torre Vélha.

«Desta forma a vila, explana o Sr. Dr. Luiz de Pina, ou, melhor, as duas vilas — a de cima (Castelo) e a de baixo (Vimaranes) — encontravam-se abraçadas por um extenso muro de defesa, guardado por fortes tórres e rematando, lá em cima, no *mons latito* (Monte largo), pelo Castelo.

«Esta disposição encontra-se somente em tempo de D. João I.»  
(Lug. cit., pág. 18).

A torre vimaranense, de que o desenho de Carlos Van Zeller nos permite conhecer a fisionomia (fig. 1), assentava, pois, do lado poente da cerca amuralhada,

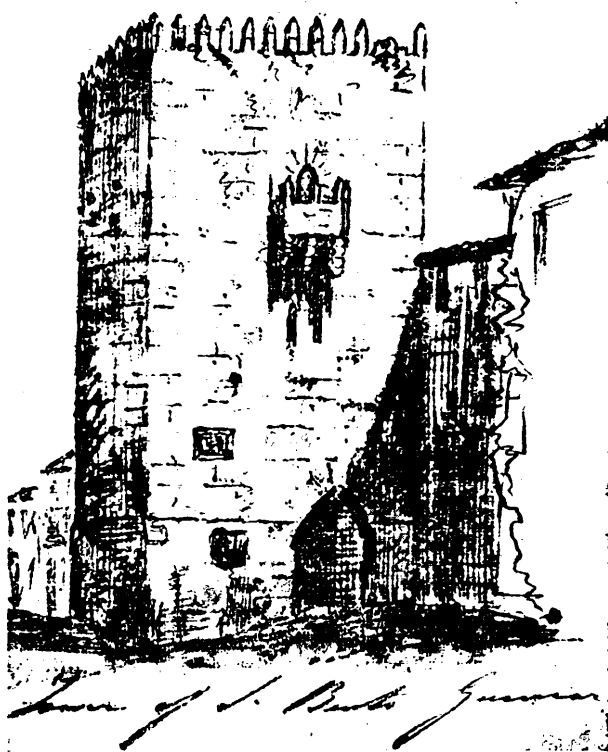


Fig. 1—A torre de S. Bento, lado exterior. Desenho de Carlos Van Zeller.  
Legenda: *Tower of S. Bento, Guimarães.*

Fazia parte da porta dita de Santa Luzia em virtude da próxima rua assim chamada, que conduzia à estrada de Braga.

Por sua vez, a torre era popularmente designada pelo nome «de S. Bento», que foi o que o viajante inglês anotou no seu caderno.

A localização exacta dá-a o Sr. Dr. Luiz de Pina nesta referência: «No alinhamento correspondente ao lado Este da velha rua de Santo An-

tónio, o muro corria até à torre de S. Bento e porta de Santa Luzia, que ficavam onde se abre, naquela, a rua dos Palheiros. Aqui se vêem uns lastimosos restos, clamando contra a ingratidão dos homens!» (*Lug. cit.*, pág. 18).

Por intermédio do meu distinto colega Sr. Dr. Egídio Santos, obtive cópia da planta de Guimarães no âmbito da torre de S. Bento, onde, do lado do norte, se conserva um trôço da muralha, e restos, do lado sul. Foi sobre essa planta, excelente e particularizado trabalho, ainda inédito, do Sr. Capitão Luiz de Pina, que tracei a projecção da torre e respectivas portas (fig. 2). Ao Sr. Capitão Luiz de Pina, com quem tive ocasião de falar quando fui a Guimarães ver o local da torre, cabe-me agradecer aqui as suas penhorantes deferências.

O Padre Caldas (*Lug. cit.*, págs. 275 e 277) alude com particularidade à torre de S. Bento, dando-nos a seu respeito curiosas informações:

«Caminhando d'aqui (porta de Nossa Senhora da Piedade) em busca da porta de Santa Luzia, ao fim d'uma linha de muralhas de 345 passos, a encontravamos bem defendida por uma soberba torre, que tinha o nome de Nossa Senhora da Graça, e vulgarmente de S. Bento.

«Havia dentro a capella da invocação da Senhora; e no ladrilho d'ella um buraco, d'onde tiravam terra, para se dar em beberagem aos que nas suas enfermidades tinham fastio»...

«A 24 de abril de 1840, manda a camara proceder à immediata demolição da torre de S. Bento, *não só por estorvar o transito publico, como tambem por servir de lugar, que occasiona roubos e espancamentos, e torpezas contra a moral.*

«A demolição principiou a 11 de maio do mesmo ano; não se levando ao final por embargos do cabido.

«A parte baixa d'esta torre, e o arco, que no fundo da mesma se abria na grossa muralha para passagem, foi finalmente derrubada no anno de 1870: recebendo o destruidor, pelo seu trabalho, 96\$000 reis, pagos pelo municipio!»

Presentes estas notas históricas, bem demonstrativas da estupidez da edilidade que a condenou ao desaparecimento, vejamos a torre pelo lado arqueológico e militar.

As portas eram, como se sabe, elementos vitais nas construções fortificadas da Idade Média. Nelas concentrava o architecto os seus maiores cuidados, de modo a assegurar uma defesa fácil e eficaz.

Nas portas dos recintos amuralhados portugueses não encontramos certos primores de arte que notabilizam algumas congéneres estrangeiras;

os nossos reis, preocupados em pôr em estado de defesa os principais povoados do país, obras avultadas e dispendiosas para as quais todos contribuíam, com trabalho ou com dinheiro, naturalmente tinham de esquivar-se a gastos supérfluos.

D. Fernando, que empreendeu numerosas construções do género, não teve dúvida em mandar demolir a nova Sé da Guarda, edificada com grandeza, no reinado de seu pai, fora dos muros da cidade, só para que

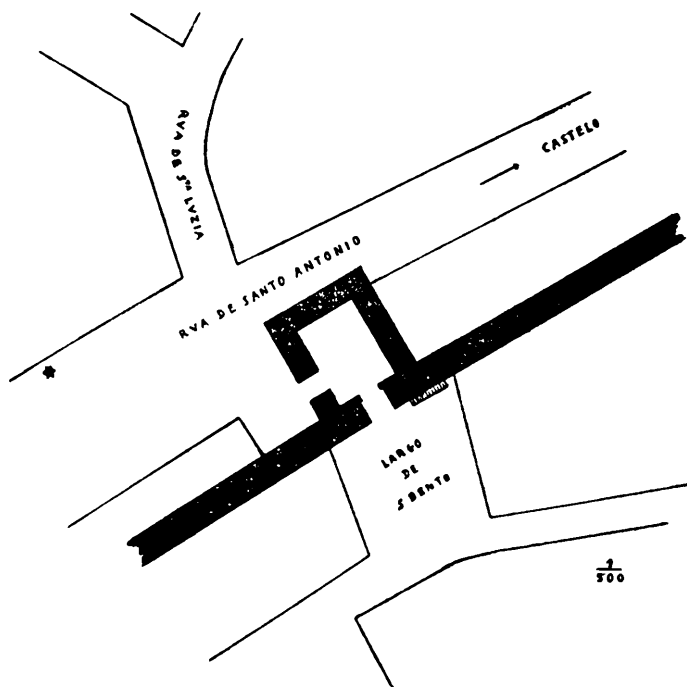


Fig. 2— Planta da tórre de S. Bento. O sinal \* indica o ponto de vista da mesma, segundo o desenho de Carlos Van Zeller.

as fortificações ficassem desafrentadas. A luta com o castelhano assim o exigia; a defesa em primeiro lugar. Por isso as obras militares dêsse tempo, tórres, portas e muralhas, de cuidada factura, em excelente silharia, são robustas e rudes, mas não destruídas de majestade.

A tórre, quadrangular, alta e bem proporcionada, termina por um co-roamento de ameias. Das suas três faces externas só uma delas apresenta aberturas: a porta, próxima do ângulo do muro, formada por um

arco ogival de fortes aduelas, e a janela, situada a mais de meio da altura, com balcão ameado, provida de mata-cães, órgão de defesa da única entrada exterior da torre. Dentro, esta era a céu descoberto, formando um átrio, que precedia nova porta, à direita de quem entrava, rasgada na espessura da muralha, sob o adarve; daqui partiam as escadas de acesso às partes altas da torre (janela e adarves) engastadas no paramento interno dos muros. Acima do adarve, ou caminho de ronda, da muralha, a torre era destituída de muro: formava uma espécie de couraça em forma de U.

Os assaltantes, para penetrar na povoação que a muralha cercava, através da torre, deviam forçar a porta exterior desta, defendida por forte grade de ferro que deslizava verticalmente em caixa própria, o rastrilho, e, entrando, dada a disposição das duas portas, tinham de oferecer o seu flanco direito, não protegido pelo escudo, aos tiros de seta dos defensores postados no adarve sobranceiro à segunda porta, logo à sua chegada ao átrio. Esta segunda abertura, em geral cerrada com forte porta de castanho ou carvalho, enquanto não era vencida, mantinha os assaltantes numa espécie de poço, batidos dos lugares altos por toda a casta de projecteis.

A demolida torre de S. Bento obedecia a este tipo construtivo, muito em voga nas épocas de D. Fernando e D. João I.

Num aspecto geral de Guimarães, valioso desenho do pintor Augusto Roquemont que existe na Sociedade de «Martins Sarmento», observa-se essa construção pelo lado interno da muralha, vendo-se distintamente a abertura da parte pósterio-superior da torre.

Perfeita, ainda, nos seus elementos essenciais, com a fenda do rastrilho na porta exterior, e cavidades dos coucilhos nos largos batentes da porta interna, encontramos uma torre deste género, alterosa e magnífica, na cidade da Guarda.

Em Braga, a capela de Nossa Senhora da Torre foi edificada em 1756 dentro da torre defensiva medieval, que conservou no exterior a sua feição antiga, ocupando a fachada da capela o lado aberto da torre voltado à cidade. Tempos antes, a imagem da Virgem tinha sido «collocada em simplice oratorio, na frente da *torre forte* que mede 2,60 de espessura nas paredes» (Albano Belino, *Archeologia Christã*, Lisboa, 1900, pág. 254).

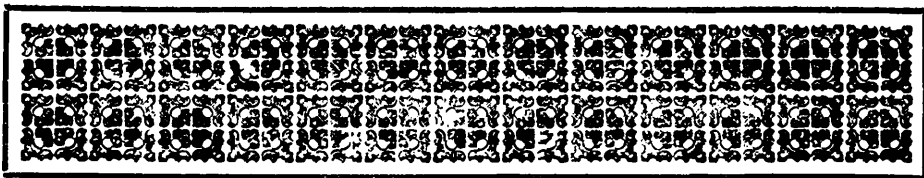
Desnaturada no seu aspecto militar, para servir de moradia do alcaide-mor e depois de cadeia, a torre da Porta Nova de Barcelos apresenta vestígios, na face voltada ao recinto da antiga vila, de preenchimento moderno da parede, no espaço aberto entre os muros laterais que primitivamente tinha, como torre do tipo mencionado.

No desenho de Duarte de Armas que representa a vila de Barcelos

no século XVI (Arquivo da Torre do Tombo), vêem-se perfeitamente as torres, abertas nas suas faces posteriores. Uma cuidada cópia, feita pelo architecto sr. Ernesto Korrodi, foi publicada no quinzenário barcelense *A Lágrima* (1901, ano IX, n.º 14).

As duas torres principais da cêrca fernandina da cidade do Pôrto, desaparecidas em 1794, conforme o estudo a que procedi, obedeciam também ao tipo referido, que, pelos exemplos existentes e averiguados, foi sem dúvida, dos de maior preferência nas construções defensivas dos nossos povoados no século XIV.





# UM VERBETE DE BIBLIOGRAFIA ARTISTICA

(Continuado de pág. 22)

por ARMANDO DE MATTOS

## SECÇAM III.

*Do modo de subtilizar, e graduar as tintas.*

### INSTRUCÇAM I.

*Da subtilização das tintas.*

Algum tempo costumavão os curiozos lavar as tintas para as fazerem mais vivas, puras, e subtiz, aconselhados de Philippe Nunes, amassando-as, depois de moidas, com agoa de gomma em humas tigellinhas, onde lançando-lhe huma pouca de agoa clara, as mexião muyto bem com o dedo, e depois de as deixarem repouzar, lhe hião lançando a agoa fóra, pouco a pouco, guardando-as para o uso depois de enxutas á sombra. Alguns as lavão ainda hoje com agoa clara sómente, do sobredito modo, mas melhor.

|                          |                                  |
|--------------------------|----------------------------------|
| <i>O Vermelhão</i>       | <i>Com ourina,</i>               |
| <i>Alaca</i>             | <i>Com agoa de açúcar candi,</i> |
| <i>A Sinopla</i>         | <i>Com vinho,</i>                |
| <i>O Zarção, e Anil</i>  | <i>Com clara de ovo,</i>         |
| <i>O Maquim</i>          | <i>Com o çumo de lima,</i>       |
| <i>O Verde estillado</i> | <i>Com mel,</i>                  |
| <i>e o Verdete</i>       | <i>Com çumo de limão.</i>        |

Porém já quasi todos as usão sem as lavar, e ainda os mesmos Romanos, a cujos felices engenhos devemos os mais exquisitos, e primorosos incrementos desta Arte. Sabemos que alguns curiozos esfregão o per-

gaminho com hum dente de alho, naquellas partes onde hão de pôr as tintas, para lhe ficarem mais vivas, e estremadas, e assim o vimos praticar a hum celebre Pintor Bononiense chamado Pedro Mitteli, em huma idea de pintura que fez para o tecto da Igreja da Mizericordia da Villa de Chaves, onde a não executou ultimamente, por não faltar com demoras às leys que guardava de Peregrino.

## INSTRUCÇAM II.

### *Da graduação das tintas.*

A graduação das tintas he huma declinação das mesmas tintas rebayxadas hum gráo na sua viveza, a respeyto de outras, que na mesma cor o tenham de mais, desorte que sensivelmente se conheção serem humas mais vivas, ou menos do que outras. De tres grãos póde constar a graduação de qualquer tinta, que são os seguintes.

#### *Primeyro gráo,*

Este gráo (a que alguns chamão tambem *meya tinta*) se faz desfazendo-se em huma concha, ou tigelinha vidrada, com agoa de gomme, huma muito viva, e suave tinta da cor, que se eleger, se a natureza della o permittir. O

#### *Segundo gráo,*

Chamado *segunda meya tinta*, se faz com a mesma cor, mas menos viva que a primeira, desorte, que entre uma, e outra haja huma bem perceptivel differença da sua graduação. O

#### *Terceyro gráo,*

Chamado *terceyra tinta*, se faz da segunda, misturada com outra, que lhe possa fazer *terceyra graduação* mais escura, ou forte, que ordinariamente he *preto*, ou outra qualquer tinta, conforme a cor de que se usar nas ditas meyas tintas. Alguns curiozos admittem outra graduação de tinta entre a segunda, e a primeira, ficando esta servindo para os realces; mas nós (seguindo os Francezes, e Alemaens mais insignes nesta materia) nos accõmodamos cõ as tres sobreditas gradaçoens, realçando as partes

superiores dos claros com ouro, e prata moida, do que ao diante trataremos. Exemplo. Primeyro grão, vermelhão simplez. Segundo grão, o mesmo vermelhão com huma ponta de carmim, ou sinopla. Terceyro grão, esta mesma tinta fortificada com mais carmim, ou mais sinopla, e sendo necessário com huma pontinha de preto, e assim nas mais.

E as sobreditas gradaçoens das tintas, sendo devidamente applicadas, não só fazem a Illuminação mais primorosa, e engraçada, fazendo parecer os corpos coloridos, elegantemente vultuosos, mas também ajudão a distanciar a superficie do pergaminho em que se pintar qualquer figura, fingindo ar intermedio, ou espaço diaphano. Sabemos que alguns Romanos, e Parizienses minorificão a sobredita gradação das tintas, uzando de duas sómente, e diversas, mas não são estas as Illuminaçoens mais deleytaveis, e primorosas.

#### SECÇAM IV.

*De algumas adumbraçoens, e preparaçoens das tintas.*

##### ADUMBRAÇAM I.

Philippe Nunes ensina na sua Arte o modo de assombrar, e realçar as cores, dizendo que todas se assombrão com as suas contrarias, e prosegue nesta forma:

*O verde, e Maquim se assombrão com vêrde bexiga, ou laca;*

|                       |                                   |
|-----------------------|-----------------------------------|
| <i>Azul, e Zarcão</i> | <i>Com laca,</i>                  |
| <i>Ocre claro</i>     | <i>Com ocre escuro, ou laca,</i>  |
| <i>Ouro</i>           | <i>Com ferrugem,</i>              |
| <i>Prata</i>          | <i>Com anil, ou ocre escuro,</i>  |
| <i>Branco</i>         | <i>Com ferrugem, ou anil,</i>     |
| <i>Masicote</i>       | <i>Com azul, ou verde bexiga,</i> |
| <i>Laca</i>           | <i>Com ferrugem,</i>              |
| <i>Vermelhão</i>      | <i>Com carmim,</i>                |
| <i>Rom</i>            | <i>Com carmim, e ferrugem.</i>    |

##### ADUMBRAÇAM II. REALÇADA.

*O Vermelhão se assombra com laca, e se realça com zarcão,*

|               |                         |                      |
|---------------|-------------------------|----------------------|
| <i>O azul</i> | <i>com laca,</i>        | <i>com alvayade,</i> |
| <i>Verde</i>  | <i>com verde bexiga</i> | <i>com masicote,</i> |

|                   |                             |                         |
|-------------------|-----------------------------|-------------------------|
| <i>Ocre claro</i> | com <i>ocre escuro</i> ,    | com <i>ouro</i> ,       |
| <i>Zarcão</i>     | com <i>laca</i> ,           | com <i>alvayade</i> ,   |
| <i>Rozado</i>     | com <i>laca delgaçada</i> , | com <i>alvayade</i> ,   |
| e <i>Masicote</i> | com <i>verde bexiga</i> ,   | com <i>ocre claro</i> . |

Porêm não obstante esta doutrina do sobredito Author, muyto differente vemos hoje praticar outra a alguns curiosos, aprendendo-a de insignes Pintores Alemaens, que com as suas obras tem vindo enriquecer-se nestes Reynos; à vista do que, e a respeyto das tintas com que outras se podem assombrar, e dos lugares das sombras adequados, só, além do que já temos dito, dizemos que tudo isto pende mais da idéa de quem pinta, do que da Arte, procurando accõmodar à natureza dos assumptos a propriedade das tintas, se triste, tristes, se alegre, alegres, & c. desorte que sempre a pintura fique deleytoza, e engraçada.

#### PREPARAÇOENS DAS TINTAS.

##### *Primeyra*

Preparão-se as tintas para a Illuminação, com agoa de gomma; e esta se faz lançando em huma tigelinha vidrada, (ou concha) com agoa clara, huma pouca de gomma arabia pizada, desorte que fique cuberta com a mesma agoa, onde se deyxara estar até se derreter, e depois se coará por hum panno em hum vidrinho, onde tapado se guardará para o uso; advertindo que a dita agoa de gomma há de ficar tão fluida, ou delgada, quasi como a que o não he; e daqui poderá colher o curioso a quantidade de gomma, que lhe será necessaria para a curiosidade, ou obra que quizer fazer. E não faça pouco caso desta advertencia, porque sendo a agoa grossa não só faz que ao depois estallem, e saltem as tintas da Illuminação, mas que tambem repugnem à boa união de humas com outras, como lhe insinara a experiencia.

(*Continua*).

# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1837

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

## Março

**Dia 9** — Indo um Padre com o official do arcipreste do julgado à freguesia de S. João de Ponte para tomar posse daquella igreja, levantaram-se os fregueses, feriram o official e fizeram fugir o novo pároco dizendo que queriam o antigo que tinha sido suspenso por não ter cumprido uma dispensa de impedimento de matrimónio que dantes era attributo do Papa, e não ter cumprido outras ordens do vigário capitular de Braga. Em consequência dêste acontecimento foi lá o administrador do concelho com bastante policia e trouxe três presos, Manuel Ribeiro e António Ferreira, lavradores-caseiros da dita freguesia e António José Marques, lavrador-proprietário de Briteiros, que supunha ter tido parte na desordem, maltratando um dêstes. Quando o administrador se ia aproximando daquela freguesia tocaram os sinos a rebate. (P. L.)

\*

Sobre o mesmo assunto lê-se num pe-riódico da época: Em principios dêste mês, tendo o vigário capitular de Braga mandado que o padre Francisco de Sousa Barros, reitor de S. João de Ponte (depois foi cônego de Guimarães), cumprisse com uma dispensa para casamento, o reitor não quis cumprir. Os Impetrantes tornaram ao Capitular, o qual de novo mandou que o reitor cumprisse, com pena de suspensão: apesar disso o reitor não quis e respondeu — que se não conformava com a praxe actual na administra-

ção do Sacramento do Matrimónio — (a differença é que dantes a dispensa era do Papa ou do Núncio). A' vista disto o Capitular mandou fôsse o reitor suspenso do exercicio paroquial e do uso de tôdas as ordens: em observância, o arcipreste nomeou encomendado ao padre José António Fernandes Rodrigues. Este se apresenta com os seus carros e trastes, acompanhado do official eclesiástico, que levava o officio com a intimação da suspensão-despejo, e que devia assistir à posse do encomendado: chegando, porém, à freguesia e perto do adro da Igreja, reúne-se grande multidão de homens, mulheres e rapazes, tocam os sinos a rebate, e, com paus, pedras e fouces, feriram o official, obrigaram o encomendado a pôr-se a pé da cavalgadura e o fizeram fugir. O arcipreste comunicou o facto ao administrador do concelho; êste, acompanhado de policia, marcha ao sítio da residência, mas ao chegar ao lugar da Pontozela, reúne-se de novo o Senhor Povo, tocam os sinos a rebate, dão-se vivas e morras: a policia dá fogo e se retira para Guimarães trazendo três presos. O reitor que é miguelista e favorecido dos guerrilheiros lá ficou. — Na freguesia próxima, S. Tomé de Caldelas, o povo quis levantar-se contra o pároco, por lhe ter a Câmara arbitrado grande cõgrua, e na de Santa Maria de Silvares o povo requereu ao Capitular que suspendesse o seu pároco, aliás constitucional, e lhe restituisse o antigo que era miguelista. Os miguelistas de Guimarães trabalhavam a todo o pano.»

**Dia 10** — Os Estudantes venceram a demanda que traziam com o Cabido, por este lhe não ter pago a renda que costumava pagar de tempos imemoráveis, em dia de S. Nicolau, na Casa da Renda, da freguesia de Santo Estevam de Urgeses, em consequência de se ter abolido os Dízimos, e não receber o supradito Cabido com que satisfazer a renda, que exigiam os Estudantes. Esta sentença foi dada pelo juiz Agostinho Vicente Ferreira de Castro, tendo-lhe o júri dado por provados os quesitos, e logo que ela foi pronunciada deram os Estudantes bastantes foguetes do ar e morteiros, e à noite saíram com uma música e tambores, dando bastantes foguetes e morteiros, correndo todos os terreiros e ruas da vila. Em algumas casas puseram-se luminárias por os Estudantes o haverem pedido. A's portas dos Cónegos paravam com a música e diziam alguma chalaça. (P. L.).

**Dia 16** — O Cabido apelou da sentença que contra êle obtiveram os coreiros e os estudantes, sobre dar-lhes a renda das maças &ª, em dia de S. Nicolau.

**Dia 18** — Neste dia e nos seguintes grassou muito nesta vila uma moléstia epidémica a que alguns chamavam *Grippe* (catarro epidémico); porém era tam benigna na maior parte dos doentes que eram atacados dela que com um pequeno socorro de medicina (sinapismos e chás de herva terrestre e avenca) achavam melhoras. Na Inglaterra e na França fêz a tal moléstia bastantes estragos, morrendo dela, nos primeiros dias em que principiou a grassar naqueles países, bastante gente. (P. L.)

**Dia 23** — Sexta-feira Santa — Houve de manhã, na igreja do Campo da Feira: paixão, adoração da Cruz, etc., e de tarde procissão do Entêrro, que saindo da mesma igreja, percorreu as ruas de Trás-

-o-Muro, S. Francisco, Toural, Porta da Vila, N. Sr.ª da Oliveira, recolhendo à sua igreja, aonde se fêz o Entêrro. Esta procissão era a que costumava fazer a Irmandade de N. Sr.ª da Consolação, só com a diferença de este ano sair de tarde e não de noite como era costume. (P. L.)

**Dia 27** — A Câmara Municipal convidou por editais os habitantes a que pusessem luminárias na noite deste dia em comemoração da entrada nesta vila do Exército Libertador, e proclamação dos direitos de S. Majestade a Sr.ª D. Maria II e da defunta Carta Constitucional. (P. L.).

**Dia 30** — A imagem de S. Roque da Serra foi trazida para esta vila por iniciativa da Ordem 3.ª de S. Francisco, ficando na capela daquela Ordem onde se fizeram Preces por três dias para que Deus Nosso Senhor livrasse os habitantes da grande epidemia de *grippe*, que atacou uma terça parte dos habitantes, morrendo contudo muito pouca gente. Também houve Preces em S. Sebastião.

## Abril

**Dia 1** — Decreto autorizando a Miseriecórdia, a, em hasta pública e na concorrência de quaisquer outros licitantes, comprar o edificio e tôdas as suas pertenças do convento de S. Domingos, a fim de ali ser colocado o hospital, e também autorizando que, efectuando a mencionada compra, possa vender com tôdas as pertenças respectivas o prédio em que estava o hospital, devendo esta transacção celebrar-se dentro de ano e dia em praça pública, com declaração que se o preço daquele fôsse maior que o deste, ficaria o excesso dêsse valor dependente da aprovação das Côrtes.

**Dia 2** — De tarde saiu em procissão, pelas principais ruas, a milagrosa imagem de S. Sebastião, a fim de que Deus Nosso

Senhor, por intercessão dêste seu Santo, livrasse a todo o reino, e com especialidade a esta vila, da grande epidemia chamada *gripe*, a qual tinha atacado grande número de pessoas, não sendo contudo muito mal o seu resultado, porque poucas pessoas morreram dela, isto na vila, porque na aldeia ainda morreu bastante gente. (P. L.).

**Dia 4** — Convidou a Câmara Municipal desta vila os habitantes da mesma a que pusessem luminárias na noite do dia de hoje por ser o dia dos anos de Sua Majestade a Sr.<sup>a</sup> D. Maria II. Em consequência dêste convite houve luminárias e repiques de sino e alguns foguetes do ar. (P. L.).

**Dia 8** — Falece na idade de 105 anos, um procurador chamado Manuel d'Abreu, morador na rua de Gatos. Foi depositado e sepultado no dia seguinte na capela dos Terceiros Dominicanos. (P. L.).

**Dia 9** — Na casa da Câmara fêz-se o apuro dos votos para a Câmara Municipal e Administrador do concelho, saindo eleitos camaristas proprietários, os seguintes: José Correia de Oliveira Mendes, cirurgião, com 743 votos; Manuel Pereira Marinho, proprietário, de Arões, com 768 votos; João Batista Leite de Lemos, proprietário, também de Arões, com 681 votos; Domingos Duarte Machado Ferraz, proprietário, com 666 votos; Joaquim Pinto Teixeira de Carvalho, bacharel, com 665 votos; Luiz António Gonçalves, negociante, com 670 votos; o cirurgião de Rabiços, Domingos José Ribeiro e Silva, com 728 votos; Manuel José de Abreu, cirurgião, de Freitas, com 710 votos; José Maria Peixoto, alferes, do Carvalhal, com 668 votos. Elegeram-se também nove substitutos. Os mais votados para administrador do concelho, foram: Francisco Ribeiro da Costa, negociante;

Luiz Teodoro, ourives; Manuel Joaquim Areias, ourives; Serafim Nogueira dos Anjos, negociante; e José Joaquim Cardoso, administrador do concelho. Esta lista foi para o Governo para escolher um dos votados, segundo a lei, que será o último da lista, pois os outros já os meteram de propósito, porque todos êles são doentes e homens que não querem servir empregos. (P. L.).

**Dia 11** — Não querendo o advogado dr. António Leite de Castro e o procurador Luiz Machado Gonçalves continuar com o mandato do Cabido na causa que trazia com os coreiros e estudantes sobre a posse das maçãs, castanhas, etc., do S. Nicolau, o Cabido fêz intimá-los neste dia para, sob pena de suspensão, continuarem no patrocínio da causa.

\*

Caíu, por espaço de algumas horas, uma tam grande quantidade de neve que cobriu todos os montes, fazendo um frio intensíssimo. As pessoas que tinham sido atacadas de *gripe*, continuavam a passar incomodadas por causa do frio, o qual foi tam continuado, que só apenas no fim de Março é que tinha havido alguns dias em que o tempo esteve mais macio. Por êste tempo ainda estavam uma parte das vides por arrebentar, e as que tinham arrebentado, ou eram de casta, ou eram das que estavam abrigadas. Os poucos gomos de vide que havia estavam amarelos e os poucos centeios que tinham espigado foram queimados pela neve, havendo em geral poucas ervas, devido às muitas neves. (P. L.).

**Dia 12** — Tomou posse a nova Câmara que elegeu presidente Joaquim Pinto Teixeira de Carvalho, e procurador fiscal José Correia de Oliveira Mendes. Determinou que as sessões sejam às quartas-feiras e aos sábados às horas que marca

a Lei; — que o secretário da Câmara tome a assinatura do «Diário do Governo», por conta do concelho, para ser presente em Câmara, a fim de se evitar a falta da Legislação que tem deixado de remeter a esta Câmara.

**Dia 13** — Rodrigo de Menezes mandou fazer um officio de exéquias na igreja de Santo António desta vila pela alma do seu contra parente Amaral, que morava no Reguengo, ao pé da Cruz d'Argola, falecido na Semana Santa. Este Amaral tinha sido procurador de causas na cidade do Pôrto, mas já há anos que estava na quinta do Reguengo de que era senhor e da qual tinha feito doação ao supradito Rodrigo de Menezes. (P. L.).

**Dia 17** — A Câmara determinou que por um Bando público se proibisse o enxugo de couros e casca nos terreiros e lugares públicos desta vila, sob pena de 4\$00 pela primeira vez para as despesas do concelho.

**Dia 19** — Decreto nomeando: Juiz de Direito para Guimarães, António Correia Botelho Teixeira Ribeiro; e substituto do mesmo Juiz João Amaro Mendes de Carvalho; e os seguintes vimaranenses: — Delegados: para Braga, Manuel de Freitas Costa e para Guimarães, Francisco Leite Pereira da Costa Bernardes; Juiz para Fafe, Agostinho Vicente Ferreira de Castro.

\*

O Cabido delibera que o cônego fabriheiro entregue tôdas as quantias neces-

sárias que lhe sejam exigidas pelo cônego João Baptista Gonçalves (que veio a ser Chantre) para continuação da desastrada obra de reforma da igreja colegiada, para o que foi nomeado administrador e inspector até ultimar a obra. — Notas curiosas: o termo tem uma nota que diz: «Termo em que se põe em leilão os fundos da Fabrica, e se dá cabo d'ella como roupas de franceses». E na assinatura do dito Baptista Gonçalves, tem uma nota a lapis que diz: «anda que te regalaste!»

**Dia 21** — Foi enforcado, no Pôrto, um individuo, natural de Vieira, por ter assassinado outro da mesma vila sem êste lhe resistir. Foi esta a primeira execução que teve lugar em Portugal, no reinado da Sr.<sup>a</sup> D. Maria II, e o carrasco que a effectuou foi o célebre Simões, de Pombeiro, que em Guimarães havia sido condemnado à morte, em 24 de Março de 1836, e que tinha conseguido ficar exercendo tam odiosas funções. (P. L.).

**Dia 24** — Portaria aprovando para administrador dêste concelho José Joaquim de Abreu Cardoso, do Reboto, e substituto Francisco Ribeiro da Costa Sampaio.

**Dia 28** — Foi remetido para a Relação do Pôrto, a fim de continuar por apelação, o processo em que eram autores os coreiros e os estudantes e réu o Cabido, sôbre a posse das maças, etc., da festa de S. Nicolau.

JOÃO LOPES DE FARIA.

# PENSAMENTOS, PALAVRAS & OBRAS

DA VIDA ■ DOS FACTOS ■ DAS LETRAS

*«Foram as forças misteriosas da História, actuando em nome duma raça que não quer morrer, quem se pronunciou pela nossa voz. Serenamente nos entregamos à justiça dos que amanhã hão-de vir. A êles só é que pertence a nossa absolvição, ou a nossa condenação. Contamos, porém, com a primeira, porque, desembaraçando a Causa Nacional dum pêso motor que a esmagava, abrimos-lhe seguramente as avenidas largas do futuro!»*

ANTÓNIO SARDINHA.

## LONG LIVE THE KING

Nesta hora de alegria para o Império Britânico, a cujo trono sobe um novo Rei, é dever de todos os portugueses associar-se ao regosijo da grande Nação inglesa. Qualquer que seja o juízo que a respeito da Grã-Bretanha cada um possa formar, e sejam quais forem as ideias ou os preconceitos de cada um, não se pode negar o bom senso, o equilíbrio e o civismo do povo inglês. De todos os tempos mas em especial depois que a grande Isabel subiu ao trono de Eduardo *o Confessor* e de Guilherme *o Conquistador*, sempre os ingleses se mostraram o povo que melhor compreende esta palavra que anda na boca de muitos, mas que poucos mostram saber o que é: — civismo.

E na hora dolorosa que há poucos meses a Inglaterra atravessou, hora particularmente difícil e uma das mais graves da secular história inglesa, o povo britânico mostrou calmamente que sabe cumprir o seu dever, a despeito da vaga de loucura que hoje assalta o mundo.

Portugal, velho e secular aliado da Grã-Bretanha, com quem se tem encontrado tantas vezes lado a lado nos campos de batalha, não pode ficar indiferente neste momento em que os ingleses de todo o mundo se unem como um só homem à volta do seu Rei, símbolo augusto do formi-

dável poder dêsse admirável Império Britânico que, depois do Romano, é a obra política mais genial que se conhece.

Quando S. M. Graciosa Jorge VI, rei do Reino Unido da Grã-Bretanha, Irlanda e Domínios e Imperador das Índias vai cingir a coroa real de Eduardo o *Confessor* e a imperial da sua augusta avó a rainha Vitória, é justo dever de todos nós desejar-lhe a maior felicidade no desempenho do seu espinhoso cargo, ao mesmo tempo que longa vida para bem da Inglaterra e do mundo em que, queiram ou não, o Império Britânico constitui uma força moderadora de primeira ordem.

Que Deus abençoe o seu reinado e permita que os ingleses nunca venham a perder o seu proverbial bom-senso, a primeira das qualidades que nós todos admiramos.

*Gode save the King! Long live the King!*

Braga, 12 — V — 937.

ANTÓNIO ALVARO DÓRIA.

---

### **Prémio Dr. António Sardinha**

Na festa anual da Sociedade de Martins Sarmiento, realizada no dia 9 de Março para distribuição de prémios aos alunos mais distintos das escolas do concelho, foi o *Prémio Dr. António Sardinha*, criado pela nossa Revista, distribuído ao aluno mais distinto do 5.º ano do Liceu de Martins Sarmiento, Rodrigo José dos Santos de Sousa Felix. No ano de 1936 foi premiado o aluno do mesmo Liceu, Alberto Ribeiro da Costa Guimarães.

### **No centenário de Gil Vicente**

Um decreto do Ministério da Educação Nacional formula os princí-

pios que vão presidir à colaboração do Estado na homenagem a prestar ao fundador do Teatro Português.

A iniciativa da reposição no nosso Teatro Nacional dos originais vintenos mais acessíveis ao público dos nossos dias e de mais sã lição patriótica e moral constitui a mais apreciável forma de comemorar o centenário dessa assombrosa figura do nosso passado literário.

Na pléiade magnífica da Grande Época, Gil Vicente avulta, entre os primeiros, pelo sabor português da sua obra, pela vitalidade da sua inspiração popular, pela sua proximidade da terra e da gente, pela vibração lírica e pela irresistível veia satírica.

Houve quem inscrevesse Gil Vi-

cente entre aquêles a quem o espírito da Reforma ergueu contra a disciplina da fé católica.

Nada de mais revoltantemente falso!

Condenando os desregramentos que deminuiam, perante o povo e perante a sua observação crítica, a autoridade da Igreja, Gil Vicente, apesar das suas imensas liberdades, nunca se desviou da mais pura ortodoxia. O que há de específico na Reforma é a discussão dos dogmas e não a censura dos abusos que afligiam todos os bons católicos. Muitas vezes se esquece esta distinção essencial, pelo gosto de se inventar precursores quando entre nós se ataca a religião tradicional.

Na transição da Idade Média para a Renascença, Gil Vicente, em sua admirável espontaneidade portuguesa, ergueu um testemunho magnífico das virtudes fortes de um génio literário que não tardaria a mastigar o freio de uma disciplina erudita e formalista que só a raros apenas consentiria os grandes vãos.

Celebrando Gil Vicente, celebra-se uma obra entre tôdas autenticamente portuguesa.

#### «Portucale»

É transcrito do fascículo respeitante aos n.ºs 53-54 do volume IX desta excelente revista de cultura literária, científica e artística, que vê a luz da publicidade no Pôrto, sob a inteli-

gente direcção dos srs. drs. Cláudio Basto e Pedro Vitorino o estudo sôbre *A demolida Torre de S. Bento, em Guimarães*, que se publica neste fascículo.

#### O nosso número Gilvicentino

Obteve o melhor êxito o fascículo especial que consagramos à comemoração do IV Centenário de Gil Vicente.

Do Secretariado da Propaganda Nacional recebemos um penhorante officio em que o Ex.<sup>mo</sup> Chefe dos Serviços de Informação e Imprensa afirma: «E'-me grato registar o alto interêsse cultural dêste número de *Gil Vicente* que vem confirmar o valor de uma publicação que de há muito se impôs pelo critério com que é orientada.»

#### Dr. Afonso Lopes Vieira

A convite da Direcção da Sociedade de Martins Sarmiento vem a esta cidade realizar no Salão Nobre daquela Sociedade, no próximo dia 8 de Junho, uma conferência sôbre Gil Vicente o distinto escritor e portuguesíssimo Poeta Dr. Afonso Lopes Vieira.

A propósito da comemoração do IV Centenário, o sr. dr. Afonso Lopes Vieira concedeu ao *Diário de Lisboa* uma entrevista que foi publicada no número 5.167 daquele *Diário*, de 9 de Abril, na qual de-

clarou: «o papel do Estado neste momento teria sido o de procurar fazer viver intensamente a obra de Gil Vicente, dando os subsídios que fôsseem necessários para a sua representação. O contacto da obra de Gil Vicente só pode tornar os portugueses mais fortes, mais viris, mais patriotas e nacionais. Um ciclo de representações seria a base indispensável de tôdas as comemorações que se fizessem. Sem êsse elemento vital não vejo como seja possível homenagear devidamente o génio vicentino».

### **António Corrêa de Oliveira**

Foi convidado pela Colónia Portuguesa no Brasil a ir saudar aquela grande Nação, em nome de Portugal, por ocasião da Festa da Raça, no dia de Luiz de Camões. E' uma prova do brilho da auréola que circunda o nome do mavioso cantor das grandezas da Pátria. Corrêa de Oliveira é uma glória nacional: onde quer que êle se dê ao trabalho de falar de Portugal, torna-se por isso mesmo um notabilíssimo embaixador da Pátria, cuja alma êle canta como príncipe entre mestres.

Regosijamo-nos sinceramente pela feliz escolha dos nossos patrícios de Além-Mar. E desejamos ao Poeta ótima viagem e ótimo regresso.

### **Guido Battelli**

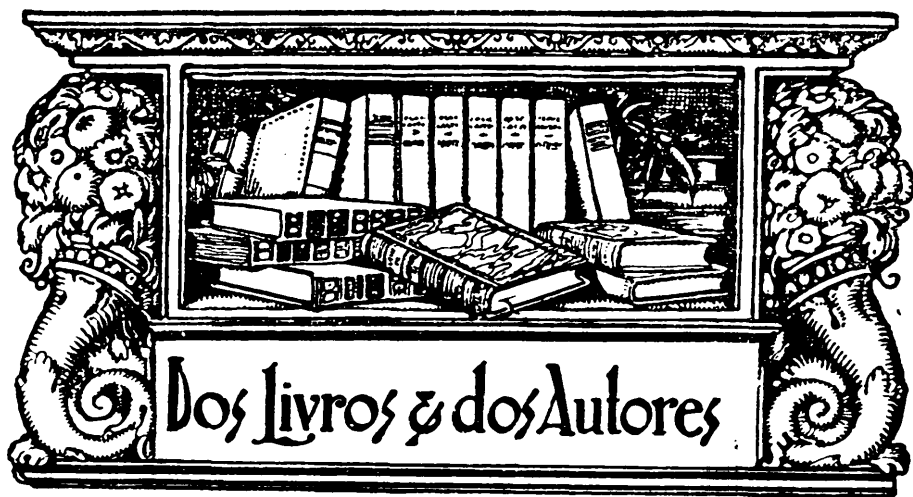
Êste ilustre professor acaba de fazer, segundo notícias chegadas de Itália, no *Circolo dei Corsi per Stranieri*, que funciona na Universidade florentina, uma conferência sôbre a *Literatura portuguesa moderna* que foi vibrantemente aplaudida pela distinta assistência em que havia numerosos estrangeiros que frequentam aquela Universidade.

Aumentou-lhes o brilho a admirável dição de Flora Righi Amante, que recitou traduções italianas, feitas pelo ilustre professor, de poesias de Eugénio de Castro, a *Lágrima* de Guerra Junqueiro, *Os Lobos* de Gomes Leal, *Romaria no Douro* de António Nobre, e vários sonetos de Florbela Espanca.

### **Um livro como prémio**

O Sr. Ministro da Educação Nacional, depois de ter ouvido o Conselho Permanente da Acção Educativa, determinou que se aconselhe aos directores dos estabelecimentos de ensino como prémio escolar o «Roteiro da Gente Moça», do poeta António Corrêa de Oliveira.

Com esta simpática e patriótica decisão, presta-se pública homenagem a um grande poeta e grande português, a que nos associamos sinceramente.



ROTEIRO DA GENTE MOÇA, por *António Correia de Oliveira*. Edição do Colégio de Belinho. — 1936.

E que maravilhoso *Roteiro*! Ele levará as almas moças ao amor de Portugal, ao amor de Deus, ao amor da Tradição.

Na hora perturbada e confusa que se atravessa, a voz de Correia de Oliveira ergue-se, de novo, com aquela beleza de sempre que vive nos seus versos de encantamento, a marcar posições, a ditar *máximas* e *conselhos* à juventude portuguesa, elevando-a, espiritualizando-a para a grande, sublime e heróica missão de salvar e resgatar Portugal.

Correia de Oliveira possui uma forma leve, branda e simples de burilar os versos. E, através dos séculos, êles parecem trazer-nos todo o incitamento daqueles bravos portugueses que foram grandes e são imortais por muito amarem a Pátria que lhes foi berço.

Oxalá a gente moça de Portugal, seguindo o bom *Roteiro* se não esqueça nunca que

« A estrela que Jesus teve  
A guiar ao seu natal,  
Em nossa mão é candeia  
Que levamos bem ou mal. »



AULA RÉGIA, por *Hipólito Raposo*. Livraria Civilização - Editora. Porto, 1936.

*Aula Régia* era, em tempos distantes, a escola onde se aprendiam as primeiras letras.

*Aula Régia* é, hoje, êste novo livro de Hipólito Raposo, a boa escola onde se aprenderá a sã doutrina que redime e que salva.

Nêles se encontram reunidos diversos trabalhos, alguns já publicados, de terna sempre oportuno e, conseqüentemente, sempre novo. E a prosa de Hipólito Raposo, é

pura, límpida, espelhante como cristal. Temperada à boa maneira portuguesa, tóda ela nos fala à alma e ao coração, encerrando ensinamentos que parecem ter sido esquecidos e é necessário lembrar de novo.

E assim o *Prólogo ao leitor* é flagrante de oportunidade, porque aponta a todos os portugueses de boa-vontade o caminho recto, seguro, preciso, que é necessário trilhar, sem receio nem oportunismos, para que se atinja definitivamente o centro irradiante da nossa verdade histórico-política.

*Aula Régia* é o livro de um português que sabe o que quer e porque o quer. E porque é um livro de um português sincero que vem, nesta feira de egoísmos e de vaidades, desfazer ilusões e indicar directrizes de salvação, deve andar nas boas mãos de todos os que se preocupam com o futuro da Pátria, para que meditem os seus ensinamentos e conclua pela necessidade de proclamar, a bem da Nação, aquelas verdades eternas que Hipólito Raposo volta novamente a agitar para que Portugal definitivamente se liberte.



AS VOZES DOS SINOS NA INTERPRETAÇÃO POPULAR E A INDÚSTRIA SINEIRA EM GUIMARÃIS, por *Alberto Vieira Braga*. Imprensa Portuguesa. Rua Formosa, 108. Pôrto, 1936.

*A voz do sino é a voz de Deus*. E porque é a voz de Deus, chamando pelos cren-tes, quer para a alegria das horas festivas, quer para as horas de saúde e recordação dos mortos, a voz dos sinos anda ligada às tradições belas do nosso povo. E, assim, as vozes dos sinos do burgo vimaranense conseguiram despertar e atrair a atenção de Alberto Vieira Braga e deram-lhe motivo para este trabalho cuidadoso e cheio de interesse, sadio e reconfortante como toque de aleluias.

Fica, desta maneira, historiada, com saber e competência, a tradição e a origem dos principais sinos de Guimarães, dentro da sua influência etnográfica e da interpretação popular.

Trabalho consciencioso, como o são, de resto, todos os valiosos trabalhos de Alberto Vieira Braga, é mais uma achega para o conhecimento de uma das mais curiosas tradições populares que já Herculano tratou com desvelado carinho.



O DEVER DOS INTELECTUAIS, por *Fidelino de Figueiredo*. Livraria Lelo & Irmão. Rua das Carmelitas, 144. Pôrto, 1936.

Na «Biblioteca de Ensaios» incluiu a Livraria Lelo este ensaio de Fidelino de Figueiredo, escritor de renome, autor de diversos e valiosos trabalhos.

Este «ensaio de remate a uma prolixa meditação sobre múltiplos problemas levantados» foi pronunciado, em 1934, numa reunião semanal do Rotary Club, de Lisboa, e a par dum estilo sóbrio, marca directrizes sobre o *dever dos intelectuais* «que delige-ncieiam entender com rectidão de consciência, procurando a paz interior e a compreensão dos outros pela simpatia.»

LUIZ DE CAMÕES, por *Aubrey F. G. Bell*. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto, 1936.

Aubrey Bell, a quem se devem já outros trabalhos notáveis, dá-nos, agora, uma das melhores biografias sobre Camões, o cantor maravilhoso das nossas glórias.

Há já muitos livros escritos sobre o genial Poeta dos *Luziadas*, mas, alguns, não estão à altura do nome que pretendem glorificar, pois, não raro, enfermam de várias inexactidões apontadas por António Dória no consciencioso prefácio com que abre este novo trabalho.

Aubrey Bell tem-se revelado, através dos seus livros, um apaixonado das nossas letras. Este, sobre Camões, vem confirmar a dedicação que tem pelos reais valores da nossa literatura, constituindo, ao mesmo tempo, um índice seguro e desapaixonado que muito aproveitará aos estudiosos.

A tradução é feita com o esmero e a minuciosidade que António Dória sabe sempre pôr em todos os seus trabalhos.



ALVORADA NA MONTANHA, por *Claude Vela*. Livraria Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto, 1936.

Compreendendo a alta missão que está reservada aos bons livros, a Livraria Educação Nacional, numa louvável acção educadora, publicou este romance de Vela, que agrada plenamente.

Romance de boa moral, decorrendo num ambiente perfumado de jardins e plátanos, colinas verdes e o mar de Argel, sai fora da vulgaridade para nos dar páginas belas, ora fortes de narrativa, ora suaves de idílio.

Perfis bem talhados e cheios de realidade, como o do judeu, verdadeiro exemplar da sua raça em tôda a hediondez de sentimentos, dão à *Alvorada na Montanha* uma modalidade nova em que a narrativa se desenvolve gradual e progressivamente, sem saltos bruscos ou artificios enfadonhos.

Tradução de António Dória, o que já é uma recomendação.



O SACERDÓCIO CATÓLICO. «Mensagem do Coração de Jesus». Largo de Santa Tereza, 5. Braga, 1936.

A encíclica de S. S. Pio XI *Ad catholici sacerdotii* que a excelente revista católica *Mensagem do Coração de Jesus*, reuniu num bem apresentado volumezinho, foi fiel e escrupulosamente traduzido pelo P.<sup>o</sup> João Ferreira Fontes, distinto director daquela revista.

A encíclica, pelos ensinamentos que encerra e pela orientação que vem dar ao sacerdócio católico nesta hora em que tanto se precisa de exemplos fortes e de vocações decididas, bem merecia esta tradução portuguesa, para lhe dar divulgação e, conseqüentemente, torná-la bem conhecida de todos os que sejam ou venham a ser «o sol da terra e a luz do mundo».

O BOLCHEVISMO EM TEORIA E NA PRÁTICA, pelo *Dr. Goebbels*.  
Edição M. Müller & Sohn K. G. Berlim SW19.

No Congresso do Partido Nacional-Socialista realizado em Nuremberg, em 1936, pronunciou o Dr. Goebbels, Ministro da Propaganda do Reich, um oportuníssimo discurso sobre o *Bolchevismo em teoria e na prática*, de que nos foi enviada a tradução portuguesa. De facto, foi excelente a idea dessa tradução porque o discurso do Dr. Goebbels, a todos os títulos notável, não interessa apenas à Alemanha mas sim a todo o mundo.

Pondo a nu as mentiras do bolchevismo, o que êle promete na propaganda e o que êle realiza na prática, precisa de ter larga difusão e, principalmente, nos grandes centros fabris e nos meios operários. Desta maneira se levará aos povos a semente da boa doutrina social em oposição da inteligência esclarecida à mentira bolchevista.

A' Alemanha como à Itália devem-se, neste momento confuso, a salvação e salvaguarda da Europa. Por isso tem razão o Dr. Goebbels quando afirma: — « Se outros Estados e Governos tentam levianamente bagatelizar o perigo que de Moscovo ameaça, nós não nos deixamos iludir; para nós não tem importância o que os judeus moscovitas dizem, para nós é decisivo o que êles fazem. Nós percebemos-los, e procedemos para com êles com decidida precisão e coerência, rápida e dextramente. »

Que magnifica lição dada àqueles que, em presença do perigo, se entretêm no xadrez diplomático, praticamente inútil e prejudicial!



CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO DE ARTE POPULAR PORTUGUESA NO  
SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL EM 1936. Edições  
S. P. N. Lisboa, 1936.

Louvável a iniciativa do Secretariado da Propaganda Nacional promovendo a Exposição da Arte Popular Portuguesa e louvável, também, a idea da organização deste Catálogo, precioso índice dessa Exposição, competentemente elaborado e organizado por Luiz Chaves e Cardoso Martha.

E se a Exposição desapareceu já, arrumando-se a bonecada, as louças, os utensílios e motivos decorativos trabalhados rude e ingenuamente pela mão de artistas também rudes e ignorados, fica, porém, esta memória da Exposição, para a qual Luiz Chaves escreveu palavras que são um hino « às artes populares, que se perdem dia a dia, por abandono dos de cima e por forçada fuga de ordem financeira dos de baixo ».



PROSAS SOLTAS, por *Raimundo Belo*. Tip. Editora Andrade.  
Angra do Heroísmo, 1928.

Foi com êste livro que Raimundo Belo, artista de largos recursos, iniciou a sua carreira na ingrata profissão das letras.

*Prosas soltas* são páginas escolhidas, páginas escritas por um novo que quer triunfar, aguarelas cheias de corolário e de vida que, se revelam ainda a indecisão dos que principiavam, são, no entanto, uma afirmação prometedora.

NO CAMINHO DA VIDA, por *Raimundo Belo*. Tip. Andrade. Angra do Heroísmo, 1936.

Depois de *Prosas soltas* escreveu Raimundo Belo *Pro Bem* a que já tivemos ocasião de nos referir. *No caminho da vida* é, portanto, o seu terceiro trabalho.

Assim se vai manifestando o labor intelectual de Raimundo Belo, no mesmo ritmo espiritualista e cristão, em páginas suaves e leves, a erguer as almas e a reconfortá-las com o bálsamo benéfico da fé.

Mas gostaríamos de ver, de novo, R. B. a tentar um trabalho que seguisse na esteira prometedora das *Prosas soltas*, um trabalho que afirmasse as suas boas qualidades de escritor.



COCK-TAIL, por *Armando Avila*. Tip. Angrense. Angra, 1936.

Na sua maioria, os trabalhos dos jornalistas ficam dispersos em jornais vários, sem que, depois, se consiga reuni-los para melhor se aquilatar do valor jornalístico de quem os escreveu.

Armando Avila, jornalista providente, fêz das suas crónicas êste *Cock-tail* delicioso, onde o seu labor jornalístico se manifesta exuberantemente.

De facto sendo o livro, como o afirmou o Dr. Bento Carqueja, «a carne do espírito» o jornalista que reúne os seus trabalhos, junta pedaços da sua própria alma. Eis a virtude dêste *Cock-tail*, exemplo magnífico que Armando Avila dá a todos os que labutam na vida jornalística.



METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS NATURAIS, por *Vicente Valls*. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto, 1936.

No intuito de facilitar e de trazer elementos novos ao estudo das Ciências Naturais, fêz o Dr. Sousa Pinto a tradução dêste valioso trabalho de Vicente Valls, tam útil a professores e a estudantes.

A edição é bem apresentada, revelando o zêlo criterioso que a Editora Educação Nacional põe sempre nos trabalhos que edita. No Prefácio, lamenta o Dr. Sousa Pinto que a língua espanhola não seja uma língua corrente para qualquer português.

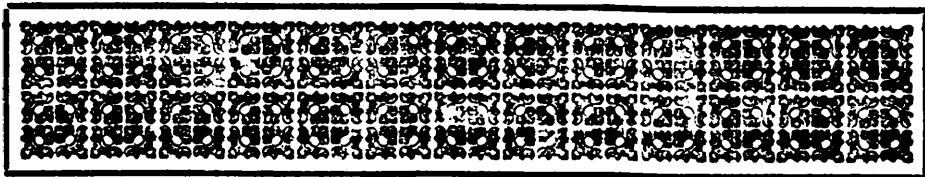
Mas o Dr. Sousa Pinto supre essa dificuldade, dando-nos esta tradução esmeradíssima do trabalho de Valls.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.



BERNARDO VALENTIM MOREIRA DE SÁ

Vimaranense ilustre, Musicólogo e Artista Notável



# MOREIRA DE SÁ

por JÚLIO BRANDÃO

**S**URPREENDEU-NOS sempre a energia inquebrantável dêsse homem franzino, delicado, de pequena estatura — mas rijo como aço. Moreira de Sá possuiu inalteravelmente a agilidade física e mental dum rapaz, sem falarmos agora nas cintilações do seu espírito tam ricamente facetado, em cujas modalidades mais variadas temos de o admirar. Artista notável, pedagogista ilustre, crítico sagacíssimo — o autor da *História da Música* e da *História das Artes Plásticas* foi um polígrafo infatigável, que devia deixar boquiaberta a legião inumerável dos mandriões nacionais. Não lhe eram alheios certos ramos das ciências. Não sofriam desânimos as curiosidades do seu grande espírito. Como Boyer teria aprendido alemão para ler o *Fausto* e inglês para traduzir Shakspeare — se essas línguas lhe não tivessem sido familiares.

As suas *Palestras musicais e pedagógicas* espelham esplêndidamente uma observação penetrante e a riqueza dos seus conhecimentos. A par disto, um *virtuose* de grande e justa nomeada — director do nosso Conservatório, professor, conferente, que sei eu! Como é que teve tempo, saúde, tenacidade para tanto?

Não são vulgares entre nós homens como êle. A sua educação e um método inflexível devem ter auxiliado deveras as suas qualidades. Moreira de Sá deve ter adestrado o seu espírito e o seu esforço num ambiente que não é o nosso — dispersivo e doce, em que os céus azues se diriam uma redoma enorme para as visões florirem... O autor da *História da Música* devia trabalhar como os publicistas congêneres dos países do norte; e a sua figura, apesar duma actividade vertiginosa, tinha a linha concentrada dos homens de laboratório e de gabinete, a quem ficaria bem, ainda no turbilhão duma vida exaustiva como a sua, um hábito de beneditino. Quantas vezes o encontravamos neste rede-

moínho contemporâneo como que recolhido em si mesmo, meditando um problema, architectando uma teoria. Ainda na rua, os seus olhos não esqueciam outras imagens, os seus ouvidos iam escutando as cordas do seu violino... Não quiere isto dizer que a Vida e a sua beleza o não solicitassem e encantassem, como grande artista; mas era-lhe preciso conciliá-las com as múltiplas lucubrações do seu espírito — à maneira de certo frade já grisalho e afável, com quem jornadeamos há muito numa velha terra de Espanha, e que marcava as páginas austeras de um livro que meditava com um belo cravo vermelho.

Moreira de Sá pertenceu ainda à geração magnífica que fêz do Pôrto de há mais de quarenta anos um grande centro de intelectualidade e de Arte. A sua mocidade floresceu radiosamente nesse meio — quando já começavam a cair na floresta os mais belos robles do Romantismo. Ele ainda viu certamente a sombra doce de Elvira sumir-se no lago, ao luar nostálgico...

Ouviu depois o fragor de várias lutas e ainda fêz parte do côro de aclamações estonteantes, que vinha das velhas noites líricas do teatro de S. João às discussões bravias do antigo *Agua de Oiro*; e foi o fulcro ainda de todos os belos engrandecimentos que a cidade deveu aos seus grandes músicos; conviveu com a pléiade de poetas, de homens de letras e artistas, que legaram ao Pôrto algumas obras imperecíveis. Mas essa época de imaginação e de paixão não lhe quebrantou as energias para uma longa vida do mais nobre e belo esforço. Amar a vida não é apenas tecer coroas de utopias generosas, não é apenas sonhar — para desfolhar elegias na campa dos sonhos mortos! A vida é, sobretudo, uma oficina tremenda, onde os homens vão deixando o corpo em farrapos, e derramando perdulâriamente os clarões do seu génio. Mais do que o riso, diz alguém, é o sonho que distingue o homem dos animais que o cercam; mas sonhar não impede que construamos e que edifiquemos. Pelo contrário. O sonho é, afinal, o maior construtor do mundo.

O grande espírito de Moreira de Sá provou-nos à maravilha o que dizemos. As aspirações e as quimeras resplandcentes do artista andam intrinsecamente ligadas à sua vasta obra de erudição. O que é indispensável é conciliar como êle o trabalho honesto e forte com o devanear profundo, que é criador e eterno. O próprio mármore dos monumentos quem foi que o ergueu ou o esculpiu? Um sonho ardente de fé ou de beleza. Não há arrancá-lo aos frisos do Parthenon nem às agulhas góticas. Que dizer então da Música, que na realidade deve ter sido inventada no céu, como afirma S. João Crisóstomo — no céu que

já não é certamente o dos tempos do grande santo, mas talvez muito mais vasto, muito mais vago ainda, e de que todos possuímos dentro de nós mesmos um pedaço encantado...

\*

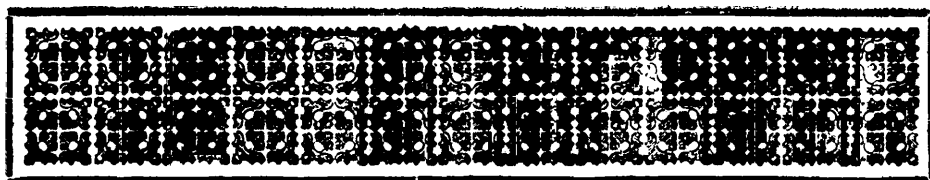
\*   \*   \*   \*   \*

A grandeza da figura artística, moral e intelectual de Moreira de Sá avulta mais ainda, se é possível, depois da sua morte. Sentimos cada vez mais a sua falta neste torvelinho vertiginoso da vida contemporânea, que parece apostada em dar cabo de quâsi tudo o que seja verdadeiramente belo e nobre. Há homens assim — cuja memória benéfica se alonga nas perspectivas do tempo. E' como os altos cedros, cuja sombra se estira, à luz crepuscular, pelas áleas imensas da floresta...

Com quanta saúde o recordamos!

O Pôrto deve-lhe inúmeros serviços, como lhos deve o país. A sua grande inteligência era duma liberalidade prodigiosa. O excelso artista não pertencia àquele grupo de avaros, que entesoiram e guardam, como Schylok. Foi um extraordinário mestre, educador preclaro, conferente e publicista com quem todos aprenderam. Encantou-nos e ensinou-nos. A mãos plenas espalhou o seu saber, que era enorme, como quem espalha abundantemente pedras preciosas neste mar sussurrante de cépticos e de ineptos. E, se o seu espírito era fúlgido, a sua alma era duma incomparável beleza, duma nobreza que hoje parece perdida... Sempre a sua bondade floriu maravilhosamente! Por isso, todos os que o conheceram o amaram! E não será essa, afinal, a maior glória humana?





# Através da obra de Florbela Espanca <sup>(1)</sup>

## II

### Estudo sôbre o seu drama amoroso

*Ao Dr. Ruy Galvão de Carvalho.*

por J. SILVA JÚNIOR

Irmã, Soror, Saúde, ah se eu pudesse  
Tocar de aspiração a nossa vida,  
Fazer do mundo a Terra Prometida  
Que ainda, em sonho, às vezes me aparece!

AMÉRICO DURÃO.

A obra de Florbela Espanca é uma tapeçaria oriental, de cambiantes raros e preciosos, onde a insigne artista do verso, soube bordar, com o oiro rútilo da sua estranha sensibilidade, os singulares estados de alma que formam a sua personalidade, complexa e misteriosa.

Porque ela não pretendeu satisfazer caprichosos efeitos teatrais com os seus versos, procurando rimas de sonoridades campanudas, vazias de significado emocional, mas, pelo contrário, lutou com a palavra, diligenciando torná-la expressiva, suficientemente maleável para poder traduzir a sua dinâmica espiritual, é que a obra de Florbela e tudo quanto sôbre o seu temperamento se diga, tem um público especial, uma *élite* de artistas.

Quando, pela primeira vez, terminei a leitura dos divinos sonetos dessa genial alentejana, ficou-me no espírito a impressão profunda de ter ouvido uma composição musical maravilhosa, e, abrindo a ante-capa do livro, tracei estas linhas: — «a obra de Florbela Espanca é uma sin-

---

(1) Conferência proferida ao microfone da emissora CT2AV, de Ponta Delgada.

fonia magnífica. Há nela «pianíssimos», cintilantes como quando o sol reflecte num lago calmo, «alegros» vivos como um meio-dia de verão, «crescendos» majestosos de emoção e «fortes» arrebatadores e empolgantes, para terminar na «melodia triste dum crepúsculo».

Sim, os seus versos hão-de inspirar ainda uma sinfonia genial, estranha de movimento como a música de Wagner, triste como a de Chopin, transcendente como a de Beethoven, e êsse trecho musical ficará reproduzindo as mais expressivas gradações do amor humano, a retratação perfeita da mais violenta paixão sentimental.

E como de novo sinto essa impressão, na leitura que volto a fazer dos seus inolvidáveis sonetos de amor, a mais significativa manifestação do seu temperamento patético. Foi à volta dêsse «sangue mais apressado», como dizia Camilo, que, qual libelinha entontecida, gravitou tôda a sua vida.

O seu drama amoroso? Ouçá-mo-lo, no seu livro póstumo *Juvenília*:

Amei um dia... um dia... Eu já nem sei  
Há quanto tempo foi que assim amei!...  
E êsse amor foi rir!...

Tinha talvez quinze anos, quinze apenas,  
Alvorada de lírios e açucenas...  
E êsse amor foi rir!

Tive outro amor ainda aos vinte anos,  
Amor de sonhos bons, amor de enganos,  
E já sorri apenas!

Foi como quem rezasse a um altar,  
Numa prece constante a murmurar;  
E já sorri apenas!

Amo-te só a ti, e com que amor!  
Soluço triste em turbilhão de dor,  
E só chorar, chorar!...

Mas afinal também os corações  
Não vivem só de risos e canções;  
Eu antes quer'amar!

Avançando na leitura desta poesia somos levados a crer que só uma grande paixão a atormentou profundamente e é ela a inspiradora

de tôda a sua sentida obra. Sigamos, pois, o nosso despretencioso estudo, sem querer saber quem foi êsse por quem a sua alma tanto sofreu, nos embates do seu quimérico ideal com a rudeza prosaica da vida.

Ao princípio o problema amoroso não a inquietava, era-lhe quasi indiferente até. Se alguém inquiria do seu coração, Florbela respondia:

... Quem me quiser  
Há-de ser luz do sol em tardes quentes;  
Nos olhos de água clara há-de trazer  
As fúlgidas pupilas dos videntes!

Os tempos corriam. No seu coração ia-se fazendo o vácuo por um sentimento novo. Voltavam a insistir com ela por questões de amor:

Onde está êle, o Desejado? O Infante?  
O que há-de vir e amar-me em doida ardência?

A engrenagem sentimental de Mulher requeria-lhe o Amor, a divina lubricidade dessa «água cheia de harmonias» como lhe chamou Antero, para a sua formação integral. E, para seu mal, êsse sentimento não se fêz esperar, encontrar o *Desejado*, o *Infante*, aquêlo pelo qual a sua alma tanto havia de sofrer. Em doce colóquio com o Amado segreda-lhe:

Eu era a desdenhosa, a indiferente,  
Nunca sentira em mim o coração  
Bater em violências de paixão,  
Como bate no peito à outra gente  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
Minh'alma, a pedra, transformou-se em fonte,  
Como nascida em carinhoso monte,  
Tôda ela é riso e é frescura e graça!

Operara-se a metamorfose! De indiferente transformou-se em apaixonada e o entusiasmo amoroso, nascente no seu coração, tomou inteiramente o espírito sensível de Florbela, passando a viver para êle, num enlêvo que a obsecava inteiramente:

Minh'alma triste, dolorida e escura,  
Minh'alma sem amor é cinza e pó.

Mas ao contrário do que possa depreender-se da calma dos versos que deixamos transcritos, o «sonho alado que nasceu num instante», a nova exaltação da sua alma inquieta, galga sempre, atingindo paroxismos de paixão:

Ama-me doida, estonteadoramente,  
O' meu Amor! que o coração da gente  
E' tam pequeno... e a vida, água a fugir...

A sua personalidade desaparece. De tal modo se sobrepõe a do Eleito, que ser poeta

E' amar-te assim, perdidamente...  
E' seres alma e sangue e vida em mim  
E dizê-lo, cantando, a tôda a gente!

Afrodisiaca, cerca o Amado, seduzindo-o com os extremos da sua paixão e até com a beleza peregrina do seu corpo:

Também despi meu triste burel pardo,  
E agora cheiro a rosmaninho e a nardo  
E ando agora tonta, à tua espera...

Pus rosas côr de rosa em meus cabelos...  
Parecem um rosal! Vem desprendê-los!  
Meu Amor, meu Amor, é Primavera.

E a tentação continua, num assédio lúbrico:

Meu Amor! Meu Amante! Meu Amigo!  
Colhe a hora que passa, hora divina,  
Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!  
Sinto-me alegre e forte! Sou menina!  
. . . . .  
— Vamos correr e rir por entre o trigo! —  
. . . . .  
E à volta, Amor... tornemos, nas Alfombras  
dos caminhos selvagens e escuros,  
Num astro só as nossas duas sombras!...

E' um erotismo claro que o seu talento touca de gramíneas e de rosas, num festival pagão, numa aleluia dos sentidos, a vibrar intensa-

mente nos poros da sua carne jovem, a reflectir-se fielmente nos seus versos:

Frémido do meu corpo a procurar-te  
Febre das minhas mãos na tua pele  
Que cheira a âmbar, a baunilha, a mel,  
Doido anseio dos meus braços a abraçar-te.

Se tu viesses ver-me hoje à tardinha,  
A essa hora dos mágicos cansaços  
Quando a noite de manso se avizinha,  
E me prendesses tôda nos teus braços...  
. . . . .  
...quando os meus olhos se me cerram de desejo,  
E os meus braços se estendem para ti...

Como a alma humana se perde, no terreno montanhoso da exaltação! Onde está a estrela do Norte que não aparece a guiar esta naufraga do mar proceloso da vida?

E' maré alta nos seus sentidos que um entontecimento desvaira:

Eu quero amar, amar perdidamente!  
Amar só por amar: Aqui... além...  
Mais Este e Aquê, o outro e tôda a gente...  
Amar! Amar! e não amar ninguém!  
. . . . .  
E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada  
Que seja a minha noite uma alvorada,  
Que me saiba perder... p'ra me encontrar...

Quem acredita nestes versos? São um delírio da sua alma em febre, são o desnorteamento das alturas a que a sua paixão a guindou. Amar êste e aquê? Não! O espírito dela repudia êsse momento de delíquo, está firme à paixão de sempre:

Amiga,... noiva, irmã... o que quiseses!  
Por ti, todos os céus terão estrelas,  
Por teu amor, mendiga, hei-de merecê-las  
Ao beijar a esmola que me deres.  
. . . . .  
Para que corpos vis te não desejem  
Hei-de dar-te o meu corpo e a bôca minha,  
P'ra que bôcas impuras te não beijem!

Mas, não sei bem porquê, de todos estes versos não ressalta a alegria de ser correspondida, a comunhão dêsse afecto tam grande que a sua alma dedica a um ente que, parece, não a compreendeu ainda, não sentiu essa paixão que a queima.

Na sua poesia há futuro e passado, mas não há presente. Quando anseia procura uma felicidade que lhe acena de longe; quando se lastima chora um bem que nunca possuiu.

E é essa talvez a razão porque, no auge do seu entusiasmo, há uma ou outra nota de quieta admiração:

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida,  
Meus olhos andam cegos de te ver.

às vezes de tentação, lançando-lhe a oferenda divina dum beijo:

Amo-te tanto! E nunca te beijei...  
E nesse beijo, Amor, que eu te não dei  
Guardo os versos mais lindos que te fiz!

O seu sol já vai na curva da tarde caminhando. No espírito da artista começa o crepúsculo a despontar e a calma reflectida da tarde traz-lhe aos olhos as primeiras lágrimas:

Poisa as mãos nos meus olhos, com carinho,  
Fecha-os num beijo demorado e vago...  
E deixa-me chorar devagarinho...

Terá sido em vão todo êste amor? Será possível que Ele, o Amado, não sinta a ternura extrema dessa alma que se lhe quiere dar?

O' meu Deus, ó meu Dono, ó meu Senhor,  
Eu te saúdo, olhar do meu olhar,  
Fala da minha boca a palpitar,  
Gesto das minhas mãos tontas de amor!

E as mãos ficaram-lhe no ar, nesta saudação, essas «mãos de raça», cuja beleza tanta vez cantou, mas que agora nem lhe interessam:

P'ra que as quero eu — Deus! — P'ra que as quero eu?  
O' minhas mãos, onde está o céu?  
...Aonde estão as linhas do seu rosto?

A noite desceu. A tempestade fugiu para longe, para o alto mar, donde se não ouve mais que o marulhar revôlto das ondas. Veio um pouco de paz ao seu espírito neste dia que se deixou morrer porque lhe faltou o sol. Tateando no escuro, ainda vem à porta, procurar a luz, numa súplica de pobre de pedir:

Deus fez-me atravessar o teu caminho...  
— Que contas dás a Deus indo sôzinho,  
Passando junto a mim sem me encontrares?

A sua voz perdeu-se no horizonte imenso da Saüdade e fez-se silêncio após a sua fala.

Regressou dentro a si, rememorou o olhar dele, cravou bem fundo os olhos da sua alma nesses outros que lhe haviam mentido e viu...

Vejo nêles imagens retratadas  
de abandonos cruéis e desleais  
. . . . .  
Mas não te invejo, Amor, essa indiferença,  
Que viver neste mundo sem amar  
E' pior que ser cego de nascença!

E mais a mais foi-se perdendo nela a esperança que depositava no Amado, embora nas cinzas dessa paixão continuasse, desalentadamente, o calor do grande incêndio que a devorara:

Vou sendo em ti a sombra leve  
Dalguém que dobra a curva da estrada...  
. . . . .  
Invoco o nosso amor, estendo os braços!  
E êle é, o meu Amor, pelos espaços,  
Fumo leve que foge entre os meus dedos!...

Mas, como o Amor é vário! Na curva da estrada a artista, desiludida, disse adeus às suas ilusões e, distante, olhando atrás, pareceu-lhe o seu Amado que voltava e logo das cinzas renasceu, num arranco magnífico, a Phenix gloriosa da sua paixão perdida:

E's tu! E's tu! Sempre vieste, emfim!  
Ouço de novo o riso dos teus passos!  
E's tu que eu vejo a estender-me os braços  
Que Deus criou para me abraçar a mim!

Prende-me tôda, Amor, prende-me bem!  
Que vês ao derredor? Não há ninguém!  
A terra? — Um astro morto que flutua...

O gêlo do esquecimento que se começava a formar sôbre a sua ilusão perdida, fendeu-se ao sol dessa sombra que ela via dirigir-se-lhe de braços abertos, e uma flor brotou do seu coração esmagado, como uma *eldweiss* que um simples calor fizesse florir.

A sombra ficou-se longe e fixando-a bem a poetisa viu que se enganara — retratara no espaço a silhueta que lhe enchia os olhos, que lhe enchia a alma, que lhe torturava a vida. E como se essa sombra fôsse tudo que lhe restava dêsse imenso amor, Florbela diligenciaia ao menos conservá-la à vista, pretendendo atrasar um pouco a marcha veloz da roda da vida:

Não me digas adeus, ó sombra amiga,  
Abranda mais o ritmo dos teus passos.

A sombra esfumou-se, perdendo-se no infinito da sua mágoa; fôra a última ilusão que se esvaíra, deixando-a só, entre saudades:

O nosso amor morreu... Quem o diria!  
.....  
Quem dissera  
Porque tombou, em plena Primavera,  
Tôda essa neve que o Inverno traz!  
.....  
Perdi os meus fantásticos castelos  
Como névoa distante que se esfuma.

Neste desalento, em que ela chora o bem perdido, há um momento de revolta contra si própria, tentando reagir à saúde que mais e mais a invade:

Deixa tombar meus rútilos castelos!  
Tenho mais sonhos para erguê-los  
Mais altos do que as águias pelo ar!  
.....  
Mentira! não te quis... não me quiseste...  
.....  
Mentira! não fui tua... não! Sômente...  
Quis ser mais do que sou, mais do que gente.  
.....

Rasga êsses versos que eu te fiz, Amor!  
Deita-os ao nada, ao pó, ao esquecimento.  
Rasga-os na mente, se os souberes de cor:  
Que volte ao nada o nada dum momento!

Mas foi uma revolta que caiu como as rosas de Malherbe. No íntimo a dor continuava consumindo a sua alma atribulada, numa obra incessante de demolição. Afastada da esperança, Florbela beija as pedras do seu fantástico castelo que a avalanche da desilusão desmoronara, encontrando aí o único motivo de conforto para a sua desdita:

Mas que me importa a mim que me não queiras  
Se esta pena, esta dor, estas canseiras,  
Este mísero pungir, árduo e profundo

Do teu frio desamor, dos teus desdens,  
E', na vida, o mais alto dos meus bens?  
E' tudo quanto eu tenho neste mundo?

. . . . .  
Ah a doce agonia de esquecer  
A lembrar doidamente o que esquecemos!...

De tudo isto lhe ficava a certeza da inutilidade de deixar o coração «arder em violências de paixão»,

Lançar um grande amor aos pés de alguém  
O mesmo é que lançar flores ao vento!  
. . . . .  
Beijos d'amor! P'ra quê?... Triste vaidade!  
Beijos d'amor que vão de bôca em bôca,  
Como pobres que vão de porta em porta  
. . . . .  
Procurei o amor que me mentiu,  
Pedi à vida mais do que ela dava.

Assim como o amor galgou nela rapidamente, atingindo paroxismos de paixão, assim também da desilusão amorosa a insigne artista cai no desalento profundo da vida:

Sóror Saüdade abriu a sua cela...  
E num encanto que ninguém traduz  
Despiu o manto negro que era dela,  
Seu vestido de noiva de Jesus  
. . . . .

Sóror Saúdede olhou... Que olhar profundo.  
Que sonha e espera? Ah como é feio o mundo,  
E os homens vão! Então devagarinho,

Sóror Saúdede entrou no seu convento...  
E, até morrer, rogou, sem um lamento,  
Por *um* que se perdera no caminho!...

De degrau em degrau, na descida que a sua alma ia realizando para o Fim, Florbela ao perceber os últimos apoios, fala a si mesma, tranquilizando-se a respeito daquilo que a esperava para além do que os seus olhos podiam atingir:

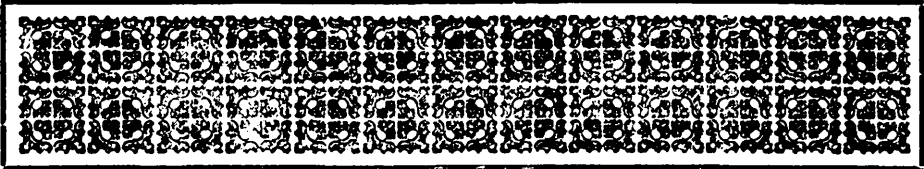
Não tenhas medo, não! Tranqüilamente,  
Como adormece a noite pelo Outono,  
Fechas os teus olhos, simples, docemente,  
Como, à tarde, uma pomba que tem sono...

Chegou ao fim da penosa descida da Vida. Do catre da cela onde ficou, traçou as últimas linhas do seu romance amargurado e triste a que nem sequer uns fugitivos laivos de sensualismo aquecem e animam. Levantou os braços para as «portas d'ouro» dêsse encantado «Palácio da Ventura» que se levantava à sua frente e exclamou:

Deixai entrar a Morte, a iluminada,  
A que vem p'ra mim p'ra me levar  
Abri tôdas as portas, par em par  
Como asas a bater em revoadas.

E a Morte, essa «janela sobre a paz», veio até ela deixando na Terra o vácuo dum espírito extraordinário, da maior poetisa portuguesa.

Ilha Verde, Outubro de 1936.



# Costumes Açoreanos

por BENTO CALDAS

COM êste título publicou o Prof. Manuel Dionísio um livro interessante e que nos dá a conhecer, através das suas páginas de prosa clara, alguns dos costumes desta Ilha desde a matança do porco e a canção do vinho até à pesca da baleia e às festas do Espírito Santo.

Logo que aqui cheguei vi uma «mudança de coroa» com música e balões, uma algazarra enorme da rapaziada, o rufar dos tambores e as cantigas dos *foliões* que abrem o cortejo.

Nasceu em mim prontamente a curiosidade de tomar um conhecimento exacto destas festas de que tantas vezes ouvira falar e que nesta quadra do ano têm lugar em todos os Açores.

As mudanças de coroa realizam-se de dia e de noite e duma ou doutra forma trazem sempre um grande acompanhamento porque a gente das Ilhas as considera como as suas festas mais queridas e mais características.

O Prof. Manuel Dionísio fala das festas do Espírito com a maior singeleza e basta a leitura dalgumas páginas dos seus *Costumes Açoreanos* para que acêrca delas se forme um juízo claro e seguro.

Depois de explicar que as «festas se desenvolveram como meio de piedade e prece suplicante de socorro, por ocasião dos abalos sísmicos que assolaram estas paragens do Atlântico, após a colonização», descreve a grandeza que as mesmas tiveram noutros tempos para fazer a sua descrição e de tal forma que, lido o que escreveu, logo se fica a saber o que são as festas.

Mas, as cousas vistas têm outra graça e na terça-feira do Espírito Santo dei a volta à Ilha e fui ver os *impérios*.

Primeiro uma paragem nos Cedros — a freguesia mais importante do concelho — para tomar parte numa sessão de propaganda que se realizou no átrio da Igreja, depois da missa.

O Senhor Padre não distribuiu as *coroas* enquanto aquela massa enorme de povo não ouviu o que lhe iam dizer os *senhores da cidade*.

O Dr. Freitas Pimentel — médico distinto e governador civil substituto em exercício — abriu a sessão tendo falado seguidamente, e em propaganda da «Legião Portuguesa», o Engenheiro Cabeça Dutra, o Padre Sequeira, o Dr. Cabral Miranda e por último o Tenente João Costa, o moço comandante da Legião, sempre vibrante e quente, cheio de fé e de entusiasmo. Eu falei também para fazer a apologia das Casas do Povo.

Depois, o Senhor Padre distribuiu as «coroas» e a procissão saiu.

A' frente os «foliões» com a bandeira, o tambor e o pandeiro.

Vestem os três opa vermelha e o que leva o tambor improviza de quando em quando uma quadra que os outros repetem mas que eu nunca consegui entender.

Entre alas de crianças, com seus fatos de ver a Deus, vão os emblemas do Espírito Santo, e mais atrás a «coroa»; a fechar o cortejo a filarmónica da aldeia e muito povo, alegre e contente porque é dia de festa, da festa do Senhor Espírito Santo.

E, o cortejo, depois de atravessar a aldeia vai a caminho do *império* e a «coroa» é colocada num trono, entre luzes e flores, e logo se diz ali a ladaínlha que não entendi mas que li depois no livro do Prof. Manuel Dionísio.

A ladaínlha tem o sabor duma prece e nela se roga ao Senhor Espírito Santo *que não haja mais tremor, que do céu desçam sucessos d'amor mais fino* terminando com o pedido ao Senhor Espírito Santo para que ouça quem o adora.

Começam a chover as ofertas e segue-se o jantar.

O «Senhor Imperador» e os seus maiores jantam no teatro onde está a «coroa».

Os outros convidados numa casa ali ao lado, mas o jantar é igual para todos: — sopas do Espírito Santo, carne cozida, pão sovado e vinho.

Numa mesa comprida, com muitos pratos em fila, bancos corridos onde os convidados se sentam indistintamente serve-se o jantar com a assistência da «Senhora Imperatriz», sempre solícita e pronta em bem servir.

Eu também fui ao jantar.

Ao meu lado um senhor muito côrado, com ar de sangrar saúde, muito gorducho, pessoa de muitas comidas, mergulhou nas sopas e não disse palavra para não perder tempo.

No fim do jantar tive que fazer um discurso, a saúde da praxe.

Breves palavras de agradecimento e todos os convidados aclamam batendo com os talheres nos pratos, como manda a tradição.

Isto vem explicado no livro do Padre Manuel Azevedo da Cunha — *Festas do Espírito Santo na Ilha de S. Jorge*—onde se lêem estas palavras:—«Nestes bodos há os brindes de obrigação, feitos pelo trinchante e comensais aos mordomos e família, tanto presentes como ausentes na América, a cuja ordem e encargo se dão às vezes estes jantares. Até se brindam as cozinheiras, não esquecendo o clero presente, nem a *folia*. A maior parte dos convidados, porém, em vez de beberem, batem com as facas nos pratos ou nos copos como uma aclamação. E, aclamam assim com tanta mais fôrça, entusiasmo e ruído, e portanto mais tempo, quanto maior é a consideração que pretendem significar às pessoas, objecto de tais saudações.»

Mas, porque só depois de ter ido ao jantar li êste livro, confesso que àquela algazarra das facas a bater nos pratos dei um significado bem diferente...

Depois, no sítio da Arramada vi os mascarados.

Sentados nos muros que ladeiam o *império*, e tôdas em fila, estão sentadas as raparigas da aldeia.

Os rapazes vêm mascarados, como se fôsse dia de carnaval, e dizem tudo quanto querem e até se vingam de amores mal correspondidos ou então arranjam a coragem que noutros dias lhes falta...

Autêntico disparate, pura manifestação de paganismo mas que só naquele lugar encontrei.

Mais adiante, na Ribeira Funda, a dança da *chamarrita* a imprimir à festa uma nota de alegria.

Feito um pequeno desvio fui ao Norte Pequeno onde assisti ao leilão das ofertas, sempre disputadas por muitos compradores.

Entreí no *império* no momento próprio. A mesa estava posta para o jantar.

Junto do trono o *Senhor Imperador* e em volta da mesa, parecendo mesmo que junto dos lugares que lhes tinham sido destinados, estavam de pé os seus maiores.

Põem-se de joelhos e começa a ladaíinha.

Rezada a oração do Espírito Santo o *Senhor Imperador* pede um *padre-nosso pela paz do Reino de Portugal*.

E, todos rezam com devoção e fervor, devoção de crentes e fervor de patriotas.

Continuei a volta à Ilha mas sempre a pensar que a boa gente daquela pobre aldeia estava a rezar com devoção e fervor *pela paz do Reino de Portugal...*

Horta-Açôres — Maio de 1937.



# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1837

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

## Maio

**Dia 7** — Chegou a esta vila o despacho dos Juizes de Direito, Delegados do Procurador Régio e substitutos dos Juizes de Direito de todo o reino, para servirem segundo a nova forma judiciária, decretada pela Ditadura da Revolução de 9 de Setembro, e posta em prática desde o dia 16 dêste mês. No julgado desta vila ficou o antigo Juiz de Direito, Botelho; Delegado do Procurador Régio, o antigo Delegado, Leite Pereira; Juiz substituto, Bernardino de Sampaio Araújo. Também chegou a esta vila a nomeação do Estado Maior do batalhão da guarda nacional, composto dos individuos seguintes: Tenente-coronel, o Juiz de Direito, Botelho; Major, o Escrivão de Direito, Valentim Brandão Moreira de Sá; Ajudantes, o Recebedor do concelho, António Pinto Saldanha e José Nogueira; Porta-Bandeira, o Matias Boticário. Esta nomeação foi feita pelo Govêrno, por lista triplíce. (P. L.).

**Dia 10** — Desde êste dia até Setembro esteve esta vila sem autoridades; neste dia e no seguinte conservou-se ela em sossêgo.

**Dia 12** — «Logo depois de Trindades indo a recolher-se a sua casa o cônego João Baptista Sampaio, foi espancado na Ponte do Campo da Feira por três individuos, ficando muito mal tratado, a ponto de o levarem para casa nos bra-

ços.» (P. L.). — Disseram que foram os estudantes, por ser o pior dos cônegos contra êles na demanda que traziam com o Cabido por não lhes querer pagar a «renda» do S. Nicolau. — Também vi esta noticia, mas não sei quem a deu nem aonde se publicou: «Foi espancado o cônego António José Dias Pinheiro por causa da demanda com os estudantes sôbre as maçãs &.<sup>a</sup>, do S. Nicolau.» (O cronista P. L. nada diz dêste, mas apenas o que acima se relata. Seria verdade?)

**Dia 13** — Vindo de Braga, chegou a esta vila um batalhão do regimento de infantaria n.º 18. Marchou no dia seguinte para Vila Real, aonde presentemente era o seu quartel. (P. L.).

**Dia 17** — Pelas 3 horas da madrugada descobriu-se um grande incêndio na casa de Manuel Baptista, no Passeio do Tournal, o qual foi atalhado por bastante gente que acudiu, trabalhando muito e com muita ordem, de maneira que re-ceando-se que êste fogo reduzisse a cinzas as casas tôdas do Passeio por estar muito atcado e correr muito vento, só arderam os dois últimos andares das casas de Manuel Baptista (P. L.).

**Dia 22** — Em sessão de vereação foi deferido um requerimento dos vendeiros desta vila, em que requerem haja um só real para todo o vinho que fôr aquartilhado, e que êste seja correspondente ao preço de dez réis cada quartilho.

**Dia 26** — Chegou a esta vila a companhia de cavalinhos de Mr. Avrillon, a qual deu dois espectáculos dentro do terreiro dos Quartéis (Paços) que mereceram a admiração do público. Não deu mais espectáculos como havia prometido, por causa de Mr. Avrillon ter adoecido. (P. L.).

## Junho

**Dia 7** — Principiaram as Preces Públicas, por ordem do Governo, em tôdas as paróquias desta vila, por S. Maj.<sup>de</sup> a Rainha ter completado o sexto mês da sua gravidez. (P. L.).

\*

Em vereação foi deliberado que se pagasse ao Fiscal da Câmara 8\$640 réis de despesa que havia feito com a procissão do Corpo de Deus e ao pregoeiro 360 de dois pregões.

**Dia 11** — Chegando o correio desta vila ao sítio da Madalena, três quartos de légua distante, foi preso a uma árvore, e, rasgando-lhe a mala que trazia do Pôrto, roubaram-lhe algumas encomendas. Não trazia dinheiro. (P. L.).

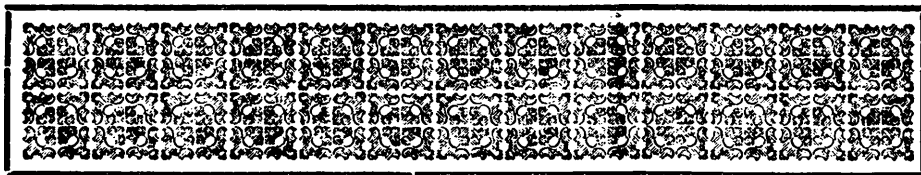
**Dia 18 (Domingo)** — Neste dia fez-se o apuro das assembleas parciais da eleição de Juiz Ordinário. Nesta vila não concorrera pessoa alguma à eleição, nem se fêz mesa; apenas da aldeia appareceram dois portadores de actas. Nas outras não houve votação nem mesas se fizeram. Os poucos constitucionalistas que aqui havia eram votados ao desprêzo, por causa dos setembristas. Um, o vigário de S. Paio, havia sido espancado nas Caldas, e outro, o vereador Rabiços, em uma romaria. Nesta data ignorava-se quem tinha roubado o correio, em 11.

**Dia 22** — Chegou a esta vila uma ordenança de cavalaria com um officio do administrador geral de Braga para o

administrador do concelho que êste enviou ao presidente da Câmara, participando a noticia telegráfica, comunicada pelo barão do Almagem, governador das armas da provincia, de ter havido na Espanha uma renhida acção entre os cristinos e os carlistas, sendo estes últimos derrotados no dia 12, abandonando o campo, assim como D. Carlbs. Na occasião em que chegou esta noticia, houve repiques de sino em tôdas os tórres. A Câmara determinou que se annunciasse por bando «tam feliz noticia», convidando a população a iluminar na noite de hoje as suas janelas e que à noite saísse da casa da Câmara uma banda de música e percorresse as ruas da vila. O bando saiu de tarde, a iluminação foi geral, repiques de sino com o do relógio, e a música a tocar hinos. (P. L.). — Outro escritor resume esta noticia e, chegando ao bando, diz: — «saiu bando a mandar pôr luminárias, mas a gente sensata amolou (?) a tal noticia, que lhe pareceu de pouca monta, até mesmo pelo completamento espanhol, que estava achincalhado, e porque desconfiou da pressa e asafama de Dias de Oliveira em a comunicar».

**Dia 24** — Morreu no hospital da Misericórdia o padre Francisco Banza (padre Francisco Jacinto Teixeira do Vale, egresso da congregação dos Eremitas de S. Paulo), cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Estava há tempos no hospital por estar estuporado e alienado dos sentidos, e por não ter meios bastantes de subsistência, tendo apenas uma pensão de 50\$000 réis que lhe era obrigada a pagar a Misericórdia e fôra legada por seu tio José Lopes da Cunha Vêlho, grande bemfeitor da mesma. Foi depositado e sepultado no dia seguinte na igreja da Misericórdia. (P. L.).

JOÃO LOPES DE FARIA.



# UM VERBETE DE BIBLIOGRAFIA ARTISTICA

(Continuado de pág. 22)

por ARMANDO DE MATTOS

## *Segunda*

Desta sobredita agoa de gomma, bem que he tão coherente para a preparação das tintas das Illuminaçoens em pergaminho, dizem alguns curiozos que não deyx a ser repugnante para as Illuminaçoens em papel, razão porque para estas preparão as tintas com a *colla de peyxe* muyto brandinha, e outros com agoa de pevides de *marmello*, postas de infusão em huma tigelinha vidrada, porém com a sobredita agoa delgadinha de gomma se podem contentar, tanto para as tintas grossas corporeas, quanto para as liquidas, ou deagoadas, não escrupulizando de matéria tão leve, porque a experiencia nos tem mostrado a sua bondade em humas, e outras.

## SECÇAM V.

### *Das materias, e instrumentos desta Arte.*

#### INSTRUCÇAM I.

#### *Do pergaminho.*

Do que temos dito se collige, que a matéria mais idonea, que nos escolheo a Antiguidade Romana para esta pintura de Illuminação, he o pergaminho, (por ser melhor que a seda, e papel) entre nós chamado *Romano*, e na sua falta o de *Pergamo*, ou de *Flandres*, resprensado, branco, lizo, sem manchas, e sem cal; porém esta se lhe póde tirar facilmente com hum panno encerado; mas as manchas com (o) são inaboli-veis, só podem disfarçar-se esfregando-as primeyro com hum dente de alho, para que a gordura de que prosedem não faça resistencia ás tintas que sobre ellas se houverem de assentar. Desta mesma doutrina se podem aprobeytar os curiozos Escreventes, quando sobre ellas a necessidade os obrigue a escrever.

INSTRUÇÃO II.

*Dos pinceis, e modo de os fazer.*

Já se sabe que os pinceis são os instrumentos desta Arte; mas como em Terras pequenas succedão faltar muytas vezes, ou por inadvertencia, ou por occasioens inesperadas, aqui os ensinaremos a fazer, para que o curiozo se aproveyte quando lhe forem necessarios. Fazem-se de pello de animaes, v. g. *cabra, griz, gato, cão, &c.* deste modo: Cortar-se-há o pello correspondente ao pincel, que se quizer fazer, junto à raiz, e se igualará muyto bem pela parte cortada, sacudindo-lhe o mais curto, ou o mayor: depois se atará muyto bem com hum fio de *seda* encerado, junto à parte sobredita, atando-o segunda vez mais acima, se o pello for comprido: feyto assim, se molhará em colla forte até onde estiver atado, para que fique mais seguro o pello, e depois se irá mettendo no canudo da penna pela parte mais larga delle, ajudando-se para isso de algũ paosinho, que encha o vão do mesmo canudo, em cuja parte mais delgada ficará sempre apertado o pello, para o que se note esta

*Advertencia.*

Que as pennas para os pinceis, ou sejam grossas, ou delgadas, depois de cortadas, e limpas por dentro, se hão de pôr primeyro em agoa a amolecer, ou a abrandar muyto bem, para que não rachem quando com alguma violencia se lhe for intromettendo o pello. Os canudos melhores para pinceis são os das pennas de escrever, e para pincelinhos os das pennas de azas de *corvos, perdizes, ou pombos*: etanto huns como outros se podem encabar em hastes proporcionadas à sua grandeza, de *salgueyro, pinho, ou nogueyra*.

SECÇÃO VI.

*Do modo de dibuxar, e dispor as Historias.*

PRENOTAÇÃO

Supposto que já tocamos esta materia na factura das pennadas, não estamos desobrigados de o fazer com as seguintes observaçoens, para a pintarem da Illuminação, em ordem a que os curiozos possam sublimar mais as suas obras, ou curiosidades.

## OBSERVAÇÃO I.

Quando a obra, ou curiosidade constar sòmente de huma figura, ou esta seja de meyo corpo, ou de corpo inteyro, feyta primeyramente a sua ideia, se dibuxará, emendando o dibuxo com lapiz, se for necessario, e procurando não só que as acçoens della fiquem tão expressivas do assumpto, que mudamente estejam fallando,

*Mutuorumque filens positura imitabiture actus.*

Mas tambem que os vestidos, e côres sejam conrespondentes ao estado, sexo, e qualidade da mesma figura, porque seria muyto improprio vestir huma Magdalena de gallas quando arrependida, assim como desalinhada quando licencioza; ou hum pobre Curio com huma *Aulea Britanica*; ou hum penitente com huma soberba *Trabea Romana*, devendo vestir-se o pobre com huns humildes remendos, e o penitente com hum grosso sayal, exceptuando aquelles casos que positivamente pedem differente vestido, como quando Raquel vestio o de Pastora, Ruth o de Camponeza, Hercules o de Omphale &c.

## OBSERVAÇÃO II.

A mesma conformidade, que se deve guardar no vestir, deve tambem haver no calçado, pois assim como os *Muleos encarnados*, de que só usarão os nobillissimos Patricios Romanos, são indevidos aos rusticos lavradores do campo, assim os *Carpantinas* destes são impróprios para aquelles. Os vestidos com que ordinariamente se vestem as figuras das Imagens Sagradas, são *tunica comprida*, e *Manto talar*, atada pela cintura, e o calçado são as *Sandalias*, de que usou não só o Salvador do mundo, mas á sua imitação todos os seus discipulos. Os Hebreos, Romanos, Persas, Sarracenos, e outras Naçoens seguirão quasi todos o mesmo traje sobredito, com turbantes de toucas nas cabeças, deyxando-lhe soltas as pontas para traz, e só differirão em atar, ou não atar as capas, ou mantos no hombro esquerdo, e em terem humas tunicas *botoens*, outras *alamares*, e huns usarem de *calçado aberto*, outros de *botins*, ou de *chinellas*.

## OBSERVAÇÃO III.

Esta mesma observancia, que diffemos a respeyto de lúia figura, se há de guardar tambem nas de algumas Historias, [se a tanto chegar a cu-

riosidade do Adolescente] ou sejam Sagradas, para as quaes póde ter a Sagrada *Biblia*, e *Flos Sanctorum*, ou sejam humanas, as quaes poderá consultar com Tito Livio, Quinto Curcio, ou com outros quaesquer famigerados Annalistas da Antiguidade, além dos muytos papeis, estampas, e quadros, que há, assim de humas, como de outras. Na disposição dellas se ha de advertir, que os seus Heróes, ou Heroínas, hão de ser sempre de corpos inteyros, e se hão de collocar no sitio mais ayroso, e directo á nossa vista, (logrando a mayor, e melhor luz), desorte que se não confundão com as figuras menos principais:

*Prima figurarum, seu Princeps Dramatis, ultrô.  
Prosiliat media in tabula, sub lumine primo.  
Pulchrior ante alias, reliquis nec offerta figuris.*

Para o que, quando estas forem muytas, e o sitio pequeno, no qual se não possam sem violencia, e imperfeição accomodar, se riscarão, ou dibuxarão as *Primeyras*, depois as *Segundas*, e ultimamente as *Ministrantes*, e *Acessorios*.

### *Exemplo.*

Supponhamos que queremos historiar a venda daquelle Celabradissimo Casto Jozé, Reinante depois de vendido: Jozé há de occupar o primeyro sitio, que ordinariamente he no meyo do pergaminho, e logo junto a elle a cisterna: Zabulon, e Judas vendedores, seus irmãos, o segundo: Nepthali, Levi, e os mais, quando não possam accomodar-se de corpos inteyros, bastará que appareção de meynos corpos, e ainda de alguns somente as cabeças, como poderá notar o curiozo em alguma estampa, ou quadro, onde achar muytas figuras juntas, advertindo sempre em que nenhuma fique parecendo alheya da Historia. No lado contrario de Jozé, ou junto a elle, estarão os *Ismaelitas* compradores, da mesma sorte dispostos que vendedores do innocente Propheta. Os Camelos carregados, e *Galaad* podem dissimular-se nesta Historia, porque muyto bem sem isso se deyxá perceber,

### OBSERVAÇAM IV.

Porém quando a Historia constar de menos figuras, e estas *Primeyras*, ou Principais, *Segundas*, e *Ministrantes*, então forçosamente se hão de dibuxar de corpos inteyros, como v. g. na Degolação de Holofernes,

a formosa Viuva Judith, porque he a *Principal*, Holofernes, porque he a *Segunda*, e a criada, por ser *Ministrante*, levando o sacco para occultar a cabeça do mesmo Holofernes. Mas as figuras *Accessórias* podem dissimular-se, porque sem ellas se faz perceptivel a Historia, como a de Jozé sem a Cidade de Galaad, ou a da sobredita degolação sem a comitiva das Damas de Israel, que acompanhavão a mesma Triumphante Judith. Mas advirta-se que o que em humas Historias pode dissimular-se, por ser accessório, em outras não póde encobrir-se, por ser integrante da mesma história, como he a *Serpente* no engano de Eva, o *Tanque* no Lavatorio de Suzanna, o *Cordeyro* no Sacrificio de Abel, o *Leyto* no intentado adulterio da mulher de Puthifar, &c.

OBSERVAÇAM V.

Ultimamente se há de observar que nas Historias não ha de haver figuras equivocas com as *Principaes*, ou *Primeyras*; para o que logo no dibuxo de cada humas se procurarão differença não só nos rostos, idades, sexos, posituras, e açoens, mas ainda no colorir dos mesmos rostos:

*Non eadem formae species, von omnibus aetas.  
Aequalis, similisque color, clinesque figuris.*

Porém não prohibe este documento a cor dos vestidos do Heróe nos de outra qualquer figura, ou figuras, com tanto, que não fique immediata ao mesmo Heróe, mas interposta, como entre humas figura vestida com manto encarnado, e tunica azul, outra com tunica encarnada, ou amarela, e manto azul, desorte que nunca fique a mesma cor em duas figuras juntas, só se for com alguma differença pelas mesclas, ou misturas, que dellas podem fazer-se, como a experiência ensinará ao curioso.

OBSERVAÇAM VI.

Depois de dibuxadas as figuras da Historia, se entrará a exornar o sitio, em que se suppõem succedida, como v. g. sendo em humas *Campina*, dibuxando nella relvas, correntes de agoa, flores, plantas &c. mostrando amenidade, ou frescura deleytosa: sendo *Monte*, dibuxando nelle rochedos, mayores, e mais pequenos, e por entre elles, musgo, mattos, e alguns arvoredos silvestres, já florentes, ou já fructuosos, confórme a

estação do tempo, ou já despidas as arvores sem folhas, as plantas sem galla, as flores sem mimo &c. Sendo o sitio *Cidade* se poderá exornar dibuxando muros, torres, edificios, cazas, jardins, &c.

Assim se discorrerá o com que devem ornar-se os sitios, quando estes forem Agoa, Nuvens, Ar &c. Riscada a obra, ou dibuxada, se principiará a colorir conforme o seguinte

## Methodo de Illuminar

### ILLUMINAÇAM I.

#### *Das tintas corporeas.*

#### INSTRUCÇAM I.

##### *Dos rostos.*

Já sabemos que os rostos na Illuminação tem *claro, escuro, e meya tinta*; resta saber antes de os principiarmos a colorir, que os *claros* são os do mesmo pergaminho, ou papel em que se executa, e não os de *alvayade*, de que alguns usão; isto supposto, preparada, ou feyta a *meya tinta* de hum suavissima agoa de *Roxilha*, com hum pincel finissimo [se o rosto for pequeno] molhado nella, se irão aspalpando aquellas partes do rosto convenientes, com grande suavidade, procurando que a dita meya tinta fique sempre unida á brancura do mesmo pergaminho, ou papel, desorte que nunca acabe de sobresalto, mas sim que va docemente declinando, ou debilitando da sua cor, até ficar quasi branca na mesma alvura do papel, ou pergaminho; depois de enxuta, se lhe entrarão a dar os fortes nos lugares devidos, misturando hum pouca da sobredita agoa com hum bocadinho de *Carmin*, ou de *Roxilha*, com hum pontinha de *sombra* de *Colonia* ou *osso queymado*. Alguns curiosos, em lugar de *sombra* de *Colonia*, ou *osso*, lhe misturarão hum bocadinho de ocre *queymado*, porque faz muyto mais graciosas as sombras. Feyto isto, se lhe entrarão a fazer as sobranceiras, cabellos, e os olhos da cor que se eleger mais idonea, e adquada á idade, e sexo da figura; depois se continuara com a boca &c.

## INSTRUÇÃO II.

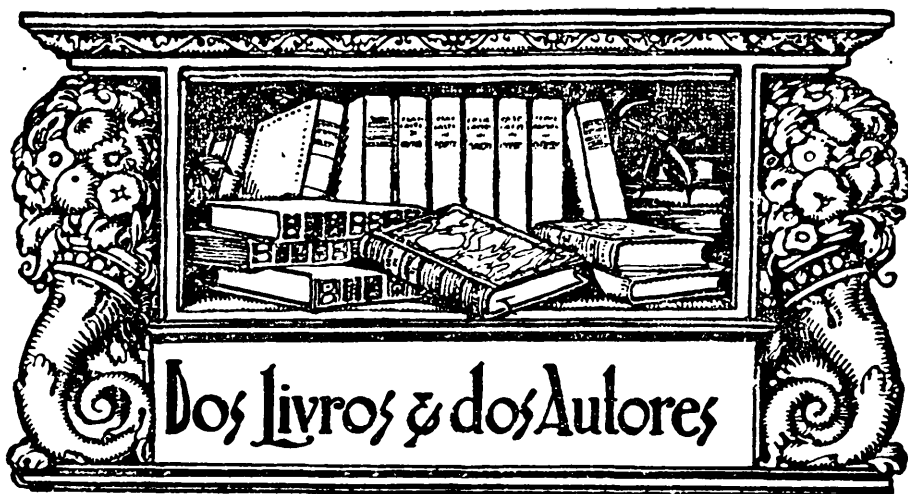
*Das carnes.*

Do mesmo modo, e com as mesmas tintas com que se colorificação os rostos, se colorificação as carnes, ou corpos, cujos frescores se costumão fazer, ou tocar de carmim quebrado com um boccadinho de alvayade: e alguns curiozos, sendo carnes muyto mimosas, lhe dão as meyas tintas azuladas, ou de rochilha, em lugar das sobreditas. Os frescores nos corpos, ou carnes, são as pontas dos dedos das mãos, e pés, cotovelos, joelhos, hombros, peytos, tornozelos, e qualquer dobra, ou parte mais movivel dos corpos nús, e mimosos. Este he o colorido ordinario dos rostos, e carnes, porém o curiozo que quizer sublimar a sua curiosidade, procurará colorir os semblantes, e carnes conforme as figuras o pedirem nos actos, ou sucessos em que as mesmas se representarem:

*Exemplo.*

|                              |                                                     |
|------------------------------|-----------------------------------------------------|
| <i>O homem penitente</i>     | ha de ter o rosto palido, e as carnes enxutas.      |
| <i>O piedozo</i>             | o rosto alegre, e a cor branca, e pura.             |
| <i>O engenhozo</i>           | o rosto, e as carnes entre brancas, e roxas.        |
| <i>O modesto</i>             | o rosto grato, e a cor clara, e moderadamente roxa. |
| <i>O tímido</i>              | o rosto, e as carnes algum tanto açafreadas.        |
| <i>O forte</i>               | o rosto, e carnes algum tanto denegridas.           |
| <i>O facinorozo, e irado</i> | o rosto, e as carnes sanguineas, e roxas.           |
| <i>O turbulento</i>          | o rosto, e as carnes plumbeas, ou verdinegras, &c.  |

*(Continua).*



A OFENSIVA DA «LIBERDADE», por *Fernando Campos*. Edições «Nação Portuguesa». Lisboa, 1937.

Fernando Campos é, sem dúvida, um dos nossos mais activos escritores contra-revolucionários. A publicação dos seus livros vai-se sucedendo, num ritmo de trabalho constante e numa constante valorização da sua obra doutrinária, a todos os títulos notável.

A *ofensiva da «Liberdade»* é mais uma afirmação do seu talento construtivo, que de há muito nos habituamos a admirar. Neste trabalho, Fernando Campos, prosseguindo na mesma orientação integralmente nacionalista dos seus trabalhos anteriores, acompanha a evolução das ideias anarquizantes que, há um século, venceram as tradições gloriosas de Portugal. E, com verdadeiro rigor histórico, analisa os *antecedentes do liberalismo, a ofensiva liberal e a obra da «Liberdade»* para concluir com a *reconquista da ordem*, numa comovida e justa recordação do apostolado de António Sardinha e da campanha de renovação cultural que o Integralismo Lusitano iniciou e honra o espírito português do nosso tempo.



ANTI-MARX, por *Pequito Rebelo*. Edições S. P. N. Lisboa, s'd.

Pequito Rebelo não é um nome ignorado, um destes nomes que, agora, aparecem por aí muito em voga, na única preocupação de dar nas vistas e conquistar prémios.

Pequito Rebelo é um nome consagrado e o seu sangue generoso e bem português já se verteu num grande anseio de resgate.

A sua obra é das que marcam pelo seu valor, em defesa da terra e da tradição num exemplo forte de patriotismo e de fé.

E esse exemplo forte manifesta-se mais uma vez neste novo trabalho, em que se analisa e estuda a acção bolchevista que se desenvolveu em Espanha até a lançar nos horrores da guerra civil.

O S. P. N. fez obra patriótica em publicar esta série de conferências proferidas

no Rádio Club Português, em Agosto de 1936, valiosas pelo seu alcance e para esclarecimento de tantos espíritos transviados.

O que se torna necessário é distribuir *Anti-Marx* por todos os recantos de Portugal para que a sua acção possa ser tam produtiva quanto o carinho que Pequito Rebelo pôs neste estudo admirável de profilaxia social.



HÓSTIA FLORIDA, por *Moreira das Neves*. «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 158. Lisboa, 1936.

Entre os novos poetas de Portugal, entre aquêles que sabem subir alto, muito acima das misérias da vida, numa ascensão espiritual que liberta as almas, Moreira das Neves ocupa um lugar inconfundível.

Temos acompanhado, com o maior interesse, a obra tam cheia de beleza dêste talentoso poeta, por quem, de há muito, mantemos uma grande e justa admiração.

Os seus versos, tam suaves e de ritmo encantador, são cristalinos e sonoros, cheios de musicalidade e de vida.

Esta *Hóstia Florida*, consagrada às crianças de Portugal, estas *lendas eucarísticas e outros poemas* que Moreira das Neves escreveu e transformou em lírios de pureza, deleitam e espiritualizam as almas, levando-as, entre nuvens de incenso e cânticos de anjos, a antever as delícias da vida pura, da vida risonha e inocente das criancinhas.

E ao concluir a leitura da *Hóstia Florida*, nós não podemos deixar de dizer, como o poeta:

*Tombam rosas do céu . . . Alvor de luar.  
Poisam pombas nas tôrres das igrejas.  
Erguem-se as nossas almas, p'ra rezar.  
Hoje e sempre, Senhor, louvado sejas!*



METODOLOGIA DA LINGUAGEM, por *Félix Marti Alpera*. Livraria Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto, 1936.

E' êste o «II Caderno de Trabalhos» tam louvavelmente organizados pela Livraria Educação Nacional. E, de facto, trata-se de uma alta acção educadora, porque êste caderno é um precioso auxiliar para a preparação e exposição das lições, pelas indicações práticas que encerra e ainda pelos exercícios, sugestões e lembranças que orientam e gulam.

A tradução, a todos os títulos clara e correcta, é do Prof. Eduardo Pinheiro.



DA NACIONALIZAÇÃO DA ESCOLA, por Manuel Marcondes Rezende. Edição «Pátria Nova». São Paulo — Brasil, 1936.

O problema da educação da juventude é um dos mais instantes e que mais preoccupa todos os povos.

Mas quando se trata de um país de emigração que recolhe uma volumosa massa de emigrantes, como, por exemplo, o Brasil, êsse problema atinge maiores proporções e necessita, por isso, de uma solução mais adequada aos interesses nacionais. Foi nessa ordem de idéas que o A. dêste valioso trabalho defendeu, em conferência realizada no Congresso de Pedagogia promovido pelo patriótico Centro D. Vital, a necessidade da nacionalização da escola no Brasil. Mas se a tese foi elaborada em face da questão brasileira, não deixa, todavia, de interessar, também, a outros povos onde «a firme vontade de um governo nacional e forte, que se apoie no princípio da autoridade, estará apto a realizar uma reforma pedagógica de fundo». E êsse poder, como o afirma Manuel Marcondes Rezende em *conclusão* ao seu estudo, é «representado pela monarquia hereditária corporativa e cristã».



BOCAGE, por *Hernani Cidade*. Lelo & Irmão. Rua das Carmelitas, 144. Pôrto, 1936.

Tam deturpada anda agora a figura genial de Bocage que êste curioso e consciente trabalho do Professor Hernani Cidade surge no momento próprio e num acto de reabilitação do desventurado poeta.

De Bocage tem-se aproveitado, apenas, para dar a conhecer ao público ignorante, a vida aventureira de boémio impenitente. Mas a sua obra poética, a todos os títulos notável e que marca na História da literatura portuguesa, essa tem ficado lamentavelmente esquecida.

Não acontece, assim, neste profundo estudo do Professor Hernani Cidade porque, nêle, foca-se a influência do ambiente social do século XVIII, para que melhor se compreenda e destaque a figura inconfundível de Bocage, e analisa-se, serenamente, a sua vida e a sua obra para numa e noutra «pôr em relêvo a excepcionalidade dos méritos que resistiram à dissolução do meio». E desta maneira se justifica que Bocage se inclua «na linhagem daqueles poetas que, na oscilação da poesia entre o *sentimento de arte* e o *sentimento de realidade*, sabem combinar um e outro em expressões que a memória grata dos homens não deixa morrer.»



LA DOMINATION PORTUGAISE AU MAROC, por *Vasco de Carvalho*. Edições S. P. N. Lisboa, 1936.

Sôbre três perguntas singelas mas de alto significado: *pourquoi les portugais sont-ils allés au Maroc?; qu'y ont-ils fait?; comment et pourquoi en sont-ils partis?* se desenvolve esta conferência feita aos oficiais de *l'Ecole Supérieure de Guerre* pelo tenente-coronel Vasco de Carvalho, sôbre o domínio português em Marrocos desde o século XV ao século XVIII.

E, assim, os oficiais de *Promotion* ficaram a conhecer uma das páginas mais brilhantes da História de Portugal na conquista das terras da moirama (Ceuta, Tânger,

Alcacer-Seguer, Arzila, etc.), até à tentativa gloriosa de D. Sebastião, sepultada, por infelicidade dos portugueses, nos escaldantes areais de Alcacer-Kibir.

Louvamos o sr. tenente-coronel Vasco de Carvalho pela feliz e portuguesíssima iniciativa de dar a conhecer Portugal aos seus camaradas de *L'Ecole* e louvamos, também, o S. P. N. por esta bela edição que é bem de propaganda nacional. Lamentamos, apenas, que não seja acompanhada de mapas demonstrativos e elucidativos das conquistas então realizadas, o que facilitaria a consulta dos estudiosos, especialmente dos estrangeiros.



CONVERSÕES DA DÍVIDA PÚBLICA PORTUGUESA DESDE 1931, por  
*Henrique Cabrita*. Edições S. P. N. Lisboa, s/d.

Neste folheto pretende-se demonstrar a acção desenvolvida pelo Ministério das Finanças nas conversões da dívida pública até agora realizadas e os benefícios que o Estado tem tirado dessas conversões,

Tem sido notável, sem dúvida, a obra financeira e disso nos dá testemunho, no seu trabalho, o sr. Cabrita. No entanto é necessário volver os olhos, também, para outros problemas nacionais, quais sejam os da pequena e média propriedade que é preciso desafogar, dando-lhes as necessárias condições de vida de que, até agora, não têm disfrutado.



CARTAS INÉDITAS DE TEÓFILO BRAGA A WILHELM STORCK. Publicações do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra. Coimbra, 1936.

Já há tempos tivemos ocasião de nos referir ao primeiro trabalho publicado pelo Instituto Alemão da Universidade de Coimbra e no qual se reuniram algumas das cartas de Antero encontradas no espólio do eminente lusófilo alemão Wilhelm Storck.

Coube a vez, agora, às cartas inéditas que Teófilo escreveu àquele professor e em que se fala da tradução em alemão das líricas de Camões e da indiferença dos portugueses «por trabalhos sérios e sobre cousas nacionais». Algumas dessas cartas são valiosas para o conhecimento e estudo da época literária em que Teófilo Braga viveu e das relações intelectuais luso-germânicas daquele tempo. Outras, porém, — como muito justamente se aprecia no *Prefácio* — revelam «os defeitos da sua actividade de polígrafo, com a sua multiplicidade de interesses e publicações, a rapidez e impaciência do seu trabalho, a que muito se deve a inexactidão e imperfeição das suas obras, prematuras na sua maior parte».

E' meritório êste trabalho do Instituto Alemão publicando as cartas dos escritores portugueses aos escritores alemães que mais se evidenciaram no estudo da nossa língua e da nossa literatura.

NOVAS URNAS DE LARGO BÔRDO HORIZONTAL, por *Mário Cardozo*.  
Imprensa Portuguesa. Rua Formosa, 108. Pôrto, 1936.

A propósito de um novo achado de sete exemplares dos vasos chamados «de largo bôrdo horizontal» estuda Mário Cardozo o uso dêsses vasos funerários, uns destinados à incineração e outros à inumação, em tempos prè-históricos. Os recentemente achados são, na opinião do A., «vasos para conter comida, quer o rito fôsse o da incineração, quer o da inumação, tal qual os *food-vessels* tam freqüentes nas cistas irlandesas».

Este novo estudo de Mário Cardozo é, por isso, muito curioso e imprescindível para identificação dos poucos exemplares existentes nos Museus do nosso país, pois, até agora, é diversa a opinião das pessoas que se dedicam a tais estudos, mesmo quanto à Idade a que pertencem êsses vasos, porque, se há quem se incline para o período neolítico há, também, quem os suponha já do eneolítico.



DOMÍNIO DOS NERVOS, por *Orison Swette Marden*. Casa Editora  
A. Figueirinhas, Ld.ª, Rua das Oliveiras, 87. Pôrto, 1936.

A casa Figueirinhas tem publicadas já diversas traduções dos trabalhos de Marden que encerram sempre lições proveitosas e de propaganda do equilibrio moral e mental para a saúde do corpo. *Domínio dos nervos* é um livro útil a todos, tanto aos doentes, para que aprendam a dominar-se e a curar-se pelas boas regras de higiene que encerra, como aos sãos, para que saibam manter e revigorar a saúde mantendo equilibrado o sistema nervoso que exerce tam grande função na vida humana. Este trabalho, bom em todos os sentidos, fornece-nos esplêndidas lições de higiene física e moral, documentadas na biologia, na medicina e na psicologia, com dados concretos e exemplos claros. Merece louvores a casa Figueirinhas por ter editado esta tradução do trabalho de Marden, no que prestou um relevante serviço. E' pena que o tradutor tenha caído em certos deslises que, no entanto, não alteram nem desmerecem o valor do *Domínio dos nervos*.



GRAMMATICA DA LINGOAGEM PORTUGUESA, por *Fernão de Oliveira*. Edição de José Fernandes Júnior. Lisboa, 1936.

Esta 3.ª edição da *Grammatica* de Fernão de Oliveira foi confiada à direcção inteligente do Dr. Rodrigo de Sá Nogueira, um dos nossos melhores valores nos estudos da filologia.

A *Grammatica* de Fernão de Oliveira, editada pela primeira vez em 1536 foi, como a classifica Sá Nogueira, «a primeira que se publicou em português; foi a pri-

meira que se publicou do português e em português; foi a primeira que se publicou do português e de um português; e foi a primeira que se publicou do português e em Portugal».

Por tam importantes razões e ainda porque da 1.<sup>a</sup> edição só se conhece um exemplar que está nos Reservados da Biblioteca Nacional, não abundando, também, os exemplares da 2.<sup>a</sup> edição, — esta bastante defeituosa, — a edição de agora constitui uma necessidade pelo menos histórica e científica. Foi reconhecendo essa necessidade que Fernandes Júnior se abalçou ao benemérito trabalho desta 3.<sup>a</sup> edição, cuidadosamente organizada e anotada por Sá Nogueira que mantém, tanto quanto possível, o texto da primeira. Esta nova edição é ainda enriquecida com um interessante e valioso estudo e um glossário do Prof. Aníbal Ferreira Henriques sobre Fernão de Oliveira e a sua *Grammatica*.



LUIZ DE CAMÕES, por *Mário Gonçalves Viana*. Livraria Educação Nacional, Rua do Almada, 125. Pôrto, 1937.

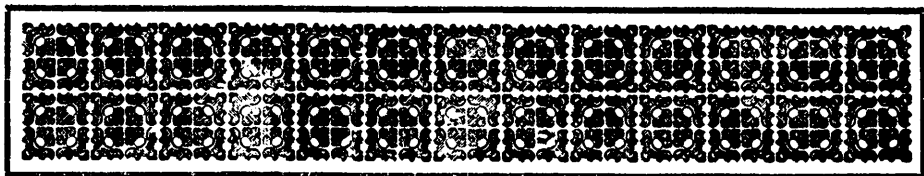
No louvável intuito de tornar mais conhecidas do nosso povo algumas das mais destacantes *figuras nacionais*, a Livraria Editora Educação Nacional, acaba de dar início a uma série portuguesíssima de trabalhos confiados, inteligente e competentemente, a Mário Gonçalves Viana. O primeiro volume publicado é consagrado ao estudo e divulgação do nosso glorioso Épico, *Luiz de Camões*.

E' um trabalho valioso, profundamente nacionalista que atinge perfeitamente os fins que o seu A. se propôs na organização desta obra popular que, no entanto, se apresenta, também, sob uma forma erudita, precisa e clara.

Desta maneira o trabalho a que nos estamos referindo, tem, igualmente, uma finalidade patriótica, porque exaltando as virtudes dos nossos antepassados, prepara o espírito do leitor para uma mais alta compreensão dos deveres cívicos dos portugueses de hoje.

Aplaudimos, pois, a feliz iniciativa da Livraria Educação Nacional e regosijamo-nos, sinceramente, pelo bom êxito dêste primeiro trabalho que é garantia da probidade e da escrupulosa organização dos que se vão seguir.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.



# Guimarães na Comemoração do 4.º Centenário Gilvicense (\*)

por MÁRIO CARDOZO

EX.<sup>mo</sup> SR. REPRESENTANTE DE S. EX.<sup>a</sup> O SR. GOVERNADOR CIVIL,  
MINHAS SENHORAS,  
MEUS SENHORES:

Quanto a personalidade literária de Gil Vicente tem sido exaustivamente estudada por nacionais e estrangeiros, embora, aqui e além, se mantenha qualquer ponto incerto, são ainda obscuros numerosos detalhes da sua biografia. Ignoramos a sua naturalidade e a data do seu nascimento; não se conhece com precisão o nome de seus pais; ignora-se onde passou a sua mocidade, se no Minho, se na Beira, e onde iniciou a sua formação mental; não se pode afirmar categoricamente se a sua ascendência era de nobre linhagem, ou de condição plebeia; incertos os anos em que casou, primeira e segunda vez; como incerto, finalmente, o ano em que morreu e onde foi sepultado... E, até, por muito tempo, a chamada *questão vicentina* discutiu se o Poeta cómico, que deliciou a côrte de D. Manuel, e o lavrante da Rainha D. Leonor, que concebeu e executou, com o primeiro ouro recolhido dos tributos do Oriente, a maravilhosa Custódia destinada ao Mosteiro de Belém — eram um e o mesmo Artista.

Diz-se que nasceu em Guimarães, por volta de 1465, onde aprendeu o mister de ourives, tradicional nesta terra; deduz-se que casou, a primeira vez, entre 1486 e 1488, e a segunda em 1516 ou 17; supõe-se que morreu em fins de 1536, ou comêços de 1537; finalmente, é tradição

---

(\*) Alocução proferida pelo Presidente da Sociedade Martins Sarmento na Sessão Solene da noite de 8 de Junho de 1937, realizada naquela Instituição.

aceite que o seu corpo baixou à terra na Igreja de S. Francisco, da cidade de Evora.

¿Que admira se ignorem estes detalhes da vida de um homem célebre finado há quatro séculos, se tantas vezes perdemos a certeza ou a simples lembrança de circunstâncias vulgaríssimas relativas a escritores consagrados, que deixaram de existir há três ou quatro decénios? Por outro lado, a influência na vida do espírito de muitos acidentes que se movem no âmbito da vida material e terrena é, na maioria dos casos, de bem menor importância do que pressupõem a curiosidade insaciável, e, quantas vezes, a fantasia dos eruditos e biógrafos. O que interessa fundamentalmente conhecer de um Autor é o valor da sua obra intelectual, o meio em que foi concebida e a acção que ela teve na mentalidade dos seus contemporâneos, e possa ainda ter na nossa, ou na dos vindouros.

Seja como fôr, reza a tradição que pertence a Guimarães a glória de ter sido a terra natal de Gil Vicente, e afirmam os eruditos que é, de facto, a nossa terra, em competição com Lisboa e Barcelos, aquela que mais probabilidades reúne de ter sido o bêrço dêsse admirável Espírito, que tanto cinzelava e esmaltava delicadas obras-primas de ourivesaria, como burilava os versos de encantado lirismo ou de irónica mordacidade de seus autos, que por vezes musicava e declamava também.

Honra de tamanho vulto e responsabilidade contém esta tradição para os vimaranenses, que eu suponho dela nos não apercebemos ainda bem, nem compenetrámos inteiramente. Se assim não fôra, já nesta cidade se ergueria, de há muito, com a decidida vontade e o sacrifício de todos, um monumento condigno, que mantivesse, perenemente viva entre nós, a memória do genial Criador do Teatro português.

— Há pouco mais de 50 anos, a Câmara Municipal de Guimarães baptizou com o nome do grande Comediógrafo de Quinhentos uma das ruas da Cidade.

— Em 1902, no dia 8 de Junho, não ficou esquecida na nossa terra a comemoração do IV Centenário da representação do *Monólogo do Vaqueiro*, isto é — do início do Teatro Nacional. O Município realizou uma grandiosa Sessão Solene e, à noite, a velha casa de espectáculos desta Cidade vestiu-se de galas para ouvirmos, em honra de Gil Vicente, o Conferente e Poeta Queiroz Ribeiro e o Pianista Luís Costa. A Sociedade Martins Sarmiento consagrou ao Dramaturgo um fascículo especial da sua Revista, onde colaboraram nomes ilustres, como Teófilo Braga, Malheiro Dias, Luís de Magalhães, Abade de Tàgilde, e outros.

— No mesmo dia e mês do ano de 1921, nova Conferência Vicentina foi pronunciada no Teatro de D. Afonso, a convite da Vereação Municipal, pelo Dr. Jaime de Vasconcelos, Prof. portuense.

— Finalmente, no ano passado, o Sr. Manuel Alves de Oliveira, que ao lado de D. José Ferrão mantém, desde 1925, com admirável persistência, a interessante Revista *Gil Vicente*, de cultura nacionalista, festejou a data consagrada de 8 de Junho, proferindo uma Conferência sobre «O Teatro de Gil Vicente», na Comemoração promovida pelo Grupo Cénico «Mocidade Alegre», que representou a *Farça de Inês Pereira* e nos deu alguns recitativos de trechos vicentinos.

E eis tudo (se me não falece a lembrança) quanto Guimarães, até este momento, tem feito para glorificar o mais ilustre de seus filhos, nas Letras e na Arte. Não pode dizer-se que a nossa Terra o haja esquecido inteiramente, mas, em boa verdade, concordemos (sem intenção depreciativa) que tem sido bem pouco para o muito que à sua grandeza é devido.

Nesta hora solene de hoje, mais uma vez os vimaranenses lembram o nome de tão glorioso Conterrâneo, pelo motivo do IV Centenário da sua morte, ou, direi com mais propriedade, da sua morte como dramaturgo, pois, não havendo a inteira certeza do ano do passamento do Poeta, sabe-se, todavia, que em Dezembro de 1436 se representou a sua última peça, intitulada «Floresta de Enganos», que foi assim o desferir do «canto do cisne».

Bem desejaríamos nós ver tôdas as vontades, tôdas as forças de acção da nossa terra unidas em volta dessa idea, aliás persistente e antiga, mas que de aspiração, infelizmente, não tem passado, de levantarmos um monumento grandioso a Gil Vicente, bastante para honrar a memória do fecundo Dramaturgo, a quem a insigne romanista D. Carolina Michaëlis chamou «o maior génio inventivo que Portugal produziu», e capaz igualmente de nos elevar perante a nossa consciência e a de todos os portugueses que amam Portugal. Mas confiemos na inteligência dos homens que hoje se encontram à frente do Município Vimaranes, e confiemos também na hora presente, que é de reconstrução social e de vivo ardor nacionalista; e o monumento, que hoje teve a sua primeira pedra, será em breve uma realidade, porque está nisso empenhada a honra e o brio desta Terra.

Por sua parte, a Sociedade Martins Sarmento, realizando esta Sessão Solene, cumpre integralmente o seu dever, no campo espiritual e cívico, como Instituição de Cultura que é, consciente da sua missão e das suas

responsabilidades nesse campo. E podemos jubilosamente afirmar que à nossa cooperação neste Centenário, que as Academias com tanto brilho e dignidade têm celebrado no corrente ano, não falta a superior elevação e a discreta sobriedade, que era necessário imprimir-lhe, para que o vulto gigante, a Figura nacional que pretendemos glorificar não fôsse diminuída, pela insuficiência dos nossos próprios meios. E esta elevação sem ostentação, e esta grandeza na simplicidade, veio comunicá-la ao nosso esforço, que, por si apenas, nada valia, e às nossas intenções, que, a si limitadas, nada conseguiriam, o Conferente ilustre que hoje nos dá o supremo prazer espiritual de se fazer ouvir neste Salão Nobre.

Eu devia, propositada e discretamente, calar quaisquer referências ao mérito intelectual do Conferente que teve a inexcusável gentileza de nos honrar com a sua presença nesta Casa, e nesta hora solene. Quaisquer frases de elogio serão, talvez, inexpressivas, e até de uma frialdade e de um preciosismo intoleráveis, dirigidas a um Homem que tem um nome conhecido e consagrado na Cultura, na Arte, e na Literatura portuguesa contemporânea, e cuja Obra de prosador e de poeta todos temos o dever de admirar, e ninguém a desculpa de ignorar. Dizendo que veio até nós Afonso Lopes Vieira, para nos dar o apoio moral da sua presença e do seu comunicativo «lusitanismo», e o apoio espiritual da sua inteligência equilibrada, elegante e culta — está dito tudo quanto é preciso.

Não quero, porém, deixar de acentuar desvanecidamente, e quasi com vaidade e orgulho (se estes sentimentos coubessem na minha reconhecida simplicidade), que, de entre os estudiosos portugueses de hoje, nenhum outro mais competente para discorrer sobre a Vida e a Obra imortal do Criador do Teatro Português poderíamos ter conseguido trazer aqui, do que S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira. Concorrem nêle inúmeras circunstâncias especiais, que o tornam particularmente indicado e apto para nos dar uma lição magnífica e uma evocação incomparável da figura espiritual de Gil Vicente; mas, de entre tôdas essas superiores aptidões, salienta-se o facto de ter consagrado aos estudos vicentinos uma boa parcela da sua magnífica obra de reintegração de portugueses em si próprios, isto é — no conhecimento, no respeito e no amor da Pátria e das suas glórias. E, também, o facto de ter sido o Conferente insigne que vamos ter a honra de escutar, o primeiro, de entre os intelectuais portugueses contemporâneos, que se devotou à nobre, quanto ingrata, campanha de tornar o grande Dramaturgo e Comediógrafo nacional conhecido dos portugueses de hoje; à difícil, quanto ousada, campanha de arrancar a

Obra vicentina da poeira dos séculos e do esquecimento em que jazia, mumificada nas estantes dos bibliófilos, ou no campo restrito da crítica erudita, para o tablado dos teatros. Porque, como afirmou, ainda há pouco tempo, o Ilustre Poeta — «um teatro só vive quando é representado». O Teatro de Gil Vicente, estruturalmente português, medularmente nacional, só ressuscitado e vivido pode passar do âmbito inacessível e fechado das Academias, para o conhecimento do povo, dêsse bom povo no sentido nobre da palavra, para quem Mestre Gil escreveu, e do qual tão intimamente e com tão penetrante espírito de observação soube estudar e traduzir a índole, o falar, os costumes, os defeitos e as virtudes. Porque, se nos autos, comédias e farsas vicentinas passam as mais heterogêneas personagens — fidalgos, plebeus, frades, clérigos, físicos, ciganos, judeus, camponeses, e se uma grande parte da vida de Gil Vicente decorre entre os primores de uma Corte fastosa e opulenta, em pleno apogeu da nossa grandeza marítima, nem por isso a sua obra deixou de ter como primacial fonte de inspiração o humilde povo português, e de lançar as mais fundas raízes na alma popular. Pois foi o Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira, nessa patriótica *campanha vicentina*, iniciada em 1911 com a representação do «Auto da Barca do Inferno» pelo saúdoso e grande Artista Augusto Rosa, e seguida, no ano imediato, de vários Serões vicentinos realizados em Lisboa e no Porto, quem trouxe novamente o nosso genial Dramaturgo, durante séculos esquecido, à presença dos aristocratas e da burguesia. Mas é preciso que a campanha iniciada se reanime e prossiga no sentido que o ilustre Conferente de hoje indicou, e no caminho que êle desbravou. E' preciso que não só as classes elevadas e a burguesia reconheçam Mestre Gil, mas que o próprio povo se encontre outra vez em contacto com o seu teatro, ria alegremente com a sua mordacidade salutar, sinta com a delicada elevação do seu lirismo incomparável, vibre e se retemperere no seu forte e viril espírito patriótico. Assim o compreendeu inteligentemente o Ministério da Educação Nacional, promovendo as récitas escolares e populares vicentinas, que a primorosa Companhia do Teatro Nacional de Almeida Garrett vem realizando em algumas terras do país, e amanhã se fará ouvir em Guimarães.

Da Obra do Comediógrafo e do Poeta vimaranense, do «Plauto português», que o grande antiquário André de Rezende enalteceu, e Erasmo, o mais ilustre dos humanistas da Renascença, admirou, não me atrevo, sob o aspecto especial da crítica literária ou filosófica, a balbuciar, neste lugar, o mais leve e sintético esboço ou comentário. A sua análise,

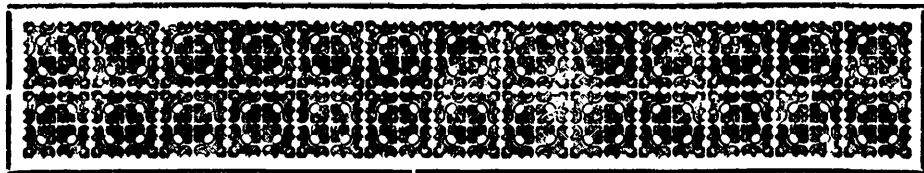
que a nossa douta Academia das Ciências, ultimamente, passou em revisão numa série de brilhantíssimas Conferências, tem sido feita, de há 50 anos a esta parte, de um modo exaustivo por críticos e investigadores nacionais, como Brito Rebelo, Teófilo Braga, Carolina Michaëlis, Braamcamp Freire, Afonso Lopes Vieira, Queiroz Veloso, Agostinho de Campos, etc., e por estrangeiros da categoria mental de Edgar Prestage, Menendez y Pelayo, Aubrey Bell e outros. ¿Que poderia, portanto, o obscuro vimaranense que eu sou, e que sòmente por dever da posição que nesta Colectividade ocupo me atrevo a erguer aqui a voz, dizer da Obra do nosso glorioso Conterrâneo do século xvi, que já não estivesse dito e ensinado pelos Mestres, e de todos conhecido?

A bibliografia vicentina, portuguesa e estrangeira, é vastíssima; as fontes de investigação e de estudo, numerosas. Só, portanto, um espírito sempre novo e sempre fecundo, como o do Conferente, a quem não devo impedir por mais tempo, com as minhas inúteis divagações, o uso da palavra, nos pode e vai aqui trazer muito de interessante, de inédito e de inesperado sôbre os aspectos da obra literária do maior, mais original e mais português de quantos, em terra portuguesa, se entregaram à literatura dramática, à suprema arte de transportar a um palco imagens da vida real, aí transfiguradas em símbolos eternos.

Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira: Em nome da Direcção desta Casa de Martins Sarmento, que é uma das Colectividades mais antigas e de mais nobres tradições dêste País, agradeço-lhe profundamente a honra que nos concedeu, satisfazendo o pedido que lhe apresentamos para pronunciar a Conferência de hoje.

Para V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Representante de S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Governador Civil do Distrito, vão também os nossos mais expressivos agradecimentos pela alta distinção da sua comparência nesta Sessão, cuja presidência se dignou aceitar. A tôdas as outras pessoas de representação social, bem como aos nossos Consócios, que nos honraram com a sua presença, quero igualmente significar a gratidão da Sociedade Martins Sarmento.

Tenho dito.



# À margem de “Aula Régia”

por RUY GALVÃO DE CARVALHO

O Dr. Hipólito Raposo é um escritor de elevado mérito, um escritor que se impõe à admiração inteligente do nosso limitado escol intelectual.

E' que a sua já vasta obra literária não se reduz a um amontoado de palavras de fictícia beleza formal: Hipólito Raposo não escreve para meninos românticos nem tam pouco coloca a sua pena ao serviço das futilidades da moda.

Prosador viril, mestre da fala vernácula, é nos clássicos que êle vai buscar o segredo da sua castiça linguagem, a elegância sóbria do seu estilo natural e expontâneo.

Desde a *Coimbra Doutor* — magnífica evocação do seu tempo de moço escolar de leis, — até ao último livro *Aula Régia*, Hipólito Raposo mantém sempre o mesmo fervoroso culto pela língua de Bernardes e de Frei Luiz de Sousa, fugindo assim às influências estrangeiras de mau gosto.

A sua obra é, enfim, um hino erguido às excelências do falar escrito dos nossos clássicos.

Além disso, é a obra de Hipólito Raposo profundamente nacionalista, tôda inspirada no amor pelas nossas coisas antigas, na mística paixão pelo Portugal de antes de 1820.

Pertencente à «Junta Central do Integralismo Lusitano», companheiro constante e fiel de António Sardinha, do nosso Mestre de sempre, é pela causa tradicionalista que se bate com nobre entusiasmo e rara elegância moral e patriotismo, é ao serviço do Rei que coloca a sua pena brilhante, é à sombra da Religião e da Monarquia, como Balzac, que êle escreve a sua obra portuguesíssima.

Nunca nossos olhos se fatigam na leitura dos livros do autor de *Ana a Kalunga* e dos *Dois Nacionalismos*; é sempre com agrado e pro-

veito que deles nos abeiramos tôdas as vezes que precisamos de tonificar o nosso espírito e de reacender a nossa esperança e a nossa fé.

A obra de Hipólito Raposo é construtiva e fecunda — expressa-se numa língua que há-de ser sempre eterna; fala-nos de uma Pátria que se projectou para além da sua sombra europeia — que foi à Africa e à Índia, ao Brasil e ao Japão...

Numa palavra: a obra literária de Hipólito Raposo é um guia seguro para todo aquêlo que quiser manter o respeito pela nossa língua e o amor pela nossa pátria.

Pôsto isto, passemos agora a falar do seu último livro dado à estampa não há muito tempo.

Referimo-nos à *Aula Régia*, que é uma colectânea de estudos de notabilíssimo valor, conferências que o autor realizou em Coimbra, Pôrto e Lisboa.

Foquemos, se bem que ligeiramente, — foquemos cada um por si.

Antes de tudo — o *Prólogo ao leitor*, — como é da praxe. Logo na primeira página o autor confessa sinceramente que as páginas do seu livro se «destinam a suscitar algum interêsse e a oferecer possíveis elucidações sôbre diversos problemas de ordem intelectual, social, estética e política no âmbito da vida nacional ou na sua amplitude humana». E acrescenta: «Apesar da variedade, pela sua modéstia, estes trabalhos não visam a voltar a face do mundo, mas bem traduzem, com certeza, a dispersão a que é conduzido qualquer espírito atento à vibração perturbadora e renovadora dos nossos dias.» Por último diz: «E antes que algum crítico depreciativamente lho atribua, fazendo esconjuro ou alardo do seu desprêzo, quero eu, lealmente, reivindicar para êste volume o seu carácter de doutrinação política, desde a intenção do título, ao manifesto, ao protesto e às aspirações dele.»

Por estes períodos transcritos se descortina claramente o pensamento dominante de Hipólito Raposo neste seu novo livro.

Ouçâmo-lo mais uma vez: «Pela sinceridade dos depoimentos, ainda pensa prestar algum serviço, mas não deixa de referir o espírito que o anima ao centro irradiante da nossa verdade histórico-política, ao Rei e à Dinastia que durante séculos ditaram a Lei e governaram a Grei Portuguesa.»

Todo êste prefácio é admirável — merece ser lido e meditado neste momento de efémeras experiências políticas e de exaltada crença em ídolos humanos.

O autor faz a apologia da Realeza e considera a Monarquia como a mantenedora da tradição e da continuidade histórica de Portugal.

Hipólito Raposo, intransigente inimigo da Democracia Parlamentar e dos Ditadores, que, no seu conceito crítico, «propondo-se a curandeiros da Democracia, fogem de que os suspeitem possuídos das razões da Monarquia, e só podem manter-se na sua falsa posição, ora como tiranos, ora como funâmbulos», — Hipólito Raposo, como jámos dizendo, vê no Rei, «ao invés do demagogo, do equilibrista, do ditador vulgar», «o chefe por dever constante e não por usurpado direito». E explica: «Ele é o governante que não pede a demissão, o que não ameaça abandonar os próprios esforços, pelo prazer-vingança de os ver cair, pois que a ruína desabaria sôbre a sua casa e o seu sangue.»

«Ainda quando os meios violentos, — prossegue o ilustre escritor, — ainda quando os meios violentos o privam do exercício da sua função, êle afirma e mantém no destêrro o direito de cumprir o seu dever, como se o preservasse de efêmeros acidentes, uma investidura sagrada. Chefe que não é de um bando, de uma clientela, de qualquer formação plutocrática: chefe natural da Nação, como da sua primeira família, expressão pessoal e vitalícia da unidade moral e política da Pátria, ponto de convergência da tradição e da revolução, o Rei não se lembra do comêço das suas funções e não pode querer o fim da sua própria posteridade.

No Rei, as contradições e oposições acabam por fundir-se em identidade, porque, sobrevivendo a si mesmo pela Dinastia, ultrapassa os conflitos e os antagonismos que separam em rivalidade os outros homens.

Ele é também o limite a tôdas as ambições, às legítimas e mais ainda às ilegítimas; o estado personificado e vivo, com a certeza de renovar-se; o fiador mais interessado em todos os intentos de proveito e glória cívica; o julgador imparcial, sereno e clemente na moderação das penas.»

E termina desta guisa: «O Rei é o único chefe que tem tempo e não tem vaidade ou vergonha de emendar os próprios erros: se politicamente não morre, só pode ter interêsse em corrigir-se para acertar» (pág. xxvii e segs.).

Propositadamente transcrevemos mais estes períodos do *Prólogo* de Hipólito Raposo.

Queríamos também neste momento prestar a nossa homenagem à Realeza e à Monarquia tradicionalista; queríamos, sim, públicamente, manifestar mais uma vez por escrito o nosso respeito pelo Rei e a nossa

admiração por um regime que, no passado, foi a glória de Portugal. E melhores palavras que as de Hipólito Raposo, não poderíamos nós escrever, certamente.

Palavras precisas e justas! (1).

Leia, repetimos, leia o leitor êste *Prefácio* que o autor das *Pedras para o Templo* traçou para aquêles que ainda não se perderam na aridez do Deserto, que ainda nesta hora confusa e incerta mantém «a vigilância contra os inimigos da salvação pública e da honra da Nação, na praça, no lar, na escola, na cadeia».

Confessa-nos o autor que pertence «ao restrito número de alistados de uma batalha sem fim». E' preciso que êsse número aumente: exige-o a Pátria neste momento apocalíptico, é um dever que se impõe a todos nós, para que não morramos inglôriamente sob a avalanche ciclópica de novos Bárbaros.

\*  
\*      \*

O primeiro estudo de Hipólito Raposo — uma conferência feita na «Associação dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra» — é dedicado às *tatuagens da nossa linguagem*, precedido de uma breve divagação sôbre as origens da língua portuguesa. Depois refere-se ao calão e aos vários dialetos falados pelos colonos, terminando o estudo com uma exortação a favor da nossa língua que deverá ser sempre pelos portugueses «respeitada na sua pureza e obedecida na sua gramática», pois é ela «a obra-prima do espírito nacional, a criação para que todos os Portugueses uniram as almas durante séculos, harmônicamente, sem o desígnio, aliás impossível, de para isso entrarem em acôrdo...». E no final: «... estudemos todos a nossa língua com amor: nela se encorpora e vive a alma da Nação. E por sôbre as facções e ódios que nos dividem e enfraquecem, acima de interêsses e rivalidades que nos lançam uns contra os outros, falar bem a língua materna é ainda a melhor forma de cada um se afirmar português de Portugal!»

Segue-se um novo trabalho: *A reconquista das Liberdades*, lição magistral para quem ainda acredita na ideologia falsa e absurda dá

---

(1) De passo cumpre-nos informar o paciente leitor que a nossa fidelidade ao Rei e à Monarquia tradicionalista não nos impede que apoiemos de alma e coração o Estado Novo, colocando a nossa pena ao seu serviço e por êle combatendo com lealdade.

---

Revolução de 89, para quem julga dever a sua posição social ou formação intelectual aos princípios abstratos da Revolução que, em nome de Liberdade, levou à guilhotina o químico Lavoisier, o poeta André Chénier, M.<sup>me</sup> Rolland, etc., que, em nome da Fraternidade, dividiu a família francesa, e que, em nome da Igualdade, colocou pelo voto, no mesmo plano, o sábio e o ignorante, o bandido e o homem honrado, o parasita e o trabalhador, esquecendo-se êsses apologistas de tal Revolução de que o Cristianismo é que fôra a fonte-madre do respeito pela personalidade humana e pela dignidade do espírito.

Deviam ler êsses fanáticos de uma ciência histórica avariada e tendenciosa êste estudo de Hipólito Raposo, para que não mais andassem a imitar o triste papel do... *Cavaleiro da triste figura!*

Obedecendo ao mesmo plano são as conferências — *A Beira-Baixa ao serviço da Nação* e *Portugal falsificado* — trabalhos revelando mais uma vez a alma de Hipólito Raposo, alma de português de lei, «de antes quebrar que torcer».

Na conferência *A Beira-Baixa ao serviço da Nação*, Hipólito Raposo exterioriza o seu amor pela terra natal, — «terra-mártir do sacrifício à dureza da vida e ao trabalho ingrato», e acrescenta amargamente: «quási nunca lembrada e menos vezes provida...», — não esquecendo, para nos ilustrar, de citar os feitos ilustres dos beirões antigos, a acção que êles desempenharam no alargamento e grandeza de Portugal, e aquêles outros beirões que nas ciências, nas letras e nas artes, e outros ramos da actividade humana, deixaram de si imorredoura fama.

E num entusiasmo eloquente: «Amanhã, como no dia de ontem, esta Província, carne viva de uma Pátria tão pequena que o corpo se lhe descobre em três miradas — a do Marão, a da Estrêla e a da Serra de Ossa — e tão grande que em corpo e alma se dilatou por todos os círculos da Esfera, ardendo no fulgor de ignotas constelações, a Beira-Baixa continuará a erguer nas asas da esperança a sua oblação de sangue vermelho e das melhores flores dos seus hortos espirituais.»

E, num frémito sempre crescente, remata desta maneira: «Entre sulcos de lavradas e pastorias de gado, por casebres frios de indigência e de tristeza, ou por lares que ainda não conheceram os assaltos da fome, os soldados, os missionários, os professores, os jornaleiros continuarão a nascer à lei de Deus, e a renascer por êles Portugal, para os destinos da sua gloriosa eternidade» (pág. 293-294).

Na conferência *Portugal falsificado*, o autor, num culto ardoroso pela verdade histórica, desfaz severamente os erros daqueles que, prin-

principalmente a partir do século passado, têm feito *história de partido*, amesquinhando com os seus preconceitos o nosso passado e a nossa tradição, demolindo «a construção secular, sem distinguir as paredes e traves mestras, não inquirindo se ficaria mais sólido nas nuvens o edifício dos seus sonhos em voz alta».

Hipólito Raposo, para esclarecimento, mais diz que as suas palavras «pretendem ser apenas notas de lembrança e de análise, documentário frio umas vezes, outras, pretenderão valer como protesto da razão e da independência de espírito contra erros e vícios que as melhores inteligências, com desassombro e coragem, muito cedo começaram a condenar» (pág. 377).

Em seguida passa o autor das *Pedras para o Templo* a analisar o século XIX que, no seu juízo, pecou «gravemente por pensamentos, palavras e obras», não deixando de se referir de uma maneira especial à geração de Antero e ao liberalismo político e constitucional.

A visão panorâmica que êle nos apresenta da época é perfeita e sugestiva. Mais: é verdadeira, é de crua realidade.

Com os homens do século XIX, — observa lúcida e Hipólito Raposo — «o passado histórico de Portugal foi sacrificado a juízos frívolos, que assentavam em conceitos abstractos, erguidos em altos vãos de quimera» (pág. 421).

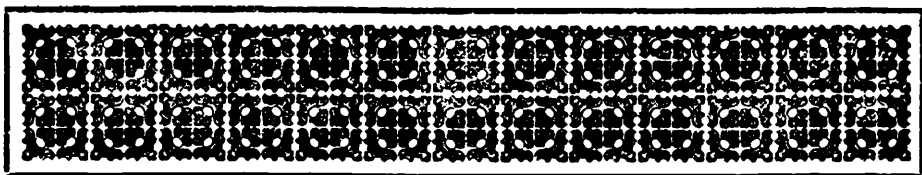
Termina o eminente escritor esta conferência com palavras de esperança e fé nos destinos futuros de Portugal restaurado e rehabilitado.

Nestas últimas páginas perpassa a crepitação patriótica de Hipólito Raposo, que «com novas razões» ergue o seu «pensamento para os céus livres da Esperança na reparação de justiça histórica, pela qual à Nação seja restituída a sua alma, com a face eterna de Portugal verdadeiro» (pág. 459).

Os restantes estudos *Santo António no Teatro Português*, *Fôrça e Beleza* e *O Sentimento Português em Lope de Vega* dão-nos a conhecer as magníficas faculdades literárias do autor e a sua paixão pelo teatro e pela Arte em geral.

São páginas acusando da parte do autor uma vastíssima erudição, onde o crítico está a par do literato, a darem-se as mãos fraternalmente.

Em suma: *Aula Régia* é um livro onde se ensina português e se aprende a ser português.



## **A «SALA PORTUGUESA» NA BIBLIOTECA NACIONAL DE FLORENÇA**

por GUIDO BATTELLI

A Biblioteca Nacional de Florença, que foi transferida, há pouco, para o seu novo e luxuoso edifício, e é talvez a mais importante de Itália, acrescentou nestes dias o seu património bibliográfico com uma valiosa colecção de obras portuguesas, oferecidas pelos herdeiros do ilustre Prof. Guido Vitaletti, de saúdosa memória.

São perto de dois mil volumes que vieram juntar-se ao rico fundo das publicações neo-latinas, constituindo um apreciável auxílio para quem quer estudar sèriamente a língua, a literatura, a história, a geografia, a etnografia e a arte portuguesa.

Durante os quatro anos da sua estada em Lisboa, o malogrado professor italiano nunca se cansou de adquirir livros portugueses, presenciando todos os leilões, freqüentando todos os alfarrabistas, fazendo as mais minuciosas pesquisas em tôdas as livrarias, de livros novos e vélhos. Desta maneira conseguiu juntar uma colecção verdadeiramente esplêndida e dum alto valor bibliográfico. Para se fazer uma ideia dêste valor bibliográfico basta considerar que êle arranjou perto de quatrocentos livros de cordel (alguns dos quais dos séculos xvi e xviii) que tratam os assuntos mais vários: sátira, política, polémica religiosa, cantares populares, lendas, narrações históricas, teatro, etnografia, histórias trágico-marítimas, o terramoto de 1755, a invasão francesa, a queda de Napoleão, as lutas liberais, etc.

Há uma colecção completa de clássicos latinos e gregos traduzidos para português, a maior parte impressa no século xviii; há uma colecção de mais de cem volumes italianos também traduzidas em português, começando por Dante, Boccaccio, Maquiavel, Tasso, Alfieri, Goldoni, Metastasio, para acabar com os modernos: Barrili, Croce, Fogazzaro, D'Annunzio, Mussolini e Papini.

Há autores franceses e ingleses, e alguns alemães também traduzidos: Shakespearc, Molière, Goethe, Racine, La Fontaine, Voltaire, Chateaubriand, Byron, etc.

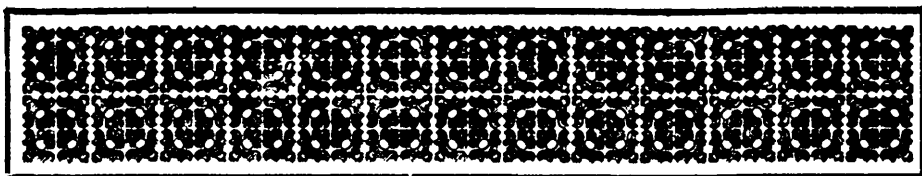
Mas a colecção mais importante -- compreende-se facilmente -- é a dos clássicos portugueses. Temos aqui os *Cantares galaico-portugueses* dos primeiros séculos da nacionalidade, o *Cancioneiro da Vaticana*, e o de *Evora*, as obras completas de Camões, de Gil Vicente, de Sá de Miranda, de Bernardim Ribeiro, de todos os grandes escritores da Renascença, até aos modernos: Herculano, Camilo, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, A. de Quental, João de Deus, A. Nobre, Florbela Espanca, António Correia d'Oliveira.

Ao lado das obras originais, há um rico património de estudos críticos, biográficos e bibliográficos.

Temos também uma colecção de livros de Arte e de Arqueologia, entre os quais avultam os trabalhos de Eustácio Veiga, de Joaquim de Vasconcelos, de Augusto Gonçalves e de António de Vasconcelos.

Os opúsculos filológicos e históricos do ilustre etnógrafo Leite de Vasconcelos ocupam um lugar de destaque na Sala Portuguesa, assim como as publicações da Biblioteca Nacional, da Faculdade de Letras e da Câmara Municipal de Lisboa, do Instituto de Anatomia e de Patologia, do Instituto de Medicina do Pôrto e da Biblioteca de Coimbra. Todas estas publicações, do mais alto valor científico, testemunham a genialidade e o amor ao trabalho das classes cultas de Portugal.

O que agora é preciso é tornar conhecida a língua e a literatura portuguesa em Itália. Por isso, bom será que o governo português, à semelhança do que faz o governo italiano, envie para aqui um leitor que abra o seu curso na Universidade de Florença e desperte o interesse e o amor para o estudo da civilização lusitana, que está tão pouco conhecida entre nós. E melhor será se esse leitor tiver também conhecimento de paleografia, porque nos Arquivos e nas Bibliotecas de Florença existem tantos e tão valiosíssimos documentos históricos, sobretudo da época da Renascença, que esperam quem os entenda e os torne conhecidos. Lembre-se, a tal propósito, que por aqui passou o Infante Dom Pedro; que aqui viveu 26 anos o Abade Gomes, exercendo o papel de embaixador da Corte Portuguesa junto da Corôa Pontifícia e da República Florentina; que aqui morreram e foram sepultados os dois Portugueses ilustres que mereceram ser biografados por Vespasiano de Bistini: o Cardial James de Portugal e o grande jurisconsulto Velasco, cuja personalidade, até agora misteriosa, vai ser brevemente revelada por alguns documentos que eu tive a sorte de encontrar no Arquivo de Florença.



# UM VERBETE DE BIBLIOGRAFIA ARTISTICA

(Continuado de pág. 90)

por ARMANDO DE MATTOS

## INSTRUCCAM III.

### *Dos vestidos.*

Elegida a cor, que ha de ter a tunica, manto, ou roupa já dibuxada, principiará o curiozo a passar subtilissimamente todos os seus cortornos, ou perfiz com a *primeyra tinta* da mesma cor que se eleger, de que ja na graduação dellas tratamos. Depois com a mesma meya tinta se irão enchendo por igual, ou cobrindo as praças das ditas roupas nos lugares junto aos *claros*, (quando estes não hajão de ser brancos, porque então, como ja dissemos, hão de ser da mesma brancura do pergaminho) no que deve haver grande advertência. Feyto isto, e notados os lugares em que vão entrando as *sombras*, se irá continuando com a segunda *meya tinta* até o lugar em que hão de principiar os *fortes*, e logo estes; advertindo, e procurando que humas tintas fiquem suavemente unidas às outras, de maneyra que graciosamente se fique percebendo a graduação da tinta, porque o contrario deixara a obra sem galla, e sem gosto, no que se deve empenhar o primorozo artifice desta Arte. Da mesma sorte se procederá quando com outras tintas, ou cores se quizerem colorir outras roupas.

### *Diverso Methodo.*

No colorir seguem alguns curiozos nas suas Illuminaçoens, tendo por breve atalho o mesmo caminho, porque rodeão. Riscado o manto v. g. e preparada huma *meya tinta* da cor elegida, a que chamão *tinta geral*, entrão a cobrir com ella todo o manto, e depois o vão lavrando, dando lhe os claros, e escuros com as tintas adquadas, ou concernentes á natureza da sobredita meya tinta, tocando os claros com outras tintas, se lhes parece, desorte que nem a ser o mesmo, e a coincidir com a doutrina que transcrevemos.

### *Instrucçam Incidente.*

Nesta Pintura, depois de aperfeyçoada, costumavão os Antigos Romanos tocar os altos claros de ouro, ou prata moida, porém hoje os Modernos só costumão tocar, ou exornar com ouro de concha, ou prata

em pó, as fimbrias da tunica, manto, ou roupa de alguma Illuminação mais primorosa, fazendo-lhe varias filagranas de renda, e flores, pelo dito ouro, ou prata ser apto para isso, tomando-o em hum pincelinho. Tambem o mesmo ouro, ou prata serve para os resplandores, diademas, turbantes, peytos de armas, ou instrumentos bellicos: o modo de preparar, e moer o ouro, e prata para o dito effeyto, achará o curiozo no Magisterio das tintas, para onde o remettemos.

#### INSTRUCÇAM IV.

##### *Do modo de campir a obra.*

Depois de coloridas as figuras, se começarão a fazer *os pertos*, logo *os longes*, depois os *Orizontes*, e o *Ceo*, deste modo: O *primeiro monte*, que são os portos, se podem fazer com ocre escurecido com roxo, ou sombra de Cintra, os fortes mais escuros com sombra de osso, e os altos se podem realçar com masicote, onde dêr a luz, servindo sempre a brancura do pergaminho, ou papel. As Cidades encarnadas, realçadas com a mesma alvura do pergaminho, onde lhe dêr a luz, e escurecidas com preto, ou pardo, e roxo tudo misturado. O *segundo monte* se fará de verde claro, escurecido com verde mais escuro, ou com purpura, que, como diz Philippe Nunes (1), he a sinopla misturada com azul, e branco. As arvores do segundo monte serão azues, os realces de verde claro, as cazas de *purpura* clara, escurecidas com outra mais escura. As janellas, e portas de purpura bem escura. O *terceyro monte* será de azul, e branco, realçado com algum *verde* bem claro, e escurecido com *purpura clara*; as arvores serão de *azul*, e *branco* muyto claras, e assim hão de ser as casas bem realçadas com branco.

Nos *Ceos* será o Orizonte de *Masicote*, e *branco*, ou com *sinopla*, e *branco* bem claro, logo *azul* claro, tudo banhado como que nasce do Orizonte; logo outro *azul* mais escuro, que nasça hum do outro. E as nuvens serão de *branco*, escurecidas cõ *purpura*. As arvores do primeyro monte se hão de metter primeyro de *preto* escuro, e logo as folhas *escuras* pela banda de fóra com *verde*, e *sombra de osso*, outras folhas seccas de *Maquim* por fóra com *roxo almuagra*: depois esta arvore secca será toda banhada com *verde*, tocada nos altos com *verde*, e *branco*, e em cima deste verde, e branco se irão abrindo as fôlhas com *branco*, ou *masicote*, ou com outro verde, e branco mais claro. Este he o modo de campir mais commum, que ensina Philippe Nunes, para os paineis

---

(1) Ph. Nun. na *Art. Poet.* e da *P.*

a tempera, e a óleo: por esta doutrina se poderá encaminhar o curioso para conforme elle procurar as tintas mais proporcionadas para campir as suas Illuminaçoens, se lhe parecer, senão, poderá campillas com as cores que mais lhe agradarem.

INSTRUCÇAM V.

*De outro modo de acabar, ou meyo campir.*

Quando a obra, ou curiosidade não for Historia, mas sim qualquer Santo, ou Santa, poderá cobrir-se todo o campo do paynel de qualquer cor de tinta de agoada, differente da dos vestidos, ou roupas da Santa, ou Santo, ou outra qualquer figura; porque sendo da mesma, ou de outra similhante, não só ficará a obra desagradavel pela confusão das cores, mas tambem pela falta de contraposiçoens, que he huma das partes essenciaes da Pintura. E o melhor em similhantes curiosidades, e pequenas, he deyxar a dita superficie do pergaminho com a sua mesma cor, e no alto della tocar-se com um bocadinho de cor celeste, sem mais nada, ou com alguma nuvenzinha, do que hoje usão muyto os Alemaens, e Francezes, em cujas obras observamos as mesmas doutrinas que escrevemos.

ILLUMINAÇAM II.

*Das tintas de agoadas.*

Tendo tratado da rigorosa Illuminação das tintas corporeas, resta agora tratar da Illuminação agoada, [ou das tintas de agoadas] assim chamada geralmente entre os curiosos. He esta Illuminação aquella, que em papeis dibuxados, ou estampados de preto, se faz, accomodando á diversidade das cousas dibuxadas, ou estampadas, proporcionadamente a variedade das cores. Para se fazer esta Illuminação se ha de dibuxar, e assombrar primeyro de tinta bem preta de escrever, aquella curiosidade que se pretender, com toda a perfeição, e primor, como se não houvera de ser colorida, ou illuminada; e assim feyta, se esfregará brandamente com hum miolo de pão branco pouco duro para lhe extrahir, ou alimpar alguma tinta desnecessaria, ou nos dibuxos demaziadamente carregada. Depois se principiará a

*Preparaçam das agoadas.*

Distribuindo cada huma das tintas, de que se houver de usar, em huma concha, ou tigelinha, nas quaes se hão de compôr de tal sorte fluidas, ou liquidas, que podendo mostrar vivamente as suas cores, não possam encobrir no pergaminho, ou papel, os dibuxos nelle com a tinta

preta delineados. A estas agoas, ou tintas, por serem nas agoadas as mais vivas, chamão alguns curiozos *tintas inteyras*, a respeito de outras, que na mesma cor admittem, chamadas *meyas tintas*, por serem menos vivas que as tintas inteyras, e outras chamadas *tintas fracas*, por servirem sómente para apagar a brancura do papel: e supposto que de todas pode usar o perito Artifice, com tudo nesta Illuminação a tinta, a que elles com os Engenheyros chamão *inteyra*, he a que ordinariamente nos serve, como notará o curiozo nos papeis illuminados, a que vulgarmente chamamos de *retalhos*, e principalmente nos de *Engelbrecht*, que são os melhores, que tem chegado a este Reyno, na nossa estimação.

#### INSTRUCCAM VI.

#### *Das ordinarias agoadas nesta Illuminação.*

A *Agoada de pao de Rainha* he humda das mais excellentes, porque não só serve para vestidos, flores, Architecturas, preparada dos diversos modos que ao diante diremos no Magisterio das tintas, mas tambem para outras muytas cousas, e ainda para supprir o carmim em todas aquellas em que este se houver de usar. As *agoadas de Guta gumba*, e de *Açafrão de palhinha*, desfeyto em agoada clara de pao de Rainha, serve para variedade de flores, roupas, pannos, &c. A *agoada de Cinzas azues* temperadas com agoa de gomma branda, para flores, vestidos, quartinados, pavilhoens, &c. A *agoada de Carmim*, temperado com gomma em çumo de limão azedo, ou agoa de gomma, serve para as mesmas cousas para que pode servir a agoa de pao de Rainha. A *agoada de Verde estillado* temperado com agoa de gomma arabia desfeyta com çumo de limão, para arvores, plantas, ervas, &c., deytando-se neste verde hum boccadinho de *açafrão de palhinha*, faz huns seccos admiraveis. A *agoada de Alvayade*, com hum pontinha de anil de flor, serve para vestidos cor de cinza, pedras, ruinas, &c. A *agoada de sombras* para os troncos das arvores, montes, despenhadeyros, ruinas, &c. Finalmente podem ao arbitrio do curiozo servir todas as mais tintas liquidas, ou de agoadas, que se acharem no dito Magisterio das tintas, para onde reservamos o tratar de todas ellas, e de outras muytas cousas de que podem necessitar os Artistas, ou curiozos das Artes de que tratamos.

(*Continua.*)

# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1837

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

## Julho

**Dia 7** — Foi comprada a Manuel José Gonçalves da Costa e mulher, por D. Joaquina Rosa de Araújo Martins, mãe do dr. Francisco Martins Sarmiento, a quinta do Carvalho, em Briteiros.

**Dia 9** — «Sahiu em Procissão da capela dos 3.<sup>os</sup> de S. Francisco a milagrosa imagem de S. Roque da Serra, levando o Rei David e outras figuras que cantavam e dançavam. Depois de passar por todos os terreiros e ruas, recolheu-se na igreja da Senhora da Madre de Deus (por n'esta tarde não ter tempo de ir para a sua Ermida em consequência da Procissão se ter demorado na vila por causa das danças, que por fim se tornaram numa desordem, para não dizer numa borracheira) d'onde foi para a sua Ermida na tarde do dia seguinte, acompanhada por muito Povo. Esta Milagrosa Imagem tinha vindo da sua Ermida para a Capela dos 3.<sup>os</sup> Franciscanos, quando grassou n'esta vila a epidemia chamada *gripe*, que foi pelos fins do inverno e na primavera d'este ano. N'este mesmo dia houve uma grande festa ao Senhor da Agonia, na rua do Mata Diabos, tendo vários passos, sermão de tarde, e á noite fogo do ar, uma machina e uma banda de musica, &c.» (P. L.).

**Dia 10** — A Câmara, em sessão extraordinária, determinou que o padrão dos pesos d'este concelho, nunca saísse do arquivo para fora, senão em acto de correição, e que ao aferidor se dessem outros pesos que regulassem para o aferimento.

**Dia 12** — A Câmara deliberou: que se passe mandado sobre o seu tesoureiro para que pague a António Joaquim Ferreira de

Castro, médico que foi do partido das Caldas de Vizela, 50\$000 réis, resto do seu ordenado do ano de 1834; — Por causa da moléstia que tem o actual cirurgião do partido das Caldas das Taipas, José Moreira, foi admitido Domingos José Ribeiro e Silva, atendendo aos seus bons sentimentos e conhecimentos cirúrgicos para fazer as funções daquele durante sua impossibilidade, gratuitamente e sem prejuizo de ordenado do substituído que lhe era concedido e no caso que faleça desde já o haviam por nomeado para servir a occupação de cirurgião do partido das ditas Caldas pelas razões dadas.

\*

Chegou a esta vila a noticia de terem sido aclamadas na vila da Barca a Rainha e a Carta de 1826 pelo batalhão de caçadores n.º 4, á testa do qual se pôs o Barão de Leiria. Logo que chegou a Braga esta noticia, mandou o general da provincia, Barão de Almargem, marchar de Braga o regimento da Rainha e um batalhão de infantaria n.º 9, ficando em Braga um forte destacamento. Logo que os 2 supraditos corpos chegaram a Prado, levantou o grito de viva a Rainha e a Carta o destacamento que ficou em Braga e muitos paisanos, fazendo fugir o general Barão de Almargem, o que sendo sabido pela tropa que tinha sido mandada contra os insurgentes, foi também, secundado, marchando depois o Barão de Leiria e toda a tropa para Braga. Nesta ocasião houve algumas mortes; porém algumas foram por desastre. Em consequência desta noticia, andou o administrador do concelho desta vila a rondar toda a noite com a policia, e o mesmo fez no dia seguinte, não sendo alterado o sossego público de maneira alguma. (P. L.).

**Dia 14** — Saiu de Braga para Vila Nova de Famalicão o Barão de Leiria com a tropa

que tinha aclamado a Rainha e a Carta Constitucional para ver se com a sua aproximação do Pôrto se levantava naquela cidade o mesmo grito; porém não acontecendo assim, antes tendo saído tropa do Pôrto (na maior parte batalhões de voluntários) para fazer entrar na ordem, isto é, para obedecer ao Governo existente o supradito Barão de Leiria e a sua tropa, este fez alto em Vila Nova de Famalicão.

Nesta vila ainda se achava a policia em armas, e o sossêgo público não tinha sido alterado de maneira alguma. (P. L.).

\*

Foi eleita pela 7.<sup>a</sup> vez abadesa do mosteiro de Santa Clara, D. Maria Máxima da Natividade. Governou até 28 de Abril de 1844, embora não existam termos de eleição.

**Dia 15** — Chegou aqui a noticia de ter retirado para Braga o Barão de Leiria com a tropa que tinha marchado até Famalicão e que depois de algumas horas de descanso seguiu na direcção de Valença. Depois da retirada do Barão da cidade de Braga, fez-se naquela cidade por um celebre Manso, escrivão da câmara municipal, a aclamação da Constituição. (P. L.).

\*

Entrou em Braga a tropa que tinha saído do Pôrto e mais o general Barão de Almarquem, general da provincia do Minho pelo Governo da Revolução de 10 de Setembro de 1836. Em consequência desta noticia, houve repiques de sinos em todas as torres desta vila e o sossêgo não foi alterado de maneira alguma. (P. L.).

**Dia 23** — Saiu a procissão de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Carmo, que já há anos não se realizava, acompanhada por várias Irmandades, levando muitos anjinhos com emblemas da mesma Senhora e da Escripura, &c.<sup>a</sup>. Não saiu no domingo antecedente, dia próprio da festa da Senhora, em virtude da vila se achar algum tanto agitada por causa dos acontecimentos que nos dias anteriores tinham tido lugar em Braga e noutras terras da provincia. (P. L.).

\*

No fim deste mês ainda se achava o Barão de Leiria e mais a tropa cartista na praça de Valença, sitiada pelo Barão do Al-

margem com a tropa que veio do Pôrto, tendo recebido refôrço dumas 400 praças que vieram de Lisboa, e parte do batalhão de n.<sup>o</sup> 18 e alguns cavalos que tinham vindo de Chaves. Nesta provincia, principalmente em Braga, foram deportados alguns individuos, como o Delegado de Braga, Manuel de Freitas Costa, vimaranense, por ordem do visconde de Sá da Bandeira, lugar-tenente da Rainha, que também tinha vindo de Lisboa para esta provincia. Em todas as provincias do reino, tinha havido o grito de Rainha e Carta, e com muita especialidade no Alentejo e Beira Alta, tendo nesta última provincia a Revolução tomado grande pé; pois muitos corpos estavam comprometidos nela. (P. L.).

## Agosto

**Dia 1** — A Câmara em sessão extraordinária e sendo-lhe apresentado um officio do administrador do concelho, de 31 de Julho, em que, com referência a outro do visconde de Sá da Bandeira, recomenda, sem demora, a organização da Guarda Nacional desta vila; determinou que atenta a urgência com que se pede a relação dos recenseados para a dita Guarda, se entregasse ao comandante a relação dos recenseados que se achava ultimada com reclamações, e que se extraísse uma relação dos novamente recenseados, pondo-se a público para os cidadãos reclamarem seu direito, no prazo de 5 dias, que principiam no dia de amanhã, officinando-se às Juntas de Paróquia para que continuem com os recenseamentos ordenados.

**Dia 3** — Saiu desta vila o administrador do concelho com uns 40 policias, dirigindo-se à Póvoa de Lanhoso para capturar alguns individuos que tinham figurado naquelle concelho, quando ali se aclamou a Rainha e a Carta Constitucional, o que não levou a effeito por elles se esconderem. (P. L.).

**Dia 6** — 1.<sup>o</sup> Domingo — Realizou-se a antiquíssima feira de S. Gualter, apesar do estado anárquico em que se achava o reino, havendo bastante concorrência de bestas e apresentando Mr. Avrillon, que já há tempos estava nesta vila, a sua grande companhia, grandes espectáculos de cavalinhos, danças de corda e força, &c.<sup>a</sup>. Esta companhia era uma das mais brilhantes que tinha apparecido aqui, não só pelo grande número

de cavalos e pessoas de que se compunha, mas também pelo muito bem que trabalhava Mr. Avrillon, o qual não deixou de causar admiração a todos aquêles que o viram trabalhar. Esta companhia trabalhou em um teatro de madeira que Mr. Avrillon mandou fazer entre a Ponte do Campo da Feira e o teatro, tendo antes já dado alguns espectáculos no terreiro dos Quartéis. (P. L.).

**Dia 7** — O Governador militar desta vila, major Cyrne, teve ordem para se apresentar ao Barão de Vilar de Torpim, general do Pôrto, por ser do partido da Rainha e da Carta. Foi substituído pelo tenente Atalaja do batalhão de infantaria n.º 9. (P. L.).

**Dia 10** — Foi suspenso por ordem do presidente da Relação do Pôrto o delegado do procurador régio desta comarca, bacharel Francisco Leite Pereira da Costa Bernardes, vimaranense, por ser do partido da Rainha e da Carta.

Pelo mesmo motivo também foram suspensos de seus officios de escrivães de direito José Inácio de Abreu Vieira, vulgo o Cutalho, e o Maia, ainda que este era tido e havido por *Mijado*. (P. L.).

**Dia 20** — Chegaram a esta vila os Decretos pelos quais a Rainha nomeava a vários individuos para escrivães de juizes de Paz de todo o reino, sendo nomeados para as freguesias desta vila os seguintes: para a de N. Sr.ª da Oliveira, o Faria, sogro do Valentim; para a de S. Paio, Manuel Caetano, pintor; e para a de S. Sebastião, António Joaquim, boticário. (P. L.).

\*

Principiaram na Colegiada e mais igrejas parquiais preces *pro felice partu* da Rainha, por circular que veio do vigário capitular de Braga. (P. L.).

\*

Das 10 para as 11 horas da noite sentiu-se um terremoto algum tanto violento, porém de pouca duração. (P. L.).

**Dia 24** — A mesa da Misericórdia nomeia o seu tesoureiro do juro, Manuel Baptista Sampaio Guimarães, para poder lançar até à quantia de 600\$000 réis, moeda forte, nas casas e campo da botica do convento de S. Domingos, a fim de aí se fundar o novo hospital, cuja venda estava anunciada no «Diário do Govêrno».

Alguns mesários votaram contra tal compra.

\*

Houve repiques de sinos ao meio dia e à noite por ser o aniversário da Constituição de 1820, e também houve luminárias, por ordem da Câmara. Este dia foi festejado por ter sido abolida a Carta Constitucional dada por D. Pedro e terem sido proclamados, em 9 de Setembro de 1836, os princípios da Constituição de 1822. (P. L.).

**Dia 25** — Fizeram-se nesta vila algumas prisões de Voluntários do antigo Batalhão do Minho, por não quererem agregar-se a uma companhia do Batalhão Móvel, que se tinha organizado, e para o qual foram nomeados capitão o Teotónio, boticário da Misericórdia, tenente o Saldanha, recebedor, e alferes, o Branquinho. (P. L.).

**Dia 28** — A's 5 horas da manhã faleceu o cônego prebendado Manuel de Barros Pereira, cavaleiro da ordem de N. Sr.ª da Conceição. Era natural de Valença e tinha sido frade capucho. Foi depositado no dia seguinte no Campo Santo, onde o Cabido lhe foi fazer os officios, por êle assim o haver determinado em testamento. (P. L.).

\*

Alvará do administrador geral interino do distrito, Rodrigo de Freitas dos Guimarães Coelho, dissolvendo a Mesa da Misericórdia, mandando fazer immediatamente nova eleição e nomeando para comissão enquanto se não fizesse tal eleição, a Rodrigo José de Sousa de Menezes, Manuel José do Souto, escrivão, Joaquim Pinto Teixeira de Carvalho, José Joaquim Dias de Castro e o cônego José de Abreu Cardoso Teixeira, servindo o 1.º de provedor.

JOÃO LOPES DE FARIA.

# PENSAMENTOS, PALAVRAS & OBRAS

DA VIDA ■ DOS FACTOS ■ DAS LETRAS

*«Nos regimes de opinião, a Autoridade está nas opiniões. Como estas são múltiplas, a Autoridade está pulverizada. Só são convenientes aos Povos, os regimes que se baseiam no conceito de que a Autoridade emana de Deus. E como é muito mais fácil e proveitoso demonstrar a um Povo que a Autoridade emana de Deus, quando o seu governante, para o ser, não precisa de votos dos governados, evidentemente que o regime hereditário é o preferível. Se é o preferível, não faz sentido que se não lute por êle, para o sustentar, onde êle existe, para o estabelecer, onde êle falta.»*

ALFREDO PIMENTA.

## A NOSSA POLITICA EXTERNA

Tem sido bem firme, bem decidida e bem orientada a política externa de Portugal.

E' certo que ela não tem agradado àqueles que muito exalçam os homens do 31 de Janeiro que se levantaram ao *eco de uma afronta*, segundo se afirmou e afirma, para darem o *sinal de ressurgir*. Mas, evidentemente, que a attitude alevantada que Portugal tem assumido nesta hora conturbada é aquella que mais convém aos interesses e à missão civilizadora e histórica da nossa Nação.

A Europa, desvairada, agoniza numa grande crise de fé e de Autoridade. Aquella *Liberdade* que tanto sangue fêz correr, já hoje não agrada a muitos *liberais*. De *Liberdade* em *Liberdade* tem-se caído, cada vez mais fundo, no Despotismo.

E' que, como diz Hipólito Raposo (1), «por tôda a parte, cansado da inutilidade do cetro que lhe outorgavam as constituições liberais, o Povo testemunha, na sua desilusão, a angústia dêste momento inquieto,

ao procurar a mão forte, o chefe salvador a quem entregar as suas esperanças, os seus direitos de soberano, para que faça do seu poder e da sua liberdade alguma coisa de útil, embora à custa da própria escravidão.

«Entre negações, contradições e reabilitações, à busca de fórmulas de estabilidade na doutrina e nos factos, substituiu-se uma abstracção por outra, o *homo civicus* de ontem que votava e vociferava, transmuda-se no *homo æconomicus* de hoje que rouba, mata e incendeia, esquecido já o *homo historicus* daqueles bons tempos, em que toda a pessoa humana se guiava por motivos de constante esperança, dilatando a alma em perspectivas de infinito.»

Obscureceu-se a Razão e entre manobras diplomáticas que ainda mais complicam e confundem, a Europa tem andado aos repelões da chamada Sociedade das Nações, «capitólio da psicatose política, que por sucessivas quebras de crédito veio a degenerar num circo de variedades para onde cada país envia seus *números* e comparsas. Ali se reúnem num convento de *orientes* e *ocidentes* da Europa e da América, para o exercício pleno de uma super-judiaria em que já manobram e conduzem os camaradas russos» (1).

Mas nem tudo ainda se subverteu, porque alguém vela pela Europa em crise. A Alemanha, a Itália e Portugal têm sido fortes barreiras contra a invasão premeditada e que teria o seu centro de irradiação após a conquista da Espanha pelas doutrinas e pelos soldados de Estaline.

Pena é que a política interna não seja um reflexo daquele aprumo e daquela dignidade que se tem mantido perante o perigo externo. E que se não enverede, enfim, pelo caminho luminoso que o Dr. Alfredo Pimenta colocou como *dilema* necessário e inadiável no «Epílogo» ao seu magnífico e oportuníssimo livro *Nas vésperas do Estado Novo*.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.

---

### Duque de Bragança

No dia 23 do mês de Setembro, completa 30 anos o Senhor Don Duarte, Duque de Bragança e de Guimarães.

Os portugueses fiéis à Tradição e à Dinastia vão-lhe oferecer um valioso presente constituído por um cofre com 30 moedas cunhadas com a efígie de seu bisavô D. João VI e pelo estojo de caça que pertenceu

---

(1) Hipólito Raposo — *Aula Régia*. «Prólogo ao Leitor», pág. xxx.

a El-Rei D. Miguel I. Esse estojo, em mogno e em forma de pipo, encerra copo, talher completo, etc.

Juntamente ser-lhe-á entregue uma luxuosa edição dos *Lusíadas*—prenda dum afilhado do Senhor Don Duarte.

*Gil Vicente* associa-se de todo o coração a tão altas e tão significativas homenagens.

### **O atentado contra o Sr. Dr. Oliveira Salazar**

O atentado de que ia sendo vítima o Sr. Dr. Oliveira Salazar, chefe do govêrno, causou em todo o país um movimento unânime de repulsa que se patenteou nas manifestações espontâneas de protesto que se realizaram.

Também nós juntamos o nosso protesto ao côro unânime dos patriotas, lembrando que o homem que esteve para cair vítima do terrorismo vermelho, assumiu as responsabilidades do poder numa hora grave de crise.

Diferentes, porém, daqueles que só tremeram porque a vida do chefe do govêrno perigou, nós ressentimos, muito para além da pessoa do Dr. Salazar, a dor que a todo o português bem nascido houvera de inspirar a trágica incerteza que envolve o presente e o futuro da Pátria. Sofremos de avaliar mais uma vez, sob a luz crua dos acontecimentos, a pobreza de instituições

que não têm meios para colocar o interêsse de todos, o bem-comum, ao abrigo de semelhantes golpes, em contraste com aquêlê regime onde, se desaparece um alto servidor, dotado embora dos mais excelsos talentos, outro aparece a ocupar o lugar vago e a levar por diante a tarefa interrompida.

Este atentado, que bem patenteou os seus pérfidos desígnios, veio confirmar uma das verdades luminosas, nunca desmentidas, em que a nossa fé profundamente se esteia.

### **Marconi**

No dia 19 de Agôsto faleceu, em Roma, Guilherme Marconi, sábio católico e nome de reputação mundial, uma das mais nobres afirmações dos valores morais e mais um argumento em favor da perfeita aliança entre ciência e fé cristã,—ciência no sentido mais exigente da palavra e fé cristã na sua significação plena.

Se Marconi não foi o inventor da telegrafia sem fios, glória que cabe a Maximel, Hertz e Brauly, êste último também sábio cristão, deve-lhe a humanidade incalculáveis benefícios, pois ao seu gênio e aos seus empreendimentos fica o mundo devendo o aperfeiçoamento e desenvolvimento de tão prodigiosa invenção, que constitue a maior maravilha do nosso tempo.

### «Gil Vicente na arte musical»

No fim dêste ano deve ser pôsto à venda êste ensaio do Dr. Alfredo Pinto (Sacavém), comemorativo do centenário Gilvicentino.

Num dos próximos fascículos vai o Sr. Dr. Alfredo Pinto (Sacavém), dar-nos a grande honra da publicação de um dos capítulos dêsse trabalho. O nome do Dr. Alfredo Pinto (Sacavém) é uma garantia para que o seu novo ensaio seja acolhido com o mais vivo interêsse e coroado do melhor êxito.

### «Tradição»

Recebemos a agradável visita desta Revista de doutrina monarquista que iniciou a sua publicação em Recife (Brasil) e é superiormente dirigida por Guilherme Auler e Sérgio Higino. Abre com uma saudação «Aos Brasileiros» de Sua Alteza Imperial o Senhor Dom Pedro Henrique de Orleans-Bragança, sendo altamente oportuno e cheio de ensinamentos o artigo «A República é uma religião», da autoria do distinto escritor contra-revolucionário francês Pierre Gaxote.

A' «Tradição» que no Brasil vai defender aquelas verdades eternas pelas quais também nós nos bate-mos, queremos testemunhar o nosso aplauso e a nossa solidariedade. E àvante!...

### Real Gabinete Português de Leitura

O Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, instituição de alta cultura que tanto honra Portugal e que um punhado de bons portugueses fundou em 1837, comemorou o seu centenário com a publicação de um bem elaborado «Resumo Histórico» onde se relata o que tem sido a vida daquela portuguêsíssima instituição, pedaço de Portugal nas terras do Brasil.

E' necessário ler êsse «Resumo» para bem se poder apreciar o esforço e o desejo de vencer dos homens que têm estado à frente do Real Gabinete Português de Leitura -- a bem da Nação.

### Estatística dos Correios, Telégrafos e Telefones

Num bem apresentado volume, publicou a Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones uma circunstanciada estatística do pessoal, serviço postal, telégrafos, telefones, radiofusão, Caixa Económica e resultados de exploração, com gráficos e mapas demonstrativos, relativos ao ano de 1935.

Por êle se vê o grande movimento das diversas modalidades dos serviços telégrafo-postais e o desenvolvimento que tem atingido nestes últimos anos.



O QUE A NOSSA GENTE CANTA, por *Jaime Lopes Dias*. Tórres & C.<sup>ta</sup> — "Livraria Ferin". 70, Rua Nova do Almada, 74. Lisboa, 1937.

Constitue este trabalho o IV volume da Etnografia da Beira que há anos o dr. Jaime Lopes Dias vem publicando e na qual tem reunido tudo o que é especificamente beirão em tradições, lendas, costumes, crenças e canções. Neste volume vão coligidas as canções de adufe, coreográficas, religiosas e outras, todas acompanhadas da respectiva música e as coreográficas de algumas notas indicativas do modo como o povo as executa bailando.

O nosso riquíssimo folclore foi durante séculos pouco menos que desprezado. E assim se explica que tanta coisa houvesse desaparecido sem deixar vestígios. A arte popular era para muitos eruditos, ou pseudo-eruditos, considerada indigna de estudo cuidado, a-pesar-da sua frescura, espontaneidade e beleza que a podem fazer ombrear sem receio com a arte requintada e culta. Garrett, chamando a atenção dos portugueses para o seu Romanceiro, veio abrir o caminho que depois foi trilhado por tantos outros. Porém a seara é grande e os ceifeiros têm sido poucos. Torna-se, pois, necessário que dentro do campo restrito de cada Província ou de cada Concelho os homens de boa vontade facilitem a tarefa dos coordenadores, e tem sido esse o benemérito papel desempenhado pelo dr. Jaime Lopes Dias. Culto e conhecedor da matéria pode dizer-se que até hoje tem cumprido. Muito há ainda a esperar do seu esforço, boa vontade e saber para o completo conhecimento da etnografia beiroa.



IBERO AMERIKANISCHES ARCHIV. Sahrgang X-XI. Juli 1936  
— Ajnil 1937. Heft 2, 3, 4, 1.

Com a regularidade que caracteriza a grande maioria das revistas estrangeiras, continuo a ser visitado pelo excelente *Arquivo Ibero-americano*, que, como sempre, vem recheado de excelentes artigos e ensaios respeitantes à Península Ibérica e às nações americanas. Além da copiosa bibliografia que habitualmente publica em separata, os números atrás indicados trazem os seguintes artigos que interessam a Portugal e aos portugueses:

*Die Newordnung der portugiesischen Junta de Educação Nacional*, por G. Richert, *Deutsches Theater in Coimbra*, por O. Quelle, e *Zu Gil Vicentes Centenarium*, por G. Richert.

E' bastante extensa a crítica bibliográfica a trabalhos portugueses.

ANTÓNIO ÁLVARO DÓRIA.



O TEATRO DE GIL VICENTE, por *Manuel Alves de Oliveira*.  
Companhia Editora do Minho. — Barcelos, 1936.

O Sr. M. A. de Oliveira, um dos directores da notável Revista *Gil Vicente*, brindou as letras portuguesas com este opúsculo de 21 páginas, publicando a conferência que lera em Junho de 1936.

Na sua brevidade, é uma síntese clara, precisa e perfeita da obra, das características e do valor do genial fundador do teatro nacional.

Lê-se com agrado e proveito.

De início, lembra o meio em que surge essa «grande figura da nossa história literária, ou, com mais precisão, da história literária da península»: — o Portugal da *inclita geração*, o século grandioso das descobertas e conquistas no campo da *fé* e do *império*.

Depois, revista rápida das obras do Plauto português, desde o *Monólogo do Vaqueiro*, em 1502, até à *Floresta dos Enganos*, «O canto do cisne», em 1536, sem esquecer «o outro *auto* artístico, rendilhado e consagrado ao serviço de Deus» — a *Custódia de Belém*.

E conclue pela necessidade que se impõe de levantarmos uma estátua àquele que, no dizer do Sr. Agostinho de Campos, «soube retratar como ninguém, e fixar para a posteridade a alma popular do seu tempo».

Neste quarto centenário da morte de Gil Vicente, o opúsculo do Sr. M. A. de Oliveira é uma jóia que se pode enfiar sem desprimor no rosário das comemorações vicentinas.

P. H. ALVES, S. SP.



CRISTOVÃO COLOMBO, por *Alfredo Pinto (Sacavém)*. Livraria Ferin. Rua Nova do Almada, 74. Lisboa, 1934.

Cristovão Colombo não foi só o destemido navegador que, ao serviço da Espanha, descobriu a América. Esse feito grandioso que, a par dos feitos dos portugueses, fez volver para a península os olhares espantados dos outros povos, influiu, também, e serviu de inspiração e de tema a diversos compositores musicais para a urdidura de óperas e de outros trabalhos que ficaram memoráveis na História da Música.

Este valioso estudo de Alfredo Pinto (Sacavém), relata-nos, pormenorizadamente, quanto essa influência foi profunda e como a ela se devem composições da mais apurada sensibilidade artística que tanto êxito conquistaram e que tão notavelmente se afirmaram

a valorizar nomes que a História da Música jámais deixará esquecer. Nêle se nos descreve, também, êsse período *settecento*, período áureo da música italiana, que foi um dos mais fecundos e dos que mais marcou pelo valor dos trabalhos realizados e pelo ambiente de Arte musical que criou na Europa.



A OCUPAÇÃO PORTUGUESA EM ÁFRICA NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA, por *João de Almeida*. Divisão de Publicações e Biblioteca da Agência Geral das Colónias. Lisboa, 1936.

Para fazer a história tam brilhante da ocupação portuguesa em África estava naturalmente indicado o A. dêste trabalho.

Porque viveu a vida de Africa, porque lá deixou bem vincado o seu nome, porque lá verteu o seu sangue numa epopeia magnífica e exemplar de heroísmo e ainda porque o General João de Almeida é um escritor vigoroso e artista de estilo, foi, a todos os títulos, feliz a iniciativa do Senhor Ministro das Colónias fazendo com que o General João de Almeida escrevesse estas páginas brilhantes da nossa História para as dar a conhecer na série de Conferências de Alta Cultura Colonial, em 1936.

Foi feliz, também, a iniciativa da Agência Geral das Colónias editando e fazendo publicar essa conferência, esplêndido trabalho sôbre a ocupação — quasi reconquista — dos nossos territórios ultramarinos nos finais do século XIX e nos princípios da época contemporânea.

São páginas belas da nossa História em que se narra a brilhante epopeia da jornada portuguesa em Africa e onde se faz justiça aos homens que, como Aires de Ornelas, Couceiro, Mousinho, Gomes da Costa, o Herói dos Dembos e tantos outros bons portugueses, criaram uma nova mentalidade imperial.



GIL VICENTE, por *Mário Gonçalves Viana*. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto, 1937.

Razão tínhamos quando salientamos o escrúpulo com que foi organizada a valiosa colecção das *Figuras Nacionais*.

Este segundo volume, consagrado a Gil Vicente, é a confirmação das nossas previsões. Gil Vicente, um dos portugueses mais notáveis na História da nossa literatura, andou largos anos esquecido. Ressuscitou-o Afonso Lopes Vieira e outros escritores lhe dedicaram trabalhos que, contudo, não conseguiram interessar o nosso povo no culto e nas homenagens que lhe devem ser prestadas.

Agora, a propósito do quarto centenário gilvicentino, voltou a ser lembrada essa figura grandiosa do fundador do teatro peninsular. Quem foi Gil Vicente e qual o valor da sua obra di-lo Mário Gonçalves Viana neste trabalho ao mesmo tempo profundo e leve. Profundo porque estuda, revela e restitue-nos êsse genial comediôgrafo que tantas e tão belas obras produziu. Leve porque tudo nos é revelado numa linguagem simples e despretenciosa que tôda a gente compreenderá e que constitue a melhor recomendação numa obra de vulgarização como esta.

JOÃO DE DEUS NA INSPIRAÇÃO MUSICAL, por *Alfredo Pinto* (*Sacavém*). Tipografia da Livraria Ferin. Rua Nova do Almada, 74. Lisboa, 1934.

A obra de João de Deus é daquelas que se não esquecem, tal o poder de magia, tal a beleza de forma que irradia, tal a sonoridade e musicalidade dos seus versos que encantam.

Não admira, por isso, que a sua obra tivesse interessado os músicos portugueses que musicaram alguns dos seus trabalhos, não digo os mais perfeitos porque todos eles são a própria perfeição. De admirar seria que tal não tivesse acontecido pois afirmaria a insensibilidade dos nossos músicos perante tanta beleza e tão farta seara. Mas não, felizmente. E a confirmar o carinho que aos compositores portugueses mereceu, muito justamente, a poesia de João de Deus está êste trabalho, que podemos classificar de análise e de História, onde o seu A. nos põe em contacto com os compositores de verdadeiras jóias musicais nascidas dos versos do grande lírico, e que «formam um conjunto brilhante que nos faz voejar pelas regiões mais douradas da nossa sensibilidade».

Trabalho conciso e perfeito, confirma os créditos de especialista musical do seu A. que é, igualmente, crítico abalizado e escritor talentoso.



PORTUGAL E A SUA MÍSTICA MISSIONÁRIA DE ONTEM E DE HOJE, por *D. Gabriel de Sousa*, O. S. B. Separata do « Mensageiro de S. Bento ». Roriz — Negrelos, 1937.

Portugal foi grande no seu passado. A sua acção não se limitou às conquistas e descobertas porque, juntamente, a acção missionária fez-se sentir na dilatação da fé e do império.

Só assim se compreende como Portugal pôde ser senhor e civilizador de tam vastos domínios. E da acção missionária dá-nos D. Gabriel de Sousa um belo resumo onde se exalta, louva e acarinha essa mística que é, afinal, teologia : — «a religião das idéas que se professam ; culto e sacrifício a um ideal que se abraçou».



HISTÓRIA DE PORTUGAL (4 volumes). Livraria Lelo & Irmão. Rua das Carmelitas, 144. Pôrto, 1936.

Da colecção « Ontem e Hoje » saíram 4 volumes da *História de Portugal*. O primeiro desses volumes é da autoria do sr. Angelo Ribeiro e abrange o período que vai dos primeiros tempos da Luzitânia ao reinado de D. Fernando I. O segundo é do sr. Newton de Macedo, que analisa o período que se inicia com o reinado de D. João I e termina com o Governo dos Filipes. Do terceiro, desde D. João IV a D. Maria I, ocupou-se o sr. Angelo Ribeiro. Do último, que vai desde D. João VI aos nossos dias, desempenhou-se o sr. Hernâni Cidade.

Não tem esta *História de Portugal* preocupações de alta erudição sendo, no conjunto, obra boa embora sem minúcias de crítica dos factos e de interpretação social e política

dos acontecimentos. Mas ressentem-se das preferências de alguns dos seus autores por determinados factos e, assim, se o primeiro volume é um bosquejo curioso, liberto de preconceitos, já no segundo se revela, aqui e além, a preocupação anti-jesuitica e uma má compreensão da política de Africa de El-Rei D. Sebastião.

No terceiro volume embora se reconheça que D. João V sofreu os efeitos do seu tempo, e que favoreceu as letras e as artes, não se oculta, também, a mesma preocupação anti-gradesca. O período pombalino é, porém, imparcialmente apreciado.

O quarto volume está escrito com compostura e o quadro das lutas políticas é focado com certo desassombro. A figura do grande D. Carlos é encarada com justiça e todos os factos são tratados com correcção e serenidade, sem grandes desvios ou pronunciadas preferências, a não ser uma demasiada severidade contra João Franco.



INTRODUÇÃO DO TEATRO NO BRASIL, por *Serafim Leite*. Separata da Revista « Brotéria ». Lisboa, 1937.

Este trabalho surge na hora própria. Pois se Gil Vicente foi o criador do nosso teatro é natural e lógico que se procure saber como esse teatro se desenvolveu nos domínios que constituíam o grande império português.

Com os portugueses que embarcaram nas naus das descobertas foram, também, muitos dos usos e costumes de Portugal. E, desta maneira, já no Brasil se representavam autos, antes mesmo do desenvolvimento que os Jesuítas deram ao teatro. Para se aquilatar bem quanto, também neste capítulo, se ficou devendo à acção benéfica e patriótica dos Jesuítas é que o A. deste trabalho nos proporcionou elementos valiosíssimos, acompanhados duma importante lista das produções e representações teatrais no Brasil do século XVI.



VISÃO DO CRENTE, por *João de Almeida*. Livraria Tavares Martins. Porto, 1937.

Não foi sem funda emoção que lemos esta segunda edição do notável trabalho de João de Almeida. E' que, — devemos confessá-lo —, muito ficou devendo a nossa intelligência à leitura do trabalho que em 1918 viu, pela primeira vez, a luz da publicidade. Lêmo-lo, então, profundamente comovidos por que êle representava o regresso aos caminhos perdidos de Portugal.

E tal foi a *Visão do Crente* que, nestes anos decorridos, não perdeu uma só parcela do seu interesse, pois, fruto de sérios estudos e profundamente meditado numa das horas mais negras que Portugal atravessou, mantém bem viva uma oportunidade de aplicação de muitos dos pontos de vista defendidos para engrandecimento da Pátria.

As convulsões da guerra europeia, o entrecocar das paixões, a entente luso-espanhola, agora que a Espanha em armas expia os seus grandes erros e os seus grandes desvios, tudo é encarado de acôrdo com os altos interesses de Portugal, mantendo uma actualidade flagrante. E nada foi preciso alterar, antes a única alteração que teve, representada pela nota que se publica a pág. 217 desta segunda edição, revela bem a preocupação do A. em melhorar os destinos da Nação dando-lhe a solução lógica que é necessário encarar bem de frente para que possamos « sair do jugo tirânico » de um regime estruturalmente anti-nacional.

ALMEIDA GARRETT, por *Mário Gonçalves Viana*. Editora Educação Nacional. Rua do Alameda, 125. Porto, 1937.

Almeida Garrett é pouco conhecido do nosso povo e, no entanto, ninguém como ele foi tam apegado ao povo e às suas tradições quer nos livros que publicou, quer nos seus discursos de parlamentar.

Este trabalho constitui um acto de desagravo a êsse portuense ilustre que reabilitou, também, o nosso teatro, então como hoje muito decaído.

Garrett está bem na galeria das *Figuras Nacionais*, porque, de facto, é bem nacional tudo quanto escreveu. E, por isso, êste novo livro de Gonçalves Viana tem o mérito de recordar, num estilo sóbrio, essa esquecida figura que tam notavelmente marcou na História da nossa Literatura e que, embora defendendo os princípios do liberalismo se pôde tornar, também, num dos mestres da contra-revolução, tal o cunho patriótico, tal o amor da tradição, tal o portuguesismo que se colhe da sua obra tam encantadora e tam suave, que foi precursora do nosso nacionalismo literário.

Neste trabalho, porém, mais se acentua nm certo *azedume* do A. contra José Agostinho de Macedo que, se teve grandes defeitos, — que o liberalismo mais avultou, — teve, no entanto, excepcionais qualidades que agora se vão reabilitando e expurgando de certas deformações em que se procuraram envolvê-las.

E não merecerá José Agostinho ser incluído nas *Figuras Nacionais*? Esperamos que sim.



ESPINHOS E ACÚLEOS, por *L. Coelho*. Tip. Minerva Vimaranense. Guimarães, 1937.

Encerra êste volumezinho cem quadras singelas, ao sabor popular, algumas delas transformadas em *espinhos e acúleos* a espicaçar as *mazelas* da sociedade.

Esta maneira de escrever quadras é bastante trabalhosa e precisa de certa preparação e de profundos conhecimentos da arte ingénua e da alma simples do nosso povo para se poderem interpretar e sentir em verso. E o A. conseguiu-o com felicidade, pois *Espinhos e Acúleos* revelam exuberantemente essas qualidades. E' mais uma vimaranense que se estreia e que nos promete novos trabalhos que, certamente, não desmerecerão dêste a que nos estamos referindo.



POESIAS ESCOLHIDAS, por *João Cabral do Nascimento*. Eds. Biblion, Lisboa — 1936.

João Cabral do Nascimento é um poeta já feito. Poeta que nós nos acostumamos a admirar, quando, ainda estudante de Coimbra, Cabral do Nascimento publicou os seus primeiros versos. E, jornalista e poeta, logo nos encantou a sua maneira de escrever e a sua forma segura de versejar. Agora, senhor de uma técnica mais perfeita, Cabral do Nascimento não descansa. Director do *Arquivo Histórico da Madeira*, essa bela Revista onde a história da linda ilha se espelha em documentos de alto valor, João Cabral do Nascimento não esquece que é poeta e que nasceu poeta.

E aqui temos *Poesias Escolhidas*, um mimo de poesias encantadoras, onde se cantam as tardes belas, aquelas tardes que são inspiração de poetas, a chuva «mansa e fina

poalha», a faina de vindimas, «visões, desejos, sonhos tentadores... verdade e vida», e o mar, o mar imenso sôbre o qual Cabral do Nascimento compôs umas sugestivas «Variações sôbre o tema da Nau Catrineta», tema tão português porque anda ligado à nossa História trágico-marítima.

*Poesias Escolhidas*, mimo de poesias, é, pois,

*Um livro amado, um livro preferido,  
Que se folheia assim, depois de lido,  
Para reler, reler constantemente.*



EUROPA ACTUAL, por *António Canavarro de Valadares*.  
Pax — Braga, 1937.

Qual será o destino da Europa? Eis uma interrogação que preocupa muitos espíritos, que é espinho agudo cravado no coração dos homens que pensam e sentem, que é tormento de muitas inteligências e ponto obrigatório de meditação profunda e serena.

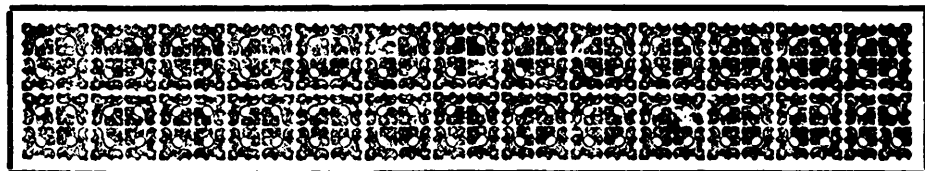
A Europa está doente, muito doente e profundamente abalada nos seus alicerces milenários. Há mais de cem anos que sofre uma das mais pavorosas crises de que há memória. Depois da Grande Guerra, depois dessa Guerra, de que — dizia-se — surgiria um mundo novo, sob o signo da Democracia, mais se agravou ainda o mal da Europa e de tal modo que se chegou, enfim, a um dilema donde ela sairá ou liberta ou escrava, de onde ela sairá ou para a vida libertadora ou para a morte inglória.

António Canavarro de Valadares, espírito moço e inteligência clara ao serviço da Pátria e criteriosamente orientado ergue, em *Europa Actual*, livro elaborado sôbre uma larga e nítida observação histórica, um grito de alerta que precisa de ser escutado e repetido. Livro de uma actualidade flagrante e aflitiva, que se recomenda a todos quantos se interessam pelas questões políticas, económicas e sociais, encontra-se dividido em três partes distintas. Na *primeira* analisam-se «As conseqüências da Guerra», com as transformações que se lhe seguiram, de ordem política, de ordem económica, de ordem social e de ordem moral e psicológica. A *segunda* é uma «Visão panorâmica da Nova Europa», começando pela Latinidade e percorrendo pelas Monarquias do Norte, as Repúblicas do Báltico, o império da Reichsführer, o caso helvético, os herdeiros dos Habsburgos, as Nações Balcánicas e as vicissitudes da Eurásia. Esta *segunda* parte constitui um belo capítulo da História contemporânea que merece leitura atenta pelas conclusões a que se não pode deixar de ser levado, tal o realce e clareza de exposição objectiva.

A *terceira parte* é o complemento lógico de todas as outras, pois partindo do «Destino do nosso continente», perscrutando o que *diz a História contra o espírito do Ocidente* e baseando-se nos *eternos fundamentos*, sugere o dilema da Europa para concluir com a «Missão de Portugal», na sua *vocação apostólica*, na sua *expansão colonizadora* e como *paladino da civilização cristã*. E assim temos que essa Missão consiste em restaurar: no espiritual — o cristianismo; no político — a Monarquia; e no social — o corporativismo.

Livro de verdade, escrito *pro Deo, patria, rege et gente mea* é um livro que merece divulgação porque fixa bem o mal de que sofre a «Europa Actual» e o que é necessário fazer para a salvar do caos do presente.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.



# Belezas da Minha Terra

## “Sete Cidades”

por MARIA LOMELINO TEVES

**S**OB o influxo desta evocação, vejo passar ante o meu espírito numa visão rápida, porém impressionante, tantos quadros belos e paisagens maravilhosas que por longos espaços de tempo, embora me parecessem momentos, a minha alma, numa elevação quási religiosa, soube sentir, mas talvez não saiba reproduzir fielmente.

Ilha de S. Miguel!, nome que por uns será ouvido com indiferença, ou por desconhecimento, ou porque, infelizmente, não tiveram a ventura de sentir a influência das suas belezas. A outros, porém, reboará nos ouvidos como um doce chamamento para um retiro contemplativo das impressões recebidas, que, conquanto distantes, se fixam de um modo real, porque o sulco aberto, ainda que recomposto, fêz sentir profundamente na alma a saúde da sua visão, que a retina guarda ciosamente para que jamais se apague.

Evocando novamente as Belezas da Minha Terra, paisagens e sentimentos múltiplos chocam-se e atropelam-se tumultuosamente na ânsia de primazia, na preferência da minha escolha.

Tantas e tão belas! Que fazer?...

Apanhar de relance aquela que, no momento, passar pelo meu espírito. E assim, surge o recorte caprichoso da cumieira das «Sete Cidades» que a lenda poética imortalizou.

Num poder de imaginação inexplicável, vejo, como por milagre, uma cordilheira de cumes irregulares que desce, ora suave, ora bruscamente, até junto da superfície espelhada das duas lagoas.

São elas irmãs gêmeas, nascidas da mesma revolta que a terra num ímpeto de ferocidade não soube conter, deixando cavadas impiedosamente duas cicatrizes monstruosas, que a própria natureza envergonhada

pela fealdade do produto da sua revolta, soube compor, cobrindo a ferida que outrora sangrou, por águas tranqüilas, — tal como a mãe tenta esconder recatadamente, aos olhos de outrem, os defeitos do filho querido.

Uma seduz com um verde estranho; a outra impõe-se pela candura do seu azul safira, e as duas unindo as águas, deixam-nas ondular ao sabor suave da brisa, e, por vezes, numa quietude misteriosa, reproduzem nas suas superfícies polidas a imagem que as rodeia, desde a cumieira sinuosa, até à ervinha mais humilde que procura, envergonhada, evitar a sua contemplação.

Aquêlê silêncio, de que a natureza se reveste, para melhor fazer sentir os seus segredos, pode ser tema para um número infinito de sugestões, entre as quais uma merece menção especial pela sua inegualável magia...

Ao deixar a margem num frágil barquinho, embalado por uma ondulação cadente, envôlta dum sossêgo absoluto, a alma em êxtase parece adivinhar que alguma coisa de belo lhe vai ser permitido admirar.

O sol, meio velado por uma nuvem teimosa, espalha uma claridade impressionante. Em frente, a encosta de forma angular cortada quâsi a pique, graças àquela nuvem teimosa, apresenta um verde único e fortemente carregado. A lagoa servindo-lhe de base, sente-se orgulhosa de ter a felicidade de poder servir de espelho àquele cantinho misterioso, donde em breve se desenrola um quadro único de beleza.

O barco avança ao acaso; esquecidos, suspensos, imóveis da borda, os remos deixam cair gotas de água que na sua queda rítmica fazem ecoar um som desconhecido. E, daquele cantinho donde a nossa vista se não desprende, uma aparição súbita faz emmudecer.

Uma garça, num vôo retardado, levanta-se, e, à claridade da luz difusa, vê-se, não uma garça de penas fôfas e macias, mas uma garça brilhante como cristal, movendo languidamente as asas arqueadas. Dos dedos recurvados, a água desfaz-se em gotas pequeníssimas, as quais parecem transformadas em brilhantes prismáticos que, caindo um a um, provocam na água espelhante movimentos circulares, desprendendo reflexos de prata.

Ao voltar à realidade, o nosso espírito ainda perturbado, duvida se seria uma alucinação aquela aparição estranha que desapareceu para sempre.

As encostas cobertas por uma vegetação variadíssima, lembram um gigantesco tapete que, com ondulações mais ou menos longas, consegue colorir-se de tons tão raros como diversos.

Dispersas, naturalmente indiferentes a todo aquêlê encanto, as vaquinhas e ovelhas pastam com pachorrença mansidão, movendo-se pausadamente, bamboleando os chocalhos pendentes das coleiras, dos quais nos chega um som longínquo e mavioso.

A margem apresenta contornos pouco regulares onde as pequenas ondas morrem num dolente murmúrio.

Numa das lagoas, a terra penetrando na água com uma curva elegante, alonga-se formando uma pequena península coberta por faias de fôlhas assetinadas.

No lado oposto, a pequena distância da margem, imerge uma ilhota de tamanho insignificante, na qual as árvores entrelaçando os seus troncos selvagens, se debruçam na lagoa estendendo os galhos preguiçosamente, à procura da sua imagem na água cristalina.

Dois pequenos povoados, que parecem adormecidos, espreitam-se curiosamente de cada lado da lagoa. Num deles, ao fundo duma pequena avenida de ciprestes, sempre verdes e hirtos, através de todas as tempestades, descortina-se uma capelinha solitária, branca como a alma daquela boa gente.

Todos os domingos, quando o sol brilhando lá no alto, banha com os seus raios ardentes aquêlê privilegiado cantinho da ilha, da pequenina tôrre esguia os sinos fazem ecoar por todo o vale vibrações sonoras, que, em revoadas alegres, chamam os fiéis para o santo sacrifício da missa.

Os poucos habitantes daquele vale encantado, são laboriosos e de bons sentimentos, reflectindo-se-lhes nas caras tostadas pelo sol, a paz das suas almas. Vivem, tal como se fôra uma só família, auxiliando-se mutuamente, sentindo todos as mesmas dores e alegrias.

De madrugada, as môças sádias, com as suas saias rodadas e lenços de côres garridas, dirigem-se para a lagoa, levando em equilíbrio, sôbre as cabeças, trouxas de roupa que vão lavar.

Pouco depois, em vez do silêncio entrecortado pelo cantar das avezitas e o zumbido das abelhas, ouvem-se as vozes frescas das lavadeiras que ao compasso do bater da roupa, se elevam em notas melodiosas. Enquanto elas dão comêço à faina quotidiana, homens, levando as enxadas às costas, vão a caminho da margem onde os espera o barco que os transportará às terras que vão amanhar. Com remadas seguras e compassadas fazem deslizar o barquinho silenciosamente e a água, há pouco imóvel, vai-se abrindo em círculos crescentes, desprendendo cambeantes prateados.

Renovando como num sonho, diviso estes quadros surpreendentes

de beleza, através dum poente admirável. Nesta hora de recolhimento, das encostas adormecidas, o fumo das fogueiras, abafado para carbonização da madeira, eleva-se em aspirais, a princípio denso, para depois, subindo sempre cadencialmente, desaparecer no ar.

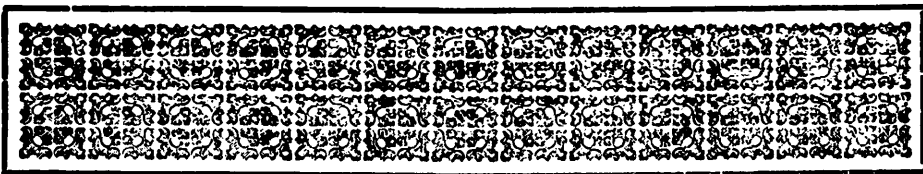
O céu, que até então apresentava a côr azul turquesa, matizado por nuvens alvas como a neve e de formas indefinidas que pairavam no espaço aquecidas pelos raios dardejantes do sol, muda como por encanto com o desaparecimento dêste astro incomparável e benéfico. Estas mesmas nuvens brancas tornam-se agora rubras e de oiro pálido, entre-meadas de nesgas indeléveis, de outras côres esbatidas.

O céu, as lagoas, as encostas, tomam tons ardentes, que pouco e pouco, à medida que o sol vai descendo, se extinguem gradualmente.

E assim, continuando a sua rota, o Astro-Rei esconde-se no horizonte apertado, dando lugar à pálida lua que, ao erguer-se vagarosamente, reflecte os seus raios amortecidos naquele imenso espelho mágico...

*Ilha Verde — Dezembro de 1936.*





# VALENTINO

Vestiram-te de novo, Valentino,  
como os ramos dos brancos espinheiros,  
só os teus pés rosados de menino  
ficaram nús, descalços e trigueiros...

Calças os sapatinhos que te deu  
a tua mãe, desde que tu nasceste...  
não custaram dinheiro... Mas, sei eu,  
custou caro o vestido que te veste!

Custou, e a mamãzinha já gastou  
com êle o mealheiro tilintante...  
Para o encher a criação cantou  
mais de um mês de postura fatigante!

Quando em Janeiro um lume forte e novo  
nem aquecia o teu corpo franzino,  
as galinhas cantavam: um ovo, um ovo!  
aqui está um ovo para o menino!

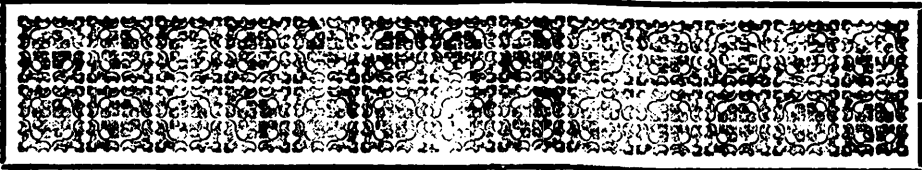
As galinhas chocaram em Fevereiro...  
E tu, pequeno e magro aldeãozinho,  
ficaste a meio, em traje domingueiro,  
mas de pés nús, qual leve passarinho.

Passarinho emigrado de além-mar,  
que salta entre o cerejal, e sem saber  
que, além do debicar, cantar e amar,  
haja outra alegria, outro viver!

GIOVANNI PÁSCOLI.

(Clotilde Mateus traduziu).





# À propos du "narcisisme" de Florbela Espanca

(Lettre ouverte à M. J. Silva Júnior)

Honoré Monsieur,

Je vous suis sincèrement reconnaissant d'avoir bien voulu me dédier la première partie de votre étude, si pénétrante et si bienveillante, sur Florbela Espanca. Dans la lettre que vous m'avez écrite plus tard, vous m'invitez à révéler «le secret de Florbela».

Je dois vous dire que, contrairement à ce que vous imaginez, je ne suis en possession d'aucun secret: je dirai-même que, dans la vie de Florbela, il n'y a aucun secret. Si, en parlant d'elle-même, elle a écrit: *«E' esta a história da minha tristeza: história banal, como quasi toda a história dos tristes»*, pourquoi s'obstiner à chercher un roman qui n'existe pas? Ses lettres (si elles sont publiées un jour) ne révéleront rien de nouveau sur sa vie privée.

Il y a pourtant, dans votre lettre, un point sur lequel je me crois autorisé à prendre la parole pour démentir, dès leur naissance, des bruits et des soupçons qui sont outrageux pour la mémoire de mon inoubliable amie.

L'affection de Florbela pour son frère était tout ce qu'on peut imaginer de plus pur, de plus noble, de plus élevé. Elle n'avait que lui au monde; il était son aide, son confident, son conseiller. Il était le seul qui pût la comprendre, qui admirait son talent, tandis que tout le monde ne semblait guère s'occuper d'elle. Quoi de plus naturel que l'amour fraternel fût accompagné d'une tendresse profonde et d'un dévouement complet?

Il faut couper court à des insinuations absurdes et outrageantes.

Quant au «narcisisme» dont vous me parlez, je dois vous dire que je ne comprends pas ce que, par ce mot (qui hors du Portugal n'a aucun sens), vous voulez indiquer.

Est-ce que vous appelez «narcisisme» le besoin de parler de soi, de révéler le secret de son âme, de manifester ses haines et ses amours, que tout poète lyrique ressent? En ce cas, le mot est tout à fait inutile, parce que tout le monde sait que l'essence de la poésie lyrique est le subjectivisme. Ou bien, voulez-vous désigner par ce mot cette manie de réclame et d'exhibition dont quelques écrivains de votre pays sont atteints? Ce que je puis affirmer, c'est que personne plus que Florbela ne s'est refusée à mendier des éloges et des applaudissements. Elle savait trop ce que ces éloges coûtent à la dignité!... Sa vie a toujours été très simple et très retirée, et la nouvelle de sa mort à Matozinhos a surpris plus d'une personne.

Vous me dites enfin que la connaissance de détails sur la vie de Florbela pourrait servir à expliquer son oeuvre poétique. Hélas! c'est la vieille illusion de l'école positiviste, que de chercher la source de l'inspiration et du génie dans les circonstances extérieures de la vie de l'artiste. Non, entre la vie privée d'un artiste et son oeuvre, il n'y a aucune relation. L'Arioste, qui était un fantaisiste homme morose et casanier, a écrit le poème le plus fantaisiste du monde; Verlaine qui était un pauvre ivrogne, a donné à la poésie française les vers les plus aériens et les plus délicats; Rimbaut qui était un contrebandier et un marchand d'esclaves, a écrit des pages admirables.

C'est dans l'oeuvre-même du poète que nous devons chercher la source de son inspiration et le développement de son génie. Il faut pénétrer la psychologie de l'artiste, surprendre la genèse de son oeuvre, révéler sa sensibilité et sa maîtrise. C'est bien difficile, j'en conviens; mais votre Essai révèle que vous possédez les qualités nécessaires pour réussir dans cette tâche: continuez donc à analyser l'oeuvre admirable de cette femme que vous appelez à juste titre *«a maior poetisa de Portugal»*.

Agréé, Monsieur, l'expression de ma reconnaissance et de ma considération la plus distinguée.

*Florence, septembre 1937.*

GUIDO BATTELLI.



# As Festas de S. Mateus na Ilha do Pico

por BENTO CALDAS

HÁ nos costumes e festas açoreanas notas interessantes e dignas de registo.

Na Ilha do Pico e na linda freguesia de S. Mateus realizam-se no dia 31 de Setembro as festas do seu Santo Padroeiro. Na véspera, há fogo e arraial que não tem, nem ao de leve, o movimento e alegria dos arraiais minhotos.

Mas, é no próprio dia da festa que muita gente ali se junta levada pela fé que em alto grau se encontra na população daquelas terras de penhascos e *mistérios*, onde o trabalho é árduo e difícil porque só muito cuidada a Terra produz o pão para a bôca.

O sino da Igreja chama para a missa. Todos acorrem e fazem ali as suas orações.

Do púlpito, o Senhor Padre diz o sermão e fala de S. Mateus que foi cobrador de impostos.

E, no fim da missa, da missa cantada, a procissão sai da Igreja levando o estandarte do Senhor Espírito Santo, que tenho visto em todas as festas açoreanas.

Encorporadas na procissão, que não tendo imponência tem beleza porque tem sobretudo fervor religioso, as raparigas da aldeia levam à cabeça, e devidamente enfeitados, os açafates com *rosquilhas*, um pão levemente amassado com ovos e açúcar, e que é, no final de contas, o doce da romaria.

Logo a seguir vai o andor com a imagem de S. Mateus e por último o Senhor Padre Ouvidor conduz a coroa do Senhor Espírito Santo que foi benzida na Igreja, à hora da missa.

A procissão, dada a volta do costume, entra na Igreja enquanto as raparigas poisam no adro os açafates com *rosquilhas* que o Senhor Padre, devidamente paramentado, pouco tempo depois vem benzer.

E, à hora do desmanchar da festa, quando todos se dirigem para casa, as *rosquilhas* são distribuídas em cumprimento do voto feito já lá vão muitos anos.

Isto tem a sua história que em poucas palavras vou contar.

Em 1718 o fogo rebentou nas freguesias de S. Caetano e de S. Mateus e com tal violência que todos tinham como certo o desaparecimento dessas freguesias.

Entre o povo, e como é natural, grande alarme se estabeleceu.

Movido pela Fé, o povo acorreu à Igreja e organizou uma procissão que levava a imagem de S. Mateus e a coroa do Divino Espírito Santo, dirigiu preces ao Senhor e fugiu espavorido para os cabeços do monte donde via as labaredas avançar e a morte aproximar-se.

Fêz então o seu voto de distribuir todos os anos e no dia de S. Mateus *rosquilhas* de trigo a todos os romeiros.

O Senhor ouviu as suas preces, as labaredas deixaram a terra, correram em direcção ao mar e todos se salvaram.

O voto ainda hoje se cumpre.

No dia de S. Mateus todos os romeiros recebem as *rosquilhas* nos extremos da estrada marcados com bandeiras e arcos de verdura a dizem onde começa e acaba o recinto da festa.

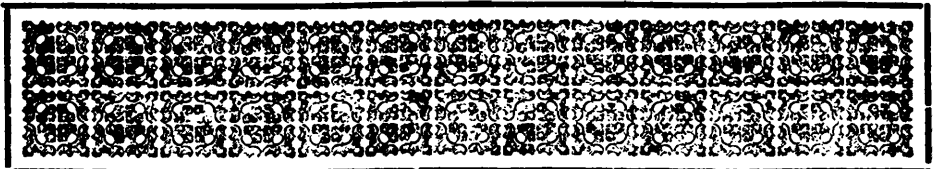
Os açafates conservam-se sempre no adro da Igreja, onde foram colocados, e as *rosquilhas* são transportadas para os lugares da sua distribuição em pequenos carros ou enfiadas em varas que para um e outro lado levam, cheios de alegria, os rapazes da aldeia.

E, pela estrada fora, bem se conhecem os que foram a S. Mateus porque êsses levam para casa as *rosquilhas* que, em cumprimento do voto feito há tantos anos, ainda hoje são generosamente distribuídas.

O voto está de pé, transmitido de geração em geração, como testemunho de reconhecimento pela bondade sem limites do Senhor que do fogo salvou, em tempos passados, a gente daquelas terras.

E' esta, sem dúvida, a nota mais interessante das festas de S. Mateus que a gente do Pico venera porque das cinzas do fogo nasceram as labaredas vivas duma fé e gratidão que não se extinguem.

*Horta — Açores. — Setembro de 1937.*



# Pequito Rebello; en los aires (\*)

por JOSÉ MARIA PEMAN

Está la guerra de España llena de glorias subterráneas y secretos romances. Hay mil heroicidades anónimas. Hay hazañas de alta mar, sin más testigos que las olas y Dios. Como montañas tapadas por la niebla, hay nombres y poemas que discurren por detrás de los blancos de censura.

Así pocos saben que desde el principio de la guerra, no en funciones de agresión, pero sí de voluntario servicio y amistad, está en nuestra tierra — mejor en nuestro viento — ese gran portugués amigo de España, aviador y poeta, que se llama Pequito Rebello.

Pequito Rebello es alto, moreno y taciturno. Tiene el bigote como un sauce, caído y lacio, y los ojos llenos de *saudades*. Este gran escritor integralista, que tiene, como Sardinha, el llorado maestro, un claro rigor mental suavizado de lirismo. Los grandes dogmas peninsulares y portugueses, no sólo los comprende, sino que los siente. Para él, nuestra interior frontera entre Portugal y España, precisamente por estar hecha de valores espirituales e históricos más que físicos y geográficos, significa como un saludable triunfo de una realidad espiritual, sobre la mera tentación material e lujuriosa de la unidad.

Esto hace que esa perenne realidad de la dualidad peninsular sirva de freno moral y sentido de autolimitación para todos nuestros productos del espíritu. Todo esto lo pongo yo aquí fría y didácticamente. Pero todo esto Pequito Rebello lo siente dolorosamente en su espíritu y casi físicamente en su carne. El siente, en pasión y tortura, la separación y la convivencia de Portugal y España. La frontera mantenida por convicción de espíritu frente a la geografía, tiene para él nobleza de voto de castidad, de vigilante cilicio. El la percibe líricamente, como reja entre novios, como ausencia entre amantes.

---

(\*) Publicado no n.º 10.701 do ABC, de Sevilha, de 17 de Setembro de 1937.

Por eso su alma solitaria de gran poeta ha necesitado buscar un recurso para escaparse, como un beso, por la reja separadora. Rebello, espíritu d'anunziano, que convierte en aventura la vida, se compró una linda y rápida avioneta. Con la misma mano con que escribe sus artículos exactos, maneja los mandos. Su mano de escritor erudito ha estampado vigorosamente en el papel la necesidad histórica y política de la dualidad peninsular, de la separación de sus dos amores: Portugal y España. Pero su mano de aviador busca la evasión de esa vigorosa verdad, por un aire lírico y sin fronteras... Yo creo que Rebello se hizo aviador para volar, sin aduanas, por todo el cielo peninsular.

Yo ya le había tratado. Pero del todo no le conocí hasta que charlé con él, en el aire, sin más testigos que el sol de la tarde y el viento del Sur. Y ello fué de esta manera.

Como quien agota hasta el final un pitillo, así quise yo agotar los días en que, abriendo una clara en mis tareas, pude ser testigo de la guerra de Asturias: de esa admirable guerra ciclópea y alpina de que os hablé en una crónica anterior. Tan agoté mi tiempo, que un día me encontré por la mañana en Comillas, teniendo de precisión que llegar por la noche a Andalucía. El avión que había quedado en traerme tuvo que desistir por haberse iniciado um poco de galerna en el Norte. Empecé, pues, el regreso en automóvil, corriendo kilómetros sin esperanza de poder alcanzar la meta en el curso del día. Cuando en Salamanca, estando almorzando, vi, en una mesa contigua, solitario y distraído como siempre a Pequito Rebello.

No bien me decidí a contarle mi caso, Rebello se ofreció sin titubear.

— Yo estoy aquí para servir a todos... Además, me encanta, cada día, no saber dónde anochecer.

Hermosa y portuguesísima disposición de ánimo, amigo Rebello, señor del aire y la aventura. Tampoco, cada día, sabían dónde anochecerían aquellos *baroes assinalados* que cantó el Epico. Y no saber dónde se anochecerá cada día es la fórmula mejor, para, un día, anochecer en las Indias o en el Pacífico.

Minutos después estábamos en el aerodromo de Salamanca, al pie de su avioneta. Rebello desenfundaba sus hélices y la acariciaba como a un pájaro doméstico. Me contaba, con pena, que antes la tenía pintada de blanco y negro, «como una golondrina». Ahora ha tenido que profanarla con los rayones verdes y amarillos del *camouflage*: trágico disfraz de pierrot para la guerra.

La avioneta es pequeña, con dos sillines al aire. El pasajero ocupa

el de delante. Rebello, antes de instalarme, me colocó una escafandra de paño, con gafas de cristal y en las orejas dos auriculares, telefónicamente enlazada con un sillín, para poder entendernos sobre el estruendo del motor y el aire: — ¿Me oye usted bien?

Sentía en mis orejas vibrante, mecánico, el castellano aterciopelado de Rebello.

— Perfectamente.

— Pues... ¡Dios con nosotros!

Porque volar con el aviador-poeta, es acción que pierde toda frivolidad de desporte, y adquiere toda una transcendencia de poema. Nos elevábamos rápidamente. Allá abajo los álamos del Tormes se quedaban diciendo versos suaves sobre esa «descansada vida» que nos ha sido negada a los poetas de hoy. Por el teléfono me llegaba la voz de mi compañero, que me decía suavemente la «Plegaria del Aviador», que tiene compuesta. Sobre la trepidación y las bofetadas del viento, flotaban líricas palabras de arrebato:

— Porque vamos, Señor, entre el Angel de la Vida y el Angel de la Muerte...

Cuando un aire frío y húmedo nos habló de mayores alturas, vi a mis pies la Sierra de Béjar. Se perdía, muy lejos, entre brumas, hacia occidente: acaso la divisábamos ya metida en Portugal. Porque sí, amigo Rebello, la Sierra de Béjar, como todas, se mete horizontalmente por tu tierra. Cambia su nombre, pero se vuelve más lírica; se disfraza de Sierra de la Estrella, pero sigue. Es ella, que no se yergue como muralla, sino que se sucede como enganche y cadena.

Por eso, me explicaba Rebello, la superación de todas esas tentaciones físicas nos impone una continua y ascética limitación espiritual. Nuestro nacionalismo peninsular, por esa aleccionadora realidad de la variedad en la unidad, no será nunca aplastante y faraónico. Nuestro nacionalismo será siempre cristiano, equilibrado: basado sobre un primordial respeto a la persona humana, que es la que fué redimida por Dios. Imperio, Estados fuertes, sí; pero no para aplastar deificados al hombre, sino para hacerle más feliz e mejor. Como ayer, para bautisar indios y redimir tierras. El hombre es el valor y la medida esencial: enlace entre Dios y la tierra... Es la única teoría posible para un poeta solitario que tiene una avioneta.

Habíamos cruzado la Sierra. Pasábamos las grandes llanadas extremeñas punteadas de olivos. Me llegaba por el teléfono la voz de Rebello:

— ¡Que bella es España!

Adquiría proporciones poemáticas aquel piropo portugués, en la libertad del aire, a caballo sobre aquellas tierras anchas, sobre aquellos olivares sin aduanas. Ahora, bajo los olivos, la tierra era colorada de arcilla, como si la hubiera ruborizado el piropo.

Poco después, a las dos horas escasas de vuelo, pasadas las quebraduras de Huelva, aparecía la Giralda, entre ese vaho turbio con que respiran las grandes ciudades. Las hélices anunciaban los estertores del aterrizaje. Tablada, ancha y morena como un cortijo, nos recibía luminosa y ardiente. Alborotados y ceceantes salían a saludarnos, en mínimo bañador, algunos amigos que estaban zambulléndose en la piscina del aerodromo... Por la mañana yo había dejado, en Comillas, al Estado Mayor de Solchaga, con capote de pieles camino de los Picos de Europa. «La variedad en la unidad», amigo Rebello: tu fórmula peninsular; la receta de nuestro nacionalismo. Nieve y sol; prados y olivos; dejo lusitano y ceceo andaluz... pero, por encima, un solo amor. Tu fórmula y tu vida: Portugal es Portugal y España es España... Pero el aire es de Dios. Y tuyas anchas e libres, tu avioneta y tu pluma.

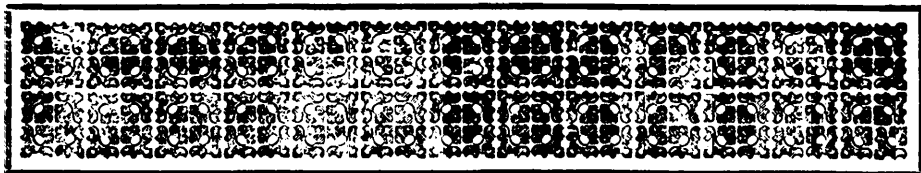
Pequito Rebello estaba contento da haber cumplido un acto más de amistad y servicio. Todavía al felicitarle yo por la rapidez del vuelo, me estrechaba la mano:

— Es que hoy traíamos dos juegos de alas...

Una pausa. Y luego, com esa cadencia redondeada tan de los portugueses:

— Las de la avioneta... y las de la Poesía.





# UM VERBETE DE BIBLIOGRAFIA ARTISTICA

(Continuado de pág. 114)

por ARMANDO DE MATTOS

## INSTRUCÇAM INCIDENTE

*Do uso destas agoadas nas plantas militares.*

Destas mesmas agoadas usão os Architectos, e Engenheiros nos desenhos das suas obras, e plantas militares na forma seguinte: Toda a obra de *pedra*, e *cal*, chamada alvenaria nas fortificaçoens lavão com agoada vermelha; toda a obra de *terra* lavão de preto: toda a obra em *projecto* para se executar, lavão de amarello: toda a obra de *pedra*, e *cal* arruinada, riscão de linhas ponteadas de vermelho, e lavão com a mesma cor: as obras de *terra* arruinadas riscão de linhas de pontinhos em preto, e lavão com tinta da China: todo o *mar*, *rio*, ou *ribeira* lavão com agoada de rios: os *caminhos*, *ruas*, *hortas*, *jardins*, e *pateos*, e tudo o que he descoberto dentro das Praças deixão com a brancura do papel: os *Tem-plos*, *Hermidas*, ou *Igrejas*, lavão de carmim. Desta materia trataremos com mayor extensão, querendo Deos, quando escrevermos das ordens de Architectura.

Antes que deyxemos os pinceis, he razão que aqui toquemos as regras da Armaria, e o modo de dispor, e colorir os Escudos de Armas, para que os curiozos, e Artistas saybão fazer as que se lhes pedirem, e colorir as que se lhes derem dibuxadas, ou estampadas, como se achão nos Nobiliarios, ou como os dão os Reis de Armas, não interrompendo as leys da Armaria, como ordinariamente fazem por falta de noticia huns e outros.»

## DIGRESSAM OPPORTUNA

### Do colorido dos Escudos de Armas.

#### PRENOTAÇAM

INSTRUCÇAM I.

*Dos Esmaltes da Armaria.*

INSTRUCÇAM II.

*Do modo de significar as cores.*

INSTRUCÇAM III.

*Dos Escudos.*

INSTRUCÇAM IV.

*Das divisoens dos Escudos.*

INSTRUCÇAM V.

*Das insignias dos Escudos.*

INSTRUCÇAM VI.

*Dos Elmos.*

INSTRUCÇAM VII.

*Dos Timbres.*

INSTRUCÇAM VIII.

*Dos ornatos dos Escudos.*

*Esta Digressam opportuna tem três anotações à margem.*

## Tratado das Pinturas

### De oleo, tempera, e fresco.

#### CAPITULO I.

*Da Pintura de Oleo.*

#### PRENOTACÇAM.

Nesta pintura se guardão indispensavelmente os mesmos rigorozos preceitos da Pintura de Illuminação, da qual differe sómente em não admittir todas as cores floridas, e em admitir oleo de linhaça em lugar de agoa de gomma, para se concertarem as que nella se usão que são:

Alvayade,  
Zarcão,  
Masicote,  
Esmalte,

Vermelhão,  
Sinopla,  
Cinzas,  
Laca,

Verdacho,  
Almagra,  
Verdete,  
Genoli,  
Jalde,  
Terra roxa,

Carmim,  
Coxinilha,  
Sombra de Cintra,  
Preto de Flandes,  
Osso queymado,  
e Ocrez claros, e escuros.

Todas moidas em a pedra, exceptuando os azues; porque estes se concertão com oleo na mesma palheta: Conservão-se frescas, postas em vieyras, mettidas estas em agoa, cubertas com hum papel. O modo de aparelhar as superficies nesta Pintura, achará o curiozo na Secção V do de Magisterio das tintas. Isto prenotado, seja a

#### INSTRUCÇAM I.

##### *Dos seccantes particulares de algumas tintas.*

O seccante para o jalde, se o de pedra hume, e se faz, moendo della huma pouca, depois de queymada em huma telha, e misturando com o jalde huma tal quantidade, que não faça perder a cor ao mesmo jalde. O seccante para o preto, he o verdete sómente, moído, e misturado na palheta com o mesmo preto. O seccante para a laca, he o que se faz de vidro, quebrado em pedaços, e mettidos no fogo até se fazerem vermelhos, moendo-os depois, e misturando o pó com a laca na palheta. Tambem em lugar do pó de vidro lhe servirá hum bocadinho de Zarcão.

#### INSTRUCÇAM II.

##### *Do seccante de todas as tintas.*

O seccante melhor para todas as cores he o que se faz do modo seguinte: Tomem-se humas poucas de fezes de ouro moidas, e atadas em hum panninho, e se metterá dentro do oleo quando ferver em huma tigella posta ao fogo, e em dando hua fervura se tirará o óleo para fóra, do qual se usará tomando-o em hum pincel. Tambem pode fazer-se sem fogo, lançando por espaço de dez horas huns pós das ditas fezes de ouro no oleo, que se houver de gastar no dia seguinte.

INSTRUÇÃO III.

*Da purificação do oleo de linhaça.*

Tome-se hum pouco deste oleo em huma tigella, e posto ao Sol meyo quarto de hora, se lhe deitará hum pouco de alvayade moido, e se deixará ficar até o outro dia, no qual então se poderá usar.

Tambem se purificará lançando o mesmo oleo com agoa clara em hum pucaro furado por baixo, [tendo hum torno com que se possa tapar, e destapar] no qual se baterá tudo muyto bem, e se deixará então repouzar o oleo, e em estando repouzado em cima como azeite, se lhe tirará o torno, para que descorra toda a agoa, e então se tapará outra vez para que não descorra o oleo, o que se fará duas, ou tres vezes. He doutrina de Philippe Nunes nosso com-Provinciano.

INSTRUÇÃO IV.

*Modo de usar do jalde.*

Tome-se jalde do mais amarello, e depois de moido muyto bem como agoa clara, e enxuto, se tornará a moer com oleo, do qual se poderá usar para os claros com o seu seccante; e para as sombras se tomará tambem jalde em pedra, e depois de queymado dentro de hua colher, sobre brazas sem fumo, até fazer fio como o mel, se moerá com agoa, e depois de enxuto se usará com oleo. Tambem para as sombras mais escuras se poderá misturar com terra roxa, e laca.

INSTRUÇÃO V.

*Do modo de fazer os verdes.*

Fazem-se de verdete, e alvayade, concertado na palheta para os claros, meya tinta, e escuros. Tambem se podem fazer outros verdes de cinzas, e masicote, e masicote, concertando-os na palheta, e juntando-lhe alvayade para os claros, e preto para os escuros, conforme as gradaçoens que delles se quizerem fazer.

INSTRUÇÃO VI.

*Do modo de usar do alvayade, e cinzas.*

O alvayade se ha de moer primeiro na pedra com agoa clara, e depois de enxuto se ha de moer com oleo de nozes. Com o mesmo

oleo se usão as cinzas, as quaes se devem lavar primeyro, como já dissemos na Pintura de Illuminação, se forem grossas, e escabrozas. Temos escripto o substancial, e mais preziozo da Pintura de oleo, vamos ao

## CAPITULO II.

### *Da Pintura e tempera.*

#### INSTRUCÇAM UNICA.

Esta Pintura he o mesmo que a Pintura a oleo, e só differe em se prepararem as tintas com colla, e em admittir algumas cores, que não admitte a Pintura de oleo, v. g. o verde bexiga, o verde montanha, e o verde escuro de jalde, e anil. Tambem differe em não levar imprimação, ou imprimadura, mas sim em lugar della huma mão de colla (não muyto forte) dada no panno, que he huma das materias em que se executa. Sabemos que alguns Pintores famozos, aconselhados de Philippe Nunes, misturão com a dita agoa de colla hum pouco de alvayade moido.

*(Continua).*



# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1837

## GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

### Setembro

**Dia 1** — Chegou a esta vila um Boletim da administração geral de Braga, com a participação telegráfica de ter havido uma acção das tropas do marquês de Saldanha (cartistas) e as tropas do barão do Bomfim (setembristas), entre os Carvalhos e S. Jorge, junto a Vila Franca da Restauração, cinco léguas distante de Lisboa, na qual morreu da parte do Saldanha o barão de S. Cosme e o filho do Mousinho de Albuquerque, ficando sem uma perna o conde de Vila Real. Em consequência desta notícia houve repiques de sinos ao meio dia em todas as tôrres. *Notas marginais* — diz o mesmo noticiaria —: «Não se verificou sem uma perna o conde de Vila Real.» — *Em letra diferente, doutro*: «Esta acção foi no Chão da Feira entre Molianas e S. Jorge perto d'Aljubarrota, adiante de Leiria. A acção foi em 23 d'Agosto.» — *Por 3.ª letra*: «Mas na participação oficial do barão do Bomfim ao visconde de Bóbada a qual eu transcrevo para caçadores, do Periodico dos Pobres n.º 202 do ano de 1837 vem confirmado o ter elle perdido uma perna.» (P. L.).

**Dia 2** — Foi dissolvida a mesa da Misericórdia por ordem do administrador geral de Braga, e nomeada uma comissão de cinco membros dos quais só compareceram três, enquanto se não nomeava outra mesa. No acto em que se leu o officio do administrador geral a mesa se ressentiu sobremaneira a ponto de se riscar toda a lrmalidade, e ao sair, o provedor mandar tocar um repique. O motivo de um tão estranho e singular procedimento contra uma mesa que tinha as sympathias de tôda a vila, foi uma refinada maldade de um empregado do Hospital, o boticário, que querendo vingarse de um individuo da mesa, que não

gostava dele, fez com que o administrador geral a dimitisse. (P. L.).

**Dia 3** — A' noite reñuiu nesta vila a policia e alguns voluntários do Móvel para patrulharem e por-se em observação, pois tinha chegado a noticia de se ter aclamado a Rainha e a Carta em algumas terras de Trás-os-Montes e Beiras. (P. L.).

**Dia 5** — Chegou a esta vila um officio do administrador geral de Braga ao administrador do concelho, em que dizia terem-se os dois marechais do exército, duque da Terceira e marquês de Saldanha, cartistas, entregado à discreção do seu vencedor barão do Bomfim, setembrista. Em consequência desta noticia mandou o administrador do concelho tocar repiques de sino em todas as tôrres e deram-se alguns foguetes. A cópia dêste Boletim foi afixada na Porta da Vila, e passados poucos minutos appareceu nela um nome obsceno, escrito com lápis. (P. L.). — *A' margem diz o mesmo noticiaria*: «Esta noticia foi falsa.»

Decreto demittindo João Maria da Silva Maia do officio de escrivão do juízo de direito desta comarca de Guimarães.

**Dia 6** — A Câmara Municipal deliberou, em consequência de ordens superiores, que se festejassem os dias 9 e 10 do corrente com iluminação à noite e alguns foguetes, e que se fizesse público, por serem dias anniversários do Juramento da Constituição de 23 de Setembro de 1822.

**Dia 9** — Saíram da cadeia desta vila uns vinte presos dos mais criminosos que nela se achavam, e foram escoltados por soldados do Móvel para a Relação do Porto, e jun-

tamente foi o Recbedor com os dinheiros públicos, tudo em consequência das ordens que as autoridades tinham recebido. As autoridades de Braga também se retiraram para o Pôrto. Estas providências foram tomadas em virtude de os *Mijados* recearem que os *Chamorros* de Trás-os-Montes entrassem nesta provincia, &ª &ª. (P. L.).

Houve repiques de sinos ao romper da aurora, ao meio dia e à noite por ser o dia aniversário da Revolução de Setembro do ano pretérito passado a favor da Constituição de 1822; porém (caso nunca acontecido) tendo tocado o Relógio, assim como todas as tórres, mui poucos habitantes puseram luminárias. (P. L.).

Sendo alta noite, saíram desta vila para o Pôrto o governador militar, o capitão dos voluntários (Teotónio), o alferes dos mesmos (Branco) e mais alguns voluntários do Móvel. O administrador do concelho retirou-se para uma quinta. Assim ficou a vila sem uma autoridade *Mijada* (Setembrista). (P. L.).

**Dia 10 (Domingo)** — Esteve esta vila em perfeito sossêgo apesar de não existir autoridade alguma. Na rua de Gatos houve uma função de Santa Vera Cruz com alguns passos, concorrendo a ela bastante gente, tanto de dia como de noite. (P. L.).

Veio a esta vila o filho do Miranda, escrivão da Póvoa, com officios do comandante da Fôrça Cartista que tinha chegado à Póvoa de Lanhoso, para as autoridades fazerem a aclamação da Carta Constitucional, mas não encontrando outra autoridade mais do que o Presidente da Câmara, Joaquim Pinto, e entregando-lhe o officio, este não o recebeu dizendo-lhe que a Terra se tinha conservado em sossêgo e que o seu espirito era a favor da Carta. Que se viesse a fôrça militar, que nenhuma dúvida haveria em aclamar a Rainha e a Carta, mas que não vindo não se faria a aclamação para a Terra se não comprometer. (P. L.).

**Dia 11** — Continuava esta vila a estar sem autoridades, nem pelo Govêrno da Constituição de 1822, nem pelo Govêrno

da Carta, conservando-se contudo no maior sossêgo. Neste dia chegou o Governador militar, major Cirne, cartista, o qual marchou para Braga para se apresentar ao comandante da tropa cartista, que àquella cidade tinha chegado, vinda de Trás-os-Montes. Esta tropa que tinha entrado em Braga, era uma brigada que tinha vindo da Espanha comandada pelo coronel Pimentel e que já na Espanha tinha proclamado a Carta Constitucional. Em Amarante tinha passado o visconde das Antas, Setembrista, com duas brigadas, também vindas da Espanha, marchando sobre o Pôrto. (P. L.).

**Dia 12** — Ainda continuava esta vila a estar em perfeito sossêgo, não obstante estar sem autoridades. (P. L.).

**Dia 13** — O mesmo, como no dia anterior. (P. L.).

**Dia 14** — Chegou a esta vila o brigadeiro Garcez, que estava numa quinta ao pé de Penafiel, e na companhia dele vinham uns cento e tantos soldados de diferentes corpos e mais alguns officiais, os quais tinham fugido já há tempos do Pôrto por serem *chamorros*. (P. L.).

Entrou nesta vila, vindo de Braga, o major Cirne com doze soldados de cavalaria e um sargento e um official, e chegando à Praça do Toural mandou formar em linha os soldados e deu os vivas à Santa Religião, à Rainha e Senhora D. Maria II e à Carta Constitucional, e depois foi-se apresentar ao brigadeiro Garcez, que estava na estalagem do Peixe. Na ocasião dos vivas tocaram os sinos a repique em todas as tórres da vila e deram-se bastantes foguetes do ar. A's Trindades saiu um bando, por ordem do administrador do concelho, o Carreira, nomeado interinamente pelo governador civil de Braga, para se pôrem luminárias. A's 9 horas da noite houve luminárias, reinando o maior sossêgo. Pelo governador civil de Braga foram nomeados para servirem de camaristas interinamente o barão de Vila Pouca, António de Nápoles, João Barroso Pereira, Miguel Fernandes Vilela, António Joaquim Leiva, Rodrigo de Menezes e Pedro de Sousa Guedes Aguiar; porém só compareceram na casa da câmara António de Nápoles e João Barroso Pereira. (P. L.).

**Dia 15** — Saíram daqui para a cidade de Braga os soldados que nela tinham entrado no dia de ontem para se reunirem à tropa cartista. Também foi a cavalaria que tinha vindo fazer a aclamação da Carta. A vila ainda continuava a estar em sossêgo, havendo somente algumas pequenas desordens causadas pelos soldados de cavalaria, que queriam insultar alguns *Mijados*. (P. L.).

**Dia 16** — Saiu desta vila o major Cirne, governador militar, nomeado pelo Governo da Carta, para se reunir à divisão do barão de Leiria, que tinha saído de Braga para Trás-os-Montes, por lhe constar que ia do Porto o barão das Antas com uma divisão sobre Braga para perseguir o barão de Leiria. (P. L.).

Entrou nesta vila o administrador do concelho, Reboto, do Governo Setembrista, com alguma polícia da aldeia, e foi tirar as Proclamações que os cartistas tinham afixado nas esquinas. Neste dia houve sossêgo, e só apenas alguns indivíduos que se tinham retirado à aproximação dos cartistas foram procurar outros para se vingarem deles, em virtude de terem instigado alguns soldados de cavalaria para os irem insultar a suas casas, quando aclamaram a Rainha e a Carta. (P. L.).

**Dia 17** — Na Fonte Santa houve uma festa a S. Gualter, constando de passos, sermão, etc. Esta festa foi feita em virtude de se reedificar o lugar aonde estava o Santo, assim como por ter sido retocada a imagem que estava em um nicho junto à fonte. (P. L.).

Continuava o sossêgo nesta vila, sem que fôsse mais levemente perturbado, estando ainda a polícia da aldeia de guarnição. (P. L.).

**Dia 18** — Entraram os voluntários do Móvel que tinham marchado para o Porto, quando se retiraram as autoridades da Revolução de Setembro. Com estes vinham também alguns voluntários de Fafe e de Basto. Em consequência de ter chegado esta gente, foi-se embora a polícia da aldeia, que tinha vindo com o administrador da Revolução de Setembro, José Joaquim de Abreu, vulgo Reboto. (P. L.).

**Dia 20** — A Câmara determina que o nascimento do Príncipe Real, sucedido às 11 e meia horas da noite do dia 16, seja festejado com um bando real acompanhado da tropa que aqui se acha, uma banda de música, foguetes em todo o seu trânsito, e que nos três dias haverá salvas de vinte e um tiros de morteiros ao romper da aurora e meio dia, e durante as três noites iluminação, três dúzias de foguetes, os mesmos vinte e um tiros de morteiro e música pelas ruas.

**Dia 21** — Saiu um luzido Bando da Câmara anunciando ter nascido em 16 deste mês um príncipe (D. Pedro V). O Bando era da maneira seguinte: Adiante de tudo uma azêmola com foguetes cobertos com um cobertor de damasco. Logo atrás iam quatro empregados da Câmara a cavalo, de capa e volta, vestidos de grande gala, dois dos quais levavam duas bandeiras. As bandeiras e ornatos dos chapéus eram de cores azul e branco. Seguiu-se depois um empregado a cavalo e vestido da mesma maneira, o qual recitava o Bando. Atrás de tudo ia uma banda de música e uma guarda de voluntários comandada pelo tenente Saldanha. Depois de lido o Pregão dava o pregoeiro vivas à Santa Religião, à Senhora D. Maria II, ao Senhor D. Fernando II, ao Príncipe recém-nascido, e à Constituição da Monarquia. Os vivas eram pouco correspondidos. À noite houve iluminação geral e andou uma banda de música a tocar pelas praças e ruas, acompanhada por meia dúzia de rotos. Este foi o primeiro parto da Rainha. (P. L.).

**Dia 22** — Foi o segundo dia de luminárias pelo parto da Rainha, andando uma banda de música a tocar o hino da Constituição de 1820 acompanhada de uns poucos de rotos. (P. L.).

**Dia 23** — Repetiram-se as manifestações do dia anterior e assim terminaram os três dias de festas pelo primeiro parto da Rainha, havendo nesta vila uma indiferença por um acontecimento que em todos os tempos fazia com que os povos trasbordassem de alegria. Tal era o estado de desgosto a que tinha chegado a Nação!!! (P. L.).

(Pelas notícias acima, vê-se que P. L. era cartista).

**Dia 24** — Chegou a notícia oficial de terem capitulado em Chaves, no dia 2 d'este mês, os dois marechais duque da Terceira e marquês de Saldanha, com t'oda a sua fôrça, sendo esta capitulação pouco vantajosa aos supraditos marechais. Assim acabou a luta entre os dois partidos, *Chamorros*, ou os do partido da Rainha e da Carta, e *Mijados* ou os do partido da Constituição de 1822, ou de uma Constituição que ainda o Congresso andava a fazer, ficando estes últimos vencedores. (P. L.).

**Dia 25** — Alvará do administrador geral interino do distrito de Braga, dr. Rodrigo de Freitas Sampaio Guimarães Coelho, nomeando Antônio Joaquim Ferreira de Eça e Leiva, o beneficiado Manuel Lopes Martins de Macedo e Francisco José da Costa Sampaio, para preencherem a comissão que devia administrar interinamente a nossa Misericórdia, servindo o primeiro de provedor e o segundo de escrivão.

**Dia 27** — Decreto transferindo Bento José Ferreira Pôrto, de escrivão e tabelião do juizo ordinário do julgado de Valadares, para escrivão da comarca de Guimarães, por assim ter requerido.

O administrador d'este concelho oficiou ao provedor da comissão administrativa interina da Misericórdia, declarando-lhe que os dois membros que faziam parte da comissão eram, além dos que constavam do alvará de 25 d'este mês e ano, os cidadãos Joaquim Pinto Teixeira de Carvalho e José Joaquim Dias de Castro.

**Dia 28** — Chega o marechal de campo visconde das Antas, vindo de Amarante, onde tinha recebido officios em que lhe participavam que a guarnição de Valença (cento e tantos homens) comandada por um capitão de voluntários, não queria render-se sem officio ou ordem do marquês de Saldanha. Pouco depois entraram sessenta e tantos lanceiros e o batalhão de caçadores n.º 5. Dirigiam-se a Valença, mas logo que a Guimarães chegaram receberam noticia de que a guarnição daquela praça bavia aclamado (jurado) a Constituição de 1822. A' entrada do visconde e dos lanceiros houve repiques e foguetes, não obstante a muita chuva que caia. (P. L.).

**Dia 29** — Com excepção de dois membros de quem se suspeitava terem influído para a sua dissolução, foi reeleita a mesa da Misericórdia que havia sido dissolvida pelo administrador geral do distrito, no dia 2 de Setembro d'este ano.

**Dia 30** — Saiu rapidamente desta vila para a Lixa e dali para Trás-os-Montes, o batalhão de caçadores n.º 5, por ordem do marechal de campo, o visconde das Antas, que ainda aqui se achava, por haver participação de que uma divisão tentava passar para a Galiza. Também marcharam do Pôrto na mesma direcção, os corpos da divisão do mesmo visconde, que se tinham recolhido àquella cidade. No dia seguinte de madrugada, marcharam com o mesmo destino o visconde das Antas e os lanceiros. (P. L.).

## Outubro

**Dia 3** — Chegou aqui Inácio Moniz Coelho, tenente-coronel das extintas milicias e que tinha sido sentenciado à fôrça no tempo de D. Miguel, e depois de estar no Oratório lhe foi perdoada a pena última pelo mesmo Rei e comutada em degredo perpétuo para as Costas de Africa, donde ainda há pouco tempo tinha regressado a este reino. Tinha sido sentenciado por ser constitucional. Foram esperá-lo alguns indivíduos. Era natural desta vila e da freguesia de S. Miguel de Creixomil. (P. L.).

**Dia 4** — A's duas horas da manhã d'este dia 4, faleceu em S. Paio de Figueiredo, e lá foi sepultado, o penúltimo cônego magistral da Colegiada, Manuel Machado Carmona Gusmão da Cunha, o «Breia», comendador honorário da Ordem de Cristo e cavaleiro da da Conceição. Fôra frade de S. Bernardo, antes de ser cônego, e depois foi capitão da segunda companhia dos privilegiados de Nossa Senhora da Oliveira, pelo que foi louvado por carta do quartel general de Chaves, de 8 de Outubro de 1809. — N. B. O P. L. no seu livro, dá o falecimento no dia 3, o que é êrro que já foi transcrito em efeméride nos jornais.

**Dia 5** — Chega, vindo de Amarante, o batalhão de infantaria n.º 19. No dia seguinte marchou para Braga, donde passado pouco tempo foi t'omar quartel em Viana. (P. L.).

**Dia 15** — Na noite dêste dia para o seguinte, foi assaltada a casa do reitor de Garfe por uma grande malta de ladrões. Ele escapou-se e por isso levaram só aquilo que encontraram. Houve muito fogo; porém os ladrões foram incólumes.

**Dia 19** — Houve nesta vila repiques de sinos de manhã, ao meio dia e à noite por ser o dia Santo do nome de S. A. R. o príncipe D. Pedro. (P. L.).

**Dia 23** — A Câmara reúne em sessão extraordinária com o administrador do concelho e com os cidadãos mais circunspectos. Foi participado pelo administrador que o visconde das Antas, marechal do exército, lhe referiu que tinham de ser acantonados nesta vila os regimentos 6 e 10 de infantaria, e que os soldados haviam de ser conservados em casas de patrões, visto

que os quartéis estavam inhabitáveis e nêles não havia enxergas nem mantas para os mesinos soldados. A Câmara querendo evitar o incómodo que causa aos habitantes um tal aboletamento, e depois de maduras reflexões, resolveu que os soldados fôsem recolhidos nos quartéis, e que se fizesse uma derrama directa pelos moradores da vila e concelho, para enxergas, cabeceiras e mantas, em número de oitocentas, sendo derramadas na vila duzentas e pelas freguesias do concelho seiscentas. Também foi feito um regulamento interino para os aboletamentos, enquanto a Câmara não apresenta um permanente e bem combinado.

**Dia 25** — Chegaram de Braga três esquadres de lanceiros, que teriam perto de cem cavalos, os quais vinham comandados por um tenente. Vieram para se demorar. Todos êles eram muito bons soldados e muito asseados. (P. L.).

JOÃO LOPES DE FARIA.



# PENSAMENTOS, PALAVRAS & OBRAS

DA VIDA ■ DOS FACTOS ■ DAS LETRAS

*«A república francesa e as repúblicas irmãs não são mais que a expressão política, o instrumento de domínio e de propaganda de uma metafísica que remonta dois séculos atrás. Com uma puerilidade desconcertante, os católicos aderentes não quiseram ver na república mais que um jogo eleitoral, uma maneira peculiar de eleger os governantes, de votar os orçamentos, de designar o chefe de Estado. A república toma-os como superficiais e sem importância.»*

PIERRE GAXOTTE.

## O MAL FRANCÊS

Esta guerra da Espanha tem servido, também, para demonstrar a profundidade do mal francês.

As campanhas que os intelectuais católicos franceses têm movido contra os que lutam pela libertação da Espanha é perfeitamente igual, — embora de efeitos piores — à sustentada pelos órgãos radicais.

E se nestes se compreende tal campanha, que, para êles, é lógica e é política, só a cegueira poderá levar os católicos a compartilhar dela, só a profundidade de um mal, que vem de longe, pode aliar intelectuais católicos e comunistas numa frente única de guerra de difamação aos que lutam, na Espanha, pela causa de Deus e da Tradição.

E que contraste entre a acção desses católicos e a acção dos monárquicos franceses, desses monárquicos contra os quais, por curteza de vistas, que já era um mau sintoma de subserviência política dos chamados católicos franceses, se fez uma propaganda intencional... que só serviu para fazer cair ainda mais a França nas mãos da franco-maçoneria, inimiga da Igreja e da Tradição!

Repetiu-se, desta forma, o que já antes se tinha dado sob o Directório. Então, para se impedir a restauração da monarquia católica, fez-se a adesão à ditadura militar de Bonaparte para salvar o espírito da revolução.

Não admira, agora, que Thorez persista na política de «mão estendida ao irmão católico», porque, de facto, o *irmão católico* tem sido o melhor auxiliar de Thorez e dos maus franceses na guerra contra Franco e os seus soldados. E, em tam comprometedora companhia, o *irmão católico* colabora naquela «acção subterrânea, officiosa, perseverante e eficaz de descristianização privada e pública», em que falava o venerável padre Bergey, cura de Saint-Emilion, nessa acção que, como o afirmou o mesmo padre Bergey, «predomina sôbre todos os demais problemas, — inclusivé, por desgraça, o problema patriótico — para conseguir seus fins. Não existe um só ponto da vida nacional, económica, financeira, em que a anti-religião não se tenha ancorado sólidamente. Parlamento, Exército, Magistratura, Indústria, Comércio, Fazenda, Diplomacia, Administração, Ministérios... tudo está dominado pelos representantes da fôrça oculta que se intitula laicista na logomaquia eleitoral. O laicismo é um estado de facto. Mas o laicismo é uma doutrina, uma religião ao inverso, com seus prelados, seus servidores, seus sacristãos, suas disciplinas, suas excomunhões e sua imensa clientela de famélicos. Mas tem também uma característica temível. E' na sombra, no sêgrêdo onde se elaboram suas decisões, onde se decretam as guerras interiores e exteriores.»

Parece inacreditável que os católicos franceses, alheios aos ensinamentos dos livros dos Padres Fessart e Du Catillon e ainda ao que se contém na Encíclica «Divini redemptoris» se prestem, tam dócil e inconscientemente, a servir de degrau e de esteio à política do laicismo que deseja atear a guerra exterior... para servir os sovietes.

Só assim se justifica a gritaria que se levantou a propósito dos vasos de Aguirre e o silêncio que se fêz perante os fuzilamentos de tantos espanhóis, de tantos sacerdotes, de tantas crianças e mulheres, de tanto incêndio e de tanta profanação que a carta colectiva dos Bispos Espanhóis, de 1 de Julho, tam horrorosamente descreve.

No entanto os franceses da *Action Française*, órgão que, como se sabe, foi condenado pela Igreja, «sem trair os interêsses da França (como escreve Riba Leça no artigo *A Voz de Espanha*, publicado no fasc. 4, do vol. xxv da Revista «Brotéria») se puseram declaradamente ao serviço dos católicos espanhóis, fazendo por conta deles um serviço de verdadeira contra-espionagem contra a farsa da não-intervenção, enquanto certa imprensa católica mantém, a êsse e outros respeito, a mais diplomática reserva».

Por aqui se conclue da razão de Pierre Gaxotte, escritor contra-

-revolucionário, ao escrever que «a adesão acostumou os católicos às concessões e retrocessos, às combinações políticas. A fé não ganhou nada com êsses compromissos. Na vélha terra bretã o clero fêz designar como deputados padres democratas e jovens advogados ambiciosos, cuja preocupação principal era lutar contra o castelo. De legislatura em legislatura viu-se os democratas fazerem-se cada vez mais socialistas e cada dia menos católicos. De pronto, num belo dia, tôda a província passou de rastros à franco-maçonaria e aos radicais. O que conseguiram os aderentes foi abrir o caminho aos radicais».

A mesma nefasta política prevalece, agora, perante o conflito espanhol. Não admira, pois, que esta política leve Maurice Thorez, numa manifestação de comprometedora simpatia, a «estender a mão» aos Mauriacs e aos Maritains para, habilidosamente, os ligar — como muito bem acentua Riba Leça —, à «responsabilidade das transigências ou indulgências com a actuação político-social da Frente Popular e das suas tentativas de aproximação ou entendimento com Blum e Chautemps.»

Pobre França!

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.

### Rosalía Castro

Em 27 de Fevereiro dêste ano passou o centenário de Rosalía Castro que foi um dos grandes talentos poéticos da Espanha e, nomeadamente, da Galiza.

Anda uma parte da Espanha na reconquista da outra parte. A Galiza ficou fiel, essa Galiza que foi bêrço de Rosalía, a autora admirável dos *Cantares Gallegos* e das *Follas Novas*. E porque a Espanha anda em luta na defesa da Europa, êste centenário não foi comemorado com o esplendor que requeria.

Aqui o deixamos, no entanto, registado, em homenagem à Galiza

nossa irmã e à talentosa Rosalía, sua cantora.

### Giovanni Páscoli

Publicamos neste fascículo uma poesia de Páscolí, *Valentino*, em tradução portuguesa da sr.<sup>a</sup> D. Clotilde Mateus.

Páscolí foi um dos melhores poetas italianos e *Gil Vicente* associava-se, desta maneira, à comemoração do XXV aniversário da morte Páscolí, que passa neste ano.

Também neste ano se comemora o centenário da morte de um outro poeta italiano: — Giacomo Leopardi, um clássico no sentido eterno e dinâmico do termo.



ALMAS ACRISOLADAS, por *Marie le Mière*. Casa Editora de A. Figueirinhas, L.da, Rua das Oliveiras, 87 — Pôrto, 1937.

A «Biblioteca das Famílias» continua na sua acção benéfica de espalhar bons e sádios livros.

Nunca é demais louvar a iniciativa da Casa Figueirinhas e, sobretudo, enaltecer o esforço feito e o cuidado da escolha dos livros que edita. Marie le Mière é um nome já conhecido, um nome que, por si só, é já uma recomendação. Os seus livros são sempre orientados por uma moral forte, tornando-os, por isso, recomendáveis. *Almas Acrisoladas* é um livro delicioso e puro, de enredo que prende a atenção do leitor, que desperta sentimentos nobres, que está muito acima da podridão que por aí se estadeia em livros que só subvertem. Dos livros como *Almas Acrisoladas* nada há que temer, porque da sua leitura só se tiram proveitos, só se colhem altas lições de moral.

A tradução deste romance, feita pelo Capitão Neves Ferreira, é perfeita.



MAL-ME-QUERES... BEM-ME-QUERES, por *Fausto Landeiro*. Ministério da Agricultura. Repartição de Estudos, Informação e Propaganda. Lisboa, 1937.

Ora aqui está uma novela proveitosa e benemérita, onde, a-par-de uma leve digressão científica se explica o que é o sezonismo, como se propaga e como se combate.

*Mal-me-queres* são essas flores singelas que, junto dos ribeiros, mal querem aos homens, porque é junto dessas plantas que se desenvolvem as larvas de anofeles, a larva dessa praga de mosquitos zumbidores que são tormento do homem nas noites de estiaagem e espalham o sezonismo ou maleitas.

*Bem-me-queres* é uma novela de amor que acaba junto do altar da igreja de uma aldeia, e que se cria e se desenvolve na luta profilática contra a praga dos mosquitos.

E desta maneira, juntando o útil ao agradável, prestou o Dr. Landeiro e a Direcção Geral dos Serviços Agrícolas um alto serviço, que é necessário aproveitar, tornando-o conhecido para que melhor se possam colher os seus benefícios.

GENEALOGIA RESUMIDA DA CASA IMPERIAL BRASILEIRA E REAL PORTUQUESA, pelo *Tenente-coronel Salvador de Moya*. São Paulo (Brasil), 1937.

A História do Brasil anda tão ligada à História de Portugal que, para a organização desta *Genealogia da Casa Imperial Brasileira*, teve o Tenente-coronel Salvador de Moya, Conselheiro-Director do Instituto de Estudos Genealógicos de São Paulo, de iniciar o seu trabalho, tão valioso como útil, por Ricardo, 1.º duque de Borgonha, de onde descendeu Henrique de Borgonha, pai do nosso primeiro Rei. Portanto, êste trabalho do Tenente-coronel Moya interessa, igualmente, a portugueses e brasileiros, constituindo a 1.ª parte (tronco-descendência directa) dos Reis de Portugal, de que nasceu depois, com D. Pedro I, do Brasil, irmão de El-Rei D. Miguel I, de Portugal, a Casa Imperial Brasileira, hoje representada por D. Pedro Henrique, Príncipe Imperial do Brasil.

Esta *Genealogia* é enriquecida com onze quadros genealógicos, tratando da «Ascendência varonil do 1.º Rei de Portugal», do «Parentesco entre os principais pretendentes à coroa de Portugal, em 1580», dos «Direitos que alegava Catarina de Medicis, Rainha de França, ao trono de Portugal em 1580», da «Arvore de Costado de D. João IV, 21.º Rei de Portugal», da «Arvore de Costado de D. Luiza de Guzman, Rainha de Portugal, espôsa de D. João IV», dos «Príncipes vivos, descendentes de D. Pedro I, Imperador do Brasil», da «Demonstração de que D. João IV, 21.º Rei de Portugal, descendia pela linha 117 de D. Alvaro de Moya», da «Demonstração de que D. Luiza de Guzman, 21.ª Rainha de Portugal, descendia de D. Alvaro de Moya», e, finalmente, das «Três linhas da Ascendência de D. Luiza de Guzman».



RAINHA D. LEONOR, por *Mário Gonçalves Viana*. Editora Educação Nacional, Rua do Almada, 125 — Pôrto, 1937.

Continua Mário Gonçalves Viana a sua benemérita tarefa, com uma regularidade muito apreciável. E, assim, aqui temos já o IV volume das «Figuras Nacionais», cujo alcance, ao mesmo tempo patriótico e nacionalista, não é de mais encarecer e louvar.

Este IV volume consagrado à *Rainha D. Leonor* constitui um dos mais belos capítulos da História de Portugal, um dos capítulos que não tem tido o relêvo que merece e que, por isso mesmo, é ignorado da maioria.

No entanto todos falam da obra benemérita das Misericórdias, todos enaltecem o valor dessas casas dos pobres, mas não sabem que elas foram fundadas por uma das nossas rainhas, que, por muito ter sofrido, sentiu bem funda a dor dos pobres e se consagrou completamente à «Epopéia da Caridade» como muito justamente lhe chama o dr. Gonçalves Viana.

Essa «Epopéia» destaca-se nas páginas belas da *Rainha D. Leonor*, livro que todos os portugueses devem ler para ficarem a conhecer devidamente a vida virtuosa e benemérita da rainha viúva do Príncipe Perfeito que foi, também, protectora de artistas e animadora dos primeiros ensaios da tipografia em Portugal.

ESTUDOS TÉCNICOS (folhetos n.ºs 21 e 22). FILMES AGRÍCOLAS e PLANTIO DA VINHA. Ministério da Agricultura. Direcção Geral dos Serviços Agrícolas. Repartição de Estudos, Informação e Propaganda. Lisboa, 1936 e 1937.

A Repartição de Estudos, Informação e Propaganda do Ministério da Agricultura tem-se consagrado a uma louvável acção de divulgar ensinamentos e métodos que muito interessam aos serviços agrícolas. Nesta ordem de ideas fornece-nos nos *Estudos Técnicos*, subsídios sobre «forragens» colhidos na provincia de Trás-os-Montes e o relatório e contas do Conselho de Administração da Junta Central respeitantes ao ano económico de 1934-1935 e onde se relata o que foi a acção desenvolvida nesse periodo. *Filmes agrícolas* é o catálogo dos filmes realizados pelo Serviço de Propaganda da C. P. A., pelo qual se poderá observar o escrúpulo que tem presidido à organização desses filmes de maneira a torná-los úteis a todos os ramos agrícolas. No folheto *Plantio da vinha* reúnem-se as disposições legislativas acêrca da produção vitícola nacional e do condicionamento do plantio da vinha.



PARÓQUIA DE SÃO LOURENÇO e LOREJA DE SÃO LOURENÇO, pelo *Padre Manuel Teixeira*. Escola Tipográfica do Orfanato. Macau, 1937.

De longe, de Macau, — pedaço do nosso Império, — quis o rev. P. Manuel Teixeira distinguir-nos com a honrosa oferta das suas três monografias sobre a paróquia de S. Lourenço. O Padre Teixeira, trabalhador infatigável e pároco que revela excelentes qualidades de escritor, mostra-nos, assim, quanto pode o esforço e a boa vontade dos párocos, quando estes querem trabalhar e colher subsídios para um mais profundo e melhor conhecimento da história e da vida das freguesias que lhes estão confiadas.

De longe vem o exemplo, exemplo que nós muito desejaríamos ver frutificar nas paróquias do continente. Quantos e quantos elementos se perderam e ainda se perdem irremediavelmente e que tanto contribuiriam para uma completa história das nossas dioceses?

E', pois, a todos os títulos louvável a feliz iniciativa do Padre Manuel Teixeira reunindo tão valiosos subsídios que constituem uma curiosa e útil resenha histórica da freguesia e do templo, de alguns dos párocos e das associações religiosas, proporcionando, ao mesmo tempo, uma breve narrativa do orago da freguesia.

Além de numerosas indicações, tanto de natureza essencialmente litúrgica como piedosa, estas monografias encerram ainda boas ilustrações.



CURIOSIDADES DE GUIMARÃIS — TEATRO VIMARANENSE, por *Alberto V. Braga*. Tipografia Minerva Vimanarense—Guimarães, 1937.

Muito deve já a história de Guimarães ao labor incansável de Alberto V. Braga. As suas *curiosidades*, constituem subsídios apreciáveis, senão a própria história, de

alguns dos acontecimentos mais importantes passados adentro dos muros do burgo da Mumadona.

*Teatro vimaranense* é um capítulo notável dessa história, pondo-nos em contacto com uma época cheia de esplendor e que marcou, ao mesmo tempo, como um período aureo da vida intelectual nos salões nobres das famílias fidalgas de Guimarães.

É uma «mancha» curiosa essa em que se nos descrevem, com impressionante colorido, os passatempos de então, estreitamente ligados aos factos mais notáveis que, desde recuadas eras, constituíram motivo de regosijo ou de sobressalto, segundo a boa ou má fortuna que os rematavam.

E dêste modo, quer com o primitivo desabrochar da criação cénica, quer ainda quando a arte de representar se encontrava já liberta de todas as peias e indecisões dos primeiros momentos, a alegria do povo, aliada à alegria dos nobres, manifestava-se nos espectáculos da sua predilecção, abrindo-se em riso franco nas peças galhofeiras ou concentrando-se em piedosa meditação ante as representações dos Passos da Paixão, tanto do agrado da sua alma crente.

E que doloroso contraste entre a alegria são de então, sem ódios mesquinhos e sem ambições ilegítimas, com o que hoje se passa?

Assim decorreu, tranqüila e sossegada, a vida do povo de Guimarães, no amor da terra e no apêgo à tradição, até que as chamadas lutas liberais o vieram sacudir para a vida incerta da incerteza das lutas que se travavam. Mas até mesmo nessa ocasião o povo assistia às representações e às festas que se faziam, quer para comemorar as datas festivas do reino quer ainda para manter as tradições e costumes da terra. E dos salões passaram as representações para as casas de espectáculos que se foram criando, segundo as necessidades da época.

Foi neste ambiente que se formou o escol dos dramaturgos e comediógrafos vimaranenses, à cabeça do qual se coloca Gil Vicente, nome imortal que é legítimo orgulho não só de Guimarães como de Portugal, tão gigantesca é a sua figura, tão grandiosa e bela é a sua obra.

De tudo isto nos fala Alberto V. Braga no seu *Teatro Vimaranense*, escrito com interêsse para a história de Guimarães, que se lê com prazer e proveito. É que Alberto Braga, pesquisador paciente e consciente, apoiado em fontes seguras, fornece aos estudiosos, naquele estilo que lhe é tão característico, cheio de graciosidade na sua simplicidade, abundantes elementos que se encontravam dispersos ou ignorados.



ALMANACH AÇÔRES PARA 1937. Livraria Editora Andrade  
—Angra do Heroísmo.

Com êste volume completou o seu trigésimo ano de publicação o *Almanach Açôres*. Coordenado por Manuel Joaquim de Andrade, encerra boa colaboração de escritores, quer dos Açôres, quer do continente.

Há um bom critério de escolha na colaboração publicada, dando-nos ainda uma circunstanciada informação sôbre os costumes e a vida das ilhas que constituem o arqui-pélago açoreano.

COMO DEVEMOS ORGANIZAR A CONTABILIDADE INDUSTRIAL?,  
por *Hector Blairon*. Revista de Contabilidade e Comercio.  
Rua da Formiga, 40-A.—Pôrto, s/d.

Hector Blairon é um professor e contabilista perito que conquistou pelo seu trabalho um lugar de destaque nos meios contabilistas belgas. O seu magistral trabalho *Cours Complet de Comptabilité des Industries Manufacturières*, cuja tradução portuguesa se promete para breve, deu-lhe renome universal, sendo muito apreciados os seus estudos publicados em diversas revistas da especialidade.

*Como devemos organizar a contabilidade industrial?* que a «Revista de Contabilidade e Comércio» publicou e António Dória traduziu, é um trabalho útil aos que se dedicam à contabilidade industrial. A *separata* que se tirou dêsse trabalho está destinada a chamar a atenção dos contabilistas e guarda-livros para as obras de Blairon, indispensáveis aos que se interessam pelos novos métodos de contabilidade industrial e pela perfeita organização dos serviços de escrituração.



A DAMA DE MONSOREAU, por *Alexandre Dumas*. Livraria  
Lello & Irmão, 144, Rua das Carmelitas — Porto, s/d.

Numa bela edição, a Livraria Lello publicou, em três volumes, êste romance de Dumas, que decorre no reinado de Henrique III, de França, num ambiente de grandiosidade, de rivalidades e de lutas. Dessas rivalidades, dessas intrigas, dessas lutas, serviu-se Alexandre Dumas para dar movimento, vida e côr aos seus romances, onde há páginas belas em que a fantasia se sobrepõe à verdade histórica.

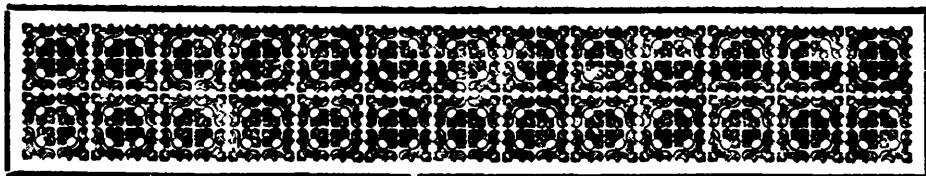
E porque Dumas era artista, os seus livros lêem-se com agrado, pois conseguem prender a atenção do leitor aumentando o interêsse e curiosidade em cada capítulo que decorre.



SAINTE BERNARDETTE, por *le Chanoine Joseph Belleney*. La  
Bonne Presse, 5, Rue Bayard, Paris, 1936.

Belleney, o eminente apóstolo de Lourdes, fala-nos dessa humilde pastora a quem a Virgem apareceu. Por Bernadette, Lourdes, como nos nossos dias Fátima, tornou-se centro de peregrinação de crentes que de tãda a parte acorrem, à cidade do Gave, em penitente manifestação de fé.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.



# O sentido da Poesia

por CLÁUDIO e ANTÔNIO CORRÊA

D'OLIVEIRA GUIMARÃES

A vida moderna é a cicuta mortal dos Poetas. Ou melhor: a arena em que se sacrificam, num ruído espetáculo pagão, quantos persistem em espiritualizar o tangível, longe do chamariz efemero do quotidiano e do prosaico. Ela destrói a beleza na sua infância. Suprime, no homem, o instinto de ascése. Faz do caminheiro sôfrego da montanha—o espírito é flor nada na altitude—um impenitente vagabundo da planície...

Perpetrar versos, na atropelada hora que transcorre, tôda presa à epilepsia das volúpias sensoriais e dos desesperos intelectualistas, é um acto heróico, de afoiteza rara. Equivale a repudiar tôda uma concepção errada da existência,—a concepção dominante. Superioriza a tudo o primado do Espírito, numa atmosfera de desgastante luxúria positivista em que o ouro chocalha o seu vazio de alma e os sentidos se exacerbam até às mais condenáveis loucuras.

Nunca, como agora, o Poeta foi considerado tanto um ser estranho, arredado do mundo, quási anormal. Designa-o pejorativamente uma sociedade em decadência, eivada de fermentos auto-destruidores, antagónicos em absoluto à própria essência da vida, de que êle é, sem variante, o intérprete predestinado e clarividente. Nada mais falso. Desvendador de emoções interiores e de trágicas paisagens humanas, o Poeta existe por obra e graça divina. Reflecte, como ninguém, no horizonte terreno e em caracteres vulgares, o poema de bondade suma e de acrossofia infinita que Deus compõe com rimas de estrêlas, numa multiforme métrica em que sussurram ventos, tonalizam luars, resplandescem sóis. Por seu intermédio, a Poesia reveste-se quási da sagrada dignidade dum culto. Eleva-se no silêncio com a religiosidade mística

dos psalmos. A sua nívea corola desabrocha apenas na paisagem dos corações tranqüilos, como certas flores nocturnas e caprichosas, asas da treva, perfume errante da escuridão... Quais tersas colunas de jaspe ou pórfiro, as obras poéticas, predestinadas para a eternidade, sustentam tôda a beleza do mundo, roçam o intangível páramo da exaltação super-sensível e do sentimento criador, abóbada luminosa que transparenta a diafanidade e graça do céu.

Existe, realmente, uma íntima e secreta analogia entre o *ser religioso* e o *ser poético*. Transmuda-se, o primeiro, em amor divino: — fé vitoriosa, fé encontrada. Transfigura-se, o segundo, na sublimidade de puros cenários subjectivos e na exaltação de todas as virtudes amorosas que à fé conduzem.

Ruflo de ansiedade psíquica, valorização externa do sub-consciente, ritual da síntese, a Poesia exprime, como nenhuma outra via de comunicabilidade do *indivíduo* com o *meio*, a vocação transcendental da criatura. Em tudo afirma a presença ennobrecedora da alma, sua asa inquieta.

Há muito quem, à imagem de Gauthier, considere o Poeta apenas o *ente para quem o mundo visível existe*. Agrupam-se nesse limite acanhado os industriais do verso contemporâneo, mera superficialidade intelectualizada, hoje composta, amanhã esquecida. Ausente de pudor e idealismo, a Poesia moderna germina como certas plantas rasteiras, de perfume activo mas venenoso, à sombra de oxigenadas comas verbais. Simplesmente, para o Poeta actual, o mundo visível deixou de ser o mundo artificioso do romanticismo delisquente ou do esteticismo puro. E' sim, o mundo objectivo da realidade nua e brutal. O oxidrico fulgor eléctrico perverteu a imponderável poesia do luar que tudo lirisa e perturba. (Jamais vislumbraremos parques de sonho, caprichos de bruma, nocturnais vôos de mistério, reflexos de enlaçadas sombras em aréolas esmaecidas de jardim). O bulício das oficinas, onde o homem, servo da máquina, gasta a vida longe da beleza, desterro a serenidade simples das pastorais antigas. (Jamais evocaremos idílios ingênuos à Watteau, enterrecidos colóquios da natureza, sob a asa exangue do crepúsculo). O vapor das fábricas, em laboração contínua, toldou os castos fumos domésticos. (Jamais sentiremos, junto da terra, a atmosfera hialina dos céus desafoçados e livres, imaculadamente azues). O dinamismo intenso dos êmbolos substituiu o ritmo lento do arado, o gesto amoroso da mão que joeira a semente. (Jamais cantaremos o lirismo da faina agrícola primitiva e rude, ante-industrializada). A índole da poesia, mais cerebral que sentida, circunscreve-se ao limite descritivo. Dominada pela vertigem aero-

-dinâmica dos *cem à hora*, ora assemelha veloz tropel de imagens e ritmos, ora navega entre densos nevoeiros de significação e sentido, presa às asas de aeronaves temerosas mas sem rumo. O Poeta conseguiu apenas deformar emoções, dõcilmente sujeito à lei dum lirismo puramente intelectual. Ora o Poeta verdadeiro subsiste, pelo contrário e sempre, como uma personalidade emocional superior que, ao desprezar o exagêro perdoável de Ismael Nery

*Eu sou um deus com princípio*

afoitamente se considera :

*... os olhos dos cegos,  
... a língua dos surdos,  
... o ouvido dos mudos.*

Compor versos é genuflectir a alma ante o universo, abarcar no finito das palavras o infinito da emoção ou da idea. Disciplinar a sensibilidade. Alá-la em vôo. Amar, sofrer, rezar. Antever o mistério do *au dèla*. Unir-se à família dos mortos. Embalar a esperança dos vivos. Reter, no peito, uma constelação de astros. Desaguar, em mar de ternura, tôda uma íntima, profunda e fluida linguagem.

A Poesia liberta o homem da sua angústia ante o mistério. Apasigua a inquietação da inteligência simples em face do complexo universal. Revela a verdade, a beleza e a graça das cousas.

Quere dizer: o mundo não se traduz inteiramente através dum estrito sentido mecânico de fôrças em movimento ou de energias acumuladas. E' beneficiário da própria natureza divina pela latitude de espírito que o dirige. Este — sabem-no todos — empresta asas celestes à humanidade implume, liberta-a da natureza tangível e do limitado horizonte da própria razão, dom superior do homem, é certo, mas infinitíssima partícula da onisciência total. Assim Deus se reflecte em nós e com infinito disvelo faculta ao homem as condições necessárias para vencer a misér-rima expressão biológica, pela exaltação moral da personalidade. Indice de idealismo, resumo mágico do Espírito, a Poesia, qual teurgia maravilhosa, corrige a humanidade pecadora, cicatriza-lhe as úlceras, mesmo as mais fundas, aproxima benèvolmente a criatura do seu criador.

De resto, a Poesia é mais universal de que, em observação desatenta, pode supor-se. O coração de todo o homem é a sua estátua jacente,

obscura embora. Um frémito de alma mais intenso ou prolongado acorda — quantas vezes! — dentro dele a maravilhosa libélula da emoção sequestrada ou invisível. Atraídas por uma luz prodigiosa, as suas asas encaminham-se a horizontes que nunca imagináramos antever. Desaguam a miúdo na alma do homem, micro-singular, todas as ressonâncias espirituais e sentimentais do mundo.

A Poesia é também irmã gêmea da Cultura. A primeira define-se como uma hierarquia da sensibilidade. A segunda revela-se uma hierarquia da inteligência. Por isso aquela atinge algumas vezes, mais de que um mero sentido filosófico, uma autêntica expressão teológica.

A Ciência interroga apenas o universo das cousas objectivas e constrói sobre experiências, o mais humanas possível. A Poesia exprime, qual ousada metafísica do Espírito, o universo das cousas subjectivas, na matemática exactidão das intuições infalíveis. Ela abarca todos os domínios da vida, desde o plano das nebulosas divinas à órbita humana ou infra-humana. Glorifica as cousas e os seres humildes, como um Evangelho novo. Relega a efemeridade do quotidiano pela perspectiva do eterno que vislumbra. Capta as fluidas correntes magnéticas que equilibram o mundo. Repete as próprias pulsações telúricas da terra. E', enfim, a absorção resgatadora da vida interior do homem.

O drama humano do sentimento e da dor constitui realmente o rumo único da Poesia eterna. Esquecê-lo é erro sem absolvição fácil. Ela não pode obedecer a rígidas fórmulas objectivas, pois equivale a um arco-iris de sensibilidades heterogêneas, de entre-tons psicológicos diversíssimos, de bemóis pujantes de som interior. Enquadrá-la em *escolas*, mais ou menos restritas ou amplas (pouco importa!), é violentar a sua espontaneidade fundamental. A realidade supera sempre a imaginação. Simplesmente, esse drama tem que ser o do homem moderno, com as dúvidas, anseios e inquietações peculiares a um determinado momento histórico que com nenhum outro se confunde ou se confronta.

Assistimos actualmente ao engorgitamento do mundo pelo papel impresso. Nunca, como agora, as penas se entregaram tam livremente a acobracias rasteiras, desprovidas de virtude, miseráveis de nexos. Preso à realidade exterior, o homem actual encontra nêlo o pêgo em que se afunda, nunca o claro horizonte em que a inspiração criadora se liberta. Estepe da sensibilidade, charneca de restolhos espirituais em que o sonho emmurchesce, a literatura contemporânea caracteriza-se expressivamente pela ausência do Verso, pela assustadora inflação da Prosa. E que prosa! A mais inferior, degradante e infeliz! Não a castiga já suficien-

temente a ironia de Byron. Urge que se manifeste também, contra ela, o desprezo de quantos — e são poucos... — a plasticisam ainda em formas ideais e puras.

A crise da Poesia excede as balisas de uma simples indiferença ou desamor pela forma poética. Revela-se um sintoma inegável da materialidade chã da civilização hodierna.

Intérprete das mais recônditas vozes da alma, o triunfo da Poesia torna-se difícil numa época utilitária como a nossa, em que a divinização dos rumores humanos desvenda a perspectiva espraída dos desregramentos e egoísmos, das amoralidades e irresponsabilidades que constituem hoje o fundo autêntico do seu cenário aparentemente maravilhoso.

O *modernismo* em Poesia deve aproximar-se quanto antes dos grandes motivos que enformam a sua verdadeira essência. Tal atitude de reencontro anulará o *academismo* e o *futurismo*, polos que se aproximam, pois resumem, afinal, o mesmo sentido negativo da vida.

De resto, todas as tentativas da Poesia modernistavolvem em desencanto. Continuadora de Apollinaire, no repúdio espectacular do Passado, a extrema esquerda dos supra-realistas (Jouve, Fargue, Perse, Breton, Aragon, Gide, Morhang) despreza o sentido tradicional, puramente etimológico da Poesia, para a integrar num falso espírito de revolução, no dinamismo de movimentos renovadores, precipitados e vertiginosos.

Pobre dela! Julga-se inteiramente liberta de toda a influência anterior e quem a comanda, afinal, é Baudelaire, é Mallarmé, é Rimbaud, é Verlaine, inspiradores certos da actual poesia francesa, à qual presidem, como símbolos vivos, os dois nomes prestigiosos que representam simultaneamente duas tendências opostas: — Valéry, a expressão fria e intelectualizada da Poesia, Claudel, a sua expressão humana, vasada no conceito harmónico da vida e na ignorância voluntária do materealismo moderno.

Começa a esvaír-se já o sonoro *haláli* com que armaram escândalo alguns autores incipientes, desconstruídos intelectualmente e ansiosos porque o mundo os atendessem, reparasse neles e os escutassem também.

Nenhuma época, como a nossa, acusou tam evidentemente a falência da imaginação criadora. Por isso os Poetas sofrem o trágico *auto-de-fé* da disopsia crítica, qual os magos antigos sofreram os rigores, estes necessários, da Inquisição. Alguma semelhança, aliás, existe entre uns e outros. A Poesia não é apenas efêmero prazer dos sentidos, mas atitude de adivinhação sagaz. Mais de que Artista, o seu cultor é Vidente também. Assim se compreende a constância com que os grandes momentos humanos ou nacionais depaam o Poeta que define por inteiro a filosofia

dos homens ou das pátrias, no presente indeciso, em prodigiosa projecção futura. Ele representa os ciclos históricos com uma nitidez que nunca alcançam os reis poderosos, nem os guerreiros ousados, nem os cientistas notáveis. E'—quantas vezes!—a expressão revelada do patriotismo, o heraldo da paz.

*In illo tempore*, quando o diabo, inspirador interessado de todos os excessos da civilização, percorria menos afoitamente as veredas do mundo que ao céu pertencem e por nossa culpa raras vezes lá conduzem, a Poesia atingiu atributos gémeos da divindade. Essa jerarquia singular, foi brasão de nobreza de entusiasmados numes. Mais tarde, à visita dos menestréis, abriram-se amplamente as portas das alcaçovas senhoriais e das solarengas moradas. A lenda esquisso-os, a desferir estrofes de ouro, sob gelosias propiciamente abertas à sua voz encantada. A história conta a desenvoltura com que pisaram sumptuosas *câmaras* e conheceram o lânguido contorno dos formosos baldaquinos reais. Génios de aventura e ficção, os troveiros medievos entretiveram em célebres solaus o ouvido e o coração das damas (quantas sentiram sob o fulgor dos seus olhos a primeira e dulcíssima palpação de amor?). No teatro ou na vida, ritmada em psalmos místicos ou em vilancetes sentimentais, a Poesia exaltou então a beleza ideal das cousas, o triunfo dos heróis, a bondade dos santos, a graça mulheril, os favores do céu.

No torvelinho da hora presente, bem raros são os espíritos que persistem em aspirar heroicamente a atmosfera das comoções íntimas e transfiguradoras. Motivo dobrado de louvor caloroso êles nos merecem.

Honram a Poesia, realmente, quantos demandam o objectivo de integrá-la no seu surto peculiar e eterno, quantos a divorciam dos efeitos meramente verbais, da sensação carnal, da luxúria dos sentidos, do próprio sentimento restrito da beleza e da côr. Para êsses, ela não é apenas a estátua pura de modelação, mas isenta de alma. Corpo angélico, de pulcro e ideal contorno, a sua essência, mais de que a sua forma, explende chama divina.

#### «HÓSTIA FLORIDA»

*Por Moreira das Neves.*

Moreira das Neves, Sacerdote e artista, marca na nossa geração um lugar à parte pela constância com que se vota ao culto da Poesia pura.

A bibliografia poética dêste nóvel Autor é, por enquanto, muito restrita. O único volume que anteriormente escreveu equivale ao

*Sonho Azul* de uma alma enternecida pela suavidade das cousas simples. Lembra, de certo modo, o *Chuva da Tarde*, de Sardinha. Sòmente o amor que nêle se glorifica tem uma raiz diversa: é o amor materno — o mais doce e confortante de todos os amores.

Certas hesitações de estilo, algumas fugazes reminiscências da musa *junqueiriana* ou *corrêa-oliveiresca* denunciam a dificuldade dos primeiros passos em tam íngreme e espiritual caminho. Não ofuscam, porém, o sentido interior dos seus versos, onde por vezes se apreende determinada unção litúrgica, um enternecimento religioso que comove.

Sob as roupagens visíveis do estilo (êle não é ainda uma clâmide faustosa mas uma túnica pura de alvo linho) revela-se desde logo a translucidez dum coração piedoso, a sacerdotal apologética dum espírito devotamente rendido à beleza e à virtude que vêm de Deus.

Ao ler *Hóstia Florida*, a superioridade que se nota em relação ao primeiro livro, não se refere apenas a progressos apreciáveis, em todo o caso secundários, de forma, mas ao refinamento de uma sensibilidade que se torna mais senhora de si, visível e vibrátil; ao alargamento do horizonte emotivo; à definição de uma paisagem interior mais cativante e sugestiva. O estilo afidalga-se, é certo. Porém, tal triunfo de ordem plástica só parcialmente interessa para o juízo superior da obra poética. O que importa fixar é a segura ascensão do seu vôo lírico.

Livro branco, composto a jeito de missal, *Hóstia Florida*, como o próprio autor define,

... é um livro de candura  
Que eu desejava me brotasse ao jeito  
Dum fio de água deslisante e pura,  
Como se, por milagre de ternura,  
Guardasse alguma fonte no meu peito.

... é um livro de oração.  
Os versos que escrevi cantam baixinho.  
Mas levam sangue e levam coração...  
São como pombas brancas de Sião  
E arelas humilhadas do caminho...

... é um livro todo amor.  
E' puro. Lembra a neve do Natal.  
Tem sonho. Pede a bênção do Senhor...

... e — confirmamos nós — é digno de percorrer, em jornada de catequese, as líriais mãos das crianças de Portugal, a aureolar suas almas — meninas, a florir, nesse jardim encantante, as níveas pétalas da bondade e da graça.

Qual talentosa composição pictórica, em que a gama das tintas se harmoniza e independentemente marca o seu individual poder cambiante, *Hóstia Florida* revela, sôbre todas as formas de métrica nêle usadas, uma perfeita unidade de propósito e um sóbrio acôrdo de expressão.

Moreira das Neves enfeixa, neste volume, quadras singelas, de inspiração quâsi infantil; tercetos de nítido surto intelectual; certas lendas eucarísticas, rimadas em verso quâsi livre, singelamente dispostas como jarras com flores em altares votivos. *Frei Bernardo de Morlão e os dois meninos de Santarém* ou *Lição de Santo Tomaz*, lembram as anedotas brandas que, em Augusto Gil, mais de que os versos de paixão ou de tédio, constituem o fundo real da sua antologia literária. Para não andar ausente a suprema forma poética, Moreira das Neves esculpe nesse friso singelo, gravado em mármore ductil, alguns sonetos equilibrados, plenos de alor místico, como o *Até o fim*:

*E disse alguém a Cristo que passava,  
Entre silêncios, pela sombra além:  
— Senhor, não vás mais longe: Há ódio em lava  
A' espera dos teus passos... Pensa bem!*

*Entraste, há dias, em Jerusalém,  
E então, é certo, o povo te aclamava,  
Mas agora, Jesus, não há ninguém  
Que vá contigo... Mesmo quem te amava...*

*E Cristo, olhando o fundo do jardim,  
Respondeu, ao cair da tarde langue,  
Com voz que dava luz à própria luz:*

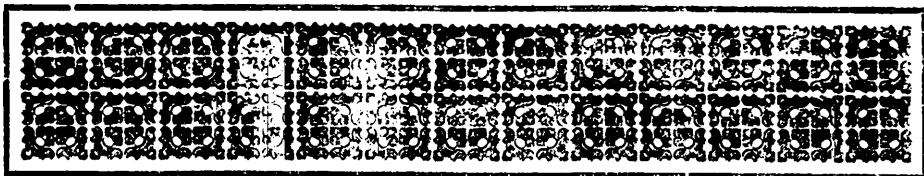
*— Já não posso parar, senão no fim,  
Quando o meu coração, desfeito em sangue,  
Se queimar, pelos homens, numa cruz...*

Versos que são, afinal, camândulas de rosário que a nossa alma cristã, na leitura interessada, desfia em comovida oração...

*E Hóstia Florida se termina assim,  
Humilde em pensamento, em forma e preço.  
E agora eu próprio me pergunto a mim:  
— Não seria melhor do que ter fim  
Não chegar o meu livro a ter começo?*

Modesta mas injusta inquirição de quem, como Moreira das Neves, julga andar longe — êsse é aliás o sentimento de quantos sentem em si um mundo indesvendado — da perfeição plástica e não repara na idealidade profunda e na emoção cristalina que o seu sentimento atinge e resume, afinal, a própria alma do ritmo.





=P=O=E=M=A=>

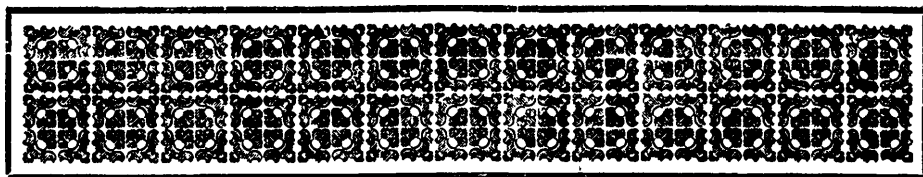
Ó vento  
violento!  
sofreia a carreira,  
vai mais devagar!  
Vou pôr uma vela à minha bateira:  
já vou navegar...

— Confla,  
Maria,  
que eu hei-de voltar...  
Há vento à feição,  
(fora o coração)  
quem manda é o mar!

Tu, barca, à partida  
não largues sem mim...

Quero embarcar,  
viver a minha vida,  
quero morrer no mar  
— o meu jardim!...

Na minha barca, lançada ao mar,  
vou carregar  
a mirra, o incenso e o alecrim...



# O valor dos Açôres

por RUY GALVÃO DE CARVALHO

**P**ELA sua privilegiada situação geográfica, quasi a meio do Oceano Atlântico, metidos entre o Vélho Continente e a América do Norte, os Açôres são ainda para a maioria dos portugueses europeus, *ilhas desconhecidas*.

Melhor os conhecem os estrangeiros do que pròpriamente aquêles que se dizem descendentes dos navegantes da época admirável e gloriosa dos descobrimentos marítimos.

E contudo deveriam os Açôres ser mais amados e conhecidos dêsses portugueses da Europa, porque são êles terras portuguesíssimas, com costumes e tradições iguais às tradições e costumes do Minho e das Beiras, além de que, sob o ponto de vista internacional, representam a guarda avançada de Portugal no Oceano Atlântico.

Acrescente-se mais as suas formosíssimas paisagens, que variam de ilha para ilha e dentro da mesma ilha, os seus lagos de religiosa quietude, a curva irregular dos seus montes, a linha caprichosa dos seus vales fertilíssimos, os cambiantes estranhos do seu céu, a riqueza extraordinária das suas águas minerais, a variedade e exuberância das suas flores, o encanto e a graça das companheiras dos homens...

Nos Açôres há todos os climas e todas as floras.

O artista encontra nêles motivos de inédita beleza e de surpreendente maravilha. Pode sonhar e idealizar à vontade, dar os mais amplos vôos à sua imaginação criadora... que tudo encontrará nestes nove jardins dispersos, rincões floridos, em eterna Primavera!

Envolvendo-os, o mar lá está a embalar os Açôres a tôda a hora, ora cantando-lhes um epitalâmio nupcial, ora recitando-lhes uma tragédia helénica, — tragédia escrita em versos dantescos pelas *caldeiras* do Vale das Furnas, na ilha de S. Miguel...

O mar dos Açôres! O seu ritmo anda cá dentro de nós, nos nossos ouvidos, nos ouvidos de todo o açoriano.

Dáí a paixão que o açoriano tem pela música, paixão por vezes absorvente, dominadora.

A influência do mar é também preponderante na sensibilidade de todo aquêlê que se dedica ao cultivo das letras, sobretudo às Musas.

Todo o poeta açoriano em geral canta o mar, sempre impregna os seus versos do ar salgado da maresia...

Convém ainda esclarecer que o mar gera no açoriano a nostalgia de novos horizontes, a saúde de outros céus.

¿E que dizer da sua gente culta?

Compulsai a história política, literária e científica de Portugal, que haveis de encontrar ilustres nomes açorianos.

Com efeito, em todos os ramos da actividade e do pensamento, os açorianos têm-se notabilizado sempre.

Não há dúvida de que os Açôres, principalmente a partir do século passado, têm tido vultos eminentes.

Nas ciências como nas letras, nas artes como na vida política e social, os Açôres possuem figuras de superior relêvo, a ponto de merecerem da Pátria, por a bem servir e amar, gratidão e reconhecimento.

E' que o açoriano, por factores mil, é activo e ama tudo aquilo que é belo e aspira a grandes e sublimes ideais.

Povo de requintadas virtudes e de um rico e fecundo *subconsciente*, o açoriano em tudo se tem revelado, contribuindo assim para a maior glória de Portugal e bom nome das ilhas do Infante.

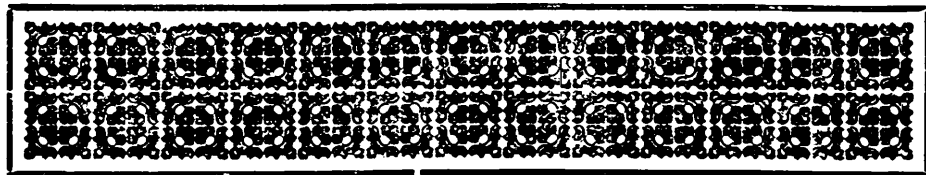
Por isso é sempre com orgulho que manifestamos a nossa filiação açórica, é sempre com espontâneo orgulho que falamos dos Açôres ou sôbre êles escrevemos.

Açôres! Açôres! Filmá-los, é dar a conhecer ao mundo inteiro a existência do *Paraíso terreal*.

Invejam-nos os estrangeiros: é a nossa consolação, a nossa maior consolação!

Somos portugueses!...

5 de Março do Ano da Graça de 1937.



# Nótulas etnográficas

A “rifomania”—Os casamentos “à moda de Esposende”  
—Vivos e... mortos

por MÁRIO GONÇALVES VIANA

N<sup>O</sup> Minho abusa-se, actualmente, muitíssimo da prática das rifas. O povo português não conhece o meio têrmo. Desde que um espertalhão mais ou menos atrevido se lembrou — com bom êxito — de fazer dinheiro, rifando qualquer traste vêlho que tinha em casa e que não lhe servia para nada, logo meio mundo acorreu a seguir-lhe o exemplo. Nas vilas e aldeias, as rifas sucedem-se com uma insistência alarmante. Há gente que rifa aquilo que tem e aquilo que... não tem! Está claro que, neste último caso, nunca chega a haver o sorteio. Os meses passam uns sôbre os outros, os bilhetes perdem-se, e tudo acaba no esquecimento.

Uma rifa é uma espécie de lotaria em ponto pequeno e, como tal, seduz sempre o «portuguezinho valente», desejoso de tentar a sorte e de ganhar a vida com o menos trabalho possível! Ora os individuos que exploram êste rendoso «negócio» conhecem o «fraco» do povo — que é o próprio «fraco» deles — e exploram-no em seu proveito, ilustrando os bilhetes com «atraentes» versos de pé-quebrado, alusivos ao objecto rifado ou a qualquer festança que se realize por ocasião do «famoso» sorteio. «Nessas insípidas quadras de inspiração popular e rima forçada, encontra-se bem patenteada a ingenuidade, a manha ou a malícia do nosso povo aldeão» <sup>(1)</sup>.

---

<sup>(1)</sup> *O costume das rifas e o folclore nacional*, por Mário Gonçalves Viana — *Jornal de Notícias*, Pôrto, Março de 1937.

Esta «literatura de cordel» de nova espécie, proporciona, na verdade, interessantes elementos para o estudo não só do folclore nacional, mas também da própria psicologia popular. Vêem-se, através dela, os costumes do povo e as suas tendências para de tudo, fazer uma festa.

Eis, por exemplo, as quadras com que certo bilhete reclamiza o *brinde de um chale de peluche*:

*Em Palmeira do Faro <sup>(1)</sup>  
Vai haver grande reinação,  
Com a rifa dum lindo chale  
Entrará tudo em função.*

*E se todos estiverem atentos,  
Não estando «com a môsca»,  
Também podem ter direito  
A uma bem feita rôsca.*

*Vinde lá, não falteis,  
A tão grande divertimento,  
Que por 5 flores apenas  
Passareis um belo tempo.*

Muitas vezes, a fim de darem mais importância ao acto do «andar a roda», escolhem, para êsse efeito, um dia festivo do agiológio católico. Tal é o caso da *rifa de um barco do caranguejo*:

*E' a 25 de Junho <sup>(2)</sup>  
O dia de São João,  
Que linda festa teremos  
Lá para essa ocasião.*

*E' um barco do pilado;  
Cada bilhete dez flores  
P'ra abrilhantar o sorteio  
Também terá cantadores.*

---

(1) Concelho de Esposende.

(2) Como se vê, o poetaastro, autor dêstes versos, não conhece com muito rigor os dias santos, pois o dia de S. João é a 24 e não a 25.

*Tem a vela em bom uso  
E uma adriça a estriar  
E o barco está bom  
Tem bons remos p'ra remar.*

*Vinde à nossa Freguesia,  
A Apúlia, <sup>(1)</sup> passear;  
Perde o direito ao prémio,  
Quem até lá não pagar.*

\*

\* \*

A aspiração máxima de qualquer rapariga consiste em casar. Mas há certas regiões onde escasseiam os homens e onde, por consequência, a maior parte das mulheres se arrisca a ficar sem maridos. Uma vez regista-se natalidade feminina superior à masculina; outras vezes é a emigração que produz o desequilíbrio e desproporção entre os dois sexos.

No litoral minhoto o movimento emigratório é intenso, levando para o Brasil, Argentina e até para a América do Norte quasi todos os rapazes em idade casadoira. Se alguns regressam, há muitos que nunca mais voltam, acabando por constituir família nessas longínquas terras aonde se adaptaram. Por outro lado, há a considerar os celibatários, que, habituados à vida livre, por nada dêste mundo querem mudar de... estado e contrair responsabilidades.

Em virtude de todos estes factores, de ordem social, económica e psicológica, nota-se em certos concelhos do norte uma lamentável *falta de homens*. As raparigas casadoiras passam os melhores anos da vida à espera de um... noivo que nunca chega, e ficam, em grande parte, condenadas à, para elas, desagradável condição de «solteironas».

Está claro que nem todas se conformam com semelhante... contra-tempo. Quando os seus dotes naturais, de formosura e garridice, não conseguem prender os corações masculinos, recorrem a processos mais expeditos e mais práticos: *compram os homens!*

Os homens são, por vezes, *cotados* como os papéis de crédito na Bôlsa, tendo em atenção as suas maneiras, as suas falas, o seu ofício ou

---

(1) Freguesia do concelho de Esposende.

as heranças que porventura possam vir a receber! Para as raparigas casadoiras, o essencial é arranjar um marido. ¿Não tem profissão? E' pobre? Paciência! Se a família da rapariga tem alguma cousa, deita as suas vistas sôbre qualquer «rapaz jeitoso» e com êle entra em... negociações! Ignoramos a *base* de semelhantes contratos, mas há raparigas que têm conseguido casar-se «comprando» o marido por 600\$00 e um... fato (!) além de pagarem todas as despesas do Registo Civil!

E depois?

Depois, se o noivo está disposto a trabalhar, decorrida a lua de mel, arranjam-lhe os papéis e «exportam-no» para as Américas, de onde êle lhes mandará dinheiro...

Se o juvenil marido não está pelos ajustes é a mulher quem trabalha, como uma negra, para o sustentar e criar os filhos.

Mas, de uma forma ou de outra, nunca se queixa. Casou, eis o que lhe interessava. O resto não tem importância...

\*  
\*   \*  
\*

O povo de certas regiões do litoral minhoto é muito medroso e receia, principalmente, os... ladrões. Mesmo nas localidades onde apenas existem os vulgares ratoneiros de galinhas, mesmo nessas terras as populações vivem no constante receio de um assalto de larápios. Quando saem de casa, à noite, deixam a luz acesa, para darem a impressão de que não se encontram ausentes... Muitas ocasiões, as mulheres mais timoratas — que não têm homem em casa — pedem às vizinhas para irem dormir com elas e, às vezes, deitam-se três na mesma cama (!) umas para os pés e outras para a cabeça! Está claro que se ouvem qualquer ruído estranho, nada fazem a não ser gritar como possesas!

Como, porém, tôda a gente tem... mêdo, se percebem que são ladrões ninguém lhes acode. Cada um procura trancar as portas o melhor possível, por causa das... dúvidas! E' por isso que — nestas aflitivas emergências — as pessoas medrosas recorrem a um expediente que dá óptimos resultados. Em vez de gritarem: *Acudam, ladrões!* —, berram desesperadamente: *Fogo, fogo!*

E' que ao grito de socorro por assalto de *ladrões*, ninguém aparece; ao grito de *incêndio*, todos acorrem!

Eis a razão pela qual algumas vezes, há falsos alarmes, aliás sem conseqüências de maior...

\*  
\*      \*

Os mortos sempre deram que fazer. Noutros tempos, havia *carpi-deiras* para os chorarem.

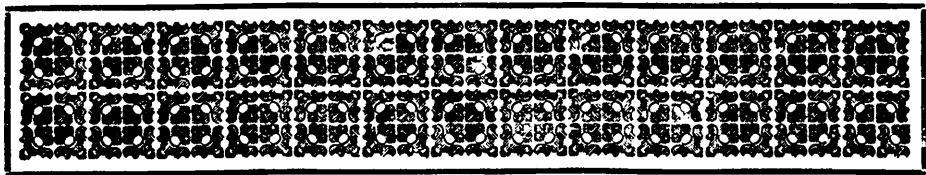
Essa usança desapareceu, mas outras há que ainda subsistem em certos meios pequenos, entre as classes populares. O povo não compreende os sentimentos que não se exteriorizam com barulho. Por isso, se alguém morre numa casa, a família tem de berrar muito, caso não queira ser criticada. Quando o moribundo expira, as mulheres — espô-sas, irmãs ou filhas — vêm chorar para a janela, arrepelando os cabelos e soltando gritos terríficos! O povo não admite as dores silenciosas.

Se não ouvir gritar muito, comenta por entre os dentes: «Mal de quem morre! Ninguém se importou com o desgraçado!»

Esta é a primeira fase. A segunda compete à população, que logo acorre a casa do falecido. Conhecidos e desconhecidos, todos vão, em bicha, ver o morto! Não é que lhes interesse consolar a família enlutada. Nada disso: vão apenas ver o caixão, os vestidos que o finado leva e a cara dos parentes! Se o caixão é bom e o morto está bem vestido, o público fica satisfeito. Se a família do falecido não está disposta a gastar muito dinheiro ou a pedi-lo emprestado — quando não o tenha —, então os comentários desagradáveis refervem, atribuindo a desamor ou avareza aquilo que, muitas vezes, não passa de boa prudência.

Durante alguns dias discute-se, entre o povo, o morto que foi a enterrar. Não se fala nas suas qualidades ou defeitos, se as teve; fala-se apenas se ele estava *bonito* no caixão! E algumas ocasiões comparam uns mortos com os outros — «Fulano ia *mais bonito* do que Cicrano...» — tomando partidos e discutindo pormenores com uma sem-cerimónia estranha.





# UM VERBETE DE BIBLIOGRAFIA ARTISTICA

(Continuado de pág. 147)

por ARMANDO DE MATTOS

## CAPITULO III.

### *Da pintura a fresco.*

#### INSTRUCÇAM I.

#### *Das tintas, e modo de as preparar.*

Esta Pintura se executa nas paredes guarnecidas de fresco, do mesmo modo que as Pinturas de *Tempera*, *Iluminação*, e de *Oleo*, das quaes sómente differe em não admittir todas as cores, nem o mesmo modo de se assentarem. As cores, ou tintas, que nella se usão são

|             |                              |                     |
|-------------|------------------------------|---------------------|
| Terra roxa, | Ocres, claro, e escuro,      | Almagra de Flandes, |
| Esmaltes,   | Sombra de Colonia,           | Verde montanha,     |
| Verdacho,   | Pretos ordinarios, de lapis, | e Sombra de Cintra. |

E nenhuma das tintas artificiaes, ou floridas, porque estas pela sua subtilidade se gastão, e consomem com a cal. Todas estas tintas se podem usar simplicies, e mixtas, ou compostas com cal, [como ao diante diremos nas graduaoens de cada hum] preparadas com agoa clara, exceptuando os esmaltes, e o verde montanha; porque estas quando se houverem de usar simplicies, ou com toda a sua cor, se hão de concertar com leyte de cabras, ou de outro qualquer animal, mas não quando se quizerem fazer mais claras, porque então se hão de preparar com cal, como as outras. A cal para esta composição, ou preparação com as tintas, ha de ser moida na pedra muyto bem com agoa clara, e depois coada por hum peneyro; mas se em lugar desta cal, houver outra que tenha estado de molho abrandando em agoa, esta será a melhor, tiran-

do-lhe o polme, e coando-a tambem por hum peneyro. E advirta-se que quanto mais tempo a cal estiver cortida em agoa, tanto melhor effeito fará na Pintura.

## INSTRUCÇAM II.

### *Das gradaçoens, realçes, e adumbraçoens das tintas.*

Para melhor percepção do que havemos de dizer, he necessario trazer á memoria, que nesta Pintura há (assim como nas mais) claros, sombras, realces, e escuros mayores, e que as tintas se fazem mais claras lançando-lhe mais cal, e mais escuras lançando-lhe mais tinta, ou menos cal, da qual se usa em lugar de alvayade, conforme as gradaçoens que dellas se quizerem fazer, para esta Pintura, na qual, como já disse-mos, tambem se usão algumas tintas sem mistura de outras; mas porque esta doutrina melhor se entenda, tratemos em particular de algumas, e será a primeyra dos

### *Encarnados.*

Para A meya tinta *Serve* a Almagra de Flandes misturada com cal.

Para as Sombras Almagra com menos cal.

Para os Realces Cal pura sòmente.

Para os escuros mayores Terra roxa preparada com agoa clara.

Servem estes encarnados para flores, carnes, roupas, grutescos, corpos de Architectura &c.

### *Azues.*

Meya tinta Esmaltes concertados com cal.

Sombras Esmaltes com menos cal.

Realces avermelhados Cal cõ hu boccadinho de almagra.

Escuros Preto de carvão de pedra, ou lapis.

Servem estes azues para vestidos de figuras, Ceos, horizontes, grutescos &c.

### *Verdes.*

Meya tinta Verdacho misturado com cal.

Sombras Verdacho com menos cal.



*Bronzes, e metaes.*

|            |                                                       |
|------------|-------------------------------------------------------|
| Meya tinta | Ocre escuro, cal, e verdacho tudo misturado.          |
| Sombras    | Ocre escuro, e verdacho, com agoa clara.              |
| Realces    | Cal com hum boccadinho de ocre claro, ou de verdacho. |

Tambem se podem realçar de ouro, uzando para isso o seguinte

*Mordentilho.*

Tome-se hum pouco de mel, com hum pouco de vinagre, (que será menos quantidade) huns alhos pizados, e hum pouco de azebre, tudo misturado, e posto ao lume a fogo brando, em huma tigella nova até ferver, e engrossar; e então tirado do fogo se usará com pincel, para os natos que quizerem dourar nesta Pintura. Se este mordentilho ficar grosso, se poderá adelgaçar lançando-lhe mais vinagre, e tornando-o a pôr ao lume. Isto supposto, seja a

INSTRUCCAM III.

*Do exercicio desta Pintura.*

Acabada de guarnecer de fresco a parede, estando picado em hum papel o dibuxo que se quizer colorir, [e preparadas as tintas] se porá sobre a parte recém guarneçada, onde se estarcirá com carvão empunçado, e depois de perfilado o dibuxo, se lhe irão pondo as cores (as quaes se hão de deyxar sempre sobre o escuro, porque depois de enxutas aclarão muito) com pinceis grossos de sedas brandas, e compridas, ou com pinceis ordinarios, se o dibuxo da obra for mimozo: porém advirta-se que se não há de guarnecer na parede mais do que aquillo que se puder pintar antes que se seque; e se ficar alguma parte guarneçada, que se não possa pintar por estar já enxuta, se há de deitar a bayxo para se guarnecer de novo, quando se houver de pintar. A cal, sobre que se pinta a fresco, será almecegada, a que chamão *reboco fino*; porque he a melhor para receber as tintas, a qual se faz de duas partes de area de agoa doce, e huma de cal.

INSTRUCÇAM INCIDENTE

*Do modo de rascunhar a fresco.*

Nas paredes guarnecidas de fresco se fazem varias curiosidades de lacarias, e dibuxo, guarnecendo primeiro toda a parede de cal com preto, dando-lhe depois de secca outra mão de cal com a colher, a maneyra de estuque, abrindo nelle com hum prego [em quanto estiver fresca] os dibuxos que quizerem, os quaes ficarão apparecendo em 'preto. Esta curiosidade serve 'muito para nas paredes dos jardins, tanques, fontes, e lagos se fazerem Architecturas, pennadas, figuras, targetas, inscripçoens, emblemas, jeroglificos, ou outras quaesquer cousas, conforme a idéa de cada hum.

*(Continua).*



# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1837

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

## Novembro

**Dia 4** — A Câmara determina felicitar a Rainha pelo feliz successo do nascimento do Príncipe Real D. Pedro V.

**Dia 7** — Morreu João Machado Pindela, na sua quinta de Pindela. Foi depositado e sepultado na igreja da freguesia de S. Tiago da Cruz. João Machado era um cavalheiro desta vila e morava no terreiro do Carmo. (P. L.).

**Dia 8** — Chegou aqui, vindo de Braga, um forte destacamento de caçadores n.º 4. Marchou no dia seguinte para Penafiel para fazer a polícia da feira. (P. L.).

**Dia 9** — Pernoitaram nesta vila uns 30 cavalos de cavalaria n.º 3, os quais vieram de Braga e partiram no dia seguinte para Almeida. (P. L.).

**Dia 10** — Tendo desertado desta vila uns 5 soldados dos esquadrões de lanceiros e tendo havido uma denúncia (falsa) ao comandante dos mesmos lanceiros (era um tenente) de que tinha sido o tenente Moreira quem os tinha aliado, e mandando aquêlê prendê-lo por um official e um soldado, estes prenderam o irmão, feirante de ourives, e o trouxeram à presença do comandante, que estava no Toural, e que insultou o

preso o mais que foi possível, chegando a dizer públicamente, que lhe havia de mandar dar tantas varadas, como êle tivesse de cabelos na cabeça, mandando-o depois preso para a cadeia. Depois de lá estar algumas horas, foi lá o visconde de Azenha com o comandante e o soltou. Neste dia presenciou Guimarães o facto mais escandaloso que se tinha visto. (P. L.). — *Outro noticiaria narra com variantes:* O tenente Moreira era natural de Guimarães — o comandante mandou prender o denunciado, e como não fôsse encontrado pelos lanceiros encarregados de o prenderem, ordenou-lhes prendessem o irmão, ourives Moreira. — O ourives foi para a cadeia, donde só passados dias saíu por intervenção do visconde de Azenha.

**Dia 14** — A Câmara, em sessão extraordinária, com a presença do administrador do concelho e do comandante dos lanceiros aqui estacionados, resolveu que, para alívio dos Povos, fôsem os mesmos lanceiros aquartelados.

**Dia 17** — Nasceu Paulo de Melo Pereira Sampaio Freitas do Amaral, filho de Pombeiro de Riba Vizela.

**Dia 23** — São aprovados e assinados por 39 estudantes os estatutos da «Associação Escholastica Vimaranense».

**Dia 24** — Na sessão da Câmara dos Deputados, o dr. Rodrigo Salazar mandou para a mesa um requerimento acêrca de um destacamento de lanceiros que tinha estado aboletado pelas casas, em Guimarães, apesar de a Câmara Municipal ter querido dar-lhe quartel e rancho, o que foi sempre recusado, e também pediu esclarecimentos acêrca da prisão dum cidadão desta vila, por ordem do comandante e sem requisição da autoridade competente, chegando-se a ameaçá-lo com varadas, e das providências tomadas a êste respeito.

**Dia 25** — Em sessão da Câmara dos Deputados e acêrca do requerimento do Dr. Rodrigo Salazar, apresentado na sessão de ontem, disse César de Vasconcelos, que sentia muito que não estivesse presente o ministro da guerra para lhe ponderar que era necessário pôr còbro à desordem em que andam os diversos corpos comandados por poucos oficiais, e por conseguinte sem disciplina, fazendo mais prejuízos e opressões aos povos do que serviço útil. O destacamento de que se trata é constituído por dois esquadrões de lanceiros que vieram de Espanha, cujos oficiais os abandonaram, restando-lhes só dois, de forma que êsse tenente de quem se trata, comanda um esquadrão. Rodrigo Menezes representou que se devia recomendar ao Govêrno para que faça que as autoridades militares se não intrometam nas atribuições das autoridades administrativas.

A Câmara Municipal determinou que a venda da sardinha e do sal se faça, de hoje em diante, ao lado da alpendrada da alfândega, da parte de fora, havendo-se êste lugar por marcado a fim de não estorvar o trânsito público por dentro da mesma alpendrada; e tôda a

pessoa que em outro qualquer sítio, além do marcado, vender os ditos gêneros será condenado em 4\$800 por cada vez e 1\$200 para o denunciante, fazendo-se público, por edital, esta determinação.

**Dia 26** — A Câmara, em sessão extraordinária, atendendo a que a provisão de 17 de Setembro de 1799 que criou a Companhia dos Incendios nesta vila, marcou para o serviço da bomba grande e de uma pequena o n.º de 60 empregados, e havendo, actualmente, mais duas bombas pequenas a fim de mais facilmente se poder atalhar aos incêndios, determinou que o número de empregados dessa Companhia fôsse elevado a 80, exclusivê os oficiais, formando-se uma nova pauta de seus nomes e guardando-se-lhes seus privilégios, observando êles, por seu turno, o regulamento descrito no Livro do Registo da Companhia aonde esta determinação será também lançada, assim como a relação dos nomeados.

**Dia 27** — Vindo de Braga, chegou aqui o visconde das Antas, para passar revista aos esquadrões de Lanceiros da Rainha, a qual se realizou na praça do Toural, apresentando-se os lanceiros de grande uniforme. (P. L.).

**Dia 28** — Passou nesta vila o batalhão de infantaria n.º 19 (antigamente n.º 3) vindo de Braga e com destino a Vila Real para fazer entrar nos seus deveres o batalhão de caçadores n.º 3 que tinha lançado o fogo ao convento de S. Domingos daquela vila (seu quartel) por os não trazerem aboletados pelas casas. (P. L.). — Também para lá marcharam os esquadrões de lanceiros que já aqui se achavam há mais de um mês, assim como, com o mesmo destino, seguiu o visconde das Antas. (P. L.).

**Dia 29** — Morreu Paulo José de Freitas, tabelião de notas, que estava homiziado numa sua quinta na freguesia de Vila Fria desde que tinha sido aclamada nesta vila a Rainha e a Carta Constitucional, em virtude de ter sido escrivão da devassa tirada contra os Constitucionais no tempo do Senhor D. Miguel. (P. L.).

•

A Câmara deferiu o requerimento dos fregueses de Mascotelos, desanexando-os de S. Tiago de Candoso, a que estavam anexos há cêrca de 2 para 3 anos.

## Dezembro

**Dia 1** — Vindo de Amarante, chegou a esta vila o batalhão de infantaria n.º 19 (antigamente n.º 3). Marchou no dia seguinte para Braga e daí seguiu para Viana. (P. L.).

**Dia 4** — Portaria — Constando, por informação da autoridade competente, que Manuel José Ribeiro Guimarães, escrivão interino do juízo de paz da freguesia de Lanhoso, além de ter um comportamento moral e civil pouco regular, é notório por seus péssimos sentimentos políticos, tendo tomado parte muito activa na revolta havida naquele julgado, manda a Rainha, pela Secretaria de Estado dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça, que o juiz de direito da comarca de Guimarães haja o dito escrivão por exonerado, e nomeie outro que sirva provisoriamente até ao despacho definitivo.

**Dia 5** — Pela 1.ª vez os estudantes saíram com cavalhadas, que deviam realizar-se no dia 6, à noite.

**Dia 7** — Chegou a esta vila parte dos esquadões de lanceiros que tinham marchado no dia 28 de Novembro para Vila Real. Vinham do Pôrto. (P. L.).

**Dia 8** — A Câmara em sessão extraordinária, com a presença do administrador e 2 eleitos de cada uma das freguesias do concelho, em conformidade com o art. 83.º do cód. adm. convocados para hoje, tratou do modo de livrar os habitantes de ter em suas casas aboletados, no que sofriam graves incômodos e prejuízos, e verificando que os Quartéis de Infantaria não estavam em condições de poderem ser habitados, por se encontrarem arruinados de telhados, soalhos, tarrimbos, janelas, armeiros e mais arranjos indispensáveis, determinou que êsses Quartéis fôsem compostos de todo o necessário a fim de se poder recolher nêles o regimento de infantaria n.º 18, aqui estacionado. Mandou comprar 400 mantas, 400 enxergas e 400 cabeçalhos, e resolveu que tôda a despesa, tanto dos Quartéis da infantaria como dos de cavalaria de lanceiros, no extinto convento de S. Francisco, orçada tôda ela em 1:800\$000 réis, fôsse paga por derrama directa derramada por todos os moradores dêste concelho, sendo cobrada em proporção da décima que cada um paga de agência e de propriedades rústicas, ou urbanas, ainda mesmo daquelas que seus donos sejam de fora do concelho, na conformidade do art. 83.º do cód. adm. já citado, adicionando-se a cada uma das verbas 12 por cento para se formar o sobredito capital de 1:800\$000 réis, destinado ao pagamento das referidas despesas.

•

O regimento n.º 18, que estava em Braga, marchou para Guimarães, para aqui ficar aquartelado. (P. L.).

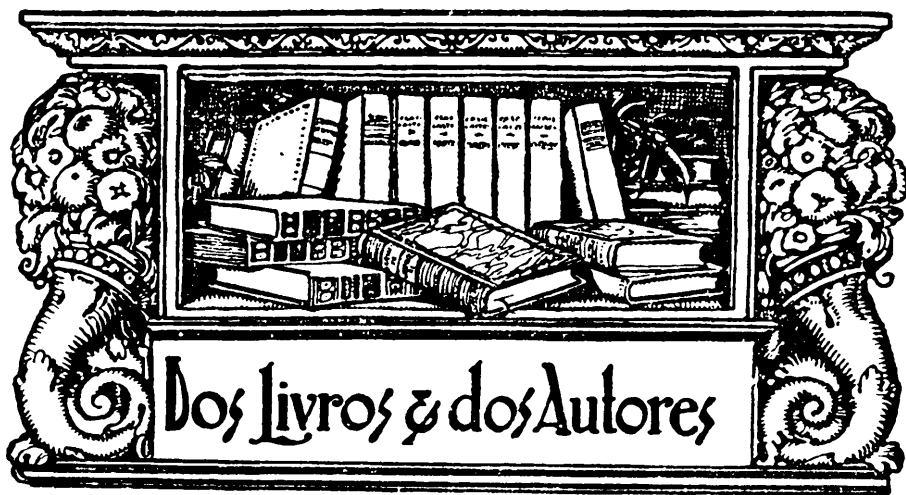
**Dia 9** — Morreu Frei José de Santa Rosa de Lima e Almeida, egresso organista do convento de S. Domingos. Tinha 70 e tantos anos de idade. (P. L.).

Morreu Pedro de Moraes Correia de Sá e Castro, cavaleiro das ordens de Cristo e da Conceição, cônego prebendado, minorista, da Insigne e Real Collegiada, de que foi expulso ilegalmente no tempo da Restauração da Rainha e da Carta Constitucional por motivos políticos e intrigas de seus inimigos. Era da casa do Arco, da rua de Santa Maria. (P. L.).

Dia 18 — Fez-se o apuro da eleição para a Câmara Municipal, reunindo mais votos para camaristas os seguintes: Domingos Rabiços, cirurgião; José Correia, cirurgião; Manuel Marinho — Fontelos — proprietário em Arões; Manuel José do Souto, médico; António Ribeiro da Costa, proprietário; Francisco Martins, proprietário em Azurey; João Pereira Soares, morgado; Teotónio, boticário da Misericórdia; e José Pinto Simões, morgado. (P. L.).

JOÃO LOPES DE FARIA.





ALEXANDRE HERCULANO, por *Mário Gonçalves Viana*. Editora, Educação Nacional. Rua do Almada, 125 — Pôrto, 1937.

O genial solitário de Vale de Lôbos fica bem nesta galeria de *Figuras Nacionais*. Alexandre Herculano marcou na política e nas letras, embora mais nas letras do que na política. A sua *História de Portugal* é modelar no método, se bem que não se possam aceitar ou perfilhar todas as suas afirmações e conclusões. E compreende-se. Herculano viveu a vida agitada da sua época e a sua obra ressonante-se da influência dessa época. O seu amor a Portugal desprende-se, então, das peias de uma política anti-nacional e atira-o para Vale de Lôbos, para a vida calma dos campos, onde mais se purifica o seu alto espírito de escritor e de poeta. E o pessimismo de *A Voz do Profeta* é a afirmação da sua angústia e da sua desilusão.

Desta grande figura que, como Garret, pôde enfileirar ao lado dos nossos mestres da contra-revolução, dá-nos Mário Gonçalves Viana, neste volume valioso onde revela boas qualidades de psicólogo, um retrato exacto. E assim temos esta colecção das *Figuras Nacionais*, tam auspiciosamente iniciada, a marcar algo de novo e de sério em Portugal.



O ESTADO NOVO, por *João de Almeida*. Parceria António Maria Pereira. Rua Augusta, 44. Lisboa, 1932.

Da série *Ao serviço do Império*, consagrou o General João de Almeida o V volume ao estudo dos problemas que mais interessam à boa marcha da política do chamado *Estado Novo*.

Só agora tivemos conhecimento deste trabalho, embora a sua edição date de 1932, isto é: de há cinco anos atrás. No entanto a doutrina exposta continua actualizada e, portanto, cheia de interesse e de oportunidade.

De facto, como o salienta o General João de Almeida na Introdução a este seu livro, «Portugal, sob o ponto de vista das aspirações mais legítimas, dos interesses pátrios mais sagrados, à parte a ordem financeira restabelecida e o crédito externo assegurado — tudo está e continua ainda por fazer e por estudar».

E porquê?

«Porque velhos males, velhos erros e velhos pecados se têm acumulado» exigindo «uma fórmula nova e um espírito novo que substitua os sistemas caquéticos e a mentalidade balôfa que nos tem dirigido».

Depois, nos xiv capítulos em que se divide este trabalho, o Sr. General vai expondo o seu ponto de vista sobre *A Teoria do Império; A Reforma do Estado Novo; A orgânica da Administração; A Segurança do Estado Novo; A Reforma Social; Assistência e Previdência Social; A Educação Nacional; Os Serviços Históricos e Arqueológicos; Da Produção da Terra; As Comunicações e Transportes; Factores económicos; A Defesa Nacional; Os serviços financeiros e Os serviços de Justiça e dos Cultos*.

Evidentemente que não vamos fazer uma análise circunstanciada de cada capítulo citado, nem isso está no âmbito desta secção. O autor deste portuguêsíssimo trabalho chama-lhes «observações» que «não são nem querem ser um programa, mas que representam o esforço e o pensamento de um português sincero e lealíssimo» que, exactamente por ser sincero e lealíssimo, tem estado «arredado sistematicamente da actividade pública e até profissional» negando-se-lhe cabimento dentro da Situação «e até praticamente» desconhecendo-se a sua existência.

Mas *O Estado Novo* destina-se a todos os portugueses de sã consciência e de inabalável fé. Da sua leitura só se tiram proveitos e ensinamentos que não podem nem devem ser desperdiçados, porque tendem ao engrandecimento da Nação.



DICIONÁRIO FRANCÊS-PORTUGUÊS, por António A. Dória. Livraria Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto, 1937.

Desde há muito já que se fazia sentir a falta de um *Dicionário* novo, criteriosamente elaborado. Essa falta salientamo-la quando, nesta mesma secção, nos referimos ao *Dicionário Português-Francês* editado, também, pela Educação Nacional. O *Dicionário* agora publicado e organizado por António Dória, vem suprir essa falta, mas vem supri-la saindo fora da vulgaridade em trabalhos deste género.

Este *Dicionário* revela «dedo de mestre» e não admira que assim aconteça sabendo-se que António Dória é um profissional do ensino, competentíssimo e honesto que, no dia a dia das suas lições, foi registando omissões e lapsos que, agora, suprimiu.

Tôda a gente sabe e compreende que não há nem pode haver dicionários perfeitos.

Mas, dos que actualmente existem, este é, talvez, o mais perfeito e completo. Actualizado rigorosamente na sua grafia, é um valioso auxiliar de estudantes e estudiosos. Na última parte do *Dicionário* há um capítulo consagrado às principais

regras da fonética francesa, com os sistemas de ligação, acentuação e elisão; um Dicionário dos nomes das pessoas, deuses da fábula, etc.; um Dicionário dos nomes geográficos e as principais abreviaturas da língua francesa.

A tudo isto há ainda a acrescentar o esmêro da edição, a boa apresentação e o seu preço deveras acessível.



O ESTADO NOVO — PRINCÍPIOS E REALIZAÇÕES. Edições S. P. N.  
Lisboa, s./d.

Neste opúsculo de propaganda, analisa-se a situação do país antes do movimento chefiado por Gomes da Costa e, em especial, a situação financeira e as consequências nefastas da economia liberal.

Da *Constituição Política de 1933* dá-nos um resumo deveras interessante, pondo em confronto a organização democrática de outros tempos e a organização corporativa de agora.

Também não deixa de oferecer interêsse o capítulo que se refere à *política da ordem* e ainda o que trata da *política militar*, como o ressurgimento da nossa marinha e a prometida reorganização do exército.



PORTUGAL, A ALIANÇA INGLESA E A GUERRA DE ESPANHA. Edições S. P. N., Lisboa, 1937.

A atitude de Portugal perante a guerra que ensangüenta a Espanha e que muito de perto nos interessa, tem sido diversamente interpretada, quer no nosso país, — segundo as conveniências políticas de quem a discute —, quer no estrangeiro, — segundo os desejos das nações que procuram tirar proveito do sacrifício da Espanha.

Portugal, fiel como sempre à velha aliança com a Inglaterra, não pode deixar de tomar, neste caso da Espanha, a atitude que esteja mais a carácter com a política que, internamente, se vem seguindo e que nos coloca, por espírito e por comunhão de princípios, ao lado dos que libertam a Espanha.

Que esta atitude de Portugal nada tem de divergente com a aliança inglesa demonstrou-a o Sr. Presidente do Conselho no seu discurso de 6 de Julho de 1937 aos oficiais de Terra e Mar, discurso que o S. P. N. reuniu neste proveitoso e oportuno folheto.



NACIONALSINDICALISMO. Editado por la Jefatura Nacional de Prensa y Propaganda.

O nationalsindicalismo que na Espanha liberta se coloca *por la patria, el pan y la Justicia* e teve já o seu baptismo de fogo e o seu quinhão de sacrifício nos combates que, há mais de um ano, se desenrolam na pátria do Cid, enun-

cia, neste folheto, os princípios que em quatro discursos fundamentais proferidos em 29 de Outubro de 1933, em 19 de Maio de 1935 e em 17 de Novembro do mesmo ano, Primo de Rivera estabeleceu para a nova organização que tanto havia de contribuir para a salvação e libertação da Espanha.

A luta, então, era feita nas ruas e na luta das ruas se fundou a Falange, animada por uma mística forte de fé e de patriotismo.

Os 27 pontos essenciais do nacionalsindicalismo foram reunidos neste folheto «para que todos sepan qué quiere la Falange en lo futuro, o sea, que es lo que tendrá España en un próximo mañana».



3 DISCURSOS DE JOSÉ ANTÓNIO. Editado por la Jefatura Nacional de Prensa y Propaganda.

José António Primo de Rivera, vítima imolada no altar da Pátria, espanhol de uma grande fé e de uma grande actividade organizadora, foi o impulsionador, o animador e o Chefe da organização nacionalsindicalista. Os 3 discursos agora publicados e que constituem o testamento político do jovem revolucionário que pagou com a vida o seu muito amor à Espanha, ficarão a marcar um período novo na História daquela grande nação.

José António jamais poderá ser esquecido. O seu sacrifício, a sua abnegação, a sua inteligência e a sua vida postas ao serviço de uma causa justa e nobre, estão dando já o seu fruto no exemplo seguido por tantos e tantos jovens que combatem, de armas na mão e de fé ardente a encorajar os seus corações patriotas, por uma Espanha una, grande e livre, como José António a sonhara, como José António a antevia, como José António a revelou nos seus 3 discursos de salvação e de resgate.



A MENTIRA COMUNISTA, por *Henrique Baptista*. Depositária: Casa Editora de A. Figueirinhas, Ltd.<sup>a</sup> — 85, Rua das Oliveiras, 87. Pôrto, 1937.

Muito se tem escrito já acêrca do comunismo, das suas doutrinas, das suas contradições, das suas falsidades. Mas não é de mais pôr a claro os seus manejos e analisar, profundamente, as suas teorias e as possibilidades das suas realizações. E êste livro, que surge na hora própria, está elaborado com critério e atinge bem os propósitos de desmascarar a mentira.

Já anteriormente em *A Rússia Bolchevista* o autor tinha revelado os seus conhecimentos acêrca do que era e do que é a vida do povo russo. Agora, neste livro e baseando-se nas teorias de Proudhon, de Rosseau e de Marx inicia o seu trabalho pelo *Comunismo Utópico* demonstrando o fracasso dos princípios ideali-

zados por More, Campanella, Harrington, Fénelon, Telémaco, Saint-Simon e tantos outros *utopistas*.

Depois, de capítulo em capítulo, vai derrubando o «castelo de cartas» erguido pelo comunismo, de tal modo que, quem ler êste trabalho — e é absolutamente necessário que muita gente o leia — fica habilitado a fazer um juízo seguro sôbre o que é e o que vale a doutrina comunista e a precaver-se contra os seus manejos e as suas aliciações. E não será isto um grande benefício que se presta à humanidade e aos que imaginam, na sua ingenuidade, que o comunismo é o paraíso ideal?



A' PROCURA DO ABSOLUTO, por *H. de Balzac*. Livraria Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto, 1937.

Quem inicia a leitura dêste romance tem a sensação de que vai ler um livro pesado e sem interesse. Mas, depois e gradualmente, verifica que se enganou e que está em presença de um livro bom que prende e que encerra uma grande lição de psicologia, ante a obsessão de Claes que, para descobrir o *absoluto*, sacrifica a espôsa, os filhos, a fortuna.

E nas experiências de decompor o azoto, Baltazar alheia-se de tudo, torna-se insensível e indiferente. O *absoluto* é a sua única preocupação, o seu principal cuidado.

E daí nasce a desilusão e desalento da espôsa e mãe que vê derruir tudo, o amor de seu marido e a felicidade dos seus filhos, em holocausto a um sonho que se esvai com o fumo do laboratório, e forma-se o entrecho dêste romance onde a figura esbelta de Margarida sobressai como heroína e salvadora dos Clais.



MES CONFÉRENCES, par le *Docteur Auguste Vallet*. Pierre Téqui, Libraire-E'diteur. 82, Rue Bonaparte, Paris, 1937.

Há incrédulos para quem os milagres de Lourdes são apenas manifestação de fanatismo ou produto de sugestão. Esquecem que em Lourdes existe o *Bureau des Constatations Médicales* onde cada caso de cura é conveniente e minuciosamente estudado.

O Doutor Vallet, presidente dêsse *Bureau*, dá-nos testemunho de algumas das curas observadas no *Bureau des Constatations* em dez anos de serviço, fazendo acompanhar êste trabalho de algumas fotografias de miraculadas.

L'ÉVANGILLE DU ROYAUME DE DIEU, par le *T. R. P. Gervais Quénard*. La Bonne Presse. 5, Rue Bayard. Paris, s. d.

Livro muito útil e prático é este, que exemplifica os Evangelhos. Porque o Mundo esqueceu a doutrina do Mártir do Gólgota é que o sangue corre caudalosamente, empapando a face da Terra.

Ler, meditar, sentir os Evangelhos é viver a vida sobrenatural, é seguir a luz que ilumina e espiritualiza.

Nos 22 capítulos de que se compõe esta obra há uma série de observações e conclusões muito exactas sobre tam delicado como reconfortante assunto.



LUI ET NOUS: UN SEUL CHRIST, pelo *Abbé Charles Grimaud*. Pierre Téqui. 82, Rue Bonaparte. Paris 6.e, s./d.

Este trabalho do P. Grimaud divide-se em seis partes. Na primeira revela-nos como Cristo foi constituído chefe da Igreja. Na segunda faz-se a demonstração da maneira como as almas se encontram ligadas a Deus. Todas as partes restantes são bem deduzidos complementos a afirmar a unidade de pensamento que deve presidir a todos os actos dos católicos.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.



# ÍNDICE DO XIII VOLUME

| TEXTO:                                                               | PÁGS. |
|----------------------------------------------------------------------|-------|
| <i>Alves de Oliveira (Manuel)</i>                                    |       |
| O martírio da Espanha . . . . .                                      | 26    |
| A nossa política externa . . . . .                                   | 118   |
| O mal francês . . . . .                                              | 153   |
| <i>Ayres (Fernando)</i>                                              |       |
| Poema. . . . .                                                       | 170   |
| <i>Battelli (Guido)</i>                                              |       |
| A «Sala Portuguesa» na Biblioteca Nacional de Florença . . . . .     | 109   |
| À propos du «Narcisisme» de Florbela Espanca. . . . .                | 135   |
| <i>Bento Caldas</i>                                                  |       |
| Costumes Açoreanos . . . . .                                         | 78    |
| As festas de S. Mateus na Ilha do Pico . . . . .                     | 137   |
| <i>Brandão (Júlio)</i>                                               |       |
| Moreira de Sá . . . . .                                              | 65    |
| <i>Cardoso (Mário)</i>                                               |       |
| Guimarães na comemoração do 4.º centenário Gilvicentino. . . . .     | 97    |
| <i>Dória (António Alvaro)</i>                                        |       |
| Long live the King. . . . .                                          | 56    |
| <i>Galvão de Carvalho (Ruy)</i>                                      |       |
| À margem de «Aula Régia» . . . . .                                   | 103   |
| O valor dos Açores . . . . .                                         | 171   |
| <i>Gonçalves Viana (Mário)</i>                                       |       |
| Nótulas etnográficas . . . . .                                       | 173   |
| <i>Lomelino Teves (Maria)</i>                                        |       |
| Belezas da minha terra. . . . .                                      | 129   |
| <i>Lopes de Faria (João)</i>                                         |       |
| Velharias Vimaraneses (1837) . . . . . 23, 52, 82, 115, 148 e        | 183   |
| <i>Matos (Armando de)</i>                                            |       |
| Um verbete de bibliografia artística. . . . . 18, 48, 84, 111, 143 e | 178   |
| <i>Oliveira Guimarães (Cláudio e António Corrêa d')</i>              |       |
| Ressurreição espiritual de Leonardo Coimbra . . . . .                | 12    |
| O sentido da poesia . . . . .                                        | 161   |
| <i>Páscoll (Giovanni)</i>                                            |       |
| Valentino . . . . .                                                  | 133   |
| <i>Pedro Vitorino</i>                                                |       |
| A demolida torre de S. Bento, em Guimarães. . . . .                  | 41    |
| <i>Peman (José Maria)</i>                                            |       |
| Pequito Rebello; en los aires. . . . .                               | 139   |
| <i>Redacção</i>                                                      |       |
| No limiar dum novo ano . . . . .                                     | 5     |
| António Sardinha . . . . .                                           | 8     |

| TEXTO:                                                                                      | PÁGS. |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| <i>Sardinha (António)</i>                                                                   |       |
| A Grey . . . . .                                                                            | 7     |
| <i>Silva Júnior (J.)</i>                                                                    |       |
| Através da obra de Florbela Espanca . . . . . 33 e                                          | 68    |
| <b>Pensamentos, Palavras &amp; Obras: — Da vida: Dos factos: Das Letras:</b>                |       |
| Afonso Lopes Vieira (Dr.). . . . .                                                          | 58    |
| António Correia de Oliveira . . . . .                                                       | 59    |
| Duque de Bragança. . . . .                                                                  | 119   |
| Estatística dos Correios, Telégrafos e Telefones . . . . .                                  | 121   |
| «Gil Vicente na arte musical» . . . . .                                                     | 121   |
| Giovanni Páscoli . . . . .                                                                  | 155   |
| Guido Battelli . . . . .                                                                    | 59    |
| Marconi . . . . .                                                                           | 120   |
| No centenário de Gil Vicente. . . . .                                                       | 57    |
| O atentado contra o Sr. Dr. Oliveira Salazar. . . . .                                       | 120   |
| O nosso número Gilvicentino. . . . .                                                        | 58    |
| «O Teatro de Gil Vicente» . . . . .                                                         | 27    |
| Os «tiranos» e os «libertadores» . . . . .                                                  | 27    |
| Prémio Dr. António Sardinha . . . . .                                                       | 57    |
| «Portucale» . . . . .                                                                       | 58    |
| Portugal e Inglaterra . . . . .                                                             | 28    |
| Real Gabinete Português de Leitura. . . . .                                                 | 121   |
| Rosalia Castro . . . . .                                                                    | 155   |
| «Roteiro da Gente Moça». . . . .                                                            | 27    |
| Sinal de alarme . . . . .                                                                   | 27    |
| «Tradição» . . . . .                                                                        | 121   |
| Um livro como prémio. . . . .                                                               | 59    |
| <b>Dos Livros &amp; dos Autores:</b>                                                        |       |
| Alfredo Pinto (Sacavem) — <i>Cristóvão Colombo</i> . . . . .                                | 123   |
| <i>João de Deus na inspiração musical.</i> . . . .                                          | 125   |
| <i>Almanach Açores para 1937.</i> . . . .                                                   | 159   |
| Almeida (João de) — <i>A ocupação portuguesa em África na época contemporânea</i> . . . . . | 124   |
| <i>Visão do Crente.</i> . . . .                                                             | 126   |
| <i>O Estado Novo</i> . . . . .                                                              | 187   |
| Alpera (Felix Marti) — <i>Metodologia da Linguagem</i> . . . . .                            | 92    |
| Alves de Oliveira (Manuel) — <i>O Teatro de Gil Vicente</i> . . . . .                       | 123   |
| Avila (Armando) — <i>Cock-tail.</i> . . . .                                                 | 64    |
| Balzac (H. de) — <i>A' procura do absoluto</i> . . . . .                                    | 191   |
| Baptista (Henrique) — <i>A mentira comunista</i> . . . . .                                  | 190   |
| Bell (Aubrey F. G.) — <i>Luiz de Camões.</i> . . . .                                        | 62    |
| Belleney (Chanoine Joseph) — <i>Sainte Bernardette</i> . . . . .                            | 160   |
| Belo (Raimundo) — <i>Prosas soltas</i> . . . . .                                            | 63    |
| <i>No caminho da vida</i> . . . . .                                                         | 64    |
| Blairon (Hector) — <i>Como devemos organizar a contabilidade industrial?</i> . . . . .      | 160   |

**Dos Livros & dos Autores:**

|                                                                                                                  | PÁGS. |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| Cabral do Nascimento (João) — <i>Poesias escolhidas</i> . . . . .                                                | 127   |
| Cabrita (Henrique) — <i>Conversões da Dívida Pública Portuguesa desde 1931</i> . . . . .                         | 91    |
| Campos (Fernando) — <i>A ofensiva da «Liberdade»</i> . . . . .                                                   | 94    |
| Canavarro de Valadares (António) — <i>Europa Actual</i> . . . . .                                                | 128   |
| Cardia (Mário) — <i>Dois sábios católicos</i> . . . . .                                                          | 30    |
| Cardoso (Mário) — <i>Novas urnas de largo bordo horizontal</i> . . . .                                           | 95    |
| <i>Cartas inéditas de Teófilo Braga a Wilhelm Storck</i> . . . . .                                               | 94    |
| Carvalho (Vasco) — <i>La domination portugaise au Maroc</i> . . . . .                                            | 93    |
| <i>Catálogo da Exposição de Arte Popular Portuguesa no Secretariado da Propaganda Nacional em 1936</i> . . . . . | 63    |
| Conde de Aurora — <i>O carro de bois</i> . . . . .                                                               | 29    |
| <i>O turismo no distrito de Viana do Castelo</i> . . .                                                           | 30    |
| <i>Pela Grei</i> . . . . .                                                                                       | 31    |
| Correia de Oliveira (António) — <i>Roteiro da Gente Moça</i> . . . . .                                           | 60    |
| <i>Dicionário Português-Francês</i> . . . . .                                                                    | 31    |
| Dória (António A.) — <i>Dicionário Francês-Português</i> . . . . .                                               | 188   |
| Dumas (Alexandre) — <i>A Rainha Margot</i> . . . . .                                                             | 32    |
| <i>A Dama de Monsoreau</i> . . . . .                                                                             | 160   |
| <i>Estudos Técnicos</i> . . . . .                                                                                | 158   |
| Fausto Landeiro — <i>Mal-me-queres... Bem-me-queres</i> . . . . .                                                | 156   |
| <i>Films Agrícolas</i> . . . . .                                                                                 | 158   |
| Figueiredo (Fidelino) — <i>O dever dos intelectuais</i> . . . . .                                                | 61    |
| Galvão de Carvalho (Ruy) — <i>Três ensaios sobre Antero do Quental</i> . .                                       | 29    |
| Goebbels (Dr.) — <i>O bolchevismo em teoria e na prática</i> . . . . .                                           | 63    |
| Gonçalves Viana (Mário) — <i>Luis de Camões</i> . . . . .                                                        | 96    |
| <i>Gil Vicente</i> . . . . .                                                                                     | 124   |
| <i>Almeida Garrett</i> . . . . .                                                                                 | 127   |
| <i>Rainha D. Leonor</i> . . . . .                                                                                | 157   |
| <i>Alexandre Herculano</i> . . . . .                                                                             | 187   |
| Grimaud (Abbé Charles) — <i>Lui et nous: un seul Christ</i> . . . . .                                            | 192   |
| Hernani Cidade — <i>Bocage</i> . . . . .                                                                         | 93    |
| <i>História de Portugal</i> . . . . .                                                                            | 125   |
| <i>Ibero-Amerikanisches Archiv</i> . . . . .                                                                     | 122   |
| L. Coelho — <i>Espinhos e Acúleos</i> . . . . .                                                                  | 127   |
| Leite (Serafim) — <i>Introdução do teatro no Brasil</i> . . . . .                                                | 126   |
| Lopes Dias (Jaime) — <i>VI Congresso Beirão</i> . . . . .                                                        | 31    |
| <i>O que a nossa gente canta</i> . . . . .                                                                       | 122   |
| Marcondes Rezende (Manuel) — <i>Da nacionalização da Escola</i> . . . .                                          | 92    |
| Marden (Orison Swette) — <i>Domínio dos nervos</i> . . . . .                                                     | 95    |
| Marie le Mière — <i>Almas acrisoladas</i> . . . . .                                                              | 156   |
| Moreira das Neves — <i>Hóstia florida</i> . . . . .                                                              | 92    |
| Moreno (Augusto) — <i>Dicionário complementar</i> . . . . .                                                      | 31    |
| <i>Nacional sindicalismo</i> . . . . .                                                                           | 189   |
| <i>O Estado Novo — Principios e realizações</i> . . . . .                                                        | 189   |
| Oliveira (Fernão de) — <i>Grammatica da Lingoagem Portuguesa</i> . .                                             | 95    |

**Dos Livros & dos Autores:**

PÁGS.

|                                                                                                                          |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <i>O sacerdócio católico</i> . . . . .                                                                                   | 62  |
| Pequito Rebelo — <i>Anti-Marx</i> . . . . .                                                                              | 91  |
| <i>Plantio da vinha</i> . . . . .                                                                                        | 158 |
| <i>Portugal, a aliança inglesa e a guerra de Espanha</i> . . . . .                                                       | 189 |
| Quénard (T. R. P. Gervais) — <i>L'évangille du Royaume de Dieu</i> . . . . .                                             | 192 |
| Raposo (Hipólito) — <i>Aula régia</i> . . . . .                                                                          | 60  |
| Ribeiro Colaço (Tomaz) — <i>O trevo de 4 folhas</i> . . . . .                                                            | 29  |
| Salvador de Moya (Tenente-coronel) — <i>Genealogia resumida da Casa Imperial Brasileira e Real Portuguesa</i> . . . . .  | 157 |
| Sousa (D. Gabriel de) — <i>Portugal e a sua mística missionária de ontem e de hoje</i> . . . . .                         | 125 |
| Teixeira (P. Manuel) — <i>Paróquia de S. Lourenço</i> . . . . .                                                          | 158 |
| <i>Igreja de S. Lourenço</i> . . . . .                                                                                   | 158 |
| <i>Três discursos de José António</i> . . . . .                                                                          | 190 |
| Vallet (Docteur Auguste) — <i>Mès conférences</i> . . . . .                                                              | 191 |
| Valls (Vicente) — <i>Metodologia das Ciências Naturais</i> . . . . .                                                     | 64  |
| Vela (Claude) — <i>Alvorada na Montanha</i> . . . . .                                                                    | 62  |
| Vieira Braga (Alberto) — <i>As vozes dos sinos na interpretação popular e a indústria sineira em Guimarães</i> . . . . . | 61  |
| <i>Curiosidades de Guimarães — Teatro Vimaranesse</i> . . . . .                                                          | 158 |

**Gravuras e Ilustrações:**

|                                           |    |
|-------------------------------------------|----|
| A torre de S. Bento . . . . .             | 43 |
| Planta da torre de S. Bento . . . . .     | 45 |
| Bernardo Valentim Moreira de Sá . . . . . | 65 |

SOCIEDADE  
MARTINS SARMENTO  
~~~~~  
BIBLIOTECA